

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

LUCIANA GRINGS

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM NARRATIVAS DE DESCENDENTES
DE IMIGRANTES: GENEALOGIA E MEMÓRIA

Rio de Janeiro, 2007.

LUCIANA GRINGS

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM NARRATIVAS DE DESCENDENTES
DE IMIGRANTES: GENEALOGIA E MEMÓRIA

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social.
Orientadora: Prof. Dr. Diana de Souza Pinto.
Co-orientadora: Prof. Dr. Evelyn Goyannes Dill Orrico.

Rio de Janeiro, 2007.

G867c Grings, Luciana.

Construções identitárias em narrativas de descendentes de imigrantes : genealogia e memória / Luciana Grings, 2007.
147 f.

Orientador: Diana de Souza Pinto. Co-orientador: Evelyn Goyannes Dill Orrico.

Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

1. Memória coletiva. 2. Alemães – Rio Grande do Sul - História. 3. Gaúchos – Identidade étnica. I. Pinto, Diana de Souza. II. Orrico, Evelyn Goyannes Dill. III. Título.

CDD – 305.80098165

LUCIANA GRINGS

Construções Identitárias em Narrativas de Descendentes de Imigrantes:
genealogia e memória

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social.
Orientadora: Prof. Dr. Diana de Souza Pinto.
Co-orientadora: Prof. Dr. Evelyn Goyannes Dill Orrico.

Prof. Dr. Ruben George Oliven – PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Giralda Seyferth – MN/UFRJ

Prof. Dr. Evelyn Goyannes Dill Orrico (Co-orientadora) – PPGMS/Unirio

Prof. Dr. Diana de Souza Pinto (Orientadora) – PPGMS/Unirio

Rio de Janeiro, ____ / ____ / 2007.

Aos que vieram antes de mim.

Danke schön

*Àqueles todos que fizeram deste tempo um tempo menos difícil e mais feliz:
Aos que acreditaram na idéia antes que ela fosse possível,
em especial a Prof. Jussara Santos.
Aos colegas e amigos que fiz no PPGMS, pelos encontros,
pelas idéias, pelas risadas.
Aos que ficaram em Porto Alegre e que pude reencontrar,
e que compartilharam comigo tantas horas e tantos papos.
Aos que vieram a fazer parte da minha vida no Rio,
em especial a "dupla dinâmica" Wanessa e Kely e a Confraria das Dragas.
Aos colegas e já amigos da Fundação Biblioteca Nacional.
À CAPES pelo financiamento do projeto durante seus primeiros seis meses.
Às minhas fontes, pela generosidade em dividir comigo
seu tempo, suas idéias e suas histórias.
À Evelyn e à Diana "tchubidu".
E à minha família, por tudo.*

*"Parece-me poético saber aonde estava o meu sangue
por estes velhos séculos, e em meio aos acontecimentos
que dia a dia vão urdindo a história humana,
onde se situaram esses antepassados
que não previam os seus descendentes,
como nós não prevemos os nossos".*

Cecília Meireles

RESUMO

O trabalho parte da constatação do crescimento da pesquisa genealógica, principalmente no Sul do Brasil, provavelmente motivado pela necessidade de busca identitária e pelo desejo de aquisição de cidadanias estrangeiras. Este fenômeno sugere a necessidade de se refletir sobre a genealogia familiar como metodologia de trabalho, aplicável não só para as famílias como para diversas áreas do conhecimento. O objetivo principal desta pesquisa é compreender de que modo os quatro descendentes de imigrantes alemães entrevistados pela pesquisadora, radicados no Rio Grande do Sul, se posicionam discursivamente com relação à sua própria germanidade, quando conscientes de que esta é uma herança genealógica. Os entrevistados, três homens e uma mulher, têm idades entre 27 e 38 anos, possuem, no mínimo, o nível superior incompleto, são de famílias do interior do Rio Grande do Sul e posteriormente migraram para a capital do Estado, Porto Alegre. Selecionamos entrevistados já conhecidos da entrevistadora e que fossem descendentes de, no mínimo, terceira geração. Trabalha-se sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, usando como método de coleta de dados entrevistas individuais orientadas por um roteiro previamente redigido que visava a investigação dos macro-tópicos genealogia, germanidade e história da família. O estudo está inserido dentro do campo da Memória Social, sobretudo nos postulados de Halbwachs e Pollak, e da pós-modernidade, principalmente nas categorias defendidas por Stuart Hall para o sujeito pós-moderno, de identidades culturais múltiplas e fluidas, co-construídas de acordo com a perspectiva socioconstrucionista. Portanto, entende-se a memória social neste estudo como base para uma memória individual, instituída de acordo com os chamados quadros sociais da memória – que, neste caso, atuam principalmente para garantir a manutenção da relação entre memória e identidade do grupo. Aplicamos para fins de análise os conceitos da Sociolingüística Interacional, em especial os de enquadre, esquema de conhecimento, pistas de contextualização e alinhamento. Também conceituamos a genealogia, baseados nas propostas de Michel Foucault para o método genealógico. Desse modo, entendemos que a germanidade funciona tanto como um esquema de conhecimento, compartilhado dentro e fora do grupo de descendentes de imigrantes alemães, como uma memória social repassada genealógicamente dentro do grupo. Valemo-nos também da análise de narrativas defendida por Linde para compreender de que

modo essa germanidade se configura no discurso dos entrevistados. A análise das entrevistas sugere que os discursos dos descendentes entrevistados trazem como temáticas recorrentes relativas à germanidade a força, a garra e a disposição para o trabalho, atribuídas ao tipo alemão; a perda paulatina de aspectos culturais como comidas típicas, a língua e a fé religiosa; a importância do sobrenome como marca de distinção e a aproximação das culturas alemã e gaúcha, deslizando ora para perto, ora para longe da brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Memória social. Genealogia. Narrativa. Germanidade. Identidade.

ABSTRACT

This paper is a result of the evidence that there is a growing search for genealogical data, particularly in the South of Brazil. This fact has probably been motivated by the need to find one's identity and by the desire to acquire foreign citizenships. The phenomenon also points at the need to look at family genealogy as a methodological tool that can be applied not only to families but also to several knowledge areas. The main objective of this paper is to understand, through their discourse, how the four descendents of German immigrants interviewed by the researcher, who live in Rio Grande do Sul, feel about their own Germanness insofar as they are aware that this is genealogical inheritance. The interviewees, three men and a woman, ranging from 27 to 38 years of age and who have at least incomplete college education, come from families which are originally from the interior of Rio Grande do Sul and later migrated to the capital of the state, Porto Alegre. The interviewees selected to participate in the study had previously met the interviewer and are at least third generation descendents. We believed that previously knowing the sources could promote interaction and that the distance from the family's "origin" in Brazil would make it more interesting to notice how costumes were passed on from one generation to another. In order to collect the data, the perspective of qualitative research was used, with guided individual interviews based on previously written guidelines which aimed at investigating the macro-topics, genealogy, Germanness, and family history. This study belongs to the field of Social Memory, particularly to the postulates of Halbwachs and Pollak and of post-modernity, especially in the categories defended by Stuart Hall for the postmodern man, with multiple and fluid cultural identities, which have both been built according to a socialconstructionist perspective. Therefore, in this study, social memory is understood as the basis for individual memory, formed according to social memory frames – which in this case exist mainly to ensure the continuous relationship between memory and group identity. In order to analyze the data we have applied the concepts of Interactional Sociolinguistics, especially frame, schema, contextualization cues, and footing. We have also defined genealogy based on the propositions of Michel Foucault for the genealogical method. Consequently, we understand that this Germanness functions both as a knowledge scheme shared within and outside the group of German descendents, and as social memory transmitted genealogically within the group. We

have also used the ideas defended by Linde to understand how this Germanness is present in the discourse of the interviewed descendants. The analysis of the interviews shows that their discourse presents recurrent topics related to their Germanness: the strength, the guts and the willingness to work, features commonly associated to the German type; the gradual loss of cultural aspects such as typical food, language and religious faith; the importance of the last name as a sure way to be identified as German; and the close relationship between the German culture and that of Rio Grande do Sul, which the interviewees see as important as the German culture – a relationship that is sometimes closer and other times distant from the Brazilian culture.

KEYWORDS: Social memory. Genealogy. Narrative. Germanness. Identity.

SUMÁRIO

	p.	
1	INTRODUÇÃO: DEUTSCH, WARUM NICHT? (Alemão, por que não?)	12
1.1	A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL	15
1.2	A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL	16
1.2.1	O Município de Nova Petrópolis	18
1.2.1.1	<i>A Linha Imperial</i>	20
2	METODOLOGIA	22
2.1	O CORPUS DO TRABALHO	24
2.1.1	Os Entrevistados	28
2.1.1.1	<i>Bruno</i>	28
2.1.1.2	<i>André</i>	29
2.1.1.3	<i>Diego</i>	29
2.1.1.4	<i>Elisa</i>	30
3	CONCEITOS E TEORIAS	31
3.1	SOCIOCONSTRUCIONISMO E SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL	31
3.1.1	Enquadre, Alinhamento e Pistas de Contextualização	32
3.1.2	Esquemas de Conhecimento	34
3.2	CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E DISCURSO	35
3.3	A ANÁLISE DE NARRATIVAS	37
3.4	MEMÓRIA SOCIAL, GERMANIDADE E GENEALOGIA	40
3.4.1	De que Genealogia falamos?	42
3.4.2	Uma Nova Proposta para a Genealogia: insere-se a memória	44
3.5	GERMANIDADE	48
3.6	O GAÚCHO	52
4	ANÁLISE DOS DADOS	55
4.1	“[...] DIZEM QUE O ALEMÃO AH... É MUITO TURRÃO... O ALEMÃO É MUITO CABEÇA DURA...”: ESQUEMAS DE CONHECIMENTO SOBRE O QUE É SER ALEMÃO	56

4.1.1	“ Me dá força saber que eu tenho sangue europeu na veia”: força e garra como herança ancestral	63
4.1.2	“O... trabalho é uma questão muito cultural do alemão”: a cultura do trabalho na perspectiva dos descendentes	65
4.2	TRADIÇÕES QUE SE ESVANECEM ATRAVÉS DO TEMPO	68
4.2.1	“Sempre teve cuca lá em casa. Mas isso acho que todo mundo tem”: elementos de culinária e festividade alemã	69
4.2.2	“A minha primeira língua é o alemão, né, embora hoje eu já... tenha perdido muito...”: língua alemã e dialetos do interior	72
4.2.3	“Religião é um problema, um pepino”: o peso do culto religioso, católico ou protestante	76
4.3	“SOU BRASILEIRO, NÃO ADIANTA”: BRASILEIRO E/OU ALEMÃO	79
4.3.1	“Putz que merda ser da silva”: sobrenome e herança germânica	83
5	CONCLUINDO: “ TU VAI SE... VAI SE ENTENDENDO NESSE TIPO DE COISA, TAMBÉM” .	88
	REFERÊNCIAS	93
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	98
	ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: BRUNO	100
	ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: DIEGO	114
	ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ANDRÉ	123
	ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ELISA	141

1 INTRODUÇÃO: DEUTSCH, WARUM NICHT? (Alemão, por que não?)

O ano de 2004 foi certamente o grande marco cronológico para a concepção deste trabalho. Foi neste ano que se deram as comemorações do 180º aniversário da colonização alemã no Rio Grande do Sul, contado a partir do desembarque de 39 pessoas na Feitoria do Linho Cânhamo, atual município de São Leopoldo, em 25 de julho de 1824.

Tal passagem foi amplamente divulgada na mídia gaúcha e diversos eventos foram realizados a título de comemoração. Várias publicações foram lançadas, inclusive com a parceria do Governo do Estado¹. Ou seja: a publicidade em torno do aniversário foi ampla e atingiu diversos segmentos da sociedade, chamando a atenção para a cultura alemã e seus desdobramentos na região Sul do Brasil. Para qualquer um que tivesse um mínimo de interesse na cultura alemã, o ano de 2004 foi cheio de assuntos – aniversário da imigração, proximidade da Copa do Mundo da Alemanha... aniversário de 60 anos do fim da II Guerra Mundial, e de 15 anos da reunificação do país. Estes marcos históricos trouxeram à tona discussões muito prolíficas dentro e fora da Alemanha, a respeito do país e do impacto de sua história na sua atual constituição – política, social, intelectual².

Para a família Grings, em especial, foi um ano muito atípico. Lino Grings, figura emblemática não só em seu núcleo familiar como em toda a cidade de Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, faria 80 anos em outubro. O aniversário do seu “Linus” foi planejado com muito cuidado e segredo pelos filhos, netos, irmãos e sobrinhos, ciosos de suas não tão boas condições de saúde que poderiam vir a atrapalhar comemorações mais efusivas.

A festa, realizada após missa rezada com alegria pelo irmão mais novo do aniversariante e pelos párocos da comunidade, contou com mais de cem pessoas, amigos e conterrâneos da pequena cidade onde ele iniciou sua vida pública, há mais de cinquenta anos. A celebração foi toda muito simples e emocionante para todos, que recordaram os fatos marcantes da vida não só do seu Lino como de toda a sua família.

¹ Destaca-se a publicação bilíngüe “Imigração Alemã 180 anos: história e cultura”, patrocinada pelo Governo do Estado do RS, Souza Cruz e Ministério da Cultura. Também MÜLLER, 2004; 2005.

² A esse respeito, discorrem, por exemplo, ASSMANN (2006) e GAGNEBIN (2006), em alguns dos artigos da obra.

Para mim, sua neta mais velha, o aniversário esteve na mira das preocupações desde o início do ano. Meu avô de fato passou por muitas agruras nos 80 anos que lhe foram dados até aquele momento e sempre achei que ele merecia um presente gratificante à altura. Eu sabia que ele, assim como muitas pessoas da família, tinha interesse pelas nossas origens. Muitos até sabiam bastante sobre isso e poderiam me ajudar no que escolhi como o meu presente: uma árvore genealógica, empreendimento trabalhoso o suficiente para tentar alcançar o status de oferta de aniversário de 80 anos.

Reza a lenda no círculo de pesquisadores de genealogia, no entanto, que genealogia não é uma mania, e sim uma obsessão. Ao mergulhar na investigação genealógica de uma família, torna-se impossível não se apaixonar perdidamente pelos encontros e desencontros de tantas vidas ligadas por laços de sangue, ou de afinidade, em épocas distintas, herdeiras de memórias e identidades freqüentemente desconhecidas, escondidas até que alguém as procure.

No decorrer da pesquisa, no entanto, percebi que as identidades são as primeiras a sofrer desconstruções quando da ocorrência deste fenômeno genealógico numa família. A busca pela apreensão de uma cultura antes tão diversa pode acabar por abalar as estruturas de pertencimento de qualquer pesquisador. Afinal, um descendente de alemão é um alemão ou um brasileiro? Onde vão parar estes indícios de pertencimento? Em que geração o sangue se dilui o suficiente para nos tornarmos filhos de outra pátria? Em minha cabeça, todas essas questões passaram a desfilar com muita intensidade.

No desenvolvimento da pesquisa genealógica, a contribuição das fontes pessoais – a despeito de todo o trabalho de transcrição de subsídios genealógicos a que tantos pesquisadores se dedicam – é que me cativou. Indicou-me intuitivamente o que de fato é a genealogia na mais profunda acepção foucaultiana do termo³. Foi somente com as fontes pessoais que compreendi que o não-escrito é às vezes a única evidência que temos, e que ela pode ser tão importante, válida e bela quanto um manuscrito do século XIX conservado num arquivo; em outras palavras, que a genealogia é feita não somente de história, mas também de memória.

³ Refiro-me aqui aos escritos de Foucault no artigo “Nietzsche, a Genealogia e a História” (1995), no qual o autor aprofunda o conceito do método genealógico proposto por Nietzsche na “Genealogia da Moral” (2004).

Com isso tudo, o trabalho já estava pronto na minha mente. Tornou-se produto no mesmo ano, colocado à disposição de todos os descendentes e pesquisadores através do endereço eletrônico <http://www.grings.org>. Com as novas tecnologias a serviço da divulgação do trabalho, o interesse pelas raízes se tornou mais do que uma suposição para mim: é uma “verdade” evidenciada pelas quase oito mil visitas que o site recebeu só no mês de setembro de 2007. Ao longo do tempo de existência do site, as visitas eram não somente dos membros da família (ou dos portadores do sobrenome, já que nem todos são descendentes do mesmo imigrante), mas de outras pessoas interessadas em recontatar amigos ou parentes distantes, ou pesquisadores procurando ajuda para elaborar suas próprias árvores genealógicas, ou ainda curiosos sobre a cultura alemã no Rio Grande do Sul.

O que ocorre neste trabalho é, na verdade, o registro destas memórias e destas práticas. Ao mesmo tempo, aqui está um desdobramento do tema inicial, que durante o percurso evoluiu em torno da questão identitária que despontou para mim na genealogia. Para trabalhar este assunto, dentre as várias possibilidades emergiu a abordagem qualitativa de pesquisa, e, mais especificamente, o uso de entrevistas com descendentes de imigrantes que poderiam dar uma boa contribuição para a compreensão do tema. Neste momento, delinea-se a questão de pesquisa que queremos responder: *em que medida o processo de busca genealógica tem implicações nas construções identitárias relativas ao que é ser alemão na memória social dos entrevistados?*

Explicitada a questão que norteia a pesquisa, o objetivo geral deste trabalho não é outro senão o de investigar de que modo podemos identificar uma possível germanidade no discurso de descendentes de imigrantes alemães do Estado do Rio Grande do Sul, quando cientes de sua genealogia familiar.

Para atingir este objetivo, a pesquisa aqui proposta é de caráter qualitativo e está calcada nos conceitos de identidade, na perspectiva pós-moderna de Stuart Hall (2005); na análise do discurso na abordagem da sociolinguística interacional e conceitos associados (dentre eles, o de esquema de conhecimento (Tannen; Wallat, 2002), enquadre e alinhamento (Goffman, 2002); análise da narrativa, na perspectiva de Linde (1993); e germanidade, um conceito trabalhado ao longo do estudo e que está intrinsecamente ligado à memória, fio condutor desta pesquisa e aqui visto sob as teorias de Halbwachs (2004) e Pollak (1992). No decorrer da análise dos dados, emergiu a necessidade de aprofundar também o

estudo sobre os conceitos em torno da identidade do gaúcho.

Com base no exposto, elegemos como objeto da pesquisa narrativas de descendentes de imigrantes alemães radicados no Rio Grande do Sul. O corpus de pesquisa deste estudo é constituído de entrevistas abertas realizadas com quatro descendentes de imigrantes alemães, com idades entre 27 e 38 anos, que passaram a infância no interior do Rio Grande do Sul e posteriormente migraram para a capital do Estado, Porto Alegre. Os entrevistados, três homens e uma mulher, são descendentes de imigrantes de, no mínimo, terceira geração (bisnetos) e possuem no mínimo nível superior incompleto.

O segundo capítulo deste trabalho tratará de comentar brevemente a opção metodológica utilizada, com destaque para a coleta de dados através de entrevistas individuais. Também qualificará o corpus do trabalho, apresentando os entrevistados e o percurso das entrevistas. No terceiro capítulo, falaremos sobre os conceitos e as teorias que ancoram esta pesquisa, principalmente a Sociolingüística Interacional, a análise de narrativas, a genealogia e a germanidade. A análise dos dados coletados estará no capítulo seguinte e, por fim, apresentaremos as conclusões que emergiram a partir deste percurso. Antes disso, contudo, é importante delinear o contexto da colonização alemã em nível nacional e regional, a fim de compreendermos melhor também de onde estou falando quando me coloco, do mesmo modo que meus entrevistados, como descendente de imigrantes alemães.

1.1 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

É essencial compreendermos o papel dos alemães na colonização brasileira para entender a extensão da germanidade no país. A presença de germânicos no Brasil se fez notar desde 1500, com a chegada de Pedro Álvares Cabral e seus 34 tripulantes militares de origem teuta (TUBINO, 2006). Depois disso, em diversas ocasiões emigrados do que hoje chamamos Alemanha aqui se instalaram: no século XVI, é de um alemão a manufatura do primeiro engenho de açúcar do Brasil, e em Pernambuco, no século XVII, alemães aqui vieram lutar por conta das Invasões Holandesas.

No entanto, a colonização oficial, com a efetiva intenção de povoar

uma localidade, iniciou na Bahia em 1818, com três tentativas que foram frustradas em seguida: as colônias de Leopoldina, Frankental e São Jorge. Tais colônias inauguraram a atuação do Major von Schaeffer como “agenciador” da vinda de alemães para o Brasil. Em função deste fracasso das colônias, a data oficial do início da colonização alemã no país ficou sendo o ano de 1824.

Em 2006, estabeleceu-se uma polêmica sobre qual seria o berço “oficial” da imigração alemã no Brasil: se a cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, ou Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, que teria registro de colonos chegados 82 dias antes do desembarque dos alemães no sul do país. Tal polêmica mostrou-se completamente estéril, já que Friburgo detém o ineditismo da descoberta e São Leopoldo a tradição - e nenhuma das duas cidades está disposta a abrir mão do posto de “berço da colonização”, embora, como já vimos, nenhuma delas o seja de fato (RAMBO, 2006; TUBINO, 2006).

A despeito de serem somente o quarto grupo de imigrantes em número presente no Brasil – atrás de italianos, portugueses e espanhóis (SEYFERTH, 1988), é inegável a importância dos alemães no projeto de ocupação de terras brasileiras, em especial no Sul do país, conforme veremos na seção a seguir.

1.2 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

A colonização alemã no Sul do Brasil iniciou em julho de 1824, data em que 39 colonos alemães desembarcaram na Feitoria do Linho Cânhamo, hoje município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. No entanto, as negociações para que a colonização se realizasse iniciaram anos antes, com a ida do Major von Schaeffer à Europa, a mando de Dom Pedro I. A fim de angariar colonos – e, secretamente, também soldados para o Exército imperial (LANDO; BARROS, 1980) –, von Schaeffer prometia terras, auxílio financeiro, isenção de impostos, nacionalização imediata e liberdade de culto no Brasil. Nem todos os itens poderiam ser cumpridos, como de fato não o foram.

Os colonos que desembarcaram no Rio Grande do Sul tinham a árdua missão de desbravar o terreno ainda intocado e praticamente selvagem. À medida que foram chegando ao Estado, se instalavam às margens do rio dos Sinos e adjacentes, ocupando os atuais municípios de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Dois

Irmãos e outros ao norte, e Nova Hartz, Taquara, Igrejinha e outros a leste. Eram instalados primeiramente em galpões, e em seguida recebiam, a título de empréstimo, lotes de terras para cultivar e algum dinheiro.

O perfil dos emigrantes era bastante diversificado. Nas primeiras levas de colonos, von Schaeffer incluiu diversas pessoas com problemas com a polícia européia, e alguns deles continuaram dando problemas no “Neue Welt” (Novo Mundo). Vieram também famílias inteiras de pessoas, fugindo da fome que assolava a Europa em constante perigo de guerra, e homens solteiros em busca de melhores oportunidades de vida. Aliás, é a configuração da Europa da época a responsável pela grande confusão que se faz ao nominar os imigrantes e os responsáveis por sua vinda. À época, a Alemanha não existia; o que havia eram os resquícios do Sacro Império Romano-Germânico, dissolvido por Napoleão. Assim, a maior parte dos imigrantes que aqui chegaram eram, na verdade, prussianos, e não propriamente alemães.

Flores (2004) discorre com propriedade sobre as causas da emigração na Europa: um continente inteiro assolado por intensa movimentação política e social, guerras constantes, a abolição do regime de servidão que prendia os trabalhadores às terras, a explosão demográfica, a militarização dos Estados, a sanção da Igreja protestante para a busca de melhores condições de vida, a industrialização e o conseqüente desemprego dos artesãos, entre outros.

O pioneirismo da imigração alemã no Estado se deve, principalmente, ao prestígio da Imperatriz Dona Leopoldina, austríaca de nascimento, descendente da Casa de Habsburgo, e uma entusiasta das causas brasileiras. Tendo em vista a necessidade de conquistar os territórios praticamente virgens do Rio Grande do Sul – até para protegê-los da cobiça dos vizinhos platinos – era mais fácil negociar a vinda de pessoas que tivessem algum tipo de identificação com o novo país, nem que fosse através da distante realeza.

Muitos dos imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul enfrentaram dificuldades, principalmente em função do trabalho que aqui se lhes impôs: na Prússia, eram artífices, e aqui, tiveram que aprender as lides da terra a fim de sobreviver e fazer jus ao crédito que o Império lhes cedeu. Ao mesmo tempo, a presença dos artesãos e especialistas permitiu grande desenvolvimento da colônia. Já na segunda leva chegaram personagens importantes para o estabelecimento dos colonos; entre eles, o médico Johann Daniel Hillebrand, também responsável pelo

censo das Colônias de São Leopoldo e do Mundo Novo, iniciado em 1847 e concluído em 1849.

Nos anos que se seguiram à chegada dos pioneiros, milhares de prussianos, suíços, belgas, franceses e italianos, dentre outros, vieram também se estabelecer no mais meridional Estado brasileiro. Vinham estimulados pela correspondência de parentes já emigrados, ou embalados pelas promessas de um mundo novo além-mar. A imigração oficial foi suspensa em 1830, devido ao corte de verbas do Império (FLORES, 2004, p. 29), e retomada em 1846, com o fim da Guerra dos Farrapos e a fundação da Colônia de Feliz (PICCOLO, 1989, p. 54).

Contudo, a má reputação e atuação de von Schaeffer, a Guerra entre a Prússia e a Áustria de 1866 e a Guerra Franco-Prussiana de 1870 foram decisivas para a decadência da imigração alemã a partir de 1860 e o fomento à imigração italiana, que se estabeleceu com força no Estado a partir de 1875 (PICCOLO, 1989). Os italianos, desfavorecidos pelo atraso de cinquenta anos na chegada, acabaram por ocupar terras piores, às encostas dos morros, e menos servidas de transportes – principalmente fluviais.

1.2.1 O Município de Nova Petrópolis

Se algum pesquisador pretendesse proceder a um diagnóstico da maneira como os descendentes dos alemães, fundadores de há quase cento e quarenta anos, ostentam ainda hoje a sua ligação com as raízes germânicas e de que maneira provam a sua adesão sem restrições à condição de cidadãos brasileiros, é mais uma vez Nova Petrópolis que se impõe como modelo. (WETZEL, 1990)⁴

Nova Petrópolis, o autodenominado “Jardim da Serra Gaúcha”, com uma área total de pouco mais de 290 km², é um município de cerca de 19 mil habitantes (2006) e se localiza a cerca de 100 km de Porto Alegre. De acordo com dados aferidos em 2000, a taxa de analfabetismo era de 2,81% e a expectativa de vida era de quase 76 anos⁵.

Sua história começa em 1858, quando o primeiro grupo de imigrantes

⁴ A citação é de um excerto atribuído a Herbert Wetzel em PAZ, 1998, p. 7.

⁵ NOVA Petrópolis. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Nova+Petr%C3%F3polis>. Acesso em: 01 out. 2007.

alemães chegou à Sede (*Stadtplatz*) da então Colônia Provincial de Nova Petrópolis, situada entre os rios Caí e Cadeia, no extremo norte da Colônia Alemã de São Leopoldo, antiga Feitoria do Linho Cânhamo. Com a interrupção da colonização entre 1830 e 1845, o ritmo da ocupação das terras também foi interrompido no seu trajeto rumo ao norte, fazendo com que as terras escolhidas para abrigar a nova colônia ainda fossem totalmente isoladas das áreas já colonizadas.

No entanto, a despeito das dificuldades em colonizar uma área tão distante, a localização de Nova Petrópolis era bastante estratégica do ponto de vista do planejamento colonial. Situada entre os rios Caí e Cadeia, a área constituía ponto de ligação entre a capital e os Campos de Cima da Serra, zona de grande produção agrícola e que necessitava de meios de escoamento de seus produtos – estradas, prometidas em função da nova colônia, mas que demoraram demais a se concretizar. Os rios, as grandes promessas de transporte de mercadorias, passavam a maior parte do ano sem condições de navegação e só acentuaram o isolamento dos colonos em relação ao resto do Estado.

Embora a predominância do imigrante alemão em Nova Petrópolis seja flagrante, Piccolo (1989, p. 49) aponta que a colonização da cidade não foi homogênea. Ali se instalaram também italianos, franceses, holandeses, austríacos, norte-americanos e, mais recentemente, portugueses. Os primeiros imigrantes lá estabelecidos eram, na sua maioria, oriundos da Pomerânia, lavradores e protestantes. Vieram também saxões, bávaros, renano-prussianos (oriundos do Hunsrück), e em menor escala prussianos de outras procedências; assim como os católicos, que sempre foram minoria nesta colônia.

Ao mesmo tempo em que a Sede foi estabelecida, criaram-se também as linhas e picadas. Deppe (1988, p. 47) comenta a respeito da distribuição destes terrenos:

Seus terras foram divididas em lotes, as “colônias”, com aproximadamente 50 hectares, distribuídas ao longo de “Linhas” e “Picadas”. Estas apresentavam um traçado especial de modo a favorecer a todos os lotes na qualidade das terras, aguadas, etc. De 10 em 10 km criaram-se pequenos núcleos coloniais cuja função era dar apoio ao “hinterland”. No centro implantou-se o “Stadtplatz”, a Sede Colonial, hoje cidade de Nova Petrópolis.

As primeiras linhas, Olinda e Imperial, foram criadas ainda em 1858.

No ano seguinte, as linhas Christina e Sebastopol foram loteadas; em 1860, foi a vez da Linha Pirajá. Dois anos se passaram até que outras linhas fossem criadas. A Linha Gonçalves Dias, a última relatada por Piccolo (1989), só surgiu em 1877. Ao mesmo tempo em que Nova Petrópolis crescia, a Colônia de São Leopoldo mantinha-se em expansão, e suas povoações chegaram a vizinhar Nova Petrópolis. Note-se que, a partir do momento em que a colonização alemã cessou em Nova Petrópolis, os italianos já estavam colonizando outros pontos. Isto faz da cidade o último ponto de colonização alemã oficial do Estado.

1.2.1.1 A Linha Imperial

A localidade de Linha Imperial – meu objeto de interesse específico por se tratar da região onde a família Grings se estabeleceu –, recebeu seu maior contingente de colonos em 1862. Nesta leva, vieram pomeranos, saxões, renanos e suíços, entre outros, católicos e protestantes, loteados em função de sua fé. Neste grupo de imigrantes, de muitos lavradores, veio também Johann Grings, de 36 anos, solteiro, católico, o primeiro moleiro da região, enviado da Renana-Prússia exclusivamente para fazer moinhos e que deveria retornar à pátria assim que cumprida a missão. Ele, no entanto, nunca retornou. Durante os vinte e nove anos que aqui viveu, correspondeu-se com pelo menos um dos irmãos que no Hunsrück deixou: o mais novo, Mathias, que ainda nutriu a esperança de ver o irmão de volta por algum tempo.

A importância de Nova Petrópolis ultrapassa os limites de sua representatividade enquanto pólo de imigração. Foi lá, especificamente na Linha Imperial, que nasceu o cooperativismo de crédito no Brasil (FLORES, 2004, p. 94; PAZ, 1998). Influenciados pelo padre suíço Theodor Amstad, dezenove colonos assinaram o termo que deu início à Caixa de Crédito Rural, em dezembro de 1902; entre eles, estava João Grings, moleiro como seu pai Johann, o imigrante. Graças a ele e a outros tantos colonos que depositaram o esforço de seu trabalho neste empreendimento pioneiro, hoje Nova Petrópolis é conhecida como o berço do grupo Sicredi, referência no cooperativismo de crédito atual.

O cooperativismo, modelo de trabalho e de produção baseado na cooperação e na ajuda mútua dos membros da cooperativa, tem bases filosóficas

fortemente alicerçadas nos ideais socialistas e orientação comunitária. O cooperativismo de crédito, aquele implantado pelo Pe. Amstad na Linha Imperial, é característico da Alemanha e tem como princípios a auto-ajuda cooperativista, o amor ao próximo e a moral de seus membros, que devem responder com responsabilidade às obrigações contraídas pela cooperativa. Este modelo persiste até hoje em diversas instituições que buscam atender as dificuldades de crédito, principalmente do trabalhador rural (SCHRÖDER, 1998).

O desenvolvimento das colônias fez com que a estrutura política se alterasse, e municípios diferentes fossem criados a partir de emancipações das colônias de suas sedes. Assim, quando São Sebastião do Caí emancipou-se de São Leopoldo, em 1875, Nova Petrópolis também mudou de sede e se tornou o 3º Distrito do município recém criado. A vida política da população do distrito sempre foi, de certo modo, intensa. Prejudicada pelo isolamento geográfico que causou também um isolamento lingüístico e social, antes de se posicionar num âmbito mais geral a comunidade estava preocupada com a sua preservação enquanto grupo. Assim, criaram-se as sociedades de atiradores, e tornou-se comum o voto nos elementos teutos para garantir a representatividade no município. Obviamente, a presença teuta na política de Caí tornou-se ponto de tensão política, principalmente a partir dos anos 30 – época de grandes movimentos, como o integralismo.

A efervescência política do distrito veio a cabo em 1954, quando, por força da Lei n. 2518, criou-se o município de Nova Petrópolis, instalado oficialmente em 28 de fevereiro de 1955. O primeiro prefeito da cidade foi Lino Grings, do PRP (Partido Republicano Progressista), que à época já contava com a experiência de vereador e vice-prefeito de São Sebastião do Caí. No seu mandato, em 1958, ocorreram as comemorações do centenário de fundação da cidade, onde seu bisavô Johann construiu uma história de sucesso e uma família de raízes.

Feita essa breve contextualização histórica, passaremos no capítulo seguinte a apresentar a metodologia aplicada neste trabalho e o corpus de análise. No capítulo 3, como já comentamos anteriormente, o destaque é para as teorias e os conceitos utilizados para a análise dos dados, apresentada no capítulo seguinte. Por fim, fecharemos o trabalho com as conclusões alcançadas no decorrer da pesquisa.

2 METODOLOGIA

Diferentemente da abordagem quantitativa de pesquisa, a proposta qualitativa que aqui adotamos não está preocupada com a validação de hipóteses previamente estabelecidas. Sua perspectiva leva em conta as especificidades a que cada indivíduo está submetido no mundo contemporâneo – a começar pelo próprio pesquisador, que passa de observador a participante do problema de pesquisa. Em outras palavras: se no paradigma quantitativo de pesquisa o pesquisador está destacado do seu problema, neutro, buscando comprovações através de experimentos para hipóteses anteriormente delineadas, na abordagem qualitativa o pesquisador está mergulhado no problema de pesquisa, participando dele e ciente dessa participação (GLESNE, 1999).

É importante ratificar que, sob este paradigma, o resultado da pesquisa será sempre parcial e trará apenas conclusões a respeito dos sujeitos envolvidos diretamente na coleta de dados, seja ela uma observação participante ou um dos diversos tipos de entrevista possíveis. A esse respeito, Flick (2004) discorre com bastante clareza, mostrando quando utilizar a abordagem qualitativa para pesquisa. É o nosso caso, já que procuramos responder a uma pergunta cuja resposta remete a um grupo específico de pessoas, a saber, descendentes de imigrantes alemães, moradores de Porto Alegre (RS).

Ciente destas especificidades da pesquisa qualitativa, o método de coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas e centralizadas no problema (numa tipologia de FLICK, 2004) se revelou o mais adequado, já que através dele poderia entrar em contato direto com diferentes pontos de vista dos entrevistados acerca do tema a investigar. Neste método, a entrevista é guiada por um roteiro com perguntas abertas que suscitem narrativas sobre dados biográficos. O roteiro da entrevista aplicada nesta pesquisa está na próxima seção, sobre o corpus do trabalho. O guia da entrevista é usado para direcionar a abordagem dos aspectos relativos ao tema em exame; no dizer de Flick (2004, p. 89), “[. . .] é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”.

Comparando entrevistas individuais com outras possibilidades como os grupos focais, Gaskell (2000) coloca que a entrevista individual pode permitir mais

profundidade, embora possa ser constrangedora para o entrevistado e o entrevistador esteja numa postura de “condutor”, “dominando” a situação. É necessário então estabelecer uma relação de *rapport* (GLESNE, 1999) com o entrevistado: um misto de confiança mútua e empatia que faz com que o entrevistado fale.

Para a construção do guia de entrevista, Patton¹ (1990, apud GLESNE, 1999) descreve tipos de questões que funcionam bem: questões sobre experiências ou comportamento, sobre opiniões ou valores, sobre sentimentos, sobre conhecimentos, etc. As questões sobre experiências ou comportamento geralmente são um bom começo, ao contrário das questões que exigem ou demonstram conhecimento, que podem dar ao entrevistado a impressão de serem um tipo de teste. O modo de enunciação também é determinante no sucesso da resposta. Perguntas que demandam respostas do tipo sim/não não trarão nada além de um sim ou um não como resposta, e servem ao propósito de introduzir uma segunda questão mais ampla. A opção sempre é a pergunta aberta, do tipo “como”. Segundo Glesne (1999), perguntas do tipo “por que” também são perigosas, já que o entrevistado pode simplesmente responder “porque sim” e encerrar a questão.

A autora sugere que as entrevistas devem ser executadas em locais apropriados, calmos, confortáveis e com privacidade suficiente para deixar o entrevistado confiante. Do mesmo modo, a ocasião da entrevista também deve ser conveniente e apropriada para o entrevistado – e para o entrevistador também, obviamente. Uma entrevista de uma hora de duração tem um tempo razoável e não é extenuante para nenhuma das partes. A entrevista pode ser registrada através de gravação, anotações, ou vídeo, dependendo da necessidade da pesquisa e do consentimento do entrevistado. À medida que as entrevistas vão ocorrendo, é importante ouvir as gravações, ou revisar as anotações, para proceder às alterações pertinentes no guia.

É importante lembrar que uma entrevista é uma interação entre duas pessoas e, como tal, está sujeita a variáveis tais como empatia, facilidade de discutir o tópico em questão, disponibilidade do entrevistado. Às vezes as pessoas podem conceder entrevistas ótimas, às vezes simplesmente não falam. Cabe ao entrevistador estar no controle de pelo menos alguns aspectos: sua própria postura

¹ PATTON, M. Qualitative evaluation and research methods. 2nd. ed. Newbury Park: Sage, 1990.

e o tempo da entrevista, por exemplo. É necessário que o entrevistador se polície para evitar reações que possam bloquear respostas do entrevistado, ao mesmo tempo em que controla o tempo para evitar a fadiga na entrevista, eventualmente propondo um novo encontro para averiguar aspectos não tratados na primeira conversa.

Para a escolha dos entrevistados, Gaskell (2000) coloca que não há um único método para a seleção. Deve-se levar em conta que se busca um espectro de opiniões sobre o tema. Se necessário, a seleção dos entrevistados pode ser precedida por uma fase etnográfica, a fim de compreender melhor os sujeitos daquele campo. Neste caso específico, optei por pessoas já conhecidas, de quem já soubesse suas origens e tivesse certeza de sua ciência das raízes germânicas. Este fator também me pareceu importante e adequado ao viés teórico, já que acredito que uma pessoa conhecida poderia ser mais cooperativa numa entrevista desta natureza, tendo uma certa empatia (*e/ou rapport*) previamente estabelecida.

É importante ressaltar a preocupação ética que deve haver numa pesquisa de natureza científica. Em se tratando do uso de dados verbais, é necessário dar aos entrevistados todas as informações para que eles possam optar se querem ou não participar do estudo, bem como assegurar-lhes que sua identidade, se assim desejado, será mantida em sigilo. Este estudo, bem como o roteiro de entrevista e o termo de consentimento de participação dos entrevistados, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unirio sob o número 033/2006 e aprovado em parecer de mesmo número.

2.1 O CORPUS DO TRABALHO

O corpus de análise deste trabalho é composto de quatro² entrevistas realizadas com quatro descendentes de imigrantes alemães, com idades entre 27 e 38 anos, todos de famílias do interior do Rio Grande do Sul e posteriormente migrados para a capital do Estado, Porto Alegre. Os entrevistados, três homens e uma mulher, descendem de imigrantes chegados no século XIX e possuem, no mínimo, o nível superior incompleto. As entrevistas, todas realizadas e transcritas

² Foram realizadas cinco entrevistas, mas o áudio de uma delas foi perdido e, por isso, estes dados não fazem parte do corpus.

por mim, se deram em Porto Alegre no final do mês de julho de 2006 – exceção feita para a entrevista com Elisa³, realizada após sugestão da banca de qualificação, no Rio de Janeiro, em maio de 2007. As entrevistas, transcritas na íntegra, compõem os anexos deste trabalho.

No processo de seleção dos entrevistados, além de buscar pessoas já conhecidas, o principal critério foi o de que as fontes fossem descendentes de no mínimo terceira geração. Acreditamos que o conhecimento prévio das fontes poderia facilitar o *rapport* e, com o distanciamento da “origem” da família no Brasil, seria mais interessante a verificação de como os costumes foram passados de geração em geração. Também optamos por buscar pessoas que tivessem nascido no interior e posteriormente migrado para a Capital, a fim de observar se essa mudança seria mencionada nas entrevistas, ou aparentasse alguma relevância no percurso individual dos entrevistados. Buscamos pessoas com um grau mínimo de instrução para tentar obter fontes com condições discursivas semelhantes – por exemplo, com um certo domínio do vocabulário. De início, acreditamos que uma seleção de entrevistados só do sexo masculino seria interessante; no entanto, no decorrer do trabalho surgiu a necessidade de averiguar as prováveis diferenças discursivas que ocorreriam numa entrevistada do sexo feminino.

Das quatro entrevistas, três foram realizadas em locais públicos, mas com privacidade suficiente para a entrevista, como mesas mais reservadas em cafés e bares. Apenas uma, a de André, foi realizada em sua casa, a seu pedido. As entrevistas foram gravadas usando um aparelho MP3 *Player* da Sony, que capta registros sonoros e transforma em arquivos *wave*. Uma das gravações, a de Celso, foi perdida em função de problemas no aparelho e por isso não constará na análise. Os entrevistados foram contatados antes do estudo propriamente dito através de mensagens eletrônicas (por e-mail ou através do site de relacionamentos Orkut⁴), que propunham inicialmente as seguintes questões: você possui ascendência germânica? Sabe sua linha de ascendência até o imigrante que veio para o Brasil? Toparia participar de um estudo sobre isso? Embora já soubéssemos que os entrevistados possuíam, sim, ascendência germânica, cremos que era interessante documentar este conhecimento. De pronto, todos concordaram e se mostraram interessados não só em contribuir, mas acompanhar os resultados posteriores.

³ O nome desta fonte, bem como o das demais fontes, foi trocado por razões éticas.

⁴ <http://www.orkut.com>

De acordo com a metodologia a que nos propomos seguir, as entrevistas obedeceram a um guia previamente estabelecido, a fim de cobrir as principais temáticas de interesse. O guia estava basicamente dividido em três blocos, a saber: genealogia, germanidade e história da família. A ordem dos blocos foi alterada à medida da condução das entrevistas, que ora demandavam um encaminhamento, ora outro. Conforme já citado anteriormente, todos os nomes aqui citados são pseudônimos, inclusive o de pessoas e famílias citadas nas entrevistas. Na medida do necessário, nomes de locais também foram trocados de modo a preservar a confidencialidade das fontes.

O roteiro de entrevista foi o seguinte:

BLOCO 1 – GENEALOGIA

Quem fez a pesquisa da genealogia da sua família?

Como foi o processo de pesquisa?

Como foi a descoberta, o contato com essas origens?

Qual foi a motivação para a pesquisa?

BLOCO 2 – GERMANIDADE

O que é ser alemão pra você?

Em que aspectos você se considera alemão?

Em quais você não se considera?

O que não é ser alemão?

Como você vê a Alemanha, ontem e hoje?

BLOCO 3 – HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Qual é a história da sua família no Brasil?

Como eram os costumes familiares em casa?

Como era a relação da família com a religião?

Como era a relação da família com a cultura alemã (roupas comida, música etc.)?

Dê exemplos dessa relação.

No processo de construção do roteiro de pesquisa, estava claro que três tópicos deveriam ser abordados: a genealogia, a idéia de alemão que cada entrevistado tinha, e a história familiar, que é uma espécie de fio condutor entre os dois temas anteriores. O bloco temático relativo à genealogia foi pensado de modo a

ser praticamente introdutório da entrevista. Seu objetivo era esclarecer ao entrevistado a razão de sua escolha como pessoa fonte, além de mapear o interesse dele pela sua própria genealogia e o grau de envolvimento na pesquisa. No caso dos entrevistados que fizeram sua própria pesquisa, o objetivo era também colher narrativas sobre o processo de pesquisa e a sensação de entrar em contato com a história da família.

O bloco sobre germanidade tinha por objetivo coletar do entrevistado suas impressões sobre a idéia de alemão que ele tivesse, e também estabelecer relações destas idéias com uma perspectiva sobre a Alemanha, de modo a permitir uma reflexão a respeito destes esquemas de conhecimento. O terceiro bloco, sobre história da família, foi desenhado de modo a suscitar a narrativa de episódios da história da família, trazendo assim outros elementos que certamente constituem sua idéia de germanidade sem, no entanto, ser explícito no enunciado da pergunta. Neste bloco, basicamente, o entrevistado estava livre para contar sobre os costumes da família e sobre o que ele considerava elementos constituintes da cultura alemã.

Na prática, a partir do bloco da entrevista sobre genealogia, o encaminhamento se deu de maneiras diferentes nas entrevistas. Ora o entrevistado declarou algo que conduzia melhor para as perguntas relativas à história da família, ora o gancho era mais propício para tratar do tema da germanidade explicitamente.

Durante o processo de transcrição das entrevistas, todo realizado por mim, às primeiras audições já foi possível identificar que algumas temáticas emergiam com maior recorrência nas respostas dos entrevistados. De posse do arquivo transcrito, então, os trechos onde tais recorrências apareciam foram destacados e as ocorrências agrupadas, de acordo com a sua proximidade temática. Em todas as entrevistas, foram destacados os trechos onde as respostas fossem mais significativas do ponto que demonstravam. As temáticas mais recorrentes, e os trechos significativos, estão presentes no capítulo de análise dos dados.

A íntegra das transcrições, constante nos anexos, privilegiou o conteúdo das falas, sem preocupação com o aspecto formal da transcrição. As convenções de transcrição e a padronização dos sinais adotados foram incorporadas numa segunda etapa, notadamente na reprodução dos segmentos ilustrativos do capítulo de análise de dados. Para a transcrição dos trechos lá apresentados, adotamos como convenções os seguintes sinais: – (travessão) para indicar interrupção da fala; “” (aspas duplas) para indicar fala reportada; []

(colchetes) para indicar comentário; [...] (colchetes com reticências) para indicar supressão e _____ (sublinha) para indicar ênfase na fala. As convenções de transcrição foram adaptadas de Tannen e Wallat (2002) e das recomendações da ABNT para citações em documentos.

2.1.1 Os Entrevistados

Para melhor situar quem são as pessoas-fonte desta pesquisa, traçamos aqui um breve perfil dos quatro entrevistados, resumindo as características pelas quais foram escolhidos para compor o corpus do trabalho. Os entrevistados do sexo masculino residem em Porto Alegre, e a entrevistada atualmente mora no Rio de Janeiro. Elisa conhece o entrevistado cuja entrevista se perdeu⁵, mas a escolha dos dois para participar do estudo foi ocasional.

2.1.1.1 Bruno

Bruno Mannheimer foi o primeiro a ser entrevistado e tinha 38 anos na ocasião. Nasceu em Barão do Triunfo, no interior do Rio Grande do Sul, e foi morar em Porto Alegre quando foi cursar o segundo grau, nos anos 80. Bruno é o mais velho de três filhos, tendo duas irmãs. É graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estava cursando a segunda graduação, em Direito. É católico não praticante e descende de alemães nas linhas paterna e materna. Do lado paterno, que é o mais reportado em suas narrativas, é bisneto de alemães. A entrevista de Bruno teve uma hora de duração.

Conheci Bruno há um certo tempo e, em todo o período em que convivemos, ele sempre se mostrou interessado em genealogia, inclusive na sua própria pesquisa. Bruno utiliza com certa frequência expressões em alemão no seu

⁵ Celso tinha, à época da entrevista, 27 anos, e nasceu no interior do Estado, em Santa Cruz do Sul. É graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em jornalismo e cursava o Mestrado em Comunicação e Informação da mesma Universidade. É solteiro e católico não praticante. É descendente de alemães nas linhas paterna e materna: do lado paterno o imigrante é seu tetravô, e do lado materno, o pentavô.

cotidiano, principalmente ao lidar com pessoas que ele julga terem conhecimento da língua – eu, por exemplo.

2.1.1.2 André

André Preuss, com 34 anos quando foi entrevistado, nasceu em Cachoeira do Sul, no interior do Rio Grande do Sul. É o mais novo entre três filhos, tendo um irmão e uma irmã. Iniciou o curso superior de Administração e abandonou, cursando a graduação em Biblioteconomia à época da entrevista. É protestante não praticante e descende de alemães nas linhas materna e paterna. Na linha materna, é bisneto; na paterna, trineto. André me foi indicado por um contato em comum, que informou que ele teria histórias interessantes a contar; de fato, sua entrevista foi a mais longa, tendo uma hora e meia de duração.

2.1.1.3 Diego

À época da entrevista, Diego Hillebrand tinha 30 anos recém completos. Nasceu em Xaxim, interior de Santa Catarina, onde viveu por pouco tempo. É o mais velho de quatro irmãos, todos homens, descendentes de um trisavô imigrante alemão pelo lado paterno; tem ascendência também pelo lado materno. A família de Diego é católica, e tanto ele como seus irmãos são não praticantes. Diego tem um filho de seis anos que mora com a mãe, mas vê o pai com frequência. Diego é contador, graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em julho de 2006 cursava o Mestrado em Administração da mesma Universidade.

Descobri Diego quando comecei a fazer minha própria genealogia, já que possuímos um laço distante de parentesco. A entrevista de Diego durou pouco mais de meia hora, e ele foi o único que retomou a gravação da entrevista depois do encerramento, porque começou um novo raciocínio que julgou interessante. Diego é um dos entrevistados que não fez a sua própria pesquisa genealógica. Em sua entrevista, ele conta que a primeira iniciativa na família para a pesquisa genealógica foi feita por um tio-avô há muitos anos e que esta iniciativa foi resgatada por mim mais recentemente.

2.1.1.4 Elisa

Elisa Schneider, entrevistada com 27 anos, é a única dos entrevistados que nasceu em Porto Alegre, se mudou para o interior com um ano e retornou a Porto Alegre aos dez. É a mais velha de três irmãs, sendo que as outras duas nasceram em Santa Cruz do Sul, cidade onde a família morou. Elisa é arquiteta, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e mudou-se para o Rio de Janeiro no final de 2005, a fim de cursar Mestrado em Design. Elisa descende de alemães pela linha materna e de dinamarqueses pela linha paterna. Em sua entrevista, Elisa não dá maiores detalhes de como tomou conhecimento dessa diferença de ascendências; segundo suas informações, é possível que ela tenha ficado sabendo de ambas através da irmã, estudante de Medicina, que pesquisou a genealogia da família para aplicação em estudos de genética.

A despeito de a família do pai ser de Santa Catarina, não acredito que este seja um diferencial substantivo na formação de Elisa diante dos demais entrevistados. O Oeste Catarinense, região onde se situa Concórdia, a cidade natal do pai de Elisa, foi tardiamente colonizado principalmente por gaúchos descendentes de imigrantes italianos e alemães⁶. Além disso, ela própria nunca chegou a morar fora do Estado durante a infância. Portanto, uma eventual diferença cultural não se caracteriza como marcante o suficiente para afastar a entrevistada das características dos demais indivíduos participantes deste estudo.

Estabelecida a metodologia a ser utilizada e o corpus da pesquisa, no próximo capítulo apresentaremos os conceitos e teorias que nos ancoram neste trabalho, principalmente a Sociolinguística Interacional, os conceitos identitários e a nossa proposta de genealogia a ser aqui considerada.

⁶ <http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=42&Pag=2>

3 CONCEITOS E TEORIAS

A pesquisa acadêmica atualmente conta com uma enorme gama de teorias e conceitos que podem apoiar diversos estudos, dependendo da abordagem que se quiser utilizar. No nosso caso, não é diferente: estamos imersos não só num mundo contemporâneo, repleto de complexidades e nuances nas relações sociais, como neste trabalho olhamos para um tema característico da contemporaneidade – a identidade multifacetada do sujeito pós-moderno. Assim, faz-se necessário esclarecer quais são as teorias nas quais nos apoiamos e os conceitos que utilizamos, a fim de mostrar de que lugar estamos falando.

Neste capítulo, apresenta-se brevemente o contexto teórico do socioconstrucionismo que embasou o desenvolvimento de diversas teorias em várias disciplinas – dentre elas, a Sociolingüística Interacional, que nos ancora aqui com seus conceitos para a análise do discurso dos entrevistados. Também estão aqui breves apresentações dos conceitos adotados de identidade, germanidade, memória e narrativa, bem como um esclarecimento sobre de que genealogia estou falando quando a ela me refiro no decorrer do trabalho.

3.1 SOCIOCONSTRUCIONISMO E SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL

Podemos considerar Bakhtin o precursor de uma concepção de discurso co-construído, a partir dos seus conceitos de dialogismo – a interação entre discursos - e polifonia – as várias vozes presentes no discurso. Para o autor russo, a linguagem é uma prática social, uma construção entre duas ou mais vozes sempre presentes em qualquer ato discursivo que pode ser ressignificado de acordo com o momento da enunciação. Suas teorias serviram para fundamentar uma série de abordagens da análise do discurso.

Neste contexto pós-moderno em que nos inserimos, trataremos da linguagem e do discurso através de uma perspectiva *socioconstrucionista*. Nascido no âmbito da Sociologia e com vistas também de outras áreas como a Psicologia Social, o socioconstrucionismo prega basicamente que os significados são construções sociais, ligados a um contexto dinâmico. Na Lingüística, outra das áreas onde o socioconstrucionismo gerou frutos, criou-se a chamada Sociolingüística

Interacional (SI).

Nessa perspectiva, a linguagem é considerada como elemento constitutivo da vida social, e não apenas um dos seus sistemas de representação. Em outras palavras, a linguagem possui um papel essencial na construção de significados. A linguagem é vista como uma prática social, dialógica, permeada de aspectos performáticos quando de sua utilização – ou seja, nos momentos de interação entre sujeitos – e o mais importante: compete vitalmente para a construção dos significados, que ocorre exatamente durante a interação. Para tanto, concorre toda linguagem utilizada na interação, quer verbal, quer não-verbal: é no seu uso que os sentidos são negociados e acordados entre os participantes.

A principal preocupação da análise do discurso na abordagem da Sociolinguística Interacional é examinar como interpretamos uns aos outros, como preenchemos os vazios daquilo que não é explicitado e como podemos nos entender mutuamente e comunicar o que realmente desejamos se a língua é tão aberta, sujeita a constantes modificações e sutilezas. Nas próximas subseções, trataremos de aprofundar os conceitos da SI que nos ancoram neste trabalho. Primeiramente, veremos de que modo os conceitos de enquadre, alinhamento e pista de contextualização nos ajudarão a compreender o discurso dos entrevistados. Em seguida, trataremos dos esquemas de conhecimento, uma categoria fundamental em nossa abordagem teórica.

3.1.1 Enquadre, Alinhamento e Pistas de Contextualização

É nesse ínterim de relações sociais mediadas pela linguagem, típico da visão de mundo pós-moderna, que ocorre, na nossa percepção, a construção identitária do sujeito. Partimos do princípio de que, a todo momento, o sujeito se reelabora enquanto presente no discurso. Durante a interação, o sujeito se reposiciona permanentemente, medindo as variáveis constantes no momento e dosando-as de modo a reconfigurar-se performativamente – ou, em outras palavras, ele passa o tempo todo criando e recriando diferentes *enquadres* à medida que novos *alinhamentos* são exigidos na interação.

O conceito de enquadre adotado aqui foi proposto originalmente em 1972 por Bateson (2002) e desenvolvido por Goffman (2002), e refere-se à

interpretação do que está acontecendo na situação de fala. Nas palavras de Garcez e Ostermann (2002, p. 260-261), o enquadre é uma “definição, com base em elementos de sinalização na *fala* em interação, quanto ao que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma *elocução* (ou movimento ou gesto) pode ser interpretada” [grifos dos autores].

Um dos elementos que permitem a interpretação do enquadre em vigência na interação é o *alinhamento*, ou *footing*, também descrito por Goffman (2002) e definido como o posicionamento ou a postura do falante na situação de fala. Embora possa também referir-se aos aspectos físicos da interação – a postura corporal, o ângulo entre os sujeitos na interação, etc. –, em nosso caso trataremos principalmente dos alinhamentos expressos na situação de fala, através do que diz o entrevistado e como ele diz.

É através do alinhamento e de outras *pistas de contextualização* que os participantes da interação conseguem interpretar e sinalizar o que é que está acontecendo aqui e agora em uma interação em curso. Na definição de Gumperz apud Garcez e Ostermann (2002, p. 263), as pistas de contextualização são aqueles traços existentes nas mensagens através dos quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam o que está ocorrendo, e de que modo o conteúdo da mensagem deve ser entendido – ou, em outras palavras, são as pistas de contextualização que provêm um contexto no qual os participantes se situam. Assim, aspectos da fala que às vezes passam despercebidos ao ouvinte comum, tais como pausas, hesitações e a escolha do vocabulário, serão fundamentais para a análise da entrevista.

Tannen e Wallat (2002) descrevem um caso interessante e que ilustra bem o poder do alinhamento e das pistas de contextualização na situação de fala. Elas mostram como uma médica, que interage ao mesmo tempo com uma pequena paciente, com a mãe da paciente e com uma câmera de vídeo que registra a consulta, muda constantemente seu alinhamento, e conseqüentemente os enquadres, na interação com cada um de seus interlocutores para atingir o objetivo comunicacional da consulta pediátrica. Para a criança, ela utiliza um conjunto de pistas de contextualização que difere daquele empregado na interação com a mãe, usando recursos como a fala desacelerada e o alongamento de vogais projetando, assim, um enquadre de brincadeira; já com a mãe, ela cria um enquadre mais didático a fim de poder fazê-la compreender as etapas constitutivas da consulta; e

no momento em que ela está se dirigindo à câmera de vídeo, para fins de registro para futuros pediatras, sua fala torna-se cheia de termos médicos endereçados ao público especializado que venha a assistir à gravação.

3.1.2 Esquemas de Conhecimento

No texto em que descrevem este caso, as autoras também abordam outro conceito fundamental para esta abordagem da análise do discurso: os *esquemas de conhecimento*, que podem ser vistos como uma espécie de arcabouço interpretativo que o falante aciona no momento da interação. Cada sujeito domina determinados esquemas de conhecimento que lhe foram transmitidos principalmente através das interações sociais anteriores – e que são também passíveis de revisão e ressignificação, principalmente na situação interacional – já que, lembramos, é no momento da interação que os significados são construídos e, portanto, os esquemas de conhecimento ali colocados estão também sujeitos a modificação.

Podemos pensar também nos esquemas de conhecimento como uma espécie de memória, já que, segundo Tannen e Wallat (2002), “[. . .] o significado literal de uma elocução só pode ser entendido em relação a um modelo de conhecimento anterior” (p. 189-190). Em nosso caso específico, trataremos de esquemas de conhecimento herdados principalmente da família, do grupo social em que os entrevistados se inserem e dos grupos que deles têm determinadas expectativas de comportamento – já que, em algum momento anterior, algum outro sujeito deve ter-se dirigido aos entrevistados com expectativas sobre um comportamento dito “germânico” e pode-se esperar que essa expectativa tenha sido integrada aos esquemas de conhecimento dos entrevistados.

A partir desta perspectiva, a identidade passa a ser algo desnaturalizado para ser algo co-construído na interação e em permanente mutação. Pode-se dizer, de outro modo, que os indivíduos estão constantemente projetando discursivamente *identificações* entre si e seus interlocutores, percebendo “supostas similaridades” (WOODWARD, 2000, p. 8) entre os sujeitos e atuando de modo a evidenciar estas similaridades em sua prática discursiva.

3.2 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E DISCURSO

É importante lembrarmos que todas as nossas colocações aqui se referem a um arcabouço teórico calcado na Sociolinguística Interacional, na qual basicamente relacionamos discurso e identidade a todo momento através das situações comunicativas. Repetimos: é no discurso que construímos e atualizamos nossas identidades, de acordo com nossos interlocutores e com o contexto da interação.

As questões relativas a essa maleabilidade da identidade são características de um momento histórico muito particular: a pós-modernidade, ou alta modernidade, conforme Giddens (2002). Foi com o advento das tecnologias e da relativização das dimensões de tempo e espaço que as identidades dos sujeitos passaram a ser também relativizadas, em oposição à antiga concepção de sujeito unificado, característica do racionalismo iluminista, e em complemento à noção de sujeito sociológico, criado na relação entre o eu e a sociedade onde o eu se insere (HALL, 2005).

Pensamos aqui o sujeito pós-moderno como um complemento do sujeito sociológico na medida em que ele também admite essa construção do sujeito na interação social, mas desnaturaliza essa construção e desmobiliza o sujeito da sua estrutura social, admitindo que ele possui não somente uma, mas várias identidades coexistentes e não necessariamente coerentes entre si. Entre elas, estão as *identidades culturais*, um conceito defendido por Hall em toda a sua obra e que se refere aos “[. . .] aspectos de nossas identidades que surgem de nosso 'pertencimento' a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. (HALL, 2005, p. 8).

Essa coexistência nos interessa porque, sobretudo, acreditamos que representa um aspecto essencial das nossas fontes para a pesquisa: a coexistência de identidades culturais brasileiras e alemãs, presentes ora pelo pertencimento geográfico, ora pela herança familiar, ou social, ou cultural. Willems¹ (1946, apud SEYFERTH, 2004) já utilizava o termo “cultura híbrida” para tratar deste misto de culturas, neste caso teuta e brasileira. Beneficiados pelas novas tecnologias,

¹ WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1946. apud SEYFERTH, 2004.

indivíduos interessados e cientes de sua ascendência germânica podem optar por conhecer mais profundamente a sua cultura de origem e, eventualmente, identificar-se com ela.

Se, num primeiro momento, podemos pensar em identidade como algo que se é, Silva (2000) aponta que, em verdade, a identidade é muito mais o que *não* se é. Com isto, o autor quer dizer que, enquanto nomeamos uma condição identitária, com esta nomeação estamos excluindo momentaneamente todas as outras que a ela se opõem. Configura-se aí uma dinâmica entre identidade e diferença que não se apaga, nem se reduz, em nenhum contexto. Como diria Hall (2005, p. 40): “Nós sabemos o que é a ‘noite’ porque ela *não* é o ‘dia’” [grifo do autor]. Em outras palavras, se estamos nos nomeando “descendentes de alemães”, com isso estamos excluindo desse enunciado uma possível ascendência de italianos, gregos, japoneses e todas as outras nacionalidades.

Evidentemente, em se tratando de nossa condição de sujeitos pós-modernos, como Hall coloca, tais assertivas constituem apenas uma ou outra faceta de nossa identidade. É por isso que o conceito moderno de identidade, o do sujeito uno, vem sendo tão criticado por autores como Hall (2000, 2005) e Giddens (2002): nele já não cabem as perspectivas que enxergam o sujeito como uma unidade. Além de ser múltiplo, multifacetado, o sujeito se torna uma permanente co-construção discursiva em curso a todo momento, no contato com um interlocutor que aciona seus próprios esquemas de conhecimento e os intercambia de acordo com os enquadres negociados no momento da interação. Não olhemos com ingenuidade as construções identitárias: o fato nomeado de descender de uma ou outra etnia não afasta outras identidades, apenas as coloca temporariamente em segundo plano, ou as faz irrelevantes, *no momento da produção discursiva que se constrói conjuntamente entre os participantes da interação.*

Ressaltemos aqui que a Alemanha vem passando por uma reconstrução de sua própria identidade: Assmann (2006), por exemplo, fala a respeito do embate entre a consciência de ser vítima ou algoz no episódio do Holocausto; Huyssen (2000) identificou a chamada “síndrome da memória” e a descreve como uma necessidade manifesta de reavivar aspectos constituintes da identidade alemã do século XX. Também nesse sentido escreveram Wolfgram

(2003), resenhando obras de Niven (2002) e Kattago (2001)²; Langenbacher e Eigler (2005) e Eigler (2005) são outros exemplos de produção bibliográfica retomando a questão identitária e memorial alemã. As iniciativas, nesse sentido, vêm sendo francamente divulgadas pela mídia, principalmente em função da publicidade que a Copa do Mundo de 2006 trouxe para o país. O lema “É tempo de fazer amigos” foi seguido à risca em toda a Alemanha, num esforço conjunto para mudar a imagem do povo alemão. Se pensarmos nos termos que Assmann (2006) coloca, pode-se inferir que o objetivo desse trabalho todo foi de suavizar as marcas históricas do nazismo em prol de uma melhor relação da própria população com o lugar onde vive:

Muitos turistas afirmaram ter corrigido a imagem de sisudos e introvertidos que tinham dos alemães. "Não escondemos nossa alegria, mostramos nossas emoções. Finalmente tivemos a coragem de estar contentes, de manifestar orgulho e alegria e de mostrar as cores da nossa bandeira" [. . .] (DEUTSCHE WELLE, 2006)

No entanto, a despeito de todo esse esforço, da iniciativa de retomar suas cores nacionais e sua bandeira, é provável que os estigmas já consolidados venham a permanecer por um bom tempo ainda nos esquemas de conhecimento sobre o que venha a ser o alemão, pelo menos dos que não presenciaram esta Copa do Mundo *in loco*.

3.3 A ANÁLISE DE NARRATIVAS

A proposta de verificar a existência de uma germanidade que se manifeste discursivamente nos descendentes de imigrantes alemães teve como instrumento metodológico preferido para coleta de dados a entrevista individual, conforme já comentamos no capítulo anterior. A fim de permitir que os entrevistados pudessem trazer à tona suas experiências de modo mais livre, mais fluido, o roteiro da entrevista foi construído de modo a permitir que narrativas aflorassem durante as

² O autor resenha duas obras a respeito da memória dos alemães: NIVEN, Bill. *Facing the Nazi Past: United Germany and the Legacy of the Third Reich*. London: Routledge, 2002 e KATTAGO, Siobhan. *Ambiguous Memory: The Nazi Past and German National Identity*. Praeger: Westport, Conn., 2001.

respostas; e foi o que ocorreu. Para explicar alguns dos esquemas de conhecimento que estavam utilizando, os entrevistados recorreram diversas vezes às histórias de vida para contar como foi que chegaram àquele ponto, àquele raciocínio, àquela postura adotada. Surgiu, então, a necessidade de apropriação mais efetiva da análise da narrativa – e em especial, das histórias de vida.

A constatação de que era freqüente a inserção de narrativas nas atividades de fala nos mais diversos contextos, inclusive institucionais, deu aos pesquisadores sociais subsídios para investigar por que recorremos tanto às narrativas e por que fazemos delas parte tão importante de nossa vida social. Segundo Bastos (2005, p. 74), o interesse maior acabou recaindo justamente nas histórias contadas em situação de entrevista, já que se acreditava que “[. . .] o estudo dessas estórias em muito pode contribuir para compreender não apenas o sentido que os indivíduos fazem de si mesmos, como também sua compreensão do mundo e de suas experiências nesse mundo”.

Ou seja: o ato de narrar nos auxilia a organizar nossa experiência humana, funcionando como um ponto de partida para o estudo da vida social em geral. Daí nasce a visão de que “tudo é narrativa”: ela passa a ser vista como “[. . .] o conceito organizador que não apenas re-situa a construção do eu como um fenômeno social, como também integra cultura e discurso na interpretação da sociedade” (HINCHMAN E HINCHMAN, 2001, p. ix-xiii apud BASTOS, 2005, p. 75)³. Assim, o interesse nas narrativas passa a ser não só da Lingüística, mas de grande parte das Ciências Sociais. Desse modo, diversos autores se debruçam sobre a estrutura da narrativa, trazendo propostas e diferentes contribuições, importantes principalmente para a área da Psicologia (VIEIRA, 2001).

Na Sociolingüística, os estudos sobre a narrativa foram introduzidos por Labov e Waletzky no final da década de 60, que a definiram como “[. . .] um método de recapitular experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações com uma seqüência de eventos que (infere-se) ocorreram de fato” (BASTOS, 2005, p. 75). Para eles, é fundamental que a narrativa remeta a um acontecimento específico, seja estruturada numa seqüência temporal, tenha um ponto principal, e seja contável – ou seja, refira-se a algo incomum e digno de nota,

³ HINCHMAN, L. P; HINCHMAN, S. Introduction. In: HINCHMAN, L. P; HINCHMAN, S. (Org.) Memory, identity, community. Albany: State University of New York Press, 2001. Apud BASTOS, 2005.

sem, no entanto, ser inverossímil. Bastos (2005) coloca que Labov e Waletzky propõem uma narrativa estruturada em sumário ou resumo (onde o narrador introduz a história, ou sinaliza o que vai narrar), orientação (onde ele situa o ouvinte no contexto da história), ação complicadora (onde ele conta o que ocorreu), resolução (onde ele explica como a situação se resolveu), coda (uma espécie de fecho, que sinaliza que a história acabou) e avaliação (o porquê de a estória ser contada). Vários outros autores, como Sacks e Bruner (conforme comenta BASTOS, 2005), trabalharam sobre este modelo, criticando-o ou acrescentando elementos, mas a estrutura básica se manteve a mesma.

Já que trabalharemos basicamente com narrativas de histórias de vida, nossa análise está baseada principalmente nos postulados de Linde (1993), na sua obra “Life Stories”. Tais narrativas, segundo a autora, demonstram o que aconteceu do ponto de vista do narrador, ou demonstram a sua personalidade. Linde coloca que, para se colocar no mundo social, cada indivíduo necessita de uma história de vida coerente, aceitável e permanentemente em revisão (p. 3). Ao mesmo tempo, a história precisa ser narrada numa determinada ordem que expresse um sentido tanto para o narrador quanto para o ouvinte (o que nos remete à estrutura de Labov). Para a autora, “histórias de vida expressam nosso sentido de self: quem somos e como chegamos neste ponto”⁴. (p. 3)

Em sentido amplo, Linde define histórias de vida da seguinte maneira:

Uma história de vida consiste em todas as histórias e unidades discursivas associadas, como explicações e crônicas, e as conexões entre elas, contadas por um indivíduo durante o curso de sua vida e que satisfaz os seguintes critérios:

1. As histórias e unidades discursivas associadas contidas na história de vida têm como principal característica um ponto a respeito do narrador, não um ponto geral sobre o mundo como ele é.
2. As histórias e unidades discursivas associadas têm reportabilidade extensiva, isto é, elas são contáveis e contadas e repetidas durante o curso de um longo período de tempo. (LINDE, 1993, p. 21)

Até agora tratamos de reafirmar o contexto contemporâneo em que nosso aporte teórico se insere, bem como o de delinear nossa linha de análise das narrativas dentro da perspectiva sócio-interacional. Na próxima seção, veremos de que modo as categorias de memória social, germanidade e genealogia se

⁴ No original: “Life stories express our sense of self: who we are and how we got that way.”

interseccionam em nosso entendimento.

3.4 MEMÓRIA SOCIAL, GERMANIDADE E GENEALOGIA

A memória social é um dos conceitos chave para o desenvolvimento desta pesquisa. Consideramos aqui que a memória social permeia pelo menos dois outros conceitos fundamentais aqui: a germanidade e a genealogia.

Durante muito tempo, a História esteve preocupada em ser uma ciência capaz de registrar os acontecimentos como eles aconteceram, admitindo-se a fiel depositária das “verdades” históricas. Foi com o advento da Escola dos Annales, no início do século XX, que essa perspectiva mudou e diferentes abordagens, menos historicistas, passaram a ser também reconhecidas como práticas da História. Somente aí correntes de estudos como, por exemplo, a da história das mentalidades e da micro-história obtiveram espaço. No entanto, a tentativa de se manter fidedigno ao acontecimento ainda é característica do registro histórico.

Ao contrário dessa História de visão historicizada, a memória não está comprometida com verdades históricas. Por conta de seu eterno embate com o esquecimento e passível de sofrer interferências das ideologias do observador, a memória é representante legítima das visões de mundo, absoluta e pessoal, única e intransferível. Mesmo que tenha com a História muitas interseções, principalmente relativas ao trato documental e no que refere aos testemunhos orais, a memória se apresenta de modo muito mais volúvel e dependente discursivamente de seu narrador.

Mais: as ocorrências representadas na memória não estão anexas a nenhuma organização temporal, nem comprometidas com efeitos de causa e conseqüência de atos realizados ou testemunhados. Para a memória, o ato lembrado é significativo de uma marca que, de algum modo, não foi atingida pelo esquecimento e isso basta para torná-lo relevante. Essa relevância, ou melhor, esta medida de relevância, é chamada por Bergson⁵ de “intensidade”. É por este parâmetro que o autor defende pautar-se a memória, já que a duração do evento é escalonada de acordo com seu impacto na memória, e não pelo trajeto dos

⁵ As referências a Bergson citam a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Memória Social/Unirio, proferida pelo Prof. Dr. Marcos Veneu em 05 de abril de 2006, e cujo título foi “Variações da Duração: a leitura de Bergson pelos historiadores”.

ponteiros contando o passar do tempo.

Diversos autores já se debruçaram sobre o desafio de tentar estabelecer definições e interseções entre a memória e a história; entre eles, Nora (1993), Hutton (2000) e Klein (2000). É deste último, aliás, uma das colocações mais interessantes a respeito: a de que a memória seria uma espécie de metahistória, que permeia todas as diferentes facetas da história.

Barrenechea (2005), em interessante estudo, aponta a gênese da memória social como mérito de Nietzsche. No final do século XIX, o pensador alemão já falara sobre o embate memória x esquecimento em obra fundamental para os conceitos aqui trabalhados. Na sua “Genealogia da Moral”, Nietzsche antecipa a concepção bergsoniana de intensidade como fator determinante para a memória, alegando que foi somente através da dor que o homem adquiriu a capacidade de lembrar-se, deixando de ser puramente instintivo.

Foi, contudo, com um sociólogo da própria Escola dos Annales que o conceito mais aceito de memória social nasceu. Atualmente, falar em memória social é praticamente sinônimo de mencionar os estudos de Maurice Halbwachs, na década de 20. Para ele, a memória individual sempre existe a partir de uma memória coletiva, grupal, já que toda experiência é vivida a partir de um grupo social. Mesmo vivenciando um episódio sozinho, o indivíduo está permanentemente em contato com a memória do local onde está e dos grupos que ali antes estiveram. Pode-se mesmo dizer que a memória individual seria um ponto de vista sobre uma memória do grupo, pré-existente. Para tanto, o autor defende a existência do que denominou *quadros sociais da memória*, convenções sociais institucionalizadas que garantiriam a manutenção da memória social – sem, com isso, cair no historicismo, já que, em se falando de memória, o passado que existe é aquele que está em constante reconstrução no presente, sempre que evocado (SANTOS, 2003).

Enquanto não há consenso entre os teóricos com relação à origem dos estudos memorialistas, as características da memória são sempre descritas da mesma maneira: variável, dependente dos efeitos do esquecimento, instável, permanentemente em construção. É necessário ter-se em mente que a memória é sempre uma relação com o presente: lembrar-se é sempre uma construção de um momento passado a partir do momento atual.

É por isso que entendemos que a memória social se relaciona tão de perto com outros conceitos aqui presentes, como a germanidade e a genealogia.

Podemos pensar a germanidade com um duplo efeito: além de ser um esquema de conhecimento, repassado não só aos descendentes de imigrantes como à sociedade em geral sobre o que é ser um alemão, para os descendentes de alemães ela é também uma memória social, partilhada e apreendida no seu grupo de origem. Nas palavras de Pollak (1992), há uma forte ligação entre a memória e o sentimento de identidade. É através dessa memória do grupo que se firmam os laços de pertencimento e se valida a história política de um povo.

Para Pollak (1992), existem três elementos constitutivos da memória social: os acontecimentos, vividos individual ou coletivamente, os personagens dos acontecimentos e os lugares, as cenas onde a ação ocorreu. Mesmo que estes elementos não digam respeito diretamente ao sujeito que evoca a memória, se está projetando a memória do não-vivido, ou do vivido por tabela. Tais memórias, evidentemente, constituem o corpo de memórias do povo que o mantém coeso e unido em torno de uma mesma herança. No caso dos descendentes de imigrantes alemães, é de se esperar que também constituam suas memórias, além da história da família no Brasil, os episódios mais marcantes da história alemã, como o período nazista.

A genealogia que propomos aqui entra como uma das estratégias de sobrevivência dessa memória, já que, repetimos, o ato de lembrar-se tem sempre como referente o momento presente. É através de ritos próprios das atividades genealógicas, como os encontros de família, que os indivíduos mantêm estas memórias, herdadas não de outro modo senão o genealógico – de geração em geração. Trataremos disso com mais profundidade nos tópicos a seguir.

3.4.1 De que Genealogia falamos?

O termo “genealogia” deriva do grego “genea”, geração, e “logia”, discurso. Etimologicamente, portanto, já está delimitada sua tarefa: discursar sobre as sucessivas gerações. No entanto, como veremos, essa concepção de discurso sobre gerações se viu afetada pelas análises dos filósofos no decorrer dos tempos.

Uma das maiores evidências do fenômeno que Klein (2000) denominou “emergência da memória” é, conforme o mesmo autor, o incremento nas investigações genealógicas empreendidas pelo público em geral a partir da década

de 70. Este é um marco histórico significativo: alguns autores apontam que, a partir deste período, estabeleceu-se a chamada pós-modernidade, ou modernidade tardia, com todas as implicações desta tendência. Isso quer dizer, em síntese, que as estruturas sociais passaram a pautar-se por outros estatutos, mais fragmentados, mais babélicos (no dizer de IANNI, 1996), globais e locais ao mesmo tempo.

Com tudo isso, as identidades culturais dos indivíduos passaram também a ser incompletas, carentes de sentido e de interação com outras identidades. Em função destas carências, o sujeito passa a buscar certezas e completudes, que podem ser encontradas através das suas genealogias. No entanto, a investigação genealógica, por se tratar de um fenômeno de evidência recente, carece também de estatutos que a institucionalizem. Ao mesmo tempo em que a genealogia necessita de práticas historiográficas de legitimação, é absolutamente dependente das narrativas e das memórias para sobreviver enquanto testemunho de um tempo.

Isso posto, é importante tentar estabelecer suas aproximações e interseções com a história e com a memória, colocando a genealogia dentro do âmbito da discussão conceitual entre as duas categorias. Tal tarefa não se revela simples; ao contrário, as fronteiras entre memória e história, como colocado por autores como Le Goff (2000), Klein (2000) e Hutton (2000), se revelam diluídas e imprecisas.

Enquanto campo de estudo, a história se ocupa principalmente de organizar os acontecimentos numa linha de tempo. Le Goff já colocava: “O material fundamental da história é o tempo; há muito, portanto, que a cronologia desempenha um papel essencial como fio condutor e ciência auxiliar da história.” (2000, p. 379). Observa-se claramente a preocupação da história com a organização metódica e temporal das ocorrências, unindo umas às outras por fios de causas e conseqüências que, mesmo intuitivamente, ordenam os dados coletados e documentados. O historiador tem um compromisso intrínseco com a verdade, embora esta nem sempre seja alcançável, mesmo com pesquisas documentais minuciosas; afinal, é sempre interessante lembrar que os documentos são representações pontuadas por discursos e, portanto, por ideologias expressivas de visões de mundo nem sempre comprometidas com a imparcialidade na descrição dos fatos.

Essa necessidade de linearidade da história acaba por ser um dos

seus principais pontos críticos, principalmente na visão de teóricos como Bergson. Para ele, uma das principais dificuldades da história é justamente o fato da medição histórica ser feita em termos espaço-temporais, confundindo duas categorias que não se misturam quando se trata de memória.

3.4.2 Uma Nova Proposta para a Genealogia: insere-se a memória

O termo “genealogia” foi utilizado primeiramente na literatura científica por Friedrich Nietzsche, filósofo alemão que se apropriou da palavra para descrever a metodologia através da qual dissecava as origens da moral, no seu livro “Genealogia da Moral” (2004). Nele, Nietzsche vai primeiro às origens lingüísticas dos conceitos básicos da moralidade, o “bom” e o “mau”. Em seguida, fala do nascimento da memória como estratégia de apropriação da moral, já que é através da memória da punição que se estabelecem os comportamentos “morais”, e os parâmetros para a imoralidade.

Michel Foucault, pensador francês, dissecou e categorizou a genealogia no comentário à obra nietzschiana em seu ensaio “Nietzsche, a Genealogia e a História”. Diz o autor: “A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos.” (1995, p. 15). No desenvolvimento de seu texto, Foucault discorre sobre a genealogia, revelando na atividade genealógica diversos traços historiográficos e memorialistas ao mesmo tempo. Em outras palavras, fica evidente que, em se tratando de genealogia, é impossível determinar com exatidão se a atividade pertence ao âmbito da história ou da memória. É certo, porém, que tanto uma quanto a outra contribuem para essa busca cinzenta e meticulosa pintada como a ideal pelo autor.

Ressalte-se mais uma vez o caráter metodológico impingido à genealogia por Foucault, que dela se serve em diversos trabalhos como abordagem de seus temas (por exemplo, em “A Ordem do Discurso” (2005), onde o aspecto genealógico é uma das facetas assinaladas como possível para a análise do discurso por ele proposta). A partir das proposições foucaultianas relativas ao tema, diversos trabalhos no meio acadêmico recorrem ao termo “genealogia” para

descrever uma metodologia eventualmente utilizada⁶.

Para o grande público, no entanto, o termo “genealogia” acabou denominando a atividade leiga de vasculhar origens familiares, embora, como já vimos, exista uma preocupação metodológica no uso do termo em âmbito acadêmico. De certo modo, o uso corrente do termo “genealogia” acaba por ser o mais próximo de sua origem etimológica, já que tal atividade trata justamente da descrição das gerações sucessivas de uma linhagem familiar. É importante, portanto, determinar que o uso da genealogia que aqui nos interessa é justamente o mais leigo, o relativo às buscas familiares e, a partir de agora, o termo “genealogia”, neste trabalho, substitui a expressão “genealogia familiar”.

É crucial, neste momento, desfazer o conceito de genealogia como “história da família”. Tal ramo da história se dedica a estudar o grupo familiar, sua constituição e suas crises ao longo dos tempos, colocando a família como entidade a ser analisada temporalmente em suas crises e evolução enquanto grupo. Sobre história da família, FARIA (1997) comenta de modo bastante claro, traçando sua gênese ao lado da demografia histórica e fazendo um balanço das principais abordagens usadas no estudo do tema, tanto em nível mundial quanto no Brasil.

Conforme já comentamos, a genealogia familiar apresentou um movimento de emergência a partir dos anos 1970, principalmente. Nora (1993) traz um dado de crescimento de 43% neste tipo de busca nos arquivos nacionais franceses, o que por si só já é um fato relevante e significativo do interesse do público em geral pelas suas raízes. A motivação para esta busca ainda é incerta e algumas hipóteses se delineiam neste projeto; dentre elas, uma necessidade genuinamente identitária, atrás de algo que diferencie o indivíduo e o torne especial, único. Nesse sentido, Dantas (2005) colocou que as pessoas buscam a sua memória numa tentativa de inserção na História. Provavelmente essa assertiva é verdadeira; certo é que reflete com perfeição a situação da busca genealógica na

⁶ Por exemplo: COSTA, Erica A. Elementos para uma genealogia da subjetividade infantil contemporânea, a partir da análise dos discursos crítico-científicos sobre a infância. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006; GIGLIO, Célia M. Uma Genealogia de Práticas Educativas na Província de São Paulo: 1836-1876. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001; BARROS, Glaucia. Genealogia do cotidiano de sala de aula: implicações sobre a autonomia e a ética na educação. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999; SCHULZ, Sonia. Espaço e tempo nas Arquiteturas Urbanas: uma genealogia de conceitos/uma arqueologia de configurações. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

atualidade.

Parece-me, entretanto, que o uso do termo “genealogia” vem sendo difundido sem a devida reflexão a respeito de seu significado. É aqui que pretendo estabelecer parâmetros para categorizar os trabalhos em genealogia, já que mesmo autores mais tradicionais apontam que “[. . .] genealogia, hoje, não é simples sucessão de nomes e datas” (MIRANDA, 1991, p. 11). Uma das funções contemporâneas da genealogia é, além de resgatar laços de parentesco, documentar o processo de formação social de determinada região (MIRANDA, 1991, p. 7). A tentativa é de aproximar esta prática do saber acadêmico, produzindo, principalmente no âmbito das Ciências da Informação, subsídios para uma atuação profissional mais efetiva e preparada para atender as demandas do público usuário.

Diversos autores já se debruçaram sobre a tarefa de interpretar a proposta de genealogia foucaultiana, da qual aqui me aproprio para demonstrar que o mais importante, repito, não é a sucessão infundável de datas e nomes, ou os brasões de família, ou quaisquer destes aspectos historiográficos da genealogia, mas sim apreender os contextos históricos que conduziram as famílias até suas atuais condições. Interessante a colocação de Candiotto (2005, p. 131), que usa o exemplo da genealogia da ética que pode ser expandido para a questão familiar:

A genealogia é uma estratégia de análise que renuncia encontrar a origem escondida de um objeto ou sua forma invariável no decorrer da história, posto que *não há uma origem essencial e uma unidade já constituída que possam explicá-lo*. Um objeto, como o da “ética”, pode ser diagnosticado apenas pela sua historicidade, pelo seu processo de constituição *em domínios específicos*. [grifos meus]

Ou seja: é só através da análise dos “domínios específicos”, das condições particulares de cada história familiar, que uma pesquisa genealógica faz sentido de fato. Buscar um elo ancestral com reis ou personalidades, ou montar bancos de dados de milhares de nomes, nada disso acrescenta à proposta genealógica que aqui defendo.

Uma das principais atividades na pesquisa genealógica é, de fato, a coleta de dados, muitas vezes realizada em instituições como cartórios e arquivos, mas principalmente efetuada através de entrevistas e testemunhos. A designação das fontes de informação em genealogia passa pelo reconhecimento da suma importância das fontes pessoais, que conferem à atividade um caráter

essencialmente memorialista, passível dos efeitos das forças da lembrança e do esquecimento. Embora afirme que a temática já foi superada, Pollak (1992, p. 210) coloca que esse é um movimento de “reabilitar o subjetivo frente ao objetivo”.

É fato que a confirmação dos eventos ocorridos na história da família passa pelos registros documentais, contudo é essencial distanciar essa busca documental do caráter de validação absoluta dos fatos. Albuquerque Jr. comenta apropriadamente:

O historiador não pode tomar os documentos, as fontes históricas, como indícios de um real que pode ser desvendado, um real que estaria nas entrelinhas e seria reconstruído pelo historiador. Para ele, a fonte histórica é sempre um monumento, ou seja, uma construção também histórica e discursiva. Ela não é sinal de um acontecimento, como quer Ginzburg⁷, embora se remeta a um acontecimento que deve ser explicado. (2007, p. 103)

É bastante comum o pesquisador se dedicar a transcrever os registros documentais, como listas de embarque de passageiros em navios ou livros de batismo, e difundi-los na comunidade de pesquisadores ditos “genealogistas”. O que ocorre é que esta prática não está em conformidade com a metodologia foucaultiana, cinzenta e meticulosa. Parece-me, isso sim, mais uma estratégia historiográfica de coleta e armazenamento de dados – sem dúvida, vital para a pesquisa genealógica, mas ainda assim não genealógica na essência. Para não cortar de vez os vínculos, diria que se trata de coleta paleográfica de subsídios genealógicos, mas não de genealogia em si.

Nesta atividade, como já vimos, a coleta de documentos tem um viés claramente afim da História, na medida em que se apropria dos registros históricos para auxiliar na construção de painéis memorialistas, pintados principalmente pelas fontes pessoais e suas narrativas. Como Pollak (1992) afirma, não há oposição entre a história colhida oralmente e a história quantificada, mas sim um complemento. Um esclarecimento bastante importante a respeito da validade do uso destas fontes se dá no texto de Miriam Goldenberg (2005), em que a autora desconstrói o “mito” da falta de objetividade e qualidade destas fontes em prol da construção de uma ciência social ciente das peculiaridades de cada caso pesquisado.

⁷ O autor está referindo a obra “O Queijo e os Vermes”, de Carlo Ginzburg, um dos mais importantes estudos da chamada micro-história. O livro percorre a trajetória de um moleiro condenado pela Inquisição.

Assim, estabelecida a validade da fonte pessoal em genealogia, delimita-se com clareza o aspecto memorialista que permeia a atividade como um todo, em complemento à atividade historiográfica que é importante para o mapeamento da história do indivíduo, mas com certeza não é a sua essência. Ou seja, a pesquisa genealógica se encontra atualmente na fronteira entre a memória e a história, se beneficiando e contribuindo para o desenvolvimento de ambas. Talvez a genealogia seja o caso mais feliz de interseção das duas áreas: se, por um lado, é objetiva e documental, por outro também, é subjetiva, afetiva e mística, mágica, volúvel, sentimental. No dizer de Albuquerque Jr. (2007, p. 175), “a História genealógica articula corpo e acontecimento, corpo e linguagem, mostrando as marcas e as ruínas que o tempo produz em nossas carnes e nas imagens que temos de nós mesmos.”

Com tudo isso posto, poder-se-ia dizer, resumidamente, que consideramos a genealogia como uma estratégia inserida no campo das metodologias, e que em nosso caso serve não só para a reconstrução da história de uma família, mas para a compreensão do indivíduo de si mesmo e da história do seu grupo social – e, em última instância, de sua identidade.

3.5 GERMANIDADE

“É próprio dos alemães nunca deixar de se perguntar ‘o que é alemão?’” (NIETZSCHE, 2005, p. 136)

Tendo em vista que nosso objetivo neste trabalho não é o de se posicionar diante de uma germanidade já consolidada, e sim o de compreender qual é o entendimento dos entrevistados acerca do que seria germanidade e de que modo eles se colocam diante dessa concepção, faz-se necessário esclarecer aqui algumas bases teóricas para nortear o que estamos buscando perceber nas entrevistas.

A discussão acerca do que seria um genuíno “espírito alemão” não é tão jovem assim. Em pleno século XIX, Nietzsche, talvez o mais ácido crítico de seu tempo, já falava a respeito da sua própria condição de alemão. Num dos capítulos da obra “Além do Bem e do Mal”, Nietzsche discorre sobre povos e pátrias, dando

evidente destaque às considerações sobre os alemães. Para ele, o espírito alemão é caracteristicamente profundo e múltiplo, imbuído de pouco gosto e muita honestidade – não que para ele isso seja algo positivo; ao contrário, o autor chega a correlacionar honestidade com uma certa pachorra intrínseca ao alemão.

A preocupação em discorrer sobre o alemão, criticando um espírito germânico, vem à tona em diversos momentos da produção nietzschiana. Em “Crepúsculo dos Ídolos” (2006), o autor retorna ao estilo ácido escrevendo sobre “O que falta aos alemães”. Tais escritos entram em consonância com uma tendência de pensamento identificada por Marton (2006, p. 16-17) como característica do século XIX:

[. . .] o romantismo procura substituir o humanismo universal, em voga no século anterior, pela noção de nacionalidade. Essa idéia deixa de ter caráter puramente cultural, ela passa a remeter a um conjunto de indivíduos ligados pelas mesmas origens, costumes, crenças e tradições. Diz respeito às nações que existem historicamente e também, às que poderão vir a existir. [. . .] As idéias românticas popularizam-se; ganha força a noção de *Volkstum*, a germanicidade que comungam os indivíduos da mesma raça e da mesma língua.

Contudo, algumas décadas depois, o pensamento de Nietzsche foi distorcido – e muito – em prol de um movimento de supervalorização de um tipo germânico, supostamente superior ao resto da humanidade, em detrimento de outros povos como o judeu. Não será sobre isto que falaremos aqui. Estamos, de fato, buscando uma “idéia de alemão” que perpassasse os esquemas de conhecimento dos descendentes de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul e a essa idéia chamaremos germanidade.

Estamos tomando emprestado o termo “idéia de alemão” da construção empreendida por Pinho (1998) num texto em que ele discorre sobre uma “idéia de Bahia”. Para ele, esta idéia se constitui num “objeto cultural multifacetado”, baseado em representações populares, e composto de

(a) o "sentimento" de diferença que baianos têm em relação ao resto do país e do mundo; (b) que este "sentimento" é constituído a partir de narrativas específicas; (c) que estas narrativas condensam conteúdos particulares; (d) que estes conteúdos são ideológicos, no sentido interpretativista apresentado acima; (e) que esta ideologia é tanto a base para a construção de um consenso político com vistas à dominação, como a base para a reprodução de uma multiplicidade

de bens simbólicos, negociados no mercado internacional de cultura.

Discordo do autor no que tange à dominação que ele aqui expressa para fins de construção do nosso conceito de germanidade. Ressalte-se que esta citação trata exclusivamente da construção da idéia de Bahia do autor e a usei apenas para ilustrar como essa idéia se moldou, estendendo essa mecânica à construção de uma idéia de alemão que aqui denomino germanidade. No caso específico aqui apontado, não estamos buscando nenhum sentido de dominação ideológica no conceito de germanidade. Compreendemos que tal conceito, conforme aponta Seyferth (1988), está, sim, imbuído de aspectos ideológicos em sua época de maior evocação no Brasil, dado que se referia ao “perigo alemão” que rondava a campanha nacionalista do período Vargas, mas não é este traço que estamos buscando averiguar. Apenas saliento que a nossa idéia de alemão está permeada pelo sentimento de diferença dos descendentes de imigrantes em relação aos demais brasileiros – e mesmo em relação aos alemães. Tal sentimento é constituído, de fato, a partir de narrativas específicas, ocorridas principalmente dentro dos grupos familiares e que condensam conteúdos muito particulares, em especial da história dos imigrantes, recheadas de aspectos épicos e políticos em sua maioria. Verificaremos tais ocorrências nas análises das entrevistas, presentes no capítulo 4.

A literatura sobre o assunto se mostra um tanto dividida entre o uso dos termos “germanismo” e “germanidade”, já que ambos os termos servem como tradução para o vocábulo alemão *Deutschum*. Segundo Ferreira (2004), o sufixo “-idade” é “formador de substantivos a partir de adjetivos = ‘qualidade’; ‘caráter’, ‘atributo’; ‘o que é próprio de’, ‘modo de ser’; ‘estado’; ‘admiração’, ‘apeço’, ‘amor’”. Já o sufixo “-ismo” é “doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso”; [. . .] ‘peculiaridade de’; ‘ação, conduta, hábito, ou qualidade característica de’; ‘afecção’, ‘quadro mórbido’, ‘condição patológica (causada por)’; ‘conjunto das características comuns a certo povo, ou civilização’; ‘expressão, ou palavra própria de determinada língua, ou região, ou povo’”. Apesar destas definições, ressaltamos que mesmo o dicionário considera as duas formas – germanismo e germanidade – sinônimas, o que, na nossa interpretação, não procede.

Já para Houaiss, Villar e Franco (2001) a forma “germanidade” é o

mesmo que irmandade, ao passo que “germanismo” é um “idiotismo próprio da língua alemã”, além de “germanofilia” e “imitação de modos ou costumes alemães”. Etimologicamente, porém, a explicação retorna para uma aplicação lingüística do termo, dizendo que é “emprego de palavra ou de expressão própria da língua alemã”.

Gertz (1991, p. 32) utiliza “germanismo” para se referir a “[. . .] uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã” – embora, no decorrer de seu texto, os conceitos pareçam às vezes se confundir. Já Pinho (1998) adota o sufixo –idade para construir a sua “baianidade”. Assim, ao adotarmos a forma germanidade, estamos claramente fazendo uma escolha, tendo em vista que os conceitos ainda não são claros. Estamos, com isso, tentando fugir das conotações um pouco negativas que o sufixo –ismo por vezes traz. Por germanidade, portanto, estamos referindo as qualidades do alemão, aquilo que se atribui ao alemão e, especificamente em nosso caso, aquilo que o senso comum atribui ao alemão ou ao seu descendente.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2005, p. 47)

O que Hall coloca neste trecho é basicamente um movimento que perpassa toda a discussão identitária pós-moderna: a dessencialização das identidades, outrora vistas como se “impressas em nossos genes”. Na verdade, caminhamos para uma compreensão da identidade nacional a partir do conceito de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson: agora, a identidade nacional é também um discurso, calcado em histórias e mitos fundadores que permeiam a memória coletiva de uma nação. É também, em nosso caso, o resultado da conservação dos “bens culturais” de que fala Weber (1999, p. 175): ao perguntarmos sobre o que é germanidade, estamos perguntando sobre esses aspectos que Weber considera que amarram “a significação de ‘nação’ e que caracterizam, por sua peculiaridade, o modo de ser de determinada comunidade.

A partir das considerações que fizemos anteriormente a respeito das

identidades dos sujeitos pós-modernos, podemos inferir que a identidade que denota pertencimento geográfico é apenas uma das componentes de um sujeito, coexistindo com outras que dizem respeito a outros aspectos culturais. Afinal, se estamos numa época em que as questões espaço-temporais foram diminuídas pelas tecnologias, a aproximação dos indivíduos com culturas e hábitos distantes tornou-se muito mais fácil. Portanto, é de se esperar que, de algum modo, um indivíduo que se identifique como “gaúcho”, seja descendente de imigrantes alemães e tenha algum interesse nessa história familiar, venha a se interessar também pela cultura alemã, inclusive podendo manifestar algum tipo de identificação com ela. Seyferth (1988, p. 20) já antecipa esta multiplicidade de pertencimentos ao conceituar germanidade como “a afirmação constante do pertencimento da população teuto-brasileira à etnia/nação alemã e ao modo como isto deve ser expressado através da utilização da língua, dos costumes, da cultura e das instituições comunitárias de origem”. À manifestação de identificação com a identidade alemã no discurso de pessoas nascidas no Brasil e que é o nosso objeto de análise denominamos germanidade.

Acreditamos que, no momento em que o sujeito enuncia, por exemplo, “nós, os alemão”, mesmo sendo gaúcho, está promovendo uma manifestação genuína de construção identitária fomentada pela influência de seu meio e de sua família, principalmente. Com isso, o valor das fronteiras geográficas é relativizado; nesse momento, o que mais importa é a identificação com uma cultura que pode estar geográfica e temporalmente distante, mas ainda muito presente nos valores que o sujeito recebe, ou que diz receber, em sua formação.

3.6 O GAÚCHO

Já que tratamos aqui de identidades nacionais, também pode-se especular a respeito do impacto das dimensões continentais do Brasil sobre as identidades regionais. De uma maneira geral, pensamos sempre nos tipos regionais levando em conta estereótipos divulgados e reforçados pela mídia, tão difundidos que acabam entrando no imaginário coletivo. Assim, cariocas são malandros, paulistas são estressados, mineiros são calmos, baianos são preguiçosos e gaúchos tomam chimarrão e comem churrasco o tempo todo. Obviamente, tratamos aqui das

imagens regionais de maneira bastante simplista, com o intuito único de ilustrar as diversas caracterizações de vários povos unidos em torno de um gentílico só: brasileiro.

A identidade do gaúcho delinea-se para o resto do país sob a chancela de um movimento de contornos tradicionalistas, em cujo seio nasceu e se divulgam as imagens “oficiais” dos nascidos no Rio Grande do Sul. Interessante é notar que esta identidade, ainda hoje, remete ao homem do campo e passa ao largo da urbanização do Estado:

O modelo que é construído quando se fala em tradições gaúchas – qualquer que seja a perspectiva de quem as cultua – está sempre calcado no campo, mais especificamente na região da Campanha (localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul e fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai) e na figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza, como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado. (OLIVEN, 2006, p. 97)

Em se tratando especificamente do debate da identidade do gaúcho diante de um Brasil continental, destacam-se a obra do antropólogo Ruben Oliven⁸ e de Vitor Ramil, músico e escritor cuja produção, desde o final da década de 80, está permanentemente preocupada com as questões do que ele denomina “a estética do frio”. Para ele, o elemento diferencial do gaúcho, ou do rio-grandense, diante do Brasil tropical é o frio e todas as decorrências dessa especificidade climática⁹.

No Estado mais meridional do país, a influência das culturas trazidas pelos imigrantes alemães e italianos é muito grande, principalmente nas regiões serranas e médias, nas quais paulatinamente as levas de imigrantes se estabeleceram. A coexistência das culturas destes imigrantes e da cultura dita “local”, que se poderia dizer uma mistura de influências espanholas, portuguesas e índias, aponta que é possível que haja um conflito identitário permeando as relações de pertencimento de descendentes de imigrantes a essa cultura “gaúcha”.

Tendo em vista essa relativização do valor das fronteiras e o conseqüente deslizamento de identidades que daí decorre, penso que se faz

⁸ Em especial, OLIVEN, 2006.

⁹ A esse respeito, além do disco “Ramilonga: a estética do frio”, de 1997, ver RAMIL, Vitor. A Estética do Frio: conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep Livros, 2004.

necessário repensar o uso dos gentílicos como “gaúcho” ou “alemão”, já que eles acabam por verbalizar certas evidências de tensão do que representam em termos geográficos e culturais. Do mesmo modo, seria interessante refletir a respeito do esquema de conhecimento homogeneizado que se evoca ao falar em “gaúcho”. Como vimos, um gaúcho descendente de alemães não está necessariamente em conformidade com essa identidade cultural gaúcha disseminada externamente. É mais provável, inclusive, que ele se identifique mais com aspectos culturais europeus e alemães do que com os hábitos gaúchos, conforme veremos na análise dos dados, no capítulo a seguir.

Para utilizar tal conceito, estamos nos apropriando das perspectivas de Ruben Oliven, principalmente no livro “A Parte e o Todo”. Nesta obra, o autor delinea o gaúcho como sendo um tipo de origem essencialmente rural, com referências constantes a “[. . .] elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc.” (OLIVEN, 2006, p. 66).

Recapitulando, nas seções anteriores inserimos nosso projeto dentro de um contexto pós-moderno, de sujeitos com múltiplas identidades em constante construção a partir das interações mediadas pela linguagem. Amparados pelos postulados da Sociolingüística Interacional e da análise das narrativas, no próximo capítulo trataremos de compreender a memória da germanidade na análise de nossos dados, colhidos através de entrevistas conforme já citado.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Embora cada um dos entrevistados tenha suas peculiaridades, como era de se esperar, à primeira audição de suas entrevistas podemos agrupá-los em duas duplas: Bruno e André, os dois entrevistados cujas entrevistas duraram mais tempo, foram os que buscaram suas próprias genealogias. Apresentaram narrativas longas, enunciando reflexões prévias a respeito da germanidade e das questões levantadas na entrevista, com respostas pouco objetivas e, muitas vezes, trazendo narrativas permeadas de enquadres afetivos/sentimentais. Suas entrevistas duraram, respectivamente, uma hora e uma hora e meia. A análise das narrativas de Diego e Elisa, ao contrário, apontam para uma maior objetividade e criticidade nas entrevistas, que duraram bastante menos que as outras duas, em torno de trinta e cinco minutos cada uma.

Apesar destas diferenças de enquadre entre os entrevistados, todos citaram pontos em comum nas suas falas, com alinhamentos às vezes semelhantes, às vezes opostos; estas diferenças, em geral, podem ser associadas com as duplas que comentamos acima. A fim de explicitar os pontos mais relevantes levantados nas entrevistas e estabelecer um entendimento comum sobre o que há de mais importante na compreensão da germanidade para os entrevistados, selecionamos algumas temáticas de maior relevância para análise a seguir.

De um modo geral, todas as temáticas selecionadas fazem parte do que se pode considerar patrimônio cultural imaterial – aquele saber “contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo”, bem como “a filosofia, os valores e formas de pensar refletidos nas línguas, tradições orais e diversas manifestações culturais”, constitutivos da identidade de uma comunidade¹.

Assim, para melhor organizar as temáticas escolhidas, optamos por agrupá-las tendo em vista que algumas foram descritas nas entrevistas como “perdidas” ou “se perdendo” através das gerações, e outras, em contrapartida, foram reportadas pelos entrevistados como sendo mantidas mesmo na sua geração. Nas

¹ UNESCO Brasil. Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em: <http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonioimaterial/patrimaterial/mostra_documento>. Acesso em: 25 ago. 2007.

seções seguintes, veremos de que modo os entrevistados se manifestaram discursivamente a respeito de categorias tais como trabalho, religião, a herança germânica e o esquema de conhecimento mais comum sobre o que é ser alemão.

Lembrando a metodologia de seleção dos dados que já descrevemos no capítulo 2, as temáticas que estão aqui representadas são as que foram mais recorrentes no conjunto das quatro entrevistas cujos áudios foram transcritos na íntegra. Os excertos destacados nesta seção sofreram uma transcrição mais apurada para aqui constarem de modo mais fiel possível ao ocorrido na situação da entrevista. Adotamos como convenções na transcrição destes trechos os seguintes sinais: – (travessão) para indicar interrupção da fala; “” (aspas duplas) para indicar fala reportada; [] (colchetes) para indicar comentário; [...] (colchetes com reticências) para indicar supressão e ____ (sublinha) para indicar ênfase na fala.

4.1 “[...] DIZEM QUE O ALEMÃO AH... É MUITO TURRÃO... O ALEMÃO É MUITO CABEÇA DURA...”: ESQUEMAS DE CONHECIMENTO SOBRE O QUE É SER ALEMÃO

Foi ao falar sobre os seus pontos de vista sobre o que é ser alemão que os entrevistados manifestaram de maneira mais uniforme um esquema de conhecimento compartilhado. De uma maneira geral, todos evocaram características como austeridade, organização, esforço, seriedade e método para falar sobre o que consideram “ser alemão” - com algumas diferenças de alinhamento. Pode-se dizer que os entrevistados fazem eco às colocações dos entrevistados de Schneider (2004, p. 113), que associam o “alemão típico” a “atributos que se ancoram em traços do caráter individual ou em atitudes vagamente coletivas, tais como pontualidade, disciplina, diligência, meticulosidade”.

Elisa é a única que relativiza esses conceitos, ampliando a tendência ao esforço pessoal como própria não só de alemães, mas de imigrantes em geral:

Elisa: A maioria de... todos os imigrantes assim, famílias que eu conheço, assim... moravam no campo, muito pobres, muito humildes, tiveram seus filhos, fizeram de tudo para os filhos estudarem... [...] e eu acho isso... que é uma luta, assim, não sei se é... se é, é de imigrante em geral, acho que no Estado do Rio Grande do Sul tem muito essa... essa cultura e eu acho isso muito legal, muito importante, assim, dar uma... uma base de construção que não vem do nada, entendeu, a

gente tem essa coisa de ir galgando as coisas de... pelo esforço, pelo trabalho, pelo estudo... sei lá.

Note-se que além de estender a “luta” para os “imigrantes em geral”, Elisa vai além, sugerindo um alinhamento desta postura lutadora com o fato de serem gaúchos. Já nesta fala se reflete seu conhecimento da sua genealogia: ao reportar aos imigrantes características de esforço e de trabalho, Elisa está relatando que a noção do passado a conscientizou do processo de formação da sua comunidade. Ao citar o “esforço” e o “trabalho” como integrantes de uma cultura dita típica de imigrantes, Elisa chama a atenção para estas duas temáticas, de tanta recorrência nas falas dos entrevistados, que serão vistas com mais profundidade a seguir. Em outro trecho, Elisa incorre na afirmativa sobre o que “é” ser alemão para responder ao que “não é”, desfiando uma série de adjetivos como “festivo”, “metódico”, “econômico” e “organizado” para tal caracterização:

Elisa: O que que não é ser alemão? [pausa 4s] Alemão sempre tá associado com uma coisa mais rígida, mais... né... nem é-na verdade não é tanto, né, é um povo muito festivo, muito, né, tem aquelas festas, bebedeira, não sei o que, comida... na verdade são povos festivos também, mas a gente sempre tem aquela... a imagem, não sei daonde que vem, se a gente... se a gente vem criada com essa cultura... não sei, mas assim aquela... “Ah, que alemão é meio metódico”, meio, é... econômico, assim, é... é... como é que é... organizado, não sei o que, aquela coisa toda de alemão que a gente tem e vem não sei daonde essa... visão.

A construção de sentido desse trecho se dá através de um jogo interessante de contraposição entre o que Elisa julga ser o senso comum e a verdade sobre o que é ser alemão. Ao dizer que alemão “sempre tá associado com uma coisa mais rígida” e depois adicionar que “na verdade não é tanto”, “não sei daonde que vem, se a gente... se a gente vem criada com essa cultura”, Elisa está colocando o senso comum, ou o que julga ser o senso comum, em confronto com o que ela entende por ser a verdadeira germanidade, que “tem aquelas festas, bebedeira, não sei o que, comida...”. Além disso, é interessante reparar o uso dos qualificadores “mais (rígida)” e “muito (festivo)” em contraste com “meio (metódico, econômico, organizado)”, que podem estar representando aqui a importância que Elisa dá a estas ou aquelas características ditas alemãs.

André é, talvez, o mais prolixo dos entrevistados ao falar sobre o que julga ser alemão. Ele retoma a temática em diversos trechos de sua fala, associando as características ditas germânicas a vários temas. Por exemplo, ao falar sobre sua

motivação para buscar sua genealogia, ele salienta primeiramente uma suposta superioridade alemã:

André: Comecei a estudar, sei lá, a Alemanha sempre interessou como... a fonte, de onde a gente veio, hã, alguém que é superior, alguém que tem qualidade [...]

De acordo com as perspectivas teóricas que adotamos para esta análise, desenvolvidas no cap. 3, podemos considerar essa noção de superioridade alemã como um esquema de conhecimento a respeito do alemão compartilhado e avalizado até mesmo pelo governo brasileiro. O próprio presidente Getúlio Vargas, em discurso à cúpula militar brasileira proferido em 1940, mesmo sem fazer referência direta aos alemães, tece elogios às “nações fortes que se impõem pela organização baseada no sentimento da Pátria e sustentando-se pela convicção da própria superioridade.”² André vai retomar a temática da superioridade ao falar sobre o que considera ser alemão, e comentaremos a seguir. Em outro trecho, ele relata que uma das características que reconhece como sendo alemãs foi, na verdade, aprendida com o pai:

André: Uma vez... o alemão... eu sempre vi isso do pai, o pai dizia que a gente tem que ser muito observador, né. Eu vejo que é mais desconfiança que observação, né. Primeiro ele tá desconfiado. Até deixar entrar alguém na sua casa, né, e depois te oferecer um monte de cuca e café...

Posteriormente, André cria um longo argumento para responder diretamente à pergunta “o que é ser alemão”. Em sua longa resposta, recheada de diversas observações sobre o tema, ele sugere que já engendrou uma grande reflexão a respeito – embora, primeiramente, se alinhe como leigo no que refere à questão. Para tanto, ele diz que está emitindo “uma opinião” e não “uma definição”, deixando o encargo de definir para “teóricos da área”:

Luciana: [riso] Olha só, a gente falou várias-ah, a “escola de alemão”, “não sei o que do alemão”... O que que é ser alemão?

André: [pausa, limpa a garganta] Bom, é uma opinião, não é uma definição, acho que quem define é... teóricos da área, mas na minha opinião ser alemão, um: é se preocupar com... cultura. É ter um traço cultural. Hã... dois: é ser sério nas coisas que faz. Eu não vou-eu não vou enumerar porque eu não sei até onde eu vou.

² Este discurso está citado em MÜLLER, Angélica. Alunos Fora do Eixo. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, p. 19, maio 2007.

Luciana: Ahã. [riso]

André: Né? Hã... já vou-já vou botar logo uma coisa que eu não posso esquecer: é ser mal humorado.

Luciana: [riso] Certo.

André: Porque o humor ale-a seriedade alemã é confundida com mau humor, né. A sisudez com que tu trata as coisas é confundida com mau humor, e muitas vezes é, mas muitas vezes em seguida isso se... se transforma e... e já não é mais. Mas é-é ter muita-é ser crítico ao que tão te apresentando, é... é propor alguma coisa diferente pro que tu enxerga, é ter visão, [...] é ser uma pessoa extremamente incomodada com as coisas que não funcionam direito, então eu acho que... parte das doenças dos alemães que vem pro Brasil vem daí, é desse-é dessa ina-inadaptação a... ao nosso-aio “jeitinho” daqui, porque... ahm... as coisas não funcionam direito, definitivamente. É ter iniciativa, é não... é... é não esperar, é não esperar que faça, [...] o alemão tem que-o alemão é, ou a visão que eu tenho, ele-é um planejador, ele não faz uma... ele não faz uma coisa... pensando no hoje, ele sabe que isso vai gerar conseqüências, seja pra outras pessoas embora seja difícil de medir, mas é da-que vai há... [...] é um-é um ser extremamente... há... não-é, não previsível, mas previdente, né, e sempre, ele planeja, ahm, muitas vezes ele é frio nisso, porque ele planeja, porque ele-ele enxerga de certa forma que a coisa vai-pode mudar, né, e se mudar ele tem que estar preparado. [...] O alemão não gosta, de forma alguma, de dizer “não sei”. “Se me perguntarem tal coisa, eu tenho que ter uma resposta pra isso”, né, então o alemão é um ser que, possivelmente ele trabalha muito mais que outros porque ele tem que estudar e tem que trabalhar muito mais porque ele não quer ter que dar uma resposta que ele não quer. [...] Então ele é uma pessoa... à frente. Tudo isso que a gente traz de casa, imagino que seja do alemão, porque é isso que nos é passado, que é importante a gente... não ser... é... melhor que os outros, não ser perfeito, mas é importante a gente... ah... ser mais qualificado porque a gente pode ser melhor, e o fato de poder ser melhor e não querer ser é um desgosto e é um... e é quase que uma ofensa. Tu-tu-tu saber que tem condições e tu não fazer nada por isso. Então, muitas vezes falam “ah, tu tem um ar superior”. Um simples comportamento melhor, uma postura melhor que, que ahn... a pessoa possa ter pode ser confundida com um ar superior e não é. Simplesmente é uma maneira de querer ser correto, querer ser justo, e não é a justeza-não é a justiça de cada um, é querer ser justo mesmo porque, me explica direito as coisas que eu quero entender. Só assim eu vou aceitar. Né? Me convence, primeiro. [...]

É no uso repetido do verbo ser na forma “é” que André sugere estar inteiramente convencido da veracidade de suas opiniões: embora apresentando diversos pontos de vista sobre o que considera ser germanidade, todos eles têm o mesmo valor na composição do que André considera ser tipicamente alemão. Ao mesmo tempo em que desfia um rosário de características com as quais se identifica (“a sisudez com que tu trata as coisas”, “propor alguma coisa diferente por que tu enxerga”, etc), chegando a reportar uma fala em primeira pessoa (“se me perguntarem tal coisa, eu tenho que ter uma resposta pra isso”), André se desalinha com determinadas características que julga serem brasileiras (“inadaptação ao jeitinho daqui”). Nesse trecho, inclusive, André desliza entre se identificar como

brasileiro e alemão: primeiramente ele coloca o “jeitinho” como “nosso”, para depois atribuí-lo ao Brasil, trocando a locução para “o jeitinho daqui”. Em seguida, ele critica a postura brasileira, da qual já se desalinhou, comentando que “as coisas não funcionam direito, definitivamente”.

Neste trecho André voltou a citar a superioridade como característica germânica, muito embora desta vez ele desnaturalize a superioridade associando-a com o esforço em ser melhor (“uma postura melhor que a pessoa possa ter pode ser confundida com um ar superior e não é. Simplesmente é uma maneira de querer ser correto”). Esta é a segunda ocasião no mesmo trecho em que André fala a respeito da má interpretação que o senso comum promove em torno das características alemãs. Aqui, como já vimos, ele comenta que o esforço do alemão em ser melhor é confundido com superioridade; no início do trecho, ele fala que a seriedade e a sisudez alemãs são confundidas com mau humor. Para construir esse argumento, inclusive, ele contrapõe claramente sua opinião e o senso comum: primeiro ele fala que ser alemão “é ser sério nas coisas que faz” e em seguida fala que “é ser mal-humorado”, para então elaborar o contraponto entre uma postura e outra, estabelecendo a relação de confusão que se faz entre a seriedade e a sisudez com o mau humor dito típico dos alemães – e ele mesmo se permite colocar que “muitas vezes” trata-se de mau humor mesmo, num deslizamento típico das identidades que estamos aqui visualizando em plena dinâmica.

É curioso o jogo de alinhamentos que André estabelece em sua fala. Primeiramente, percebe-se o esforço que ele faz em tentar explicitar seu ponto de vista sobre a germanidade de um local neutro, falando sobre o alemão em terceira pessoa, colocando que “ele é um ser” com estas ou aquelas características. Em seguida, ele desliza para uma segunda pessoa, o que já torna sua fala mais pessoal; e por último, sua fala reportada em primeira pessoa (como, por exemplo, em “me convence, primeiro”) faz dele um narrador totalmente alinhado com as questões que trouxe à luz em sua fala.

Diferentemente de André, Diego se mostra em plena elaboração de seus conceitos. É interessante notar em sua fala o caráter processual de sua reflexão, dado pelo uso dos verbos no gerúndio (como por exemplo “vai vendo” ou “vai se entendendo”) denotando que a ação – no caso, a reflexão a respeito da germanidade - está ocorrendo no momento da fala. No caso específico do trecho a seguir, ele fala sobre como é lidar com o fato de saber que é descendente de

alemães e, ao mesmo tempo, comenta a respeito de como se identifica com características aos alemães atribuídas:

Diego: [...] Mas é uma... é... é uma coisa que a gente vai... há... vai vendo que a gente tem essas características mesmo de... que o alemão... como dizem que o alemão ah... é muito turrão... o alemão é muito cabeça dura... e a gente vai se enxergando nessas coisas. Tu vai se... vai se entendendo nesse tipo de coisa, também. Até, talvez provavelmente até uma coisa meio genética, cultural propriamente né, mas que vai, que através disso. [...]

Diego tem uma peculiaridade biográfica que o diferencia dos demais entrevistados: é o único que tem filhos. Na entrevista, ao falar sobre valores ditos germânicos, a pergunta queria explicitar aspectos positivos da cultura alemã:

Luciana: E... quais desses valores que a gente tá falando aqui que são alemães que tu tenta transmitir pro teu filho?

Diego: [pausa] Valores alemães? Não sei se são bons ou são ruins [riso]... mas ah... ahn, acho que tem as duas coisas... o... [pausa] acho que assim, a questão de... de retidão, o alemão tem muito a questão de caráter, de... de... é... há... verdadeiro, acho que isso é uma coisa importante... há... por outro lado, a velha questão da persistência versus teimosia, né, que na verdade é a mesma coisa, e que isso não adianta nem transmitir, porque eu acho que isso-eu tô começando a desconfiar que isso vem no sangue mesmo,

Luciana: [riso]

Diego: isso é genético mesmo, né, mas de qualquer forma, acho que também é uma questão importante, né, e... quer dizer, na verdade isso vai desencadeando, né, numa série de outras coisas que vêm em função, que vem em função disso, né. Acho que... caráter, né... retidão... ser correta... né, a própria questão de persistência, de buscar, né... acho que uma questão um pouco de orgulho, que é outra coisa que... de repente até teria que abandonar um pouco mas também faz parte... mas a gente acaba meio consciente ou inconscientemente passando também, que é uma questão de, de... que o alemão tem muito forte também... o orgulho, às vezes a... a parte menos boa do orgulho que é aquela, né, sentimento de [transcrição difícil], muito de... mas isso também, isso acaba passando, quer seja consciente ou inconscientemente.

Diego relativiza o aspecto bom ou ruim dos valores alemães que, ele reconhece, são transmitidos “consciente ou inconscientemente”. Em toda a sua fala, aparece pontuada uma avaliação dialética dos valores que ele cita: “persistência versus teimosia” é o exemplo mais visível disso. Se por um lado ele enxerga que ser persistente pode ser um valor, por outro ser teimoso – que é, para ele, quase a mesma coisa – é um contra-valor. Do mesmo modo, ao falar sobre o orgulho, ele relativiza o quão bom é ser orgulhoso de suas raízes em oposição a uma negatividade que pode estar entranhada nesse sentimento. Interessante notar que

na maior parte do tempo sua concepção de transmissão de caracteres é expressa através da genética (“isso é genético mesmo”), do sangue, embora ele reconheça que existe uma transmissão, mesmo que inconsciente, que se pode atribuir a convivência.

É, contudo, através da interpretação e análise de um conjunto de pistas de contextualização que se pode perceber o quão vaga é a postura de Diego com relação à germanidade. As diversas pausas e suas hesitações ao longo do trecho podem indicar que, como já comentamos, ele está em pleno processo de reflexão sobre o tema e não se sentiria em condições de colocar-se mais assertivamente em sua fala. Ao falar que os valores são “uma questão importante” que “desencadeia uma série de coisas”, ele repete valores que já tinha citado, sem acrescentar nada de novo: fala novamente em caráter, desta vez usando outros termos correlatos para indicar a positividade do caráter como “retidão” e “ser correta” - no entanto, sua fala continua inespecífica e não traz novos elementos que contribuam para uma definição do que ele considera como valores definitivos a se transmitir.

Retomando a análise sugerida no início da seção, poderíamos consolidar o discurso dos entrevistados a respeito do que é ser alemão em torno de termos como “rigidez”, “cultura”, “organização”, “seriedade”, “esforço”. Mesmo Elisa, que ao longo de suas narrativas oscila entre a aceitação e a negação das suas heranças germânicas, nomeia alguns traços como sendo tipicamente alemães e discorre sobre eles, aproximando a germanidade de uma gauchidade (ao afirmar que a característica de luta e de trabalho dos imigrantes está presente no Estado do Rio Grande do Sul inteiro). Talvez essa seja uma estratégia discursiva: ao aproximar germanidade e gauchidade através de um traço dito comum – a persistência e da disposição para o trabalho –, ela se reconhece como herdeira de uma característica sem, contudo, admiti-la como germânica, o que suaviza o “peso” dessa herança. A esse respeito, analisaremos suas narrativas mais adiante, depois de analisarmos as duas características ditas alemãs de maior evocação nas entrevistas: a força e a vocação para o trabalho.

4.1.1 “Me dá força saber que eu tenho sangue europeu na veia”: força e garra como herança ancestral

Dentre as temáticas recorrentes nas entrevistas, está também uma evocação da força e da garra como características pertinentes a uma herança germânica. Embora nem todos os entrevistados falem do tema especificamente, todos os quatro tangenciam ou aprofundam a questão, que aparece principalmente nas narrativas de Bruno e André. Os dois entrevistados que fizeram suas próprias genealogias se utilizam de recursos narrativos que expressam bem como se vêem herdeiros de uma força ancestral. Como no exemplo de Bruno, ao comentar se sente-se alemão:

Bruno: [...] Mas... Mas eu acho que me dá bastante força. Eu... é... Me dá, me dá força saber que eu tenho sangue europeu na veia, e faz eu meio que guentar essas agruras todas da vida, entendeu? De vir lutando, sozinho, sem infra-estrutura, entendeu, é isso, assim, de rolar pedra acima e dizer tu tem, entendeu, sabe? “tu tem sangue europeu na veia”. Tem essa coisa, assim, sabe, isso com certeza tem.

Neste trecho, Bruno atribui ao “sangue europeu” – uma característica genética e ancestral – a força que ele possui para superar as adversidades. O conjunto de pistas de contextualização empregado permite-lhe alinhar-se discursivamente como um lutador solitário, capaz de superar todos os obstáculos (“guentar essas agruras todas da vida”, “rolar pedra acima”) e sublinha, portanto, sua força e garra, tom que perpassa grande parte da sua entrevista. A associação da força e da garra com o sangue aparece também em postulados como os de Handelman (1931, apud SEYFERTH, 1988, p. 30³), que fala a respeito da “pertinácia da raça alemã como imigrantes que mantém seus costumes”, raça esta que seria “[...] forte em número e em energia interior, não é daquelas que facilmente se deixam absorver e assimilar [...]”.

Em outras narrativas, o tom dos entrevistados atinge um grau quase épico para demonstrar sua valentia diante das “agruras todas da vida”, como disse Bruno. Ele mesmo, em outro trecho da entrevista, conta a respeito de sua infância vivida na roça:

Bruno: Então dia de chuva, por exemplo, eu pegava minhas roupas, botava numa sacola. E... ia de calção pra não molhar, entendeu? E ia pra aula, eu não queria nem saber, não queria nem saber. Eu queria ir pra aula. Não sei se queria fugir da roça ou sei lá o que, eu queria ir pra aula. E aí a mãe ficava louca, eu saía

³ HANDELMANN, H. História do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931. p. 994. Apud SEYFERTH, 1988, p. 30.

quatro horas da manhã. Quatro e vinte, quatro e meia levantava pra chegar a tempo. E é só lomba, lomba, pra... Metade do tempo lomba metade do tempo descida, é um morro, tu sobe todo ele grande, uma hora e meia pra subir, porque é lomba, tem uma serra, aí depois chega no cume e desce. E aí depois tem o outro lado. Pra voltar do colégio a mesma coisa, vem meio que empurrando a bicicleta, chega naquela parte e desce morro, vai embora. Então era essa a vida. Então por isso o pessoal me chamava meio de louco, assim. Tem um pouco de garra nisso. Tem um pouco de... de fuga também, eu acho. De não guentar muito aquela vida, eu achava muito bruta aquela vida e tal.

Em diversos trechos desta narrativa, Bruno adota a estratégia da *repetição* de certas expressões para salientar seus pontos de vista – o que, nas palavras de Tannen (1994, p. 87), é uma “[. . .] estratégia lingüística fundamental, bastante difundida e infinitamente útil”.⁴ A estratégia de repetição cria, no discurso oral, intenso envolvimento conversacional, além de dar ritmo à narração. Inicialmente, vemos o uso dessa estratégia para salientar sua determinação em ir para a aula, repetindo que “não queria nem saber” e que “queria ir pra aula”. Por esta via, alinha-se como alguém que, a despeito de sua tenra idade, já demonstrava planejamento (por exemplo, levando o “calção pra não molhar”).

Bruno revela-se aqui um exímio narrador. A avaliação da narrativa – ou seja, o ponto, o porquê de contá-la, e a sua determinação desde criança – é lentamente elaborada através da utilização de uma série de recursos imagéticos que possibilitam ao ouvinte/leitor recriar as cenas narradas. Seu esforço, por vezes físico (“subir lomba”, “descer lomba”, “empurrar bicicleta”), é minuciosamente enunciado via detalhes sobre o terreno (“sobe morro/desce morro”), sobre o tempo despendido desde o despertar (“quatro e vinte, quatro e meia da manhã”), até o trajeto de volta para casa (“pra voltar do colégio a mesma coisa”).

André narra um episódio num tom épico bastante semelhante, só que contando a respeito do avô, com quem tem uma forte identificação:

André: [Ele] Passou muita dificuldade, a ponto de quase não se sustentar sozinho, e os filhos já... crescendo, já tavam ajudando o pai. Houve na-houve na cidade, a... senhora lá me contou, a minha tia-avó, me contou que houve na cidade um... um grupo que viu, tavam, de alemães também, que ele tava passando dificuldade e ajudaram, ajudaram, botaram umas coisas na casa e ajudaram de certa forma, e assim ele conseguiu se manter. E as crianças foram crescendo trabalhando, e foram se... tomando, tomando rumo, e tomando força e foram... e se viraram sozinhos. O que não deve ter sido fácil, né. Não deve ter sido...

⁴ No original: “[. . .] repetition is a fundamental, pervasive, and infinitely useful linguistic strategy”.

A repetição da palavra “dificuldade” é uma das pistas que indica o caráter épico que André imprime a esta narrativa. Completam o tom dramático da situação pelo menos duas avaliações que conferem a noção exata do esforço empreendido pela família na criação dos filhos: “a ponto de quase não se sustentar sozinho” e “o que não deve ter sido fácil”. A primeira, inserida na narrativa a fim de explicar a situação em que o avô se encontrava, dá o tom crítico da dificuldade que a família vinha passando. A segunda, uma avaliação da narrativa recém concluída, sugere um alinhamento de admiração que ele sente pela luta que o avô empreendeu, ajudado por este grupo de alemães, para criar seus filhos que, por fim, “se viraram sozinhos”.

Ao falar sobre a história de sua família em tons épicos, André está de certo modo corroborando a história de dificuldades dos imigrantes alemães, em especial na época das guerras que teve implicações mesmo nos descendentes longe da Alemanha. Sua narrativa contribui não só para validar e reconhecer o esforço da família em se manter, como colabora para manter viva a memória do grupo de descendentes alemães como sobreviventes duma história permeada de episódios trágicos. Elisa é quem vai tratar de modo mais explícito dessa memória da guerra e do nazismo, em particular na sua própria aceitação da germanidade. Veremos suas colocações a respeito na seção 4.3, em que trataremos da questão do pertencimento geográfico.

4.1.2 “O... trabalho é uma questão muito cultural do alemão”: a cultura do trabalho na perspectiva dos descendentes

Além da força e garra atribuídas ao alemão, aparece nas narrativas dos entrevistados uma valorização do trabalho, por vezes reconhecida como excessiva, que tangencia a questão da força tratada no tópico anterior. André narra um episódio onde o apreço pelo trabalho acaba sendo determinante para as relações pessoais em sua família, contando como o fato de a avó ser “trabalhadeira” despertou o interesse do avô ao se conhecerem:

André: E... se co-se conheceram no hotel, ele era... ele era hóspede e... e se enamoraram e... ele-a minha vó diz que é, é-ele gostou dela-gostou muito dela porque ela era muito trabalhadeira, né, e meu avô... admirava muito isso, a pessoa que não, que não media assim, que tinha que trabalhar. Que sem trabalhar não ia conseguir nada. Porque o que eu-o que eu vejo na minha família é que nunca se teve nada fácil, pelo menos, nunca se teve, né. Tudo que se tinha era porque tu trabalhava e fazia alguma coisa, né.

Tanto neste trecho como no seguinte, André narra com clareza o valor positivo que a disposição para o trabalho tinha na concepção do avô, a ponto de escolher a parceira “porque ela era muito trabalhadeira”, não media esforços para trabalhar e, portanto, era digna de admiração. No trecho a seguir, ele demonstra preocupação com o apreço do avô à idéia de que o trabalho engrandece o homem, agora falando a respeito do próprio avô como um sujeito trabalhador. A ênfase dada pela repetição da palavra “tanto” denota que o exagero da dedicação ao trabalho não passou despercebido:

André: Mas, hã... ele trabalhava tanto, mas tanto, tanto, tanto, que ele vinha periodicamente pra Porto Alegre... a... cada tantos meses ele vinha pra Porto Alegre preocupado com a saúde, que ele tinha que ter a saúde em dia pra poder continuar trabalhando.

É também no uso de expressões que denotam obrigatoriedade e seriedade como “preocupado”, “tinha de ter” e “poder continuar trabalhando” que André mostra o quanto a devoção ao trabalho passou sutilmente de algo admirável para uma característica preocupante, pelo menos no perfil do avô. Mesmo assim, em nenhum momento a conduta dele parece ser condenável, do ponto de vista que André expressa em sua fala.

Diego é talvez o narrador menos prolixo em suas histórias, respondendo geralmente com falas curtas e muitas pausas, que podem indicar uma grande incerteza sobre o que dizer. Ele foi o único entrevistado a retomar a entrevista na fase do luto – ou seja, depois do encerramento “oficial”, quando as perguntas do roteiro já foram esgotadas (GASKELL, 2000). Depois de encerrada a entrevista, ele continuou falando a respeito de algumas temáticas da germanidade e assinalou que esqueceu de comentar a respeito do que considera o mais marcante traço da cultura alemã: a disposição para o trabalho. E a compara com a cultura japonesa do pós-guerra:

Diego: Né, muito mais até do que alimentação, do que... do que as outras coisas ditas alemãs. Hã... porque... o... o... o... trabalho é uma questão muito cultural do alemão. O alemão tem essa questão entranhada na cultura, a cultura do trabalho. Hã... E aí eu faço essa comparação entre o... o alemão e o japonês. Que embora sendo culturas muito diferentes, mas elas estão baseadas em cima do mesmo tipo de pilar, né, da... da... do trabalho... de que... hã... a pessoa tem que ser útil, da questão comunitária... da questão-embora os japoneses eles sejam, eles tenham uma coisa mais cega, uma coisa mais... histórica, né, e o alemão ele tem uma coisa mais cultural, né, [...] então isso é uma questão muito forte, a questão da comunidade e do trabalho, né, e acho que isso é uma coisa que continua existindo ainda na Alemanha de hoje, né, acredito que de repente tenha se esvaído um pouco, mas essa questão de trabalho continua existindo.

É interessante reparar que, embora Diego coloque em sua fala que a principal questão ligada ao alemão é o trabalho, ele só fala explicitamente a respeito quando a entrevista já está terminada, tratando o trabalho de forma implícita durante o resto do depoimento, nas práticas de persistência e teimosia, nos hábitos e na história da família, já que o trabalho foi responsável pela temporada que a família passou na Alemanha:

Diego: [...] ele [o pai] tinha feito o pedido de uma bolsa trabalho, então ele foi pra Alemanha, como agrônomo, como se fosse um... uma... um... não sei categorizar se foi uma pós-graduação, alguma coisa assim, mas como se fosse uma... um... depois da graduação, um período de trabalho, uma bolsa de trabalho, um estágio profissional, ele tava lá com bolsa trabalho, fornecida pelo DAAD⁵ [...]

No trecho anterior, ao falar sobre “as outras coisas ditas alemãs”, ele reconhece a existência de diversos outros traços culturais que podem ser atribuídos ao tipo germânico, sem explicitá-los ao longo de sua entrevista: para ele, a questão do trabalho é basilar, é um “pilar”. Curioso é ver que há, para ele, uma “questão comunitária” entranhada no apreço ao trabalho, pelo menos na cultura alemã. Literalmente, Diego associa a “comunidade” ao “trabalho”, ressaltando a diferença deste ponto de vista para a percepção que ele julga ser a japonesa, para ele mais ligada a aspectos históricos e mais “cega”. Embora ele conclua sua fala dizendo que talvez “tenha se esvaído um pouco” a percepção do trabalho como um valor comunitário, que coloca a pessoa como ser útil em sua comunidade, ele acrescenta que crê que esse julgamento positivo continue existindo.

⁵ Deutsche Akademische Austauschdienst: Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico.

Do mesmo modo, para Elisa o trabalho é um dos traços culturais que caracterizam não só a germanidade como a cultura gaúcha de maneira geral, conforme trecho que já comentamos:

Elisa: A maioria de... todos os imigrantes assim, famílias que eu conheço, assim... moravam no campo, muito pobres, muito humildes, tiveram seus filhos, fizeram de tudo para os filhos estudarem... [...] e eu acho isso... que é uma luta, assim, não sei se é... se é, é de imigrante em geral, acho que no Estado do Rio Grande do Sul tem muito essa... essa cultura e eu acho isso muito legal, muito importante, assim, dar uma... uma base de construção que não vem do nada, entendeu, a gente tem essa coisa de ir galgando as coisas de... pelo esforço, pelo trabalho, pelo estudo... sei lá.

Neste trecho Elisa se alinha como gaúcha e descendente de imigrantes - herdeira, portanto, dessa cultura de “construção”, usando o vocativo “a gente” para se juntar ao grupo que “galga as coisas pelo esforço e pelo trabalho”. Ali, ela fala da cultura do trabalho como um aspecto positivo de sua herança, já que acha “muito legal” a luta para prover a base em cima da qual as futuras gerações vão crescer.

A respeito deste ponto de análise, é interessante verificar como a questão do trabalho como importante herança cultural permeia as narrativas de todos os entrevistados. Mesmo que a fala de Bruno, por exemplo, não esteja aqui representada por nenhum excerto, em sua entrevista ele igualmente evocou o trabalho como sendo uma característica alemã. Também ele vê a dedicação excessiva ao trabalho em sua família, e pensa inclusive em escrever sobre os efeitos do cultivo fumageiro na saúde da comunidade em que viveu. A reflexão de Bruno sobre o texto que deseja escrever pode ser vista na parte final da transcrição de sua entrevista, constante no anexo A deste trabalho.

4.2 TRADIÇÕES QUE SE ESVANECEM ATRAVÉS DO TEMPO

Ao falar das tradições alemãs em suas famílias, houve grande diferença de enquadres entre os entrevistados. Diego, por exemplo, desenvolve grandes narrativas em torno da semelhança e da “normalidade” de costumes que ele identifica como alemães, sem no entanto em momento algum explicitar quais são esses costumes. Ele demonstra, inclusive, certa dificuldade em fazê-lo, tratando da

questão como se os costumes alemães, ou “aquela coisa bem de cultura alemã”, fosse um esquema de conhecimento já compartilhado e acordado.

De uma maneira geral, foram citados e comentados como costumes e tradições alemãs a comida, a música e a língua. Os trajes típicos, que constituíam um item do guia da entrevista, foram tratados como algo mais para o folclórico do que propriamente como um costume: nenhum dos entrevistados tem um traje, ou já usou, ou costuma usar. A música também foi tema de poucos comentários: nenhum dos entrevistados reportou possuir o hábito de ouvir músicas tradicionais alemãs. Do mesmo modo que os trajes típicos, a música foi colocada no patamar do folclore, destinada a ser ouvida em eventos como as Oktoberfest ou reuniões de família. Curiosamente, ao contrário dos aspectos psicossociais de que tratamos na seção anterior, estas tradições citadas pelos entrevistados são frequentemente reportadas como algo que se está perdendo, como veremos nos trechos a seguir.

4.2.1 “Sempre teve cuca lá em casa. Mas isso acho que todo mundo tem”: elementos de culinária e festividade alemã

Se há uma convergência entre todos os entrevistados, ela está no fato de que todos reportam a *cuca* como sendo uma herança germânica. De um modo geral, percebe-se que nas entrevistas a associação da culinária alemã se dá de modo mais forte com o fabrico de doces e pães. Como conta Elisa:

Luciana: Como é que eram os costumes na tua casa, tinha alguma coisa, porque a gente falou de costumes alemães, e não sei o que. Tem algum costume que tu identifica como sendo alemão na tua casa?

Elisa: Cuca. Sempre teve cuca lá em casa. Mas isso acho que todo mundo tem.

Luciana: Quem fazia a cuca?

Elisa: A minha mãe.

Luciana: A tua mãe.

Elisa: Ou comprava pronta, mas sempre tinha que ter.

Luciana: Mesmo em Porto Alegre?

Elisa: Mesmo em Porto Alegre. A minha mãe sempre foi muito de fazer pão, e essas coisas ela gosta muito de fazer. Teve épocas em que não podia, por causa do trabalho, porque não tinha tempo. Mas ela sempre gostou muito, e depois que ela se aposentou ela... fez, ela gosta realmente de fazer... ela não gosta de fazer comida, assim, todo dia. “Mãe, tem que comer, tem que fazer almoço, e tal”, ela gosta de fazer essas coisas, bolo, torta, e... essas coisas assim de... bem coisa de alemão, né, que nem eu falei, não sei mais. Fazer pães, massas, então ela-e sempre... cuca é um negócio que sempre teve, eu acho que isso-que é uma

coisa bem alemã, né. Mas assim, de comida, essas coisas assim, que é comida típica alemã nunca teve em casa, sabe, porque... eu acho que é complicado, isso. [transcrição difícil] essas salsichas e coisa, não... Nem a apfelstrudel [torta de maçã tradicional], só via em restaurante, sempre comi fora, nunca... “Mãe, que merda, porque que tem uma torta tão boa e ninguém faz esse negócio!”...

Neste diálogo, duas colocações merecem destaque. Primeiramente, a “necessidade” de se manter um hábito que ela identifica como alemão: “sempre tinha que ter” cuca, mesmo que não fosse feita em casa pela mãe. Juntamente com o resto do trecho, fica evidente que a associação de culinária alemã que Elisa coloca é basicamente a com produtos de padaria: cucas, bolos, tortas, pães. Segundo, é interessante notar que, ao usar a expressão “bem coisa de alemão”, Elisa limita o esquema de conhecimento sobre o que são “coisas de alemão” a uma culinária com a qual ela tomou contato em casa. Além disso, o comentário “mas isso acho que todo mundo tem” dá o tom exato de que ela vê a cuca como um elemento representativo da germanidade a tal ponto de se tratar de senso comum.

A associação mais freqüente da comida, para além dos pratos em si, é com o aspecto festivo da germanidade de que Elisa tratou ao falar dos alemães como “povos festivos”, de celebrações com “bebedeira, não sei o que, comida” (este trecho está na íntegra na seção a respeito dos valores alemães). André, por exemplo, associa imediatamente a culinária alemã aos doces, acrescentando uma imagem lúdica muito interessante (“a gente se divertiu um monte”):

André: Mas a gente se divertiu um monte. O que nunca podia faltar que eu me lembro que todo mundo repetia era a sobremesa. [...] Isso aí... creme de baunilha e pudim, não podia faltar. Isso aí era... meu avô gostava muito de doce e a minha vó fazia... muita compota. Eles tinham um armário embutido na casa deles, uma... uma cristaleira embutida numa parede, ahn... ele mandou construir a casa, que era só pra compotas.

Não só a associação da sobremesa com diversão é interessante, como podemos notar que esta predileção também aparece como uma herança do avô – que gostava tanto de doces a ponto de mandar fazer um móvel exclusivamente para armazenar as compotas. Em outro trecho, além de textualmente relacionar a comida à cultura alemã, ele conta que a comida está associada à alegria, às celebrações, numa dinâmica interessante entre celebrar *a* comida e celebrar *com* comida:

André: Eu acho que existe o traço cultural que eu comecei lá falando, porque apegado a... às famílias que eu frequento, a minha família, a família hã-de Gramado que eu tenho parentesco, hã... sempre se reúnem em torno da mesa, sempre se reúnem em torno de uma... em torno de uma refeição pra comemorar alguma coisa, e o próprio fato de fazer uma refeição é celebrar alguma coisa. Né... e... é um moti-é um, é um motivo e tanto uma desculpa, né. É um motivo pra celebrar e um motivo pra comer bem, que se... se gosta de comer bem, a gente não... não abre mão disso. Hã... Cerveja não pode faltar...

Em todos os excertos, fica patente que os hábitos alimentares ligados à germanidade, embora reportados como algo que vem se perdendo, são muito representativos do que se considera tipicamente alemão. Em outras palavras, poder-se-iam tomar as comidas ditas alemãs por uma germanidade aprendida com o grupo, diretamente associadas a um espírito alemão alegre, festivo, nostálgico, comunitário.

Diego traz outro depoimento interessante, que associa a manutenção de hábitos alimentares à língua alemã. Ele trata de corporificar a manutenção destes hábitos no livro de receitas da mãe, todo escrito em alemão, o que é um complicador para ele. Por fim, ele acaba comentando que “perdi muito disso”, que não tem paciência para fazer comida alemã – embora reconheça o esforço da mãe em tentar manter essas tradições:

Diego: [...] Não, comida... hã... A minha mãe, ela é... Ah... [pausa] Faz, assim, em casa, hã... é muito cozinheira, assim, cozinha muito bem, e... e... é de, da receita e tal... e ela tem, era um negócio muito... muito interessante, que ela tem os livros dela de receita são escritos em alemão, entendeu. Como tem muita receita em alemão, ela escrevia os livros lá em... em alemão. Então era o... quando... Tinha época lá de... de guri que foi aprender a cozinhar, e ela, ah, fazer [nome da comida]. Aí tinha que ler em alemão, aí pô, eu não sabia ler em alemão. Que eu nunca aprendi a... a ler, a gente só falava, mas a alfabetização escrita foi em português.

Luciana: Hum, hum.

Diego: Embora alemão tenha sido falado eu nunca aprendi a escrever em alemão. Então, mas tinha... mas aí era comida, era... sempre, sempre teve muito forte ah... Por exemplo, essa semana passada, tava em casa lá e a gente “Bah, faz tempo que tu não faz chucrute”. Aí ela foi lá fazer chucrute, então tem essas coisas assim de... de... hã... de culturais, de ter passado, quer seja daqui ou quer seja de quando nós tivemos lá, mas ela sempre procura manter, ou fazer assim. E eu, particularmente depois que eu saí de casa, perdi muito disso, né, não... eu não... não me paro pra fazer, “ah, vou fazer uma comida alemã”, eu não... não tenho, não tenho saco pra fazer isso.

O relato de Diego trata de colocar a comida – em especial, o chucrute que ele cita – no âmbito das heranças culturais, do “passado” que a mãe “sempre

procura manter”. E, do mesmo modo que ocorreu com a língua que ele perdeu, também foi perdido o hábito de cozinhar comidas típicas, porque ele “não tem saco pra fazer isso”. Seria interessante pensar em qual seria a postura dele hoje em relação ao hábito da comida tradicional se ele tivesse sido alfabetizado em alemão, o que não ocorreu e, como ele mesmo conta, dificultou seu acesso aos livros de receitas da mãe – caracterizada como exímia cozinheira e mantenedora das tradições da família.

4.2.2 “A minha primeira língua é o alemão, né, embora hoje eu já... tenha perdido muito...”: língua alemã e dialetos do interior

O trecho acima da entrevista de Diego já dá uma boa noção do papel da língua alemã na família dele, e nas dos demais entrevistados: embora presente, o alemão vem se perdendo paulatinamente. Embora parte da sua primeira infância tenha sido passada na Alemanha com os pais – e, portanto, como ele mesmo conta, sua primeira língua tenha sido o alemão, a falta de prática e a imersão no português falado no Brasil lhe impediram até mesmo de ser alfabetizado naquela língua. Como ele relatou ao falar do livro de receitas da mãe, ele fala alemão mas não sabe escrever nessa língua até hoje. (“Embora alemão tenha sido falado eu nunca aprendi a escrever em alemão”). Posteriormente, ele comenta mais claramente:

Diego: [...] por exemplo, a minha primeira língua é o alemão, né, embora hoje eu já... tenha perdido muito...

Dos demais entrevistados, dois tentaram estudar alemão: Bruno e André, os dois que buscaram suas próprias genealogias. A respeito da sua primeira língua, Bruno conta que, na verdade, foi exposto a um híbrido português/alemão que lhe trouxe certa dificuldade na escola:

Bruno: A vó ainda fala alemão e a mãe. A mãe, no caso vó, né. Falam alemão, tudo. O pai não, o pai não fala muito. [...] A minha vó sim, a vó sim. A vó e a mãe falam. Mas aí é que tá a coisa. Falam mais agora que a minha vó tá morando com a minha mãe. Mas antes não, antes era muito pouco assim, entendeu. O pai, também, alguma brincadeira e tal. Mas não de se ouvir diariamente, de hábito, não havia isso.

Luciana: A tua língua de casa então é o português?

Bruno: Aí é que está a coisa, na verdade não é nem o português nem o alemão. Porque eu já te contei aquela história da faca e da faca. Faca de tirar leite e a faca de cortar /pœ/ [pão]. Eu já te contei essa história. Eu, por exemplo, na quinta série, eu não sabia quando dizia /tã a/ [terra] e quando dizia /pa edi/ [parede]. Entendeu?⁶

Continuando a narrativa, ele vai contar que posteriormente tal dificuldade lhe fez buscar o ingresso no curso superior de Letras, a fim de entender e corrigir seus próprios erros fonéticos. À luz da sua experiência acadêmica que hoje lhe permite criticar esse passado de “mau falante” do português, o tom de Bruno nesta narrativa é quase didático – mais adiante ele vai usar inclusive termos lingüísticos para exemplificar sua trajetória:

Bruno: [...] Bom, eu só fui aprender isso aqui na faculdade. Só aqui eu fui aprender isso, das emissões. Por isso eu fui pro curso de Letras, tu vê, né, trabalhei com fonologia bastante tempo ali e aí fui aprender essa coisa assim do... do som como sai, porque que a gente tem esse problema. Porque o alemão tem esse problema, por causa disso, ele precisa distinguir o ra, o som tepe, né, do fricativo, do / a/, do / a/, ele precisa distinguir, porque... uma coisa eu te digo, uma coisa é ele falar reis. Né? Outra coisa é ele falar heiß [quente].

Ao falar sobre o alemão que seus parentes paternos falam, André dá mais uma demonstração de proximidade afetiva com as questões da germanidade:

André: É um-é um alemão, hã... boni-bonitamente errado, né, ele é errado mas ele não é... que nem o... o hunsrück⁷ [sic] que eles falam, né, que nem o... o alemão do meu avô materno que dizem que é berlinense, aquele que enche a boca, assim, blâf, blâf, pra falar, assim, meio... meio truncado, assim. Não, não é... meio... é bem limpo.

A opção pelo uso do qualificativo “bonitamente errado” dá a exata noção do quanto ele compreende as raízes da língua falada em sua comunidade. Qualificando o alemão que ele ouve deste modo, ele não só dá a pista de que possui conhecimento suficiente do alemão padrão para criticar o dialeto, como demonstra que entende de onde veio o dialeto, se identificando e estabelecendo um vínculo

⁶ Ele refere aqui às diferenças de pronúncia do alemão para o português. Primeiramente, cita o “v”, que em alemão é semelhante ao “f” da língua portuguesa, daí a confusão que os avós faziam entre “vaca” e “faca”. Em seguida, imita a pronúncia do “ão” português dita por um imigrante (algo como “pón”) e depois compara a pronúncia do “rr” com a do “r”. No exemplo que ele usa, “terra” é pronunciado como “tera” e “parede” como “parrede”. Optamos pela transcrição fonética em conformidade com o Alfabeto Fonético Internacional para representar o ponto que ele quis explicar.

⁷ Hunsrückish é o nome do dialeto falado pelos descendentes dos imigrantes oriundos da região do Hunsrück, sudoeste da Alemanha.

mais afetivo com o dialeto paterno do que com o materno – ele diferencia os dois, o hunsrückish e o berlinense: um “bonitamente errado” e “bem limpo” e o outro “troncudo”, “aquele que enche a boca”. Embora ele tenha contato com esses parentes que falam alemão, tenha estudado a língua e sua irmã seja professora de alemão, André coloca que a prática se perdeu no meio familiar – e explica o porquê:

André: Na minha época não [falavam] mais, já-já digo porque, e conforme muitos estudos já mostraram, aconteceu com eles também, por causa da guerra pararam de falar alemão. [...] Hã... meu avô foi preso umas duas vezes em função do integralismo, e... foi preso uma vez por causa do rádio que tinha em casa, porque a polícia foi lá e eles estavam escutando em alemão, e... né, prenderam o rádio e prenderam o meu avô e... depois devolveram, coisa e tal. Ficou em casa essa mágoa com o negócio da l-da língua porque o meu pai diz, sempre falou assim “que droga, a gente não aprendeu alemão por causa disso”. E a minha-e eles-e o meu pai só falava alemão quando criança. O meu avô morreu em 48, mas o meu pai é de 39, então até 45 as palavras que o meu pai aprendeu a falar em alemão, e a partir de então ele teve que passar um tempo quieto, teve que aprender a falar em português que nem a minha vó e o meu avô sabiam, sabiam bem, tiveram que também aprender.

Esta narrativa tem uma função interessante: ela justifica o fato da perda da língua alemã a partir das gerações pós-guerra. Ao mesmo tempo em que redime o avô por não ter mantido o alemão em casa depois da primeira infância do pai, transfere a “culpa” do aprendizado do português para a ação integralista⁸. Essa obrigação está bem expressa no uso da construção “teve que aprender a falar” (o português), aplicada tanto para o pai quanto para os avós. Em outro trecho ele deixa ainda mais clara a visão afetiva e pessoal que tem da língua alemã, manifestando textualmente a mágoa – já citada no trecho anterior – que perpassa a família pelas conseqüências da guerra:

André: [...] O alemão, o alemão se perdeu, né. O meu avô, por ser da... roça, o meu avô do... materno, por ele ser da roça e ele, e ele vencer plantando e não ter contato com a cidade ele e a minha vó falavam alemão. A minha mãe falava um pouco mas também por causa da guerra parou. Mas então a minha vó e o meu-e o meu avô falavam em alemão normalmente, então a gente ficava meio... meio... meio... chateado com aquilo, a gente não entendia, né, e era um alemão engraçado porque era o alemão adaptado de algumas palavras que parece que em alemão não tem, então vinha um-vinha... vinha uma expressão longa em alemão e lá no meio... sei lá, “banana”, né.

⁸ A esse respeito, é interessante a obra de CAMPOS, Cynthia Machado. *A Política da Língua na Era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006.

Aqui aparece novamente o tom épico que comentamos na segunda seção deste capítulo, quando tratamos da força e garra atribuídas pelos descendentes à germanidade. Ao relatar que o avô materno – que não é o avô a quem ele se refere no episódio do integralismo – era “da roça”, e que “venceu plantando” sem contato com a cidade, ele ao mesmo tempo integra na sua narrativa um lado da família até então não mencionado (o materno) como intrinsecamente retoma a mágoa de não ter aprendido alemão, que o impediu de interagir com os avós que não foram afetados pela política da língua na época da guerra. Curioso que o mesmo sentimento de mágoa em relação à língua alemã aparece em Elisa; no entanto, o alinhamento dela em relação a isso é bastante diferente. Enquanto André e sua família foram buscar as “raízes”, por assim dizer – a ponto de uma irmã chegar a ser professora de alemão -, Elisa não manifesta nenhum tipo de interesse:

Luciana: E teus pais falam alemão?

Elisa: Falam alemão, mas não entre eles em casa. Falam alemão com os parentes deles, irmãos ou a mãe, os pais, assim, meus avós. [...] Mas falavam entre... os irmãos e os pais. E eu, sei lá... eu achava aquilo chato quando era criança porque eu não entendia... não entendia porque que a gente tava no Brasil e as pessoas falavam... aquele idioma, e não me... não me soava... bonito, então sei lá, eu achava... estranho. “Eles tão fofocando alguma coisa que eu não posso saber”, e tal... quando era criança brincava... mas... nunca quis aprender, não tive vontade de... aprender alemão...

É marcante o desalinhamento que permeia esta narrativa de Elisa. Inicialmente, ela está se afastando da família que fala alemão ao referenciar os parentes dos pais como se não fossem seus parentes também (“falam alemão com os parentes deles”) – em seguida ela reenquadra essa colocação, mas somente se referindo aos avós. No resto do segmento, o alinhamento dela é totalmente no sentido de uma brasilidade, a começar porque “a gente” está no Brasil e “as pessoas” – categoria na qual ela não se inclui – “falavam aquele idioma”. Ao utilizar o pronome demonstrativo “aquele” para se referir ao idioma alemão, ela se afasta da utilização dele como se fosse um hábito estranho à sua rotina. Na seqüência de sua narrativa, ela completa explicitando que nunca teve vontade de aprender alemão, o que a aproxima ainda mais da noção de pertencimento a uma brasilidade, em contraste com a germanidade que esteve tão próxima dela na infância. Trataremos desta nuance de sua narrativa com mais profundidade posteriormente, na seção 4.3, ao falarmos sobre a questão do pertencimento geográfico.

4.2.3 “Religião é um problema, um pepino”: o peso do culto religioso, católico ou protestante

É Diego quem de modo mais marcante condensa a postura dos entrevistados a respeito das questões religiosas:

Diego: [...] Mas a pressão é forte. No meio alemão a religião, quer seja luterana, quer seja católica, tem muito... muito fortemente cobrada, né.

A postura de negação e de dificuldade para aceitar a religiosidade em suas vidas perpassa as narrativas de todos os entrevistados. Mesmo Bruno, que em momento nenhum da sua entrevista se mostra como uma pessoa de práticas religiosas, ao falar sobre a história dos antepassados, sublinha a importância do “rigor da igreja bastante forte” como determinante na vida de sua família:

Luciana: Tu conhece essa história que foi...

Bruno: Exatamente...

Luciana: ...o bisavô que veio e essa é uma história que passa na família.

Bruno: Isso. Com certeza, marca bastante essa questão de virem dois jovens, parece que a mulher tava grávida, entendeu, e vieram parece que meio que fugidos pra cá, uma coisa parecida, entendeu,

Luciana: Hum, hum

Bruno: no rigor da igreja bastante forte, assim, da igreja... protestante, porque na verdade o seguinte, ó, o meu pai era católico mas a minha mãe era protestante, evangélica. Evangélica. E aí quando ela casou ele... ele... ela mudou pra igreja católica. Na verdade, tem essa coisa do evangélico [transcrição difícil].

No relato de Bruno, fica claro que o fato dos bisavós terem vindo “fugidos” do rigor da igreja foi algo tão marcante que se tornou lendário na família. No momento que transcrevemos a seguir, Bruno associa o culto religioso às músicas cantadas em alemão que ouvia na infância. Aqui sim, aparece uma prática religiosa que é lembrada com um certo tom nostálgico e alegre, percebido na sua exaltação à menção do Tannenwald (O pinheirinho) e na repetição enfática (sublinhada na transcrição) da exclamação “Isso mesmo!”. Ao contrário das músicas associadas com a música típica alemã, mencionadas como um hábito perdido, a música religiosa é associada a momentos felizes como a celebração do Natal:

Bruno: Mas me lembro dessas coisas, a gente festejava já com bastante antecedência, a coisa assim da, de pinheiro de Natal, músicas eram cantadas, também, hinos, entendeu? Se cantava isso, a mãe cantava muito.

Luciana: Hinos religiosos?

Bruno: Religiosos, da época de natal, assim, tanto quanto...

Luciana: O Tannenwald...

Bruno: Isso mesmo! Isso mesmo! Rezavam em alemão o “Pai nosso” também, sabe? Isso era bastante forte assim, bastante forte. Vinha os avós, vinham aí, a gente fazia... mais pro lado da minha mãe, entendeu?

André ressalta outro aspecto da religião: a estrutura social que se desenvolve em volta do núcleo religioso. Ao contar como a igreja de confissão luterana se estabeleceu em sua cidade natal, ele também está narrando o início da organização da cidade, bem como está contando a interseção da história eclesiástica na sua genealogia:

André: A religião-a religião sem-sempre foi muito importante, a gente é de confissão luterana, né, a... na nossa cidade foi onde começou a igreja no Estado,

Luciana: Hum...

André: foi-o primeiro internato evangélico foi lá, foi construído depois do templo, mas a primeira escola evangélica foi lá, depois foi pra outros locais, antes de ser em São Leopoldo o centro da... da... da religiosidade evangélica de confissão luterana era em Cachoeira [do Sul], começou lá, porque a comunidade se uniu lá, pra isso, e depois perdeu a força e foi onde... onde... onde se organizou melhor, né. Mas era-era muito forte. Até-até hoje aquela-a gente freqüentava a igreja, a gente ia com o pai e com a mãe na igreja, a gente... dava a mão pro vô, vô materno, o vô também com uns mãozão, que nem eu digo, e freqüentava a igreja, freqüentava a escola domi-dominical, fiz o meu... a minha confirmação lá, estudava, era/era um... existia esse... esse... esse ciclo.

Dois dos entrevistados desalinham-se das práticas religiosas. Tanto Elisa quanto Diego se referem à religião com termos negativos como “irritante” e “um problema, um pepino”. Na narrativa de Elisa, o vocábulo “irritante”, ao mesmo tempo que sugere seu alinhamento para com o tema e funciona como avaliação na narrativa, parece resumir o excesso da prática do catolicismo dentro da sua família:

Elisa: Mas o que mais, assim, de hábitos alemães... é... a coisa mais de igreja católica é muito forte, né, de imigrantes alemães, assim. É irritante. Como é... e aí sempre tinha que ir na igreja, na missa, mesmo com uma... que eles tinham uma história meio conturbada assim de... como eles moravam, minha mãe e os irmãos dela, como moravam do lado da igreja sempre tinha uma... porque igreja sempre... foi um troço meio... daí vinha o padre, e aí era do bom e do melhor pro padre, sabe? Daí eles “ah, então fica aí, agora espera porque o padre vai comer”, sabe? E aí depois ela foi estudar em colégio de freiras, e aí teve várias coisinhas assim que-que-na verdade ela nem-podia odiar a Igreja Católica e nunca ir, nem obrigar os filhos, sabe? Ela poderia ter tido essa... só que não, ela mesmo...

tendo um... uma... história assim de ah, que não poderia, de repente não confiar mais na Igreja Católica, ela continuava indo, e obrigava a gente a ir na missa quando criança, e obrigou a fazer primeira comunhão, crisma, assim, tudo.

Neste trecho é bastante forte o desalinhamento de Elisa com os aspectos que ela julga alemães em sua criação. Ao ligar a “igreja católica” a “hábitos alemães”, que por sua vez se ligam a “ela” (a mãe) e não a si própria, a narradora assume um distanciamento da questão que lhe permite criticar a postura familiar, ao mesmo tempo em que reconhece tratar-se de uma tradição. No entanto, essa aceitação não ameniza o fato de não aceitar a ação da mãe de obrigar os filhos a manter o hábito, a despeito da sua experiência com a Igreja (“Ela poderia ter tido essa... [...] só que não, mesmo... [...] ela continuava indo, e obrigava a gente a ir na missa [...]”).

Contribui para esse desalinhamento com relação à religião toda a construção que Elisa elabora no trecho, interrompendo a sua narrativa para contar um pouco da história da mãe. A seleção lexical de termos tais como “conturbada”, “irritante”, “coisinhas” (aqui usado com forte sentido pejorativo) e os verbos impositivos de ação como “obrigar” e “ter de ir”, usados repetidamente, conferem à história um caráter particular de avaliação negativa, reforçando mais uma vez o quanto ela se desalinha desta história que a mãe tentou forçá-la a repetir.

Diego se vale da mesma ferramenta narrativa para exemplificar como a família se destacou das práticas religiosas. Ao contar a história do pai que abandonou o seminário católico, atribuindo a ele a responsabilidade pela perda da religiosidade na família, ele se exime de qualquer rebeldia que a ausência dos pendores católicos pudesse lhe conferir:

Luciana: E... a religião? Como é que era?

Diego: Bom. Hã... Religião é um problema, um pepino. Porque o alemão... tanto faz, né... ou católico ou luterano, né, hã... é muito forte, né, a questão religião é... é uma coisa muito forte. [...] Tem isso muito forte, e aí toda família tem que ter um padre, ou quer ser padre, e o pai foi pro seminário, né, teve... não sei quantos anos, no seminário, e na época ele acabou saindo do seminário por uma série de coisas que ele não concordava, enfim, e a gente... nunca foi muito, ou... foi cobrado mas nunca foi uma coisa assim, muito de imposta, né, e eu tinha muito... desde sempre um pouco de aversão à questão de religião assim. [...] a mãe vive enchendo o saco, né, porque pô, a religião é uma forma de se manter a questão de comunidade, tem que... hã, se envolver, ou tem que fazer, eu disse olha, existe n outras formas, de exercer esse mesmo princípio, essa mesma coisa, né, e eu não me sinto muito bem com algumas coisas da religião. Mas... é um ponto de atrito sempre porque isso é muito forte, na cultura alemã isso é

muito forte, principalmente com pessoal mais idoso, mais velho... [...] Continua existindo hoje, continua havendo, continua sendo forte, né, mas pra mim isso foi mais tranquilo, como o pai teve... hã, foi seminarista então, eu usei isso como... Pô, até o pai, então não pode cobrar de mim...

Luciana: [riso]

Neste trecho aparece de modo textual a ligação do fervor religioso com as gerações anteriores. Ao mencionar que “na cultura alemã isso [a religião] é muito forte, principalmente com pessoal mais idoso”, Diego está eximindo não só a si próprio como à sua geração de participar do culto religioso como era antigamente – e o faz tendo noção de que está fugindo do esperado como contribuição a comunidade. Ao discutir com a mãe, argumentando que tem “n outras formas” de participar da comunidade sem ser através da participação religiosa, Diego parece querer dizer que quer participar da comunidade, e que reconhece o seu valor, no entanto se sente avalizado pela prerrogativa do pai – um “desertor” da Igreja Católica – no seu desconforto com relação à prática religiosa.

4.3 “SOU BRASILEIRO, NÃO ADIANTA”: BRASILEIRO E/OU ALEMÃO

O aspecto mais marcante das narrativas dos entrevistados é, de um modo geral, a percepção de que as identidades aqui explicitadas – incluindo a de pertencimento geográfico, de que trataremos agora – são *deslizantes* em suas narrativas. No caso específico em tela agora, ao mesmo tempo em que todos eles em um momento ou outro se dizem brasileiros, em outros momentos seus alinhamentos mudam e se aproximam da germanidade. André enuncia esse deslizamento abaixo:

Luciana: [riso] Tu te considera alemão?

André: Não. Eu-me consid-eu considero que eu herdei... traços fortíssimos disso, mas não me considero alemão. Eu acho que todo alemão que... passar pelo... serviço público no Brasil perde um pouco da... da germanidade porque é uma crítica tão feroz à moral, que... fica difícil tu... tu se manter dentro do... do que tu chama correto, né. Eu tenho tra-eu, eu me debati muito com isso, eu já trabalhei duas vezes no serviço público e... ninguém tem horário pra nada, eu tenho e as pessoas não têm. Eu vou e algumas pessoas não vão, né. Eu-hã-eu tenho que dar desculpa quando eu me atraso e as pessoas simplesmente não ligam por isso, né. De certa forma eu sou alemão, por dentro, por fora, ah... transpirando, né, mas hã... mas sou brasileiro, né. Sou brasileiro, não adianta, já... já fiz por demais, hã, coisas por aqui com as características daqui.

É num embate sutil entre diferenças nos modos de agir ditos “brasileiro” e “alemão” que André manifesta seu alinhamento com determinados aspectos que ele aponta como sendo típicos da germanidade. Ao narrar sua experiência como servidor público brasileiro e sua dificuldade em adaptar-se às praxes do serviço (“fica difícil tu... tu se manter dentro do... do que tu chama correto, né”), ele adota uma primeira pessoa que é claramente prejudicada pelo *statu quo* – ao mesmo tempo em que demonstra resignação ao dizer que “sou brasileiro, não adianta”. Em outro trecho, ele retoma estas colocações, novamente com um tom crítico:

André: [ser alemão] é ser uma pessoa extremamente incomodada com as coisas que não funcionam direito, então eu acho que... parte das doenças dos alemães que vem pro Brasil vem daí, é desse-é dessa ina-inadaptação a... ao nosso-ao jeitinho daqui, porque... ahm... as coisas não funcionam direito, definitivamente.

Um sutil deslizamento é notado neste trecho no momento em que ele quase enuncia, utilizando um pronome de primeira pessoa, “nosso jeitinho”, corrigindo-se para “jeitinho daqui”: o jeitinho brasileiro com o qual ele não se alinha, não concorda; está, ao contrário, criticando e apontando o incômodo que esta característica, tipicamente brasileira⁹, causa nele, um herdeiro de “traços fortíssimos” de germanidade.

Bruno também desliza entre as identidades de brasileiro e de alemão. No entanto, nas suas narrativas está a mais forte noção de que é preciso primeiro ser regional para ser nacional (OLIVEN, 2006). Com muita ênfase, ele trata de colocar-se como gaúcho, diretamente ligado à terra onde nasceu:

Bruno: Eu não... não me sinto assim... tudo bem, brasileiro, mas a gente não tem uma origem, sabe, origem que tu vai procurando, procurando, procurando, procurando, chega lá e tá aqui, esse teu... tu saiu daqui, dessa linha aqui. Não existe isso aqui no Brasil, sabe? e... então isso sempre me aguçou essa coisa, sempre me aguçou. Não que eu olhe com preconceito, muito pelo contrário, eu até me vejo com certo preconceito. Não que eu me coloque acima de qualquer coisa, muito pelo contrário. Pra mim o que me interessa é o meu chão, a minha terra onde eu nasci.

⁹ A esse respeito, DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Bruno: Eu... na verdade eu acho assim, ó, eu sou em primeiro lugar gaúcho, eu tenho essa coisa assim do local onde tu nasceu. Eu acho que pra mim tem muito forte essa coisa do local onde eu nasci.

Ao dizer que “a gente não tem uma origem”, Bruno sai do alinhamento inicial de “eu não me sinto assim... tudo bem, brasileiro” para se juntar aos brasileiros que procuram por suas origens e não encontram – traço típico de países com alta taxa de miscigenação. Na seção seguinte, veremos como ele retoma esse alinhamento para criticar a falta de origens, ligando-a aos sobrenomes. Ele segue este alinhamento com uma brasilidade ao falar sobre alemães com os quais ele não se identifica, principalmente por entendê-los como preconceituosos:

Luciana: Tu falou uma coisa interessante, das pessoas, essas pessoas que se acham alemães. Onde é que tu identifica que eles se acham alemães?

Bruno: No preconceito, no se dizer que são alemães, “porque nós somos alemães”, no preconceito de odiar negro, entendeu, e... ah. Enaltecer uma coisa que tu... sabe? De enaltecer uma, uma... uma figura que tu não tem a mínima idéia do que que é, que é a Alemanha hoje. Os caras se acham vinculados umbilicalmente, os caras nem se acham, nem se acham muito gaúchos. E eu odeio isso. Eu acho que isso não é uma atitude tipo, pô, brasileiro, pô, eu antes de tudo sou brasileiro, sou gaúcho, sou rio-grandense. Antes de tudo sou brasileiro. Minha pátria é o Brasil. Sabe? Mas eu não me sinto, não tem essa coisa de... de... entendeu? “Oh, alemão...” Porque tem essa questão do preconceito.

Para ele, portanto, existe um “outro” alemão, aquele que se acha e se diz alemão, que é preconceituoso e tenta manter um vínculo com uma Alemanha da qual ele não faz a menor idéia de como seja atualmente – e, com isso, se afasta da pátria onde de fato nasceu (“os caras nem se acham muito gaúchos”). Isso, para Bruno, transmite uma idéia negativa, é uma atitude indigna de um brasileiro, motivo pelo qual ele os repudia (“e eu odeio isso”). Neste trecho, ocorre uma sobreposição de duas categorias que, durante o resto da entrevista, não se misturam: a de brasileiro e a de gaúcho.

É interessante notar que mesmo entre os dois entrevistados que não fizeram suas próprias pesquisas genealógicas, a resposta às questões sobre ser ou não ser alemão é sempre de teor semelhante ao das respostas de Bruno e André: inicialmente, o alinhamento é com a brasilidade para posteriormente trazer deslizamentos, em maior ou menor grau. Como exemplo, a resposta de Diego à

pergunta sobre o que é ser alemão, que ele inicia afirmando que não é alemão e sim brasileiro:

Luciana: Bom, já que nós estamos falando disso, o que que é ser alemão?

Diego: Eu não sou alemão, sou brasileiro. Mas é... quer dizer, ser de origem alemã... eu acho que é... o fato, o fato de ter... há... acho que a questão cultural ou de ter vivido essa questão cultural aproxima muito [...] Então inclusive quando... eu já tinha te comentado isso, quando a gente esteve na Alemanha... há... eles são muito... muito... muito complicados com pessoal, com estrangeiros, né, principalmente com latino americanos, né. Há... só que quando eles sabiam da árvore, ou do... do... do... da origem que a gente tinha, há... eles, ah... mas então vocês não são... há... na verdade vocês não são brasileiros, vocês são alemães, né, vocês só são alemães do novo mundo, alemães que não nasceram aqui na Alemanha, mas vocês têm as raízes, pra eles isso é muito forte, né.

Aqui, ele narra uma identificação entre o Diego brasileiro e o Diego herdeiro de uma cultura ancestral, alemã, que mesmo passadas gerações de seu desligamento da terra natal ainda o acolhe como um igual. Interessante salientar novamente que esta narrativa traz uma memória reportada, possivelmente dos pais, já que ele provavelmente não esteve sequer presente quando do acontecimento do diálogo. Também vemos a ocorrência de uma fala reportada dos alemães (“na verdade vocês não são brasileiros...”), que aqui serve, como bem nota Tannen (1994), para dar mais credibilidade ao ponto que o narrador está desenvolvendo – no caso, a importância das raízes. Ao reconstruir este episódio na sua narrativa, Diego está inserindo uma fala alheia – que ele possivelmente sequer presenciou, numa clara manifestação do que Pollak (1992) denomina memória do não-vivido – à sua narrativa atual, de modo a consubstanciar o seu ponto e, assim, prover um fortalecimento desse alinhamento com o papel de herdeiro da cultura alemã. A fala “deles”, os alemães, que afirmam que a família de Diego também é alemã, mas “só são alemães do novo mundo”, é uma clara herança da política do pan-germanismo que pregava os direitos dos alemães que “por acidente (a emigração), são cidadãos de outros países” (SEYFERTH, 1999, p. 303).

Elisa também inicia sua resposta à mesma pergunta afirmando categoricamente não ser alemã:

Elisa: É, eu ficava “não gosto, e não”-e ficava braba quando criança e ainda fico. Eu não sou alemã, eu sou brasileira, eu falava pra minha vó “ah, não é, alemoa, não sei o que, polaca”... eu odiava. Porque eu não gosto, eu sou brasileira.

Elisa está aqui reportando falas que lhe foram dirigidas na infância, quando ela provavelmente não possuía subsídios para discernir o significado de “alemoa” e “polaca” de “alemã” – os primeiros, claramente dirigidos a quem possui características físicas ditas típicas de alemães (pele clara, olhos e/ou cabelos claros); o último, destinado a mulheres oriundas da Alemanha. Se sua opinião a respeito do fato de ser descendente de alemães seria diferente se ela soubesse disso à época, não há como saber agora; fato é que ter ouvido tais adjetivos marcaram a compreensão de Elisa negativamente, de modo tão profundo que até hoje ela reconhece que “ainda fica” braba quando lhe imputam tais qualidades porque se vê como “brasileira”, e não como alemã. Trataremos desse segmento completo na seção a seguir.

4.3.1 “Putz que merda ser da silva”: sobrenome e herança germânica

A associação do sobrenome com a herança germânica é uma constante nas entrevistas. Para Bruno, por exemplo, o fato de carregar um sobrenome de origem germânica é não só uma marca de distinção como um indicador positivo de uma série de características, entre elas o fato de ter raízes que se podem identificar:

Bruno: Mas é uma ilusão que faz tu, entendeu, tu tem uma... te dá uma... te dá uma coisa de diferença, entendeu, sangue alemão... não sei que que é... sabe, mas é isso, sangue alemão... é uma grande... a coisa do, de carregar o Mannheimer. Não vou dizer que dá um peso, mas dá uma... eu às vezes dou graças a deus, putz que merda ser “da silva”. Às vezes eu olho pra isso, mas não com uma questão de preconceito. Mas parece que... essa garra que o meu pai tem, entendeu, essa garra que ele tem, parece que vem disso [...]

Ao colocar o sangue alemão como um elemento diferenciador enunciado através de um sobrenome, Bruno imediatamente compara o fato de ser Mannheimer com ser “da silva”, atribuindo a este sobrenome tão tipicamente brasileiro uma negatividade relacionada com o fato de ser muito mais difícil identificar as origens de um “silva” do que as suas próprias. Em síntese, Bruno colocou no sobrenome o peso de ser um “alemão do novo mundo”, como os próprios

alemães disseram à família de Diego e comentamos no tópico anterior. Assim, ele se alinha com uma germanidade de caráter genético.

Vale a comparação com a postura de Elisa a respeito, que torna mais clara a associação entre o sobrenome e a noção de pertencimento geográfico de que tratamos anteriormente. Quando ela fala sobre sua relação com a própria germanidade na infância, ela reporta que os sobrenomes “silva” e “souza” são caracteristicamente usados entre os colonos alemães para se referir aos brasileiros. Ao contrário de Bruno, que acha que ser “da silva” é ruim, Elisa afirma categoricamente não entender a diferença qualitativa entre ser brasileiro e alemão na narrativa abaixo:

Elisa: É, eu ficava “não gosto, e não”-e ficava braba quando criança e ainda fico. Eu não sou alemã, eu sou brasileira, eu falava pra minha vó “ah, não é, alemoa, não sei o que, polaca”... eu odiava. Porque eu não gosto, eu sou brasileira. Porque eles costumam falar na colônia, ah... brasileiro é que tem assim silva, souza, não sei o que, “ah, os brasileiros”, daí “fulana casou com um brasileiro”, sabe?... “mas como assim vó, todo mundo é brasileiro, tu também é”, e ficava meio, não entendia isso, sempre fui muito, muito... nacionalista, dá até pra dizer, mas... eu ser descendente de... assim, ter ascendência...

Neste segmento, é bastante significativo o uso da fala reportada (TANNEN, 1994) na construção da narrativa. Elisa traz à lume para a entrevista um diálogo supostamente ocorrido entre ela e sua avó, um elemento familiar significativo com a qual ela mantém uma relação de afeto, sem, contudo, partilhar da mesma posição no que tange ao alinhamento com a identidade alemã – ao contrário, a oposição de identidades é flagrante. Enquanto Elisa nega sua germanidade “odiando”, ou “não gostando”, e dizendo explicitamente “eu não sou alemã, eu sou brasileira”, a avó se opõe ao falar sobre “os brasileiros” como se deles não fizesse parte, e ao tratar a neta por “alemoa” ou “polaca” – adjetivos que, como já referimos, não dizem respeito precisamente às suas origens, mas sim à sua aparência. Também é marcante a hesitação durante todo o trecho, especialmente quando Elisa vai relatar seus sentimentos com relação à dicotomia brasileiro/alemão. Embora no início da narrativa ela empregue expressões fortes para expressar sua repulsa a esta identidade alemã atribuída, dizendo que “não gostava”, e que “ficava braba” ou “odiava”, ao longo do trecho ela vai amenizando o sentimento para um “ficava meio, não entendia isso”.

É interessante notar que, ao comentar o modo como os descendentes que vivem na colônia se referem aos brasileiros, Elisa retoma a mesma denominação que Bruno utilizou em sua fala: “silva”, completando com “souza”. Contudo, ele, de forma mais contundente, atribui ao “ser da silva” uma negatividade causada pela falta de raízes (ao dizer “putz, que merda ser da silva”, ele está comentando como admira o fato de que descendentes de alemães podem resgatar sua história familiar através da genealogia). Já para Elisa, que mostra uma postura diferente em sua entrevista, o fato de ser “silva” ou “souza” aparentemente tem uma conotação apenas de diferenciação de origem, sem nenhum juízo de valor. Ou, melhor dizendo, se há algum juízo de valor, este é positivo, posto que expressa o pertencimento ao Brasil em oposição ao ser alemão que, quando a ela atribuído, é repellido (“e ficava braba quando criança e ainda fico”).

Um dos possíveis motivos para essa repulsa ao fato de ser descendente de alemães na infância, e que se perpetuou, é o passado alemão. Conforme relata Seyferth (1999, p. 308), a negatividade em torno da categoria “alemão” surge e se consolida no Brasil, e em especial no Sul, a partir da I Guerra Mundial. Elisa se refere aos eventos da história alemã neste trecho, em que narra exatamente o “ponto de virada” na sua visão da cultura alemã. Na definição de Mishler (2002, p. 107), pontos de virada são eventos que modificam a compreensão do narrador sobre sua experiência passada:

Elisa: Eu... mudei a percepção dessa influência alemã, dessa descendência, enfim, dessa identidade alemã quando cresci, fui estudar, aí eu vi grandes pensadores, grandes... grande... material germânico legal que não é só aquilo que primeiramente a gente vê que é, sei lá, Hitler e... nazismo... assim, pô, a primeira coisa que “Ah, alemão...” mas tem muita coisa a mais, e tem uma cultura incrível e que... geralmente pela língua alemã que se... que... que... muita coisa, que, né... Literatura, tem muita coisa gerada exatamente pela-justamente pelo modo de... de pensar, e de... da linguagem alemã... posso tá errada mas é alguma coisa que eu aprendi, alguma... sei lá.

Considerando que posteriormente na entrevista ela se refere a si mesma como uma adolescente crítica (“eu fui muito crítica quando era criança e adolescente era irritante, chatinha mesmo, porque eu era toda... achava que eu entendia de tudo, que eu sabia de história, não sei o que [...]), podemos pensar que esta postura de negação à herança alemã se deva a este conhecimento da história do país, pelo menos no que tange à época do nazismo. Lembramos que o passado

alemão já se manifestou como um ponto marcante nas narrativas da trajetória das famílias de outros entrevistados, em especial na de André, cujo avô foi preso pelo movimento integralista e proibido de falar alemão.

André também comenta a respeito do sobrenome e sua influência, quando fala sobre sua pesquisa genealógica. Interessante que, embora em outro trecho da entrevista ele comente que perdeu o contato com o pai, aqui ele se refere à herança do sobrenome paterno através de adjetivos como “forte” e “dominante”:

André: Hã... quando eu tive a oportunidade de ir pra Montenegro onde chegaram os meus por parte de pai, porque o sobrenome do pai e o meu sobrenome, evidentemente que é muito mais forte, é muito mais dominante, que eu tive a oportunidade de... de procurar cemitério, procurar registro em... registro em... cartório, esse tipo de coisa e comecei a formar a... o desenho do... dos parentescos. [...] Eu pe-eu pesquisei em... eu pesquisei na Internet, aquela-naquela pesquisa simples de... de... metabuscador, né? De colocar o sobrenome e colocar algumas palavras-chave e eu descobri o... o meu sobrenome... em mil quinhentos e pouco, então

Luciana: Nossa...

André: é um sobrenome que de alguma certa forma tem... alguma coisa no sangue é fortezinho, né, ah, mas é uma linha extremamente tênue, né, mas é uma... mas é uma raiz forte, né. Não se espalha, não fazem filho em tudo que é lugar, mas também não tem condições disso, né? Se tivessem, se tivessem talvez duas, três amantes, casassem umas quatro ou cinco vezes talvez [...]

Ao relatar que encontrou seu sobrenome registrado há cinco séculos, ele demonstra claramente quanto interesse possui na questão genealógica e o quanto de valor ele vê nisso, nessa transmissão de um sangue alemão transposto num sobrenome. É notável a repetição da palavra “forte” (e eventualmente seu derivado “fortezinho”), com a qual André quer expressar a “força” que identifica no sangue alemão, algo que perpassa a sua transmissão entre gerações. Além disso, num trecho em que conta a respeito de uma história da infância do seu pai, ele relaciona o nome da pessoa com a honestidade que, para ele, não pode ser desvinculada de modo algum:

André: [...] Então acho que por-por levar muita surra assim por... hã... “não é teu”, ahn... “o que não é teu não te pertence, não põe a mão, não pede”, sabe, tudo muito assim, cada coisa no seu lugar, tudo é muito correto, tu não pode deixar que o teu nome caia nisso, o nome é muito importante.

Neste trecho, André faz um memorial do aprendizado do valor da honra e do nome da família. Ao associar as surras que o pai tomou na infância com os

seus próprios valores aprendidos na família, ele conecta uma memória do não-vivido, ou, melhor dizendo, do vivido pelo pai, à sua conduta de vida e à ética que ele deseja transmitir – o que se percebe a partir do uso da segunda pessoa para explicitar qual é exatamente a postura que o sujeito ético deve tomar: “tu não pode deixar que o teu nome caia nisso”.

Retomando as questões levantadas neste tópico, é interessante ressaltar o uso da palavra “força” para denominar não só um traço de caráter, conforme vimos na seção 4.1, mas também uma qualidade do sangue germânico, que persiste e continua perpassando gerações. É interessante notar o quão imaginadas são, de fato, as comunidades pensadas por Benedict Anderson: tão sutis e deslizantes que nossos entrevistados oscilam entre uma e outra num mesmo período, num mesmo enunciado. Embora, como eles mesmo afirmem, o sangue germânico continue a correr em suas veias e eles sejam gaúchos antes de qualquer coisa, o fato de ter nascido no Brasil os faz irremediavelmente filhos deste solo.

5 CONCLUINDO: “TU VAI SE... VAI SE ENTENDENDO NESSE TIPO DE COISA, TAMBÉM” .

Valho-me da citação de um excerto da entrevista de Diego para encabeçar esta seção, que deve apontar os resultados da pesquisa aqui descrita. Conforme tratei de expor desde a introdução do trabalho, o tema explorado faz parte de minhas reflexões mais pessoais muito antes de vir a se tornar objeto de um estudo acadêmico.

Contudo, foi só durante os quase dois anos de desenvolvimento acadêmico do tema que se delinearam as abordagens teóricas e metodológicas a ser utilizadas: a perspectiva socioconstrucionista, a vertente sociointeracional para a análise do discurso, o uso das entrevistas individuais para a coleta do corpus. Foi só durante o processo de tessitura do trabalho que a necessidade de conceber a genealogia para além dos limites da compreensão leiga do termo tomou corpo. Foi difícil fugir da tentação de tomar a germanidade por um esquema de conhecimento consolidado e partir para a observação dessa noção no discurso de cada um dos entrevistados. Tudo isso implicava um distanciamento da questão de pesquisa que, antes do início, me parecia quase impossível.

A própria redação da questão de pesquisa em si foi um desafio. Definir que o trabalho investigaria a manifestação da germanidade – eternamente *in process* – no discurso dos entrevistados cientes dela como uma herança genealógica, como uma memória coletiva, só foi possível depois de muita reflexão, principalmente em torno do papel da genealogia nisso tudo. Afinal, a discussão sobre o que de fato é a genealogia ainda grassa fora dos conceitos que aqui propus. De minha parte, estou convencida, como já mencionei no capítulo 3, de que se trata de um método – e, em nossos casos aqui analisados, possivelmente um método de busca de auto-entendimento.

Objetivamente falando, ficou muito claro que de um modo ou outro a compreensão da própria identidade dos entrevistados foi profundamente afetada pela própria noção de pertencimento a uma cultura germânica. Mesmo que o elo direto com a germanidade se tenha perdido gerações atrás e só tenha restado a sua *transmissão*, estamos olhando para uma memória alemã genuína: o cultivo da língua, os pratos da culinária típica, o modo de festejar ou uma idéia, não se sabe vinda de onde, de que “nós, os alemão”, somos melhores do que outros grupos.

Acredito que o critério de seleção dos entrevistados por grau de instrução permitiu uma aproximação das competências discursivas. Todos demonstram ser narradores com bom domínio do vocabulário em língua portuguesa do Brasil – e mesmo noções da língua alemã foram demonstradas em algumas das narrativas, exceto nas de Elisa que declarou nunca ter se interessado pela língua. Interessante é notar que, embora todos tenham as mesmas condições de ter apreendido a história da Alemanha de modo a agregá-la em seus repertórios interpretativos sobre a germanidade, nem todos se manifestaram nesse sentido explicitamente – Bruno, por exemplo, prefere focar as dificuldades de ser colono do que as de ser alemão, herdeiro do passado nazista.

Não é mera coincidência o fato de Bruno e André serem nossos narradores mais prolixos. Seus interesses pela própria genealogia, a ponto de impulsioná-los para a pesquisa, fazem deles indivíduos com esquemas de conhecimento mais amplos e diversificados sobre o tema. Esta bagagem lhes permite construir enunciados que sugerem uma maior compreensão acerca do seu papel de herdeiros de uma cultura ancestral, bem como sua responsabilidade para com a divulgação (ou não) da germanidade como a percebem.

No caso de Bruno, o exame de suas narrativas sugere que suas identidades estão profundamente imersas nas múltiplas possibilidades dos gentílicos que lhe constituem: gaúcho, brasileiro e alemão. Suas identidades, agora, estão marcadas pela certeza de que o tamanho do obstáculo que lhe for imposto não é importante: o seu sangue europeu trará a força necessária para superá-lo. Em certos aspectos, Bruno parece sugerir uma convergência entre os conceitos germânicos e gaúchos, conferindo uma menor discrepância entre o embate gaúcho/alemão do que entre alemão/brasileiro. A história familiar e de grupo que ele carrega, e a consciência de poder narrá-la, são valores associados ao tipo germânico, ao contrário dos “brasileiros” que por conta de sua história e sua miscigenação não possuem tradição e raízes.

Já para Diego, a germanidade é algo tão naturalizado que, a partir das análises realizadas, ele sugere estar num processo contínuo de reflexão a respeito do impacto dessa ascendência em sua práxis cotidiana. Embora em determinado ponto ele diga que não vê a diferença entre ser ou não ser alemão – até pelo fato de não se considerar, *a priori*, um alemão –, suas narrativas estão embebidas de uma germanidade nata, naturalizada e cotidiana, em tantos aspectos em conformidade

com os esquemas de conhecimento compartilhados com os demais entrevistados que, talvez por isso mesmo, não seja sequer notada. É possível que ele próprio tenha se dado conta da germanidade em seu discurso durante os enunciados, entrecortados por pausas longas durante toda a entrevista que podem ser interpretadas com pistas de um processo de reflexão constante.

A mim me pareceu, na qualidade de entrevistadora e analista do discurso das entrevistas, que André é o narrador mais consciente de seu próprio conhecimento sobre o que venha a ser germanidade. Em diversos pontos de sua entrevista, ele parece tentar distanciar-se criticamente de suas narrativas: por exemplo, inicialmente, ao perguntar se o interesse pelo seu processo de pesquisa é sobre a técnica aplicada (“Tecnicamente ou... ou... hã... a curiosidade que eu tinha?”); em seguida, declarando que estudou a Alemanha e justificando seu interesse (“a Alemanha sempre interessou como... a fonte, de onde a gente veio, hã, alguém que é superior, alguém que tem qualidade[...]”). A larga extensão de suas narrativas, descrevendo não só o seu percurso de pesquisa como a história da família, também é um indicativo de como seu processo em busca das raízes deixou marcas em sua compreensão de si como descendente e membro do grupo de descendentes de alemães. Embora como narrador André esteja mais próximo de Bruno, no que tange à complexidade de sua reflexão prévia sobre o assunto, sua consciência do peso da história alemã o aproxima de Elisa. Ambos estudaram e acompanharam a história alemã com um interesse mais declarado do que os outros e, de uma maneira ou outra, agregaram esse conhecimento aos seus esquemas sobre a germanidade – seja construindo, seja desconstruindo os que já tinham pré-estabelecido.

Ainda que à primeira vista a germanidade não pareça ser uma questão de frente nas narrativas de Elisa, sua insistência em negar essas raízes nos sugere uma via de compreensão desta questão. Na infância, Elisa via os elementos alemães de modo negativo e ela traçou estratégias para negar essa proximidade, afirmando categoricamente a sua brasilidade. Com o passar do tempo, contudo, o “peso” da história alemã foi suavizado em sua compreensão e ela então assume uma nova postura, agora com mais empatia em relação à germanidade da qual ela não pode fugir, já que compõe sua história familiar.

Ao construir suas narrativas, Elisa adota uma série de estratégias que a caracterizam como uma narradora competente, das quais se destaca o uso

recorrente de falas reportadas. Tal ferramenta narrativa é de grande utilidade para a manutenção do alinhamento crítico que Elisa sustenta, na medida em que provê pontos de vista alheios para os fatos narrados – e que, em grande parte, servem para ilustrar o porquê de ela ter rejeitado a sua própria germanidade durante tanto tempo. O recurso também funciona especialmente para pontuar que Elisa narra do ponto de vista experiencial, ou seja, olhando para o passado com a perspectiva do presente.

As narrativas dos entrevistados são um bom exemplo para a máxima “o passado não está gravado em pedra” (Mishler, 2002, p.105): eles articulam suas percepções recentes a respeito da Alemanha atual com a herança germânica, em âmbito particular e no grupo. Se em alguma época essa herança foi vista como algo negativo, ou depreciativo, ou que desmerecia em algum ponto o indivíduo (como no caso de Bruno, herdeiro de uma linguagem mista entre alemão e português que ele via como algo a ser corrigido pela sua formação escolar), agora serve de ponte também para um conteúdo intelectual interessante, vindo de um país preocupado com a sua imagem, uma nação de jovens interessados em balancear o peso do passado na construção do próprio futuro. Ao mesmo tempo, a postura crítica dos entrevistados que olham para uma Alemanha contemporânea e a comparam com os esquemas de conhecimento mais comuns sobre o que venha a ser um alemão é bastante marcada: eles tratam de deixar bem clara sua consciência do aspecto teatral das ditas “tradições” alemãs. Em última análise, estamos olhando a memória social em plena dinâmica de construção: é o ponto de vista atual dos sujeitos que reconfigura o relacionamento com as suas próprias germanidades, suas próprias memórias de grupo, suas heranças familiares.

Além de todos os aspectos de ordem analítica aqui ressaltados, o que ficou deste trabalho em mim foi a sensação de que há muito mais implícito em cada palavra, em cada escolha narrativa, em cada história contada por cada um dos entrevistados. A dificuldade de selecionar os trechos mais representativos de cada temática identificada foi para mim uma marca da riqueza que a subjetividade de cada indivíduo confere aos seus testemunhos pessoais. Dessa riqueza de temáticas, emergiram diversos pontos que mereceriam um tratamento mais apurado numa etapa posterior. Seria interessante investir, talvez, na investigação da aproximação das características germânicas e gaúchas, partindo de uma comparação dos esquemas de conhecimento a respeito das categorias. Também fiquei curiosa a

respeito da visão dos descendentes de imigrantes sobre o passado alemão, pontuando a questão do nazismo e o impacto disso nos “alemães do novo mundo”, como a família de Diego foi denominada na Alemanha. Minha maior curiosidade, entretanto, é provavelmente a de inverter a investigação para observar de que modo os alemães vêem os descendentes, quais são os esquemas de conhecimento acerca dos descendentes e de que modo eles lidam com as categorias de alemão e brasileiro.

Ao mesmo tempo em que foi difícil a seleção das temáticas para análise, dada a riqueza de temas tratados e o caráter subjetivo que impregnou as narrativas, foi gratificante perceber que as temáticas se repetiam. Tais repetições confirmavam o que antes era para mim uma intuição e aos poucos passou a ser uma certeza compartilhada com cada um dos meus interlocutores: somos, sim, herdeiros de uma memória e de uma cultura que talvez não compreendamos, mas que buscamos decifrar para, quem sabe, chegarmos mais próximos de nosso próprio entendimento.

Se ao iniciar o trabalho queríamos responder à questão de pesquisa, que perguntava sobre as implicações do processo de busca genealógica nas construções identitárias na memória social dos entrevistados – em especial, as relativas ao ser alemão –, aqui vimos que as implicações são múltiplas. No desfile de categorias de pertencimento que vimos nas narrativas dos entrevistados, por exemplo, já pudemos observar a mescla entre ser gaúcho, brasileiro e alemão, sem que isso necessariamente gere um conflito. Do mesmo modo, a mistura entre as culturas brasileiras e alemã aparece com frequência, bem como mostras claras de um conhecimento razoável da cultura alemã, tanto tradicional quanto contemporânea. Em resumo, poder-se-ia dizer que se saber descendente de um imigrante alemão no Rio Grande do Sul talvez promova, nos entrevistados, uma maior aproximação com o que é ser, de fato, um cidadão do mundo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ASSMANN, Aleida. On the incompatibility of guilt and suffering in German memory. German Life and Letters, v. 59, n. 2, p. 187-200, apr. 2006.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a Genealogia da Memória Social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). O Que É Memória Social? Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando Estórias em Contextos Espontâneos e Institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. Calidoscópico, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BATESON, Gregory. Uma Teoria sobre Brincadeira e Fantasia. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) Sociolinguística Interacional. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-106..

CANDIOTTO, César. Uma Ética Singular: o diagnóstico de Michel Foucault. In: CONGRESSO SUL-AMERICANO DE FILOSOFIA: NATUREZA E LIBERDADE (7: 2005, Curitiba). Anais... Curitiba: PUC-PR, 2005. p. 131-141.

DANTAS, Camila. Na Costa Visível da Memória e da História: algumas questões a partir de Halbwachs. Rio de Janeiro: 2005. Mimeo.

DEPPE, Gessy (Coord.) Contribuição para a História de Nova Petrópolis: depoimentos. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

DEUTSCHE WELLE. Turistas Elogiam Simpatia Alemã e Segurança na Copa. Disponível em: <<http://www.deutsche-welle.de/dw/article/0,2144,2078665,00.html>>. Acesso em: 04 jul. 2006.

EIGLER, Friederike. Writing in the new Germany: cultural memory and family narratives. German Politics and Society, v. 23, n. 3, p. 16-26, Fall 2005. Disponível em: <<http://find.galegroup.com/itx/infomark.do?&contentSet=IAC- Documents&type=retrieve&tabID=T002&prodId=ITOF&docId=A143578241&source=gale&userGroupName=capes42&version=1.0>>. Acesso em: 23 out. 2006.

FARIA, Sheila de Castro. História da Família e Demografia Histórica. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. 1 ed. Campinas: Campus, 1997. cap. 10, p. 241-258.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a. [Curitiba]: Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

FLICK, Uwe. Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, Hilda Agner Hübner. História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST, 2004.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: _____. Microfísica do Poder. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 15-37.

_____. A Ordem do Discurso. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GARCEZ, Pedro M.; OSTERMANN, Ana Cristina. Glossário Conciso de Sociolinguística Interacional. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) Sociolinguística Interacional. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002.p. 257-264.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 3

GERTZ, René E. O Perigo Alemão. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GLESNE, Corrine. Becoming qualitative researchers. New York: Longman, 1999.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) Sociolinguística Interacional. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. cap. 5.

GOLDENBERG, Miriam. A Arte de Pesquisar. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Quem Precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTTON, Patrick. Recent scholarship on memory and history. The History Teacher, v. 33, n. 4, p. 533-548, aug. 2000.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória. São Paulo: Aeroplano, 2000.

IANNI, Octavio. Teorias da Globalização. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KLEIN, Kerwin Lee. On the emergence of memory in historical discourse. Representations, Berkeley, n. 69, p. 127-150, winter 2000.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Capitalismo e Colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). RS: imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documenta; 4).

LANGENBACHER, Eric; EIGLER, Friederike. Introduction: Memory Boom or Memory Fatigue in 21st Century Germany?. German Politics and Society, v. 23, n. 3, p. 1-15, Fall 2005.

LE GOFF, Jacques. História. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda: 2000. v. 42, p. 375-383.

LINDE, Charlotte. Life Stories: the creation of coherence. New York: Oxford University Press, 1993.

MARTON, Scarlett. Nietzsche: a transvaloração dos valores. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. Como Levantar sua Própria Genealogia. Rio de Janeiro: 1991.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita, BASTOS, Liliana Cabral (Org.). Identidades: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

MÜLLER, Angélica. Alunos Fora do Eixo. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, p. 19, maio 2007.

MÜLLER, Telmo Lauro. Imigração Alemã: sua presença no RS há 180 anos. Porto Alegre: EST, 2005.

_____. A Propósito dos 180 Anos. Porto Alegre: 2004. Disponível em: <http://www.brasilalemanha.com.br/1824_antes.htm>. Acesso em 05 maio 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Crepúsculo dos Ídolos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. A Genealogia da Moral. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEN, Ruben George. *A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. 2. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAZ, Ivoni Nör. *Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia (1858-1937)*. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

PICCOLO, Helga I. Landgraf. *Contribuição para a História de Nova Petrópolis: colonização e evolução da colônia*. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

PINHO, Osmundo S. de Araújo. "A Bahia no Fundamental": notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 36, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov 2006.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMBO, Arthur Blásio. *Polêmica Friburgo. São Leopoldo: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo*, 2006. Disponível em: <<http://www.museuhistoricosl.com.br/noticias.cfm>>. Acesso em: 22 set. 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHNEIDER, Jens. *Discursos Simbólicos e Símbolos Discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 97-129, 2004.

SCHRÖDER, Mônica. *O Cooperativismo de Crédito Rural em Santa Catarina: possibilidades e limites de uma alternativa para a agricultura familiar*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola, 1998). Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000183374>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Brasil: etnicidade e conflito*. In: FAUSTO, Boris. (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 273-313.

_____. *Imigração e Colonização Alemã: uma revisão da bibliografia*. *BIB: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n.25, p. 3-55, 1. sem. 1988.

_____. *A Imigração no Brasil: comentários sobre a contribuição das Ciências Sociais*. *BIB: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 57, p. 7-47, 1. sem. 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: _____ (Org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TANNEN, Deborah. Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. 3. reimp. New York: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1994.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres Interativos e Esquemas de Conhecimento em Interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) Sociolinguística Interacional. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. cap. 7.

TUBINO, Nina. Nem Nova Friburgo, nem Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2006.

Disponível em:

<<http://www.brasilalemanha.com.br/websystems/modules/news/servlet/detalhes.asp?Cod=1810>>. Acesso em 08 jun. 2006.

VIEIRA, André Guirland. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 599-608, 2001.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UNB, 1999. v. 2.

WOLFGRAM, Mark A. The legacies of memory: the third Reich in unified Germany. German Politics and Society, v. 21, n. 3, p. 89-100, Fall 2003. Disponível em: <<http://find.galegroup.com/itx/infomark.do?&contentSet=IAC-Documents&type=retrieve&tabID=T002&prodId=ITOF&docId=A114922651&source=gale&userGroupName=capes42&version=1.0>> Acesso em: 23 out. 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARTH, Fredrik. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: _____. O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. p. 25-67.
- BRITO, Milena Ximenes. Gênero e Sexualidade Atuando na Construção Discursiva das Masculinidades. Intercâmbio, São Paulo, n. 13, 2004.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CORACINI, Maria José R. F. A Celebração do Outro na Constituição da Identidade. Organon, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 201-220, 2003.
- DOUGLAS, Mary. Como as Instituições Pensam. São Paulo: EDUSP, 1998.
- FABRÍCIO, Branca Falabella; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Discursos e Vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. Veredas, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 11-29, jul./dez. 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman. Critical discourse analysis, organizational discourse, and organizational change. Disponível em: <<http://www.ling.lancs.ac.uk/staff/norman/norman.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2006.
- FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René (Coord.) Nós, os Teuto-Gaúchos. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen de. Aprendendo a Ser Gaúcho/a. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- GARCEZ, Pedro de Moraes. Transcrição como Teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: LOPES, Luiz Paulo Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Org.). Identidades: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 83-95.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.) O Que É Memória Social? Rio de Janeiro: Contracapa: 2005.
- GONZAGA, Sérgio; FISCHER, Luís Augusto. Nós, os Gaúchos. 4. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- GONZAGA, Sérgio; FISCHER, Luís Augusto; BISSON, Carlos Augusto. Nós, os Gaúchos 2. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. In: ALLIEZ, Éric (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 357-372.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. Sociologia Geral. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1999. cap. 8.

LIPOVETSKY, Gilles. *Sedução, Publicidade e Pós-Modernidade*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 12, p. 7-13, jun. 2000.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *A Política de Colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MÜLLER, Telmo Lauro. *175 Anos de Imigração Alemã*. Porto Alegre: EST, 2001.

_____. *Imigração Alemã: sua presença no RS há 180 anos*. Porto Alegre: EST, 2005.

NACIONALISMO é Resgatado na Alemanha. 2006. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1219060-4005-484729-0-18062006,00.html>>. Acesso em: 29 jun. 2006.

NUNES, Adriana Zanela. *Ensaio Sobre os Discursos que Geram Poder e Constroem e Re-Constroem as Identidades Sociais: estudo analítico das visões socioconstrucionistas do discurso e da identidade*. [2003] Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno04-03.html>>. Acesso em: 10 jul. 2006.

OLIVEN, Ruben George. *National and regional identities in Brazil: Rio Grande do Sul and its peculiarities*. Nations and Nationalism, v. 12, n. 2, p. 303-320, apr. 2006.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAMIL, Vitor. *A Estética do Frio: conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep Livros, 2004.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

SCHMITZ, Arsênio José. *Uma Nova Imagem para Nova Petrópolis: estudos sobre a imigração e a aculturação*. 1. reed. Nova Petrópolis: Amstad, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1991.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, B. *Produção de Sentidos no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999. v. 1, p. 41-61.

TUNES, Suzel; OLIVEIRA, Wagner de. *O Terreno Fértil da Genealogia*. Galileu, n. 100, 1999. Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/100/con_historia1.htm>. Acesso em 06 maio 2006.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: BRUNO

*Esta transcrição privilegia o conteúdo das narrativas. Para a transcrição apurada, consultar os excertos selecionados no capítulo 4.

- 1 Luciana: Vamos lá. Assim, ó. Eu tô fazendo essa entrevista, o objetivo dela específico, tá,
2 é de... ela vai servir de subsídio pra esse estudo da germanidade no discurso dos
3 descendentes de alemães, especificamente dos descendentes de imigrantes alemães do
4 Rio Grande do Sul. Tá? Tudo que tu me disser aqui me interessa, vai me interessar, eu
5 vou me divertir ouvindo. Tudo que tu me disser vai ser tratado de maneira confidencial,
6 tá? Teu nome em momento algum vai ser revelado, não vai aparecer, eventualmente se
7 eu precisar citar qualquer coisa a identidade da fonte é preservada. Tá? Se tu porventura
8 disser alguma coisa que tu não queira ver registrado tu me avisa, eu delete do arquivo
9 depois. Te forneço cópia dos dados depois se tu quiser. Tu pode parar a entrevista a
10 qualquer hora que tu quiser. Certo?
- 11 Bruno [balança a cabeça assertivamente]
- 12 L: Não, eu preciso que tu me diga! [risos]
- 13 B: [riso] Certíssimo.
- 14 L: Então tá. É... Um dos motivos pelos quais eu te escolhi pra ser minha fonte é porque tu
15 sabes a genealogia da tua família, né, essa tua ascendência do imigrante até ti. Né?
- 16 B: Na verdade eu tô procurando isso aí.
- 17 L: Tá.
- 18 B: Tô fazendo essa investigação, ainda não terminei, mas é claro que existe e... e tem
19 comprovação disso aí.
- 20 L: Tá. Quem é que fez essa primeira investigação?
- 21 B: Na verdade não... não... não existiu uma investigação total ainda, eu tô trabalhando
22 com isso daí. O problema é que eu não tenho tempo de pesquisar em arquivos, eu te
23 falei já uma vez, né? Procurar em arquivos e tal, agora o que eu sei é... da minha família.
24 O próprio... o vô falava, entendeu? De como vieram pra cá meus bisavós e tal... essa
25 circunstância direta assim. Agora documentação acho que não tem nenhuma ainda.
- 26 L: Tu conhece essa história que foi...
- 27 B: Exatamente...
- 28 L: ...o bisavô que veio e essa é uma história que passa na família.
- 29 B: Isso. Com certeza, marca bastante essa questão de virem dois jovens, parece que a
30 mulher tava grávida, entendeu, e vieram parece que meio que fugidos pra cá, uma coisa
31 parecida, entendeu,
- 32 L: Hum, hum
- 33 B: no rigor da igreja bastante forte, assim, da igreja... protestante, porque na verdade o
34 seguinte, ó, o meu pai era católico mas a minha mãe era protestante, evangélica.
35 Evangélica. E aí quando ela casou ele... ele... ela mudou pra igreja católica. Na verdade,
36 tem essa coisa do evangélico [transcrição difícil].
- 37 L: Apesar dessa tua falta de tempo que tu tem, como é que tá sendo esse processo de
38 pesquisar?
- 39 B: Ah, muito pouco. Muito pouco.
- 40 L: É difícil?
- 41 B: Não, não tem. Porque eu acho assim, ó, eu vou ter que me dedicar pra isso uma hora
42 dessas, entendeu? Sei lá, quando terminar a faculdade. Primeiro porque parece que eu
43 não to achando muita... Não tô achando muita importância disso, nisso agora, entendeu?
- 44 L: Hum, hum.
- 45 B: E... depois que terminar a faculdade eu acho que vou tentar me organizar melhor e
46 tentar fazer alguma coisa. Agora não sei.
- 47 L: Se tu não soubesses essa tua origem, se tu não soubesses essa história como sendo
48 uma história de família, tu teria interesse em pesquisar isso?

49 B: Com certeza. Mas aí é que tá a coisa. É... é... Tu diz, se eu não tivesse...

50 L: Se tu não soubesse assim, foi o meu bisavô que veio pra cá... se teu avô não tivesse

51 contado as condições em que eles vieram...

52 B: [pausa] Ah, eu acho que mesmo assim, pra mim isso é... eu acho que é uma coisa

53 inata do ser humano, eu acho. Tu quer ver as tuas origens, entendeu? Mas... sabendo

54 que eu era alemão. Sabendo que sou descendente de alemães, ou alemão, sei lá. Eu,

55 eu... com certeza eu tenho essa coisa. Tanto que te falei da coisa do Mannheimer, né,

56 L: Hum, hum

57 B: do livro, né, "Die Geschichte das Staat Mannheim", que é a história da cidade na

58 Alemanha. Quando eu conheci aquele livro, sabe que eu tô traduzindo esse livro, né?

59 L: Não!

60 B: Ah... Tô traduzindo ele!

61 L: Como é que tu descobriu esse livro?

62 B: Eu tinha ido na Caleidoscópio, a livraria naquele beco, aquele beco, aquela livraria

63 sebo ali né, e o Vanderlei, acho que é Vanderlei o nome do livreiro. Já tá fechado hoje. E

64 ele fez tese de mestrado, doutorado lá em Mannheim. E aí um dia eu tive lá e ele viu meu

65 cheque e viu "Mannheimer"? E eu disse "Ja, Mannheimer". E ele "Eu tenho um livro da

66 história da cidade". E bah, isso, gostei muito disso aí. Porque ali na verdade tá toda... tá

67 toda a origem, da formação, do pequeno vilarejo, com... tinha uns arroios, entendeu,

68 umas montanhazinhas e depois começa a surgir casa e casa e casa e [transcrição difícil]

69 uma cidade, uma cidade grande, a história vai até... não lembro se é 74 ou 54 a história

70 da cidade. Então bah, isso aí pra mim tá sendo fantástico. E também outra coisa, quando

71 eu tenho tempo eu vou e faço isso, entendeu? Só que isso é uma história do surgimento

72 lá da cidade. Claro que tem meio um vínculo, também. Eu não sei... Sabe que olhando as

73 paisagens, de alguma forma eu não sei, eu me sinto, me sinto lá assim e é muito incrível,

74 eu não sei como explicar isso aí. É isso. É isso. Foi uma... pra mim foi uma oportunidade

75 que me caiu na mão. Eu te falei, eu acho. Ah, uma oportunidade. Porque é... falta esse

76 vínculo assim, mais do meu, do meu... do lado do meu pai falta bastante isso. A vó ainda

77 fala alemão e a mãe. A mãe, no caso vó, né. Falam alemão, tudo. O pai não, o pai não

78 fala muito. Entendeu, então eu meio que... ele meio que perdeu o vínculo assim,

79 entendeu, com essa questão da germanidade. Agora é uma forma de resgatar isso aí. É

80 o lado do meu pai que me interessa, o Mannheimer. Entendeu? É isso.

81 L: Hã... de certa maneira então quando tu tá te relacionando com essa cidade tu tá te

82 sentindo um pouco alemão?

83 B: Eu... na verdade eu acho assim, ó, eu sou em primeiro lugar gaúcho, eu tenho essa

84 coisa assim do local onde tu nasceu. Eu acho que pra mim tem muito forte essa coisa do

85 local onde eu nasci. Mas... Mas eu acho que me dá bastante força. Eu... é... Me dá, me

86 dá força saber que eu tenho sangue europeu na veia, e faz eu meio que guentar essas

87 agruras todas da vida, entendeu? De vir lutando, sozinho, sem infra-estrutura, entendeu,

88 é isso, assim, de rolar pedra acima e dizer tu tem, entendeu, sabe? "tu tem sangue

89 europeu na veia". Tem essa coisa, assim, sabe, isso com certeza tem.

90 L: O que que é isso, o que que é ter um sangue europeu, o que que é ser alemão?

91 B: Isso pra mim não quer dizer nada, mas é que quando tu busca força... Eu tava olhando

92 por exemplo lá pra, pra... pra Itália esses dias, né? Pô, tu pega a Itália, tu vê desde,

93 desde a formação da Itália, Rômulo e Remo, né, Alba Longa, toda a formação assim.

94 Quer dizer, um cara que tá ali hoje lá lutando na Copa pra defender a Itália, esse cara se

95 sente historicamente ligado ao início da... do povo, né, do povo romano ali, né? E essa

96 coisa falta no Brasil pra gente, né? Eu não... não me sinto assim... tudo bem, brasileiro,

97 mas a gente não tem uma origem, sabe, origem que tu vai procurando, procurando,

98 procurando, procurando, chega lá e tá aqui, esse teu... tu saiu daqui, dessa linha aqui.

99 Não existe isso aqui no Brasil, sabe? e... então isso sempre me aguçou essa coisa,

100 sempre me aguçou. Não que eu olhe com preconceito, muito pelo contrário, eu até me

101 vejo com certo preconceito. Não que eu me coloque acima de qualquer coisa, muito pelo

102 contrário. Pra mim o que me interessa é o meu chão, a minha terra onde eu nasci. Eu

103 respeito isso mais do que tudo na vida, entendeu. Agora, parece que é uma coisa meio

- 104 que espiritual assim, sabe, de buscar até uma origem desse lado, uma origem, sei lá,
105 metafísica, uma origem espiritual da coisa, do ser humano, sabe? Essa coisa. Não tem
106 muita explicação pra isso. Mas é isso, ó, parece que de alguma forma é um resgate de
107 uma coisa que tu não conhece. Sabendo que se eu olhar pra trás aqui no Brasil eu não
108 tenho muita coisa. Eu tenho uma família que veio de outro país. Puta, eu quero buscar
109 aquilo, entendeu? É essa a coisa. É isso que aguça assim. Vou te dizer, me dá força, eu
110 busco não sei daonde essa força. Me dá força, sabe, de continuar, de tudo, né... é... sei
111 lá, desvendar, parece que é um mistério que existe atrás disso aí. Por trás, né.
- 112 L: Mas tu acha que essa tua descoberta, esse teu interesse pela cidade e tudo, te
113 aproxima da Alemanha? De certa maneira tu te sente mais próximo dessa... dessa
114 cultura?
- 115 B: Na verdade eu não sei se eu quero me aproximar daqueles alemães lá, porque eu sei
116 que é complicada a coisa.
- 117 L: E o que que são, o que que é ser esse alemão?
- 118 B: Esse qual?
- 119 L: Esse que tu não quer te aproximar.
- 120 B: Ah, eu acho que é um cara que tem um preconceito bastante grande, assim como o
121 europeu em geral. Isso na verdade eu... só vou saber a hora que tiver lá. Mas com
122 pessoas que já foram lá, alemães, tal, minha professora que já foi pra lá, é tri complicada
123 essa coisa. Latino é latino.
- 124 L: Essa tua professora é latina?
- 125 B: Não, ela é alemã.
- 126 L: Ela é alemã?
- 127 B: Lüdtke, Lüdtke. Ela é alemã. Ela é alemã, ela é alemã, veio a... a vó dela veio pro
128 Brasil. Ela tem binacionalidade, o marido também, e tal...
- 129 L: Então ela não é alemã, ela é brasileira.
- 130 B: Não, sim ela é brasileira, isso. Não, claro claro claro. Alemão por causa disso, porque
131 conseguiu binacionalidade, né.
- 132 L: Aham.
- 133 B: Não, tá certo, ela é brasileira, isso. Mas é... ela fala então esse relato, né, Que eles te
134 vêem com grande preconceito, entendeu? Então... E ela tinha muito isso no início, de
135 achar que aquelas músicas, que eles cantavam de folclore, era uma coisa que lá eles
136 sabiam e conheciam e não tem nada a ver. Pra mim não foi decepcionante por causa
137 disso, eu já vivi longe dessa cultura, dessa cultura, da tradição que te falei antes,
138 entendeu.
- 139 L: Hum, hum
- 140 B: Da tradição, de cultuar, de música, das cantigas antigas. Diz que ela no Natal
141 começou a cantar uma música lá que uma velhinha lá de oitenta e tantos anos "Bah, eu
142 lembro que a minha vó cantava". E tu fica com a cara no chão, porque achando não, aqui
143 ninguém, sabe, ninguém tá nem aí pra coisa, entendeu? Mas isso eu já sabia mais ou
144 menos, sabe que tu, as coisas vão evoluindo. Então o que que tu vai fazer? Quando o
145 pessoal veio de lá ficou cultuando aqui assim uma coisa que não tem muito a ver, assim,
146 com o que acontece lá, sabe? Fez questão de evoluir culturalmente também aquilo lá.
147 Então vamos dizer que isso, eu tenho mais ou menos esse... essa noção. Agora, o que
148 eu quero buscar lá é essa questão da origem, entendeu? Não é... Independente daquele
149 povo, não quero ser eles. Eu quero encontrar o meu... o meu fio lá, entendeu?
- 150 L: hum, hum
- 151 B: [transcrição difícil] Não sei se me sentir, fazer parte da coisa, nem sei isso de
152 conseguir binacionalidade. Mas de... de buscar o meu resgate histórico.
- 153 L: Hum, hum.
- 154 B: Entendeu? É isso que eu sinto falta bastante.
- 155 L: E... tu vê assim... a gente tá aqui claramente conversando aqui sobre diferenças, nós e
156 eles. Né? Embora a gente esteja falando aqui duma brasileira que a gente fala, se refere
157 a ela como alemã, ela não é alemã. Onde é que... Em que ponto estão essas diferenças?
158 O que é ser alemão aqui, o que que é ser alemão lá, o que que não é ser alemão aqui, o

159 que que não é ser alemão lá? Como é que tu vê isso? Como é que a gente pode nomear
160 isso? O que que faz uma pessoa alemã? Onde é que a gente pode olhar pra ela e
161 identificar essa pessoa como sendo um alemão?

162 B: [pausa longa] Eu acho que é simples e ao mesmo tempo complicado, porque... tem
163 características físicas, entendeu?

164 L: Hum, hum.

165 B: Minha mãe tem o cabelo vermelho, vermelho comprido. Então tem alguma coisa nessa
166 coisa de características, né? E... olho, sei lá. Também não quero, não gosto muito de ir
167 pra esse lado aí, sabe? Daqui a pouco leva pra uma questão étnica muita forte,
168 entendeu, de achar que... e eu não gosto desse lado alemão todo poderoso, entendeu,
169 supra racial, eu não gosto de ver por aí assim. E... eu não sei, é complicado falar de um
170 povo que tá lá, entendeu, olhando, olhando daqui é... complicado. É complicado. Eu não
171 sei se eu... na verdade eu não quero me colocar no lugar daquele alemão, entendeu? Ele
172 que fique lá e tenha a cultura dele e tal. Pra mim infelizmente a gente não faz mais parte,
173 a gente chegou num momento que cortou o vínculo, sabe, cortou aquele vínculo com a
174 cultura, sabe, com a língua, com a preciosidade que é a questão da educação, talvez do
175 respeito a terra, sei lá... é complicado isso aí... é meio que... é meio que uma.. a gente
176 cria muita coisa também, sabe, tem muita coisa aí que é uma ilusão nisso aí. Mas é uma
177 ilusão que faz tu, entendeu, tu tem uma... te dá uma... te dá uma coisa de diferença,
178 entendeu, sangue alemão... não sei que que é... sabe, mas é isso, "sangue alemão"... é
179 uma grande... a coisa do, de carregar o Mannheimer. Não vou dizer que dá um peso,
180 mas dá uma... eu às vezes dou graças a deus, putz que merda ser "da silva". Às vezes
181 eu olho pra isso, mas não com uma questão de preconceito. Mas parece que... essa
182 garra que o meu pai tem, entendeu, essa garra que ele tem, parece que vem disso,

183 L: Hum, hum.

184 B: não sei se psicologicamente isso influencia alguma coisa, ou é só um paliativo, sabe,
185 mas não dá pra dizer muito. Agora, olhar um alemão lá, é um alemão com... é aquela
186 história do italiano que ele olha pra trás e vê Roma, sabe? É o alemão que olha pra trás e
187 vê toda a sua história, vê as famílias, entendeu, vê as junções, eu também não sei como
188 a coisa se encontra hoje lá mas eu acho que nesse sentido. A gente não tem isso aqui.
189 Então tu quer te sentir parte de um Brasil, de uma brasilidade mas é complicado também.
190 É complicado também. Que Brasil é esse? Ao mesmo tempo as pessoas te olham com
191 certo preconceito, ou por tu ser, por ter tido uma origem do interior, ao mesmo tempo tu
192 também olha "aahhh, paraí, alemão, alemão", tem essa coisa... Essa coisa meio que,
193 vem volta e meia meio forte. Mas é mais pensamento, nunca externalizei isso. Só aqui
194 dentro da cabeça. Nunca cheguei a botar pra fora, assim. Mas eu me sinto diferente,
195 assim, eu me sinto diferente. E parece que isso me faz lutar pelas coisas.

196 L: Como é que tu vê, a gente tava falando agora há pouco sobre essa coisa da Alemanha
197 hoje, de toda a história deles. Como é que tu vê a Alemanha?

198 B: [pausa longa] Tecnicamente eu sei que é um dos países, é um dos mais
199 avançados da Europa.

200 L: Hum hum.

201 B: [pausa] e isso se deve claro, não sei se... se às pessoas em si, eu acho que as
202 pessoas... Capacidade, entendeu? Capacidade de lutar, de ficar em cima de uma teoria,
203 eu acho que tem muito disso aí, entendeu, de estudo, de dureza, dos caras serem duros,
204 entendeu, essa coisa... eu me sinto bastante... bastante próximo disso, entendeu? Dos
205 caras serem a cabeça dessa comunidade européia, é comunidade européia, né?

206 L: É.

207 B: Serem, entendeu, são cabeças de lá, né, o tal do elefante branco, se não me engano,
208 né, quer dizer... Mas também sei que é um país falido de muitas formas, na... na... na
209 questão dos estrangeiros, na questão cultural que existe hoje em todo país, entendeu?

210 L: Hum, hum.

211 B: Então não sei até que ponto existe essa preservação, né, até que ponto não tem uma
212 questão de... de... asiáticos, de... de russos, de africanos, de latinos morando lá, e dali a
213 pouco tem na cabeça uma visão de que aquele país lá é um país entre aspas limpo,

214 L: Hum, hum.

215 B: Limpo entre aspas, é um país alemão, na verdade não existe isso aí. Não sei, não tem
216 muito assim, mas eu acho que é isso. Assim que eu vejo a coisa. Agora, é...
217 diferentemente da terra... Eu tenho um pouco dessa questão da terra que me chama
218 também lá, sabe? Terra. Sabe? O chão, quer dizer... Relevo, neve, produção de vinho,
219 essa coisa toda, sabe?

220 L: Hum, hum.

221 B: Essa, essa questão me chama também bastante a atenção. Não... Nem tanto as
222 pessoas mas... é... é... A forma, os contornos, dos rios e tal, essa coisa toda. A Alemanha
223 nesse sentido acho [transcrição difícil] bem mais do que socialmente falando. Parece que
224 socialmente pelo que ouço falar ela é muito, tá muito miscigenada assim, entendeu, tá
225 muito miscigenada. Não vou dizer que a ponto do Brasil. Mas eu acho que lá ainda existe
226 um traço assim comum, um tronco, e as pessoas não perderam a sua culturalidade como
227 no Brasil. A gente tem que fazer um resgate violento, né. Pega a semana de 22, tu sabe
228 que aquilo foi uma loucura dos caras. Tentando... pô, tudo bem, de onde a gente vem?
229 Qual é a nossa pátria? Será que somos apenas... é... portugueses? Não, não somos,
230 somos índios, somos negros, né, somos europeus, mas que europeu que veio pra cá? O
231 europeu ralé, o europeu segunda categoria, o europeu classe média baixa, muitos deles
232 eram degredados, né, italiano aconteceu muito disso aí também, quer dizer, então não
233 sei até que ponto a gente alimenta a coisa de alemão e tal, né, eu vou dizer que é um
234 dilema bastante grande, na verdade. Se a gente começar a pesquisar bastante isso e
235 olhar bastante essa coisa é um dilema. Eu não me empolgo muito, sabe que quando
236 assim, ó, tipo, eu tô traduzindo esse texto, mas parece que tem uma coisa assim de, um
237 dia querer chegar lá e ver. Constatar. Sem tirar muito juízo de valor, pré, assim, sabe?

238 L: Aham.

239 B: Eu... não dou muito... Não dou muito valor por enquanto pra essas coisas todas.
240 Prefiro chegar lá e conhecer, ver a coisa com meus próprios olhos. Não quero... acho que
241 é por causa disso, também, sabe... porque não tem uma... uma ligação direta assim,
242 entendeu, culturalmente, porque eu vou dizer pra ti, eu acho que culturalmente falando
243 não tem vínculo algum, não sinto com... culturalmente não sei nem se tem a ver. A não
244 ser, por exemplo, chegar lá e ver, por exemplo, minha família. Chegar no Natal, né, lá na
245 igreja dos evangélicos ainda acontece isso, entendeu...

246 L: Aonde?

247 B: Na igreja dos evangélicos. Que é a igreja da minha mãe. Igreja evangélica.

248 L: Ah, tá.

249 B: A igreja dos evangélicos é a evangélica luterana, né?

250 L: Aham.

251 B: E...De haver então Papai Noel, aquela coisa toda, entendeu, que fazem ainda muito, o
252 coro que canta músicas alemãs e tal, né, essa coisa, mas a minha família a gente não
253 tem praticamente nada, a não ser as cucas, os doces, alguns alimentos assim, entendeu,
254 não... não todos também né. Tanto que nessa viagem que fiz ali pra Ivoti lá... Primeiro tu
255 encontra nos bares as pessoas falando em alemão. As comidas alemãs também e tudo.
256 Então acho que a fala te dá um vínculo cultural bastante forte, né, coisa que a gente não
257 tem.

258 L: Na tua família não se falava alemão?

259 B: A minha vó sim, a vó sim. A vó e a mãe falam. Mas aí é que tá a coisa. Falam mais
260 agora que a minha vó tá morando com a minha mãe. Mas antes não, antes era muito
261 pouco assim, entendeu. O pai, também, alguma brincadeira e tal. Mas não de se ouvir
262 diariamente, de hábito, não havia isso.

263 L: A tua língua de casa então é o português?

264 B: Aí é que está a coisa, na verdade não é nem o português nem o alemão. Porque eu já
265 te contei aquela história da faca e da "faca". "Faca" de tirar leite e a faca de cortar pón. Eu
266 já te contei essa história. Eu, por exemplo, na quinta série, eu não sabia quando dizia tera
267 e quando dizia parrede. Entendeu?

268 L: Hum, hum.

- 269 B: Por causa da historia do reis e do heiß.
270 L: Hum, hum.
271 B: Heiß, quente, né, reis, rice, arroz. E no português tanto faz se é rato, rrato, rato. É o
272 mesmo bichinho de quatro patas.
273 L: Hum, hum.
274 B: Essa coisa, então, acho que foi bastante prejudicial pra mim no início, aprender a falar
275 a língua portuguesa corretamente, se é que eu falo corretamente ela hoje, é... foi
276 bastante prejudicial por isso. Porque na verdade eu não dominava nem o português
277 corretamente, e nem o alemão corretamente. Eles falavam o tal do hunsrückish, é essa
278 história, que é um alemão... dialeto de alemão, entendeu? É essa a coisa. Tanto que eu
279 te disse, o que me facilitou bastante essa coisa do ich, por exemplo, do som do ich, isso
280 eu aprendi com a minha mãe. Aprendi ouvindo ele, então caí no Goethe ali e... e
281 consegui fazer o som muito correto, assim, já. Da língua, né. Só que corrigindo
282 totalmente aquilo que tinha lá fora, entendeu? Então nesse sentido foi bastante positivo,
283 porque me deu uma... uma base fonológica, assim, pra... pro alemão, entendeu?
284 L: Hum, hum. Então tu falava em casa uma mistura?
285 B: Exatamente.
286 L: E aí tu veio e foi estudar no Goethe depois?
287 B: Isso mesmo.
288 L: Quanto tempo tu fez de Goethe?
289 B: Ah, fiz dois anos e pouco, mais um tempo de faculdade também. E agora eu comecei
290 um curso mas parei, não deu pra continuar. Então vou dizer pra ti que até consigo me
291 virar assim com alemão, falando o hoch deutsch, que é o gramatical.
292 L: Hum, hum
293 B: Se eu tiver que ir pra lá eu consigo me virar hoje, sabe? Perguntar onde ficam as
294 coisas pras pessoas, entendeu? O que que eu quero comer, e tal, o que que eu quero
295 beber, com certeza. Não tem problema pra isso.
296 L: Vamos falar da tua família. Tô curiosa. Como é que foi a história da família? Já que a
297 gente falou da tua mãe, da vó, do pai... como é que foi a história da família aqui no
298 Brasil? Teus bisavós vieram pra cá.
299 B: Pois é. Na verdade é o seguinte: eu só conheço bem a história, pois aí é que tá. É por
300 isso que me deixa mais ligado também.
301 L: Aham.
302 B: A história dos meus bisavós Mannheimer, tá, que é o tal do Adam que eu já tinha
303 falado, né, e o nome da mulher eu nem me lembro mais direito. Não me lembro o nome
304 dela, não vou lembrar agora. Eu tinha visto isso aí. Enfim. Eu sei que foram dois jovens,
305 acho que tinham tipo catorze, dezesseis e catorze anos, por aí,
306 L: Hum, hum.
307 B: Ou dezoito e dezesseis, sei que ela era menor ainda, quando veio. E parece que ela
308 tava grávida e veio... vieram meio que fugidos, escondidos num navio quando vieram pra
309 cá.
310 L: Aham.
311 B: Entendeu? É essa a história que eu sei dos meus avós paternos, no caso os
312 Mannheimer. Entendeu?
313 L: Que época eles vieram, mais ou menos?
314 B: Pois é. Um dos meus avós nasceu em 1911, aqui no Brasil já.
315 L: Aham.
316 B: E que não é o mais velho.
317 L: Aaaaah tá.
318 B: Não é o mais velho, tá, não é o mais velho. Que no caso é o pai do meu pai. É... Pelos
319 meus cálculos, deve ter sido por volta de mil oitocentos... final... 1870, 80, no máximo 80,
320 eu acho,
321 L: Aham.
322 B: porque tem dois filhos mais velhos que meu avô, dois filhos mais velhos... então acho
323 que deve ser por aí, mais ou menos, tem um prazo de cinco, quatro anos de diferença.

- 324 L: Hum, hum.
- 325 B: Por isso que eu digo, que mais ou menos por ali a coisa. Mil oitocentos e alguma
326 coisa, finalzinho lá do século... dezessete?
- 327 L: Dezenove.
- 328 B: Dezenove. Dezenove?
- 329 L: Dezenove. 1900 era século XX.
- 330 B: Tá certo [risos] Século XIX. É isso. Então é, finalzinho ali então.
- 331 L: Tá, e aí eles vieram, foram parar aonde...?
- 332 B: Aí é que está. Parece que vieram pra Novo Hamburgo, e em Novo Hamburgo
333 ganharam, não sei que sesmaria, como é que chama aquele negócio de terra lá, um lote
334 e foram pro meio do mato ali, que é o que virou Barão do Triunfo hoje em dia.
- 335 L: Ah tá...
- 336 B: Entendeu? É isso. Eu nasci na tal da Linha Capitão Garcia, que é o local onde eles
337 tinham uma pequena propriedade lá, entendeu? Na verdade não tão pequena, porque
338 depois foram vários filhos e foi dividido, cada um ficou com um pequeno lote lá, e por
339 exemplo, meu pai tinha 28 hectares, então não era tão pequena a propriedade assim,
340 entendeu?
- 341 L: Hum, hum.
- 342 B: Uma coisa maior assim. E... mas é isso, assim, dessa parte deles o que eu lembro é
343 isso. quer dizer, o que eu lembro, o que... o que se fala assim. E depois da minha vó... a
344 mãe da minha mãe no caso é Schneider, não conheço muita coisa da história dela,
345 entendeu? Não conheço muita coisa. Eu sei que... que a vó, no caso a... a... a família da
346 minha... da minha vó do lado da minha mãe é Stuhl. A vó.
- 347 L: Como é o nome?
- 348 B: Stuhl. Stuhl. Stuhl.
- 349 L: Me soletra
- 350 B: S-t. É Stuhl. S-t-u-l. Ah, faltou um h. Stuhl. É isso.
- 351 L: Tá.
- 352 B: E... e eles, e ela veio da Alemanha, essa minha bisavó, no caso vó da minha mãe,
353 L: Aham.
- 354 B: Ela veio da Alemanha com dez anos de idade. Então tem uma história mais recente.
- 355 L: Sim.
- 356 B: E o pai da minha mãe é Schneider. Que aí...
- 357 L: Também deve ser.
- 358 B: Não não, mas que aí é de uma família mais antiga também, que eu também não tenho
359 a origem nenhuma assim dela, entendeu?
- 360 L: Aham.
- 361 B: Entendeu? Então não sei porque cargas d'água eu sempre me chamou mais a
362 atenção do meu pai, até porque o sobrenome talvez, né? Mas é... me chama mais a
363 atenção que é... mais próximo, assim, também, né? Pai, vô, bisavós e deu. Então tá lá os
364 dois. Adão e não me lembro o nome da mulher agora. Eu tinha até te falado o nome dela,
365 não vou conseguir me lembrar agora, daqui a pouco vai [transcrição difícil].
- 366 L: Tu tem irmãos?
- 367 B: Tenho, tenho. Duas irmãs. Uma formada em filosofia. E outra tá começando agora
368 uma faculdade.
- 369 L: Elas são mais novas ou mais velhas?
- 370 B: Elas... a mais velha nasceu dois anos... nasceu quando eu tinha dois anos.
- 371 L: Ah.
- 372 B: Ou seja, ela tem 36 agora. E a outra nasceu quando eu tinha dez anos.
- 373 L: Hum, hum.
- 374 B: Agora tá com seus vinte e alguma coisa. Vinte e... será que já tá com 28? Não pode...
- 375 L: risos... cresceu
- 376 B: Não, acho que a minha irmã tinha... acho que é dez anos depois. Eu acho que foi dez
377 anos depois da minha irmã. Ela tá com 24 agora. 24.
- 378 L: Ah... tu é o filho mais velho?

- 379 B: Eu sou o mais velho...
- 380 L: Como é que eram os costumes da casa? Como filho mais velho, tu tem que saber,
- 381 como é que era essa coisa?
- 382 B: Ah... isso lá na infância?
- 383 L: É...
- 384 B: Pois é... lá na infância.... é... Lá na colônia... essa questão alemã era muito mais forte.
- 385 Lá era muito mais forte. Na questão da comida, principalmente, na questão dos doces...
- 386 era muito forte, na questão do pinheiro, a gente passava o ano trabalhando muito forte
- 387 assim. Eu desde muito pequeno trabalhava na lavoura, nunca tive assim brincadeira,
- 388 quase não tive isso.
- 389 L: Aham.
- 390 B: Mas me lembro dessas coisas, a gente festejava já com bastante antecedência, a
- 391 coisa assim da, de pinheiro de Natal, músicas eram cantadas, também, hinos, entendeu?
- 392 Se cantava isso, a mãe cantava muito.
- 393 L: Hinos religiosos?
- 394 B: Religiosos, da época de natal, assim, tanto quanto...
- 395 L: O Tannenwald...
- 396 B: Isso mesmo! Isso mesmo! Rezavam em alemão o “Pai nosso” também, sabe? Isso era
- 397 bastante forte assim, bastante forte. Vinha os avós, vinham aí, a gente fazia... mais pro
- 398 lado da minha mãe, entendeu?
- 399 L: Hum, hum.
- 400 B: Do lado do pai assim não tinha muito forte essa questão mais da fala, assim. Mas eu
- 401 me lembro muito, era muito divertido isso aí quando a gente era pequeno. Era mais a
- 402 questão da comida, a fala, é... as pessoas se encontravam, os tios e havia muita fala em
- 403 alemão. Me lembro que havia muita fala em alemão, havia muito assim. E isso foi
- 404 mudando, porque eu, eu... pô, quinta série, sexta série, eu terminei a oitava série e a
- 405 gente veio pra... a gente veio pra Arroio dos Ratos a minha família, né, não ficou morando
- 406 lá fora. Então isso em 85, eu tava com 15, 16 anos de idade, por aí, entendeu? Então
- 407 vamos dizer que eles vieram com a família pra uma região de... de fala açoriana. Que
- 408 Arroio dos Ratos é colonização portuguesa, portuguesa total, português, espanhol. Então
- 409 prima nada pela língua ali, entendeu? Então vamos dizer que eles perderam muitos
- 410 valores... acho que perderam 100% praticamente dos valores assim...
- 411 L: Mesmo a comida?
- 412 B: Ela nem faz mais cuca, hoje.
- 413 L: Mas ela fazia alguma outra coisa além da cuca?
- 414 B: Ah... doces, né, compotas, tudo isso. Que isso tu produz na colônia, né, material pra
- 415 isso. E ali não tem mais. Ali na cidade não tem [transcrição difícil] Não tem muito isso.
- 416 Mas é essa a questão toda, acho que... principalmente dos doces, assim... ah do tipo
- 417 de... de sal pra salgar também.... Lingüiça, né, morcilha, tudo coisa que eu me lembro
- 418 que eles faziam que eram, que era coisa de alemão. Morcilha branca... [transcrição
- 419 impossível] Não sei se tu conhece aquilo, que é uma carne de porco, tu pega a pelezinha
- 420 lá do, a pleura dali, e tu... tu salga e põe, fica meio adocicada a carne. Muito boa. Era um
- 421 prato alemão aquilo tudo lá. Sabe? Um tempero, frutas cristalizadas, tudo se fazia,
- 422 entendeu, pêra, pêssego, hã... figo, entendeu? Isso tudo não se faz mais.
- 423 L: E roupa? Vocês usavam roupa?
- 424 B: Não, não, não.
- 425 L: Não?
- 426 B: Nunca. Ah, talvez a coisa, aquele... Daquele... chamava de “mitz”, mitz, mitza...
- 427 chamavam de mitza... É um gorrinho que tu usa, é um gorrinho.
- 428 L: Hum...
- 429 B: Tem um pomponzinho na cabeça [superposição, impossível transcrever]. Então eles
- 430 usavam, mas a única coisa assim que eu me lembro [transcrição difícil]. Roupa assim,
- 431 tradicional, e tal, não havia. Não havia. Eu via... eu me lembro do meu avô em algumas
- 432 fotos com umas... Tipo dumas bombachas assim... aquilo era coisa alemã.
- 433 L: Hum, hum.

- 434 B: Que ele era, ele era... ele trabalhava com serraria, né, marcenaria e tal. Isso inclusive
435 a gente tem ainda alguns... Eu tenho lá fora um armário que ele fez, pai da minha mãe.
436 Mas que aí não é do lado do meu avô que eu te falo, não dou muito... Não é que não dou
437 muito valor, é... sabe? É... eu não sei... eu tenho um certo carinho especial pelo meu pai,
438 assim, pela família dele. Inclusive quando eu vi nas fotos daquele livro da história de
439 Mannheim, a história lá da cidade de Mannheim, as pessoas são muito parecidas com
440 meus avós.
- 441 L: Hum...
- 442 B: As pessoas, a fisionomia, assim, muito próximas. São pessoas mais pequenas,
443 assim... E os meus tios lá da minha mãe são, bah, tem um metro e oitenta, dois metros
444 de altura, o alemão, entendeu? É outro lado alemão.
- 445 L: Aham.
- 446 B: E meu pai eu sempre tive um carinho, porque não é, o meu pai tem um metro e
447 setenta, sessenta, acho que não tem, é baixinho, pequenininho ele. Que é esse meu avô
448 também, que é pequenininho. Sabe? Então eu não sei, eu sempre olhei com certo
449 carinho assim para esse Mannheimer. Tem alguma coisa, entendeu, diferente dos outros
450 que se acham alemães, fazem festas, e festas, aquela coisa toda.
- 451 L: Quando é que tu veio pra Porto Alegre?
- 452 B: 87.
- 453 L: Depois que tu terminou o primeiro grau, então?
- 454 B: Isso. Eu vim fazer na verdade meu segundo grau totalmente em Porto Alegre.
- 455 L: Hum.
- 456 B: Totalmente em Porto Alegre, fiz todo ele em Porto Alegre.
- 457 L: Como é que foi essa coisa, porque tu saiu lá de Barão do Triunfo e foi pra Arroio dos
458 Ratos. E de Arroio dos Ratos pra Porto Alegre?
- 459 B: [pausa] Bom. A primeira coisa que aconteceu, acho que foi assim a questão da língua.
- 460 L: Aham.
- 461 B: Por eles não saberem nem a língua portuguesa correta. Na verdade alemão a mãe
462 fala, ela consegue, ela fala alemão. Se ela for... se tu chegar e conversar com ela ela fala
463 alemão sem problema nenhum. Mas é a questão do exercício em casa isso. Eu não... eu
464 tenho muita... Eu sinto muito assim, sinto bastante, né, de não... de não ter tido com mais
465 freqüência isso, né. De não ter nascido imerso dentro dessa... dessa coisa, eu tive mas
466 pouco, assim, não muito.
- 467 L: Aham.
- 468 B: Ela só falava quando ela é inquirida, ela fala, quando alguém pergunta, questiona, aí
469 ela fala, ela entende tudo, esse que é o negócio. E... então pra mim foi complicado,
470 porque eu saí duma... duma alfabetização por um cara chamado Joseph Kehl, que é um
471 alemão que estudou aqui no colégio aqui... de Ivoti ou de São Leopoldo, aquele
472 seminário de São Leopoldo, lá, sabe? E... que não sabe falar bulhufas de língua
473 portuguesa corretamente, ele fala rato também, ele fala tera também, e patata e etc. e
474 etc. E minha quinta série, já que eu queria continuar estudando, a minha quinta série foi
475 com professores açorianos. Que nessa vila de Barão do Triunfo, que fica a 28km de... do
476 lugar onde eu nasci, ali é uma colonização de açorianos, portugueses açorianos que
477 primam pela fala culta da língua portuguesa.
- 478 L: Aham.
- 479 B: Então tu imagina um guri de onze anos de idade, chega uma professora que tava
480 lendo, ela mandou ler um negócio e eu... falava, sei lá, falava tera, falava parrede, eu não
481 sabia colocar os erres corretamente, entendeu? Por aquilo que eu já te falei antes. Aí...
482 ela "Ah! Seu estúpido, porque tu não sabe nem falar corretamente [transcrição
483 impossível] corretamente". Bah, foi horrível aquilo pra mim. Eu voltei pra casa, meio
484 chorando assim e falei pra mãe, digo "Mãe, vamo aprender, como é que é esse negócio".
485 Pô, eu sei que a gente se agachou e chorou junto, porque ela também não sabia, né. Não
486 é que choramos, né, forma de dizer, forma de expressão.
- 487 L: Lamentando, assim.
- 488 M: É, foi horrível, assim, porque ela queria ajudar mas não sabia como também.

489 L: Claro.

490 B: A essas alturas eu também não sei como. Bom, eu só fui aprender isso aqui na
491 faculdade. Só aqui eu fui aprender isso, das emissões. Por isso eu fui pro curso de
492 Letras, tu vê, né, trabalhei com fonologia bastante tempo ali e aí fui aprender essa coisa
493 assim do... do som como sai, porque que a gente tem esse problema. Porque o alemão
494 tem esse problema, por causa disso, ele precisa distinguir o ra, o som tepe, né, do
495 fricativo, do /rra/, do /ra/, ele precisa distinguir, porque... uma coisa eu te digo, uma coisa
496 é ele falar reis. Né? Outra coisa é ele falar heiß.

497 L: Heiß.

498 B: É isso, é isso o grande problema. Mas aí depois eu... eu não via, isso é uma coisa
499 importante, que eu já não me via mais como um colono falando errado a língua
500 portuguesa. Ali eu já via que... pó, que eu sou um falante, mesmo que errado, mas de
501 duas línguas, entendeu? Isso até ali, até na faculdade foi horrível. A questão do
502 preconceito porque, de um jeito ou de outro tu meio que... resbala nisso aí, né?

503 L: Hum, hum.

504 B: Resbala essa coisa do... dali a pouco tu tá falando uma coisa e sai daquele cheito,
505 assim, a palavra sai sem o som do p... Do p de poi... [riso]... entendeu? Né? Do f de faca,
506 “faca” de vaca, “faca”... Essa coisa. Já te falei da minha vó, né? Que pra minha fó, uma
507 faca de corta pón e uma faca de tirar leite é tudo a mesma coisa. Agora quer fer a
508 diferença, tenta tirar leite com a de corta pón. Então, é... é... [pausa] desde Barão, onde
509 eu comecei a fazer da quinta até a oitava série, e depois aqui, em Arroio dos Ratos, foi
510 um preconceito bastante grande. Preconceito, não velado, um preconceito escrachado.
511 Sabe? Porque tá... tá... tá a marca ali, né. Tu abre a tua boca e tá a marca ali. Tá a marca
512 na testa de que tu, entendeu? E esse pessoal tira sarro, e eu nunca fui muito afim de
513 ouvir brincadeira em cima disso aí, entendeu? Eu vou dizer pra ti que hoje com quase
514 quarenta anos, com trinta e oito anos é que eu aprendi a dar risada em cima disso aí.
515 Não é dar risada, mas a olhar pra trás, lamentar um pouco as coisas, sabe? Mas eu fui
516 muito truculento, sofri muito por causa disso, entendeu? De saber que sou um cara
517 bastante meigo por dentro mas que quando tu abre a boca... tem um cara bastante
518 truculento aí, entendeu? Porque eu... Eu tô sempre defensivo, saber se o cara vai
519 sacanear ou não? No tempo do quartel foi pior eu acho, entendeu? Acho que existiu um
520 preconceito bastante grande. E foi muito bom eu ter ido lá pra cidadezinha porque as
521 pessoas todas falam assim, né? Falam “ah, eu vou plantar, sei lá, patata” e salata e não
522 sei o que, parara, e eu digo ah olha que legal, ninguém tá ridicularizando um ao outro. E
523 eu passei por essa fase toda. Tanto que eu tava nisso ali, quando eu tava nessa quinta
524 série, e eu prometi pra mim mesmo: “um dia eu vou falar tão bem a língua portuguesa
525 que ninguém vai saber que eu sou de origem alemã”. Entendeu? Tão forte foi assim o
526 trauma que eu passei. Claro que isso foi passando. Acho que hoje é meio... é meio
527 carregada a coisa ainda, mas eu acho que consigo disfarçar bem legal, entendeu, acho
528 que... quando eu vou lá pra fora eu largo assim e falo assim bem largado do jeito deles,
529 né. Me sinto melhor, não força tanto parece o aparelho fonador, não força tanto. Agora,
530 eu tô sempre assim meio que na na na, no controle assim, né, pra falar a coisa correta.
531 Preconceito bastante, assim. Hoje não mais. Hoje não mais. Mas foi muito forte. Perdi na
532 faculdade. Na faculdade, foi muito legal. Eu descobri essas coisas todas, sabe? Tu não é
533 um falante errado da língua portuguesa. Tu simplesmente é de uma origem européia, ou
534 de pessoas humildes, não sabiam falar nem a língua portuguesa e nem o alemão correto,
535 perderam totalmente a origem alemã da língua, entendeu?

536 L: Que que foi feito da casa onde tu nasceu?

537 B: Tá lá... Tem duas paredes dela de pé ainda. Tá lá... tá lá... Casa grande de tijolo...
538 tijolo cru que chamavam, é posto na forma, deixa secar, entendeu, deixa secar e não
539 cozinha aquele tijolo. Deixa secar, e dá uma... não sei como é que chama aquilo...
540 Escaldada, parece que era, mas não era cozido, não era, que não ia pro fogo, sabe?

541 L: Aham.

542 B: E aí tu põe. Tanto que a parede lá é formada dessa largura assim, tem mais de meio
543 metro de largura a parede.

544 L: Nossa!

545 B: Ela é formada de tijolo cruzado, assim, que não tem [transcrição difícil]... Não tem nem
546 viga.

547 L: Sim.

548 B: Não tem essas colunas, né? Ela é sustentada... é bem aquela... a casa romana. As
549 casas romanas eram assim, né. Elas são formadas de... de taipas, né, sem vigas
550 nenhuma que segurem. Então elas tem que ser largas e baixas. Tem muita sustentação.
551 É isso aí.

552 L: hum, hum.

553 B: Essa foi a primeira casa. Casa de...

554 L: Quem construiu essa casa?

555 B: A casa onde eu nasci na verdade foi construída pelos meus avós, pelos meus avós,
556 né. Meus avós são pais da minha mãe. Esse cara Schneider, que morreu quando a mãe
557 tinha onze anos, e essa Hilde. Eles construíram essa casa. Na verdade os avós, os pais
558 dele construíram essa casa. E eram marceneiros, uma tradição assim de marceneiros,
559 e... e eles, é... fizeram moinho, fizeram uma represa d'água com tudo lá, entendeu? E foi
560 lá que eu nasci. Nesse local. Mas aí depois veio a enchente bastante forte e... é...
561 rebentou a represa e aí foi tudo por água abaixo. A parte da serraria, sabe, tudo. A casa
562 ficou, mas aí depois... Era uma casa bastante velha já. Mas naquele estilo, de varanda,
563 entendeu. Alemão, ainda. Aquilo tem. É... Telhado de tabuinha aquela, sabe? É aquele
564 estilo. É uma coisa que eu me recordo bastante, assim, daquela casinha. Não é casinha,
565 casa grande, bastante grande. Uma sala ampla, é... quartos grandes, assim, também
566 Uma despensa bastante grande, uma varanda grande, cozinha, tudo coisa bastante
567 grande assim, sabe? Me lembro bastante do fogão, e lenha e tal assim e... e depois eu
568 acho que tinha, nós tínhamos lá uns dez... Minha irmã já tava com... não. Acho que uns
569 seis, sete anos de idade, eles fizeram uma outra casa. Que essa daí meus pais fizeram.
570 Essa casa tá lá até hoje, foi reformada, e tá uma casa grande. Lá na propriedade lá fora.
571 Nós é que vivíamos depois. Mas ela... tá lá essa casa.

572 L: O que que teus avós faziam? Mannheim?

573 B: Ah... Pequenos agricultores.

574 L: Teus pais também?

575 B: Sim também. Os pais também. [transcrição difícil] diferente dos avós paternos, né.

576 Na verdade os avós paternos, né. Maternos, desculpe. Maternos.

577 L: Ah.

578 B: Os pais da minha vó sim, eles trabalhavam com essa coisa que te falei da Marcenaria.

579 L: Da marcenaria.

580 B: Isso. Agora os pais do meu pai não, eram agricultura. Agricultura. Pequena
581 propriedade assim de monocultura. Não, monocultura não, policultura, né? Amendoim, é
582 feijão, milho, essas coisas todas aí.

583 L: O que que eles acharam de tu sair pra estudar?

584 B: Todo mundo me chamou de louco. Todos me chamavam de louco. Todos me
585 chamavam de louco. Hoje não sei porque, faz mais que... olha... Na verdade não faz
586 muito, faz uns cinco anos que eu não vou lá, sabe? Mas eles me chamavam de louco,
587 porque era o seguinte, ó... é... Esses 28km que separam a colônia onde eu nasci, né, a
588 Capitão Garcia, até o local do meu colégio eu fazia de bicicleta.

589 L: Hum, hum.

590 B: Então dia de chuva, por exemplo, eu pegava minhas roupas, botava numa sacola. E...
591 ia de calção pra não molhar, entendeu? E ia pra aula, eu não queria nem saber, não
592 queria nem saber. Eu queria ir pra aula. Não sei se queria fugir da roça ou sei lá o que,
593 eu queria ir pra aula. E aí a mãe ficava louca, eu saía quatro horas da manhã. Quatro e
594 vinte, quatro e meia levantava pra chegar a tempo. E é só lombá, lombá, pra... Metade do
595 tempo lombá metade do tempo descida, é um morro, tu sobe todo ele grande, uma hora e
596 meia pra subir, porque é lombá, tem uma serra, aí depois chega no cume e desce. E aí
597 depois tem o outro lado. Pra voltar do colégio a mesma coisa, vem meio que empurrando
598 a bicicleta, chega naquela parte e desce morro, vai embora. Então era essa a vida. Então

599 por isso o pessoal me chamava meio de louco, assim. Tem um pouco de garra nisso.
 600 Tem um pouco de... de fuga também, eu acho. De não guentar muito aquela vida, eu
 601 achava muito bruta aquela vida e tal. A mãe também, a mãe também gostava, tinha essa
 602 coisa de ela... de ela dar estímulo assim pra estudar. Ah, me lembrei duma história
 603 interessante, que... ela.... quando eu fiz sete anos, ela disse assim “Nego”, é meu
 604 apelido, né. Ela disse “Nego, tu vai... desamarrar umbigo”. Desamarrar umbigo, que lá
 605 naquele tempo era parteira em casa e tal, né, o umbigo ele era amarrado trançado, né.

606 L: Aham.

607 B: Com aqueles fios todos. E era um monte de nó que tinha aquilo. E ela disse assim, ó,
 608 eu fiz uma promessa quando vocês nasceram. Que quem conseguisse desamarrar um
 609 umbigo ia estudar. Quer dizer, não tinha condições [de estudar – transcrição difícil] Que
 610 eram pobres, super pobres os dois, né. Então vão estudar. E aí é.... eu consegui
 611 devagarinho, tinha que ser só com as mãos, né, só com as mãos, [transcrição difícil], eu
 612 tinha sete anos. E aí... comecei devagarinho e tal, desamarrando, desamarrando assim,
 613 consegui tirar uns três fios. Três fios de mais ou menos meio metro de comprimento. Que
 614 hoje tu usa aquele corte-clamp ali, tranqüilo e deu, né. Vai tranqüilo. E... e eu sei que eu
 615 mostrei pra ela aquilo e ela começou a chorar. E aí ela olhou pra mim e disse “Nego, tu
 616 vai estudar”. E aí tô aqui ó. [risos] não sei se sou um abacaxi... ou talvez devesse ter
 617 ficado lá fora. Às vezes eu olho e digo “puta que pariu”...[transcrição difícil]... ter pulado
 618 fora... Porque sabe, é bem isso mesmo... quanto mais tu estuda, sabe? Lá fora pô, tu é
 619 um cara alienado, né, alienado, tu desconfia das pessoas e tal. E eu tenho uma frase que
 620 eu disse pra um amigo meu aqui da filosofia, que eu disse pra ele cara, quanto mais eu
 621 estudo, quando mais eu me aprofundo... quanto mais eu estudo mais eu me aprofundo
 622 na miséria humana. Miséria humana, sabe? É isso. Então é meio que... é meio que uma
 623 contradição assim, sabe? As vezes eu penso será que eu não deveria ter ficado lá? Mas
 624 ao mesmo tempo é que tem uma luta muito braba, assim, de sangue e sofrimento muito
 625 grande, sabe? De vir a Porto Alegre, ficar morando em casa do estudante a vida toda, pô,
 626 eu morei na casa do estudante de 93 a 2001. É um tempo maluco assim. Porque não
 627 tinha outro jeito! Não tinha outro jeito! Então é isso, assim. Sei lá, hoje fazendo Direito, eu
 628 olho pra coisa e ... e até posso dizer assim ah, minha mãe numa dessas, tudo bem, tá
 629 certo, mas... mas foi bastante sofrimento. Eu acredito que... sei lá. Que a coisa pode
 630 melhorar daqui pra frente, entendeu? Pode melhorar. Vai chegar um momento que eu
 631 vou estar legal e assim... E dar uma força pra eles, também. A grande coisa que eu tenho
 632 que fazer é dar uma força pra eles. Sabe, de chegar num certo patamar e poder ajudá-los
 633 melhor. Mais é isso, assim.

634 L: Por que Nego?

635 B: Bah, um dia eu fiquei puto da cara com ela, eu tinha cinco anos de idade e ela
 636 começou a me chamar de Nego. E eu fulo da cara não gostava que ela me chamava de
 637 Nego, Nego, Nego pra cá, nego pra lá. Eu não gostava que ela me chamava de Nego.
 638 Chegou um dia um cara lá em casa e disse assim, é... isso é vendedor, é mascate,
 639 ambulante, e eu não sei... é... ele disse “próxima vez que ela te chamar de nego tu diz
 640 negociante”. Negociante. [riso] O cara era negociante. E eu não sei... depois assim, fui
 641 levando na boa aquilo, entendeu? Não sei porque Nego. Não sei. Me chama de Nego. E
 642 a minha irmã também é Nega. Alemoazinha, olho azul, Nega. Nego e nega. E o pior, hoje
 643 a gente chama de Nego e Nega. Não chama de Bruno, não sei. Não sei se ela não
 644 gostava do nome, não sei. Bruno não tem muito a ver. [riso] História meio maluca, essa.
 645 Não me lembrava disso, por que Nego. Na verdade não sei porque, a mãe, brincando.
 646 Mas é... é isso. Hoje eu sou um Nego véio. [Risos]

647 L: [Risos]

648 B: [risos] Que engraçado, ela me chama de Nego hoje, a minha mãe me chama de Nego
 649 hoje, a minha irmã me chama de Nego, e eu chamo ela de Nega também. A gente só se
 650 chama de Nego e Nega. Nós dois. É... Ficou o apelido carinhoso. Ninguém mais chama.
 651 Nem o marido dela chama ela de Nega! Coisa demais... A mãe não consegue chamar de
 652 Bruno, ou de sei lá o que. Então ela chama de Nego. Nego, vem comer. Acredita?

653 L: Acredito, se tu tá me dizendo eu acredito [risos]

654 B: É isso. Essa história...

655 L: Aiai. Mais alguma coisa que tu queira me contar, alguma história divertida,
656 interessante?

657 M: Não tem muita divertida, não. A história toda é de muito sacrifício. Eu olho pra trás e
658 vejo uma história de muito sacrifício. Dos dois. Eu... Eu na verdade tenho a pretensão de
659 um dia escrever um livro. Ele tá todo em capítulos na minha cabeça.

660 L: Hum, hum.

661 B: Todos eles, todos os capítulos na minha cabeça. Que é o que que é esse povo aí,
662 esses caras que vieram lá da Alemanha, se achando alemão hoje em dia ainda,
663 entendeu, mas que perderam totalmente o vínculo com a coisa lá, que vivem cultuando
664 coisa que eles não cultuavam lá desde 1900, não cultuam mais, hinos, versos, cantilenas
665 que eles cantavam que não cantam mais hoje em dia, então... Na verdade o nome é "O
666 preço da liberdade", ainda vou escrever isso. "O preço da liberdade". Porque te lembra
667 dum outdoor que tinha de primeiro aqui, que dizia assim "Fume Free e sinta o sabor da
668 liberdade"? Pois é. Este livro vai ter a ver com isso. Fume Free. Fume Free, cigarro, que
669 é o que a gente produzia lá fora. E... e sinta o sabor da liberdade. Quer dizer, eu vou
670 escrever o preço da liberdade. Do cara que fuma Free, entendeu? Porque bah, tem umas
671 histórias muito malucas assim, lá. De gente que enlouqueceu, de gente que, entendeu,
672 com a história do agrotóxico. Mas aí é outra coisa, entendeu?

673 L: Hum, hum.

674 B: Na verdade que eu... acho que não cheguei a falar muito assim, né, porque a partir
675 dos seis anos de idade, minha família trabalhava de dia na policultura, assim, boi, vaca,
676 assim pra... Pra leite e tal, mas depois eles venderam tudo aquilo e começaram a
677 trabalhar com plantação de fumo. Tanto que hoje em dia minha mãe tem problema de
678 coração, tem problema psiquiátrico, meu pai tem problema de olhos, visão também,
679 super sério por causa do veneno, entendeu? Então é uma coisa que eu quero um dia
680 botar isso ainda no papel, [transcrição difícil]. E eu lidava com veneno, com agrotóxico
681 direto, sem máscara, sem nada. Sabe, tinha direto assim, na lavoura. Sem roupa, um
682 calçãozinho curto e aquilo, direto. Quando eu chego aqui em Porto Alegre começo a
683 estudar, a fazer o segundo grau mais completo, começo a estudar química mais
684 profundamente, sabe? Começamos ali a estudar aqueles os benzenos, os metais
685 pesados e o poder de cada um deles no sítio ativo da proteína ou dos neurônios, eu
686 comecei a pirar com a história. Eu conheço muita coisa assim da área de medicina, por
687 causa disso aí comecei a pirar com isso. Eu digo não, alguém tem que ficar sabendo
688 disso, entendeu? Então esse livro vai ter um mix, assim, de tudo um pouco. Da minha
689 história, entendeu, de várias nuances, entendeu, de histórias que eu sei de vizinhos lá
690 que acabaram se suicidando, etc etc. Que eu vou contar tudo e [transcrição difícil] e vai
691 ficar legal. Mas eu tô maturando, isso é que nem vinho. Tem que maturar na cabeça
692 primeiro, depois na hora que dá tu vai e bota ali bonitinho, engarrafa. Mas isso vai
693 demorar um pouco eu acho, ainda. Mas é isso, é uma história de... de... de muita dor. Eu
694 olho pra trás e vejo uma história de muita dor. Do meu pai e da minha mãe. Sem amparo,
695 sem... sem tecnologia, sem medicina, sem tudo ali. Só com o poder deles. Eu tenho... Ao
696 mesmo tempo em que eu tenho uma certa pena, assim, eu tenho um grande orgulho
697 deles. Não por... ah, [transcrição difícil] ou não, mas pela luta dos dois. Uma luta violenta,
698 sabe, de com uma enxada... eles sempre [transcrição difícil]. Minha mãe tem até a
699 terceira, segunda série, e o pai tem o primeiro ano, só. Pô, e ele conseguiu, conseguiu,
700 vendeu a propriedade lá fora e montou um minimercado em Arroio dos Ratos. Um
701 minimercado. Chegou num momento em que ele tinha um mercado, lá ele vinha... Vinha
702 a Porto Alegre, vinha no Makro, na Ceasa, duas ou três vezes por semana. Comprar
703 coisas, tava bem. Com tudo lá. Aí depois chegou um tempo que [transcrição difícil] mas é
704 que ele acabou perdendo bastante lá. Acabou meio que falindo a coisa. Eu te falei essa
705 história, acho. Foi meio que falindo. Mas isso é uma coisa que me norteou muito. De
706 saber que os dois semi-alfabetizados, coitados, velhos, Saiu de lá e conseguiu montar
707 isso aí, que não é fácil. Isso é uma coisa que me deu bastante estímulo, também. Mas
708 acho que é isso, assim, a parte mais, mais de momento, assim, não tem muito não. O

709 cara aprende, a alegria vai tá lá na frente ainda. Vai tá na frente. Vai tá pra lá. Não tô
710 muito no presente, assim. Tá muito mais pra lá. No mais é isso.

711 L: Tu falou uma coisa interessante, das pessoas, essas pessoas que se acham alemães.
712 Onde é que tu identifica que eles se acham alemães?

713 B: No preconceito, no se dizer que são alemães, “porque nós somos alemães”, no
714 preconceito de odiar negro, entendeu, e... ah. Enaltecer uma coisa que tu... sabe? De
715 enaltecer uma, uma... uma figura que tu não tem a mínima idéia do que que é, que é a
716 Alemanha hoje. Os caras se acham vinculados umbilicalmente, os caras nem se acham,
717 nem se acham muito gaúchos. E eu odeio isso. Eu acho que isso não é uma atitude tipo,
718 pô, brasileiro, pô, eu antes de tudo sou brasileiro, sou gaúcho, sou rio-grandense. Antes
719 de tudo sou brasileiro. Minha pátria é o Brasil. Sabe? Mas eu não me sinto, não tem essa
720 coisa de... de... entendeu? “Oh, alemão...” Porque tem essa questão do preconceito.

721 L: Hum, hum.

722 B: [transcrição difícil] totalmente, que como assim, alemão, que alemão o que? Que papo
723 é esse? Sabe? Acho que nem na colônia, nem no interior da Alemanha vai ter esse tipo
724 de coisa, vai ter uma abertura pro que eles fazem aqui, entendeu? Então eu digo, é em
725 cima de uma ilusão, em cima dum mito assim, que eles vivem naquela cabeça lá. Vivem
726 em cima de uma tradição que não... na verdade não existe. Não existe. Diferentemente
727 do que eu vi ali em Ivoti, por exemplo, ali eu vi que tem uma cultura, um povo, mas eu
728 não vi essa coisa tão forte, assim, sabe. Não vi muito isso aí. Mas os meus tios têm muito
729 forte isso, muito carregado. E eu entendo porque. Porque é brabo tu te sentir gaúcho, ou
730 tu ser gaúcho, tu ser, entendeu, daqui a pouco tu tá aqui no final do Brasil, né, os caras
731 tem noção disso, sabe? Ser colono ali, tá ralado, trabalhando na lavoura. Dali a pouco ele
732 tem que... Tem que ter um vínculo com outra coisa, sei lá, eu não gosto muito disso,
733 sabe? Acho que isso não... não... Nunca vi com bons olhos isso aí. A questão do
734 preconceito, assim. Não gosto. Acho que não é por aí a coisa.

735 L: Muito beeem!

736 B: Três horas e... meu Deus do céu...

737 L: Nossa Senhora... vamos encerrar?

738 B: Vamos encerrar.

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: DIEGO

*Esta transcrição privilegia o conteúdo das narrativas. Para a transcrição apurada, consultar os excertos selecionados no capítulo 4.

- 1 Luciana: Vamos lá. Diego, o negócio é o seguinte. O objetivo dessa entrevista é servir de
2 subsídio pra... há... um trabalho sobre a análise do discurso da germanidade nos
3 descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, tá? Tudo que tu me disser
4 aqui interessa pra... pro estudo, e tudo que tu disser vai ser tratado com... há...
5 confidencialidade, os dados não são revelados, a identidade da fonte não é revelada. Tu
6 pode parar a entrevista a qualquer momento, se tu por acaso disser alguma coisa, algum
7 dado que tu não quiser ver registrado tu pode me avisar que a gente deleta do arquivo
8 depois, tá?
9 Diego: Ok.
- 10 L: Cópias dos dados estão disponíveis, tu podes solicitar a qualquer momento.
11 D: Ok.
12 L: Pode ser?
13 D: Está registrado e acordado.
14 L: Muito bem! Vamos lá. É... Um dos... o motivo pelo qual tu é uma das minhas fontes
15 dessa pesquisa é porque tu sabe a tua ascendência até o imigrante que veio, né? Quem
16 é que fez essa pesquisa?
17 D: Quem fez a pesquisa do...
18 L: É.
19 D: Do... Foi tu! [risos] Pô! Ah não... na verdade assim... como dentro da família sempre
20 se... Na verdade os grupos alemães, os grupos do interior lá eles sempre têm muito forte
21 a questão do, essa tradição... há... há... o foco do dentro do, do... da cultura alemã e tal.
22 Então sempre, embora não, se tu me perguntar pra relatar, pra tirar a prova eu não vou te
23 dizer todos eles na ordem, mas há... então sempre tá... nas conversas familiares isso
24 sempre vem, ou sempre remete a quem foi, quem veio, quem foi o filho de quem, quem
25 foi não sei o que, então isso sempre teve nas discussões familiares, isso sempre
26 apareceu.
27 L: Hum, hum.
28 D: Não, não foi um levanta-não necessariamente foi um levantamento, né, embora se
29 tenha feito um levantamento. Mas a linha direta ela sempre teve... sempre foi comentada
30 e discutida pelas conversas da família, principalmente com... há... os ramos mais...
31 velhos, né, não com os primos, mas com tios, avós... e... aí por diante.
32 L: E como é que tu, tu... lida, como é que é esse contato com essa... com essa
33 genealogia, digamos assim? Como é que é saber essa...
34 D: Ah, saber é saber. Não, não... digamos assim, no dia-a-dia não impacta nada, sabe,
35 eu não... não... não me mudo... Mas é uma... é... é uma coisa que a gente vai... há... vai
36 vendo que a gente tem essas características mesmo de... que o alemão... como dizem
37 que o alemão ah... é muito turrão... o alemão é muito cabeça dura... e a gente vai se
38 enxergando nessas coisas. Tu vai se... vai se entendendo nesse tipo de coisa, também.
39 Até, talvez provavelmente até uma coisa meio genética, cultural propriamente né, mas
40 que vai, que através disso. Mas não é uma coisa, há... digamos assim que, impacte, ou
41 que diga no meu dia-a-dia, que seja... ser assim ou assado.
42 L: Bom, já que nós estamos falando disso, o que que é ser alemão?
43 D: Eu não sou alemão, sou brasileiro. Mas é... quer dizer, ser de origem alemã... eu acho
44 que é... o fato, o fato de ter... há... acho que a questão cultural ou de ter vivido essa
45 questão cultural aproxima muito, porque mesmo você, mesmo não tendo, ou mesmo
46 tendo... não tendo uma ligação explícita, vou te dar um exemplo. Eu tive... morei na Casa
47 do Estudante, né, e então ali a gente tinha... há... conheceu, eu conhecia pessoas que
48 nunca tinha visto antes, e de repente apareciam. E algumas colônias, há... de imigração

49 alemã do Estado também, a gente encontrava gente, então a gente tipo, é uma coisa
50 muito interessante isso, porque a gente tava ali, nunca tinha visto uma pessoa, nunca
51 tinha cruzado com uma pessoa, nunca tinha, né, imaginado, mas... há... tu chega ali e...
52 e... a... a... o tipo da cultura, a forma de... de criação, né... há... o... a questão de que, ah,
53 isso deve fazer, aquilo não deve fazer, é muito parecida, né. Então eu acho que é uma
54 coisa assim, que não é uma... acho que não é um status de ser alemão, mas é, eu acho
55 que é uma forma como isso foi passado, uma forma cultural como as comunidades, ou
56 algumas comunidades pelo menos permaneceram com essa questão cultural que veio
57 vindo, quer dizer, que foi uma coisa de... que foi uma coisa trazida pelos imigrantes e
58 mantida nessas comunidades, né. Então chegava lá, de repente tinha pessoas muito
59 próximas, extremamente próximas e que eram do outro lado do Estado, ou quer dizer,
60 que não tinha nenhuma relação, mas que têm exatamente o mesmo tipo de
61 comportamento, o mesmo tipo de raciocínio, mesmo tipo de educação, de certo e errado,
62 esse tipo de coisa.

63 L: Hum, hum. Em que aspectos tu te considera, ou tu te consideraria alemão?

64 D: [pausa] Ahm... não... "alemão". Acho que não... acho que nenhum aspecto. Como
65 alemão, nenhum aspecto.

66 L: Hum, hum.

67 D: Eu acho que... tem algumas coisas, assim. Tem algumas... tem muitas características,
68 né, que foram herdadas, ou que foram, em função da cultura que a gente viveu, do modo
69 de criação que a gente teve, que foi herdada... há... de uma coisa que veio da Alemanha,
70 né, que veio, há... por exemplo, a minha primeira língua é o alemão, né, embora hoje eu
71 já... tenha perdido muito... Gosto de muitas coisas que tão vinculadas, então é toda uma
72 questão cultural, mas eu não chegaria a um status de ser alemão, entendeu? Eu não
73 imagino... Não tenho isso pra mim, que é um status de que ah, é alemão, né. Embora
74 todas as... todas as ascendências de todos, de todos os meus antepassados tenham
75 vindo ou da Alemanha, ou da Polônia, quer dizer que, antigamente eram o mesmo... era
76 Alemanha, né, era Germânia, há... todos os antepassados tenham vindo de lá. Então
77 inclusive quando... eu já tinha te comentado isso, quando a gente esteve na Alemanha...
78 há... eles são muito... muito... muito complicados com pessoal, com estrangeiros, né,
79 principalmente com latino americanos, né. Há... só que quando eles sabiam da árvore, ou
80 do... do... do... da origem que a gente tinha, há... eles, ah... mas então vocês não são...
81 há... na verdade vocês não são brasileiros, vocês são alemães, né, vocês só são
82 alemães do novo mundo, alemães que não nasceram aqui na Alemanha, mas vocês têm
83 as raízes, pra eles isso é muito forte, né. E eu acho que isso a gente herda um pouco, né,
84 isso assim. Mas há... não me consideraria alemão. Eu não me considero alemão. Sou
85 brasileiro, embora com algumas culturas que tenham vindo desse... desse processo de
86 imigração, eu acho.

87 L: Hum, hum. E o que que não é ser alemão?

88 R: [pausa, respira fundo] Pergunta complicada. [riso]

89 L: [riso]

90 D: O que não é ser alemão? Pô, é não ser alemão, é ser italiano, é ser judeu... o... quer
91 dizer, judeu também não porque... Mas... [pausa] não sei categorizar isso, não sei
92 definir... o que não é ser... Que eu acho que não... não... há... não consigo enxergar essa
93 dualidade, né? Ser alemão ou não ser alemão. Quer dizer, eu acho que... se nós formos
94 considerar o critério, né, de ser alemão é quem nasce na Alemanha, é muito fácil ter essa
95 dualidade: alemão é nascido na Alemanha, não é alemão... Agora, se nós formos
96 considerar algum critério de que ah, tem alguma coisa, que aí que poderia... A gente
97 poderia ter... há... alguma relação... há... Agora o não ser alemão... eu não sei. Poderia
98 ser uma parte ser alemão, outra parte não. Mas, há... não sei te dizer, que que é não ser
99 alemão.

100 L: Tu já teve na Alemanha, né?

101 D: Já, era criança...

102 L: Quantas vezes?

103 D: Uma vez só.

104 L: Uma vez.

105 D: Uma vez só, eu era criança, bebê de colo, me lembro muito pouca coisa. Tinha um
106 ano e... um ano e pouco... tinha menos de dois anos quando a gente voltou de lá.

107 L: Como é que tu vê a Alemanha?

108 D: Eu vejo... acho que é um país que teve... que mudou muito... hã... mas mesmo
109 mudando muito... guardou um... uma... é meio que um... um... parece que... passa uma
110 imagem quixotesca, né? Passa uma imagem de uma ilha, né, no meio de uma Europa...
111 hã... digamos, muito ocidentalizada que ainda guarda... embora tenha mudado, embora
112 tenha avançado muito, mas que ainda guarda culturas muito fortes. Eu vejo isso muito
113 forte na Alemanha e na França, mas mais na Alemanha do que na França, né. Por uma
114 questão de língua, por uma questão cultural, por uma questão de... de forma como as
115 pessoas se relacionam, né, muito... hã... de si pra si mesmo, né, muito... a Alemanha
116 dentro dela e... e... embora com a questão de euro, a questão da, da União Européia,
117 mas ela muito centrada, e ela... de repente até por, com uma questão de... ah, “temos a
118 obrigação de carregar o fardo”, questão toda da Segunda Guerra e... da Primeira pra
119 Segunda Guerra... né, mas... uma coisa e mesmo assim muito... hã... internalizada, muito
120 auto-suficiente. E se puder fazer uma comparação a gente vê a mesma coisa nas
121 comunidades alemãs aqui no Brasil, também que são exatamente do mesmo... do
122 mesmo... da mesma forma, né? Elas muito ensimesmadas, né, muito auto-suficientes, ou
123 buscando essa auto-suficiência, ou mostrando auto-suficiência, né, até, hã, com algumas
124 coisas assim de que ah, “nós temos essa obrigação”, “nós temos essa necessidade”, que
125 é até uma coisa que a gente consegue observar bem nas comunidades alemãs que a
126 gente... que tem por aí aqui no Rio Grande do Sul.

127 L: A tua primeira língua foi o alemão?

128 D: Foi o alemão.

129 L: Dialeto?

130 D: Aprendi em casa. Não, foi gramatical. Porque como nós tínhamos morado na
131 Alemanha, hã... o pai e mãe... eles falavam. Embora a família falasse muito o dialeto,
132 mas hã... o pai e a mãe falavam muito grama... hã... falavam o gramatical em função
133 dessa... do... o pai foi pra lá por uma bolsa trabalho, né? Hã... Fomos... o pai e a mãe, eu
134 era criança de colo e uma prima nossa, né, hã... embora o pai... a mãe e a minha prima
135 se dividissem entre cuidar de mim e... trabalhar ilegalmente, né, [transcrição difícil]
136 trabalho já na época tinha trabalho [pro pessoal?] do terceiro mundo, hã... tinha uma
137 comunicação muito... hã... viajava-se bastante, conhecia-se bastante, né... Então tinha
138 muita comunicação com o pessoal lá. E como eles falavam o gramatical, falavam comigo
139 o gramatical, na verdade o que eu aprendi foi o gramatical, foi o gramatical.

140 L: Como é que foi essa história da tua família, antes de ir pra Alemanha, depois de ir para
141 a Alemanha, como é que foi isso?

142 D: Não, não se... quer dizer, não sei, antes de ir pra Alemanha eu não me lembro, né,
143 que eu era... muito criança. Mas... essa questão...

144 L: De onde é a família?

145 D: Do... do... de Nova Petrópolis, né. Original de Nova Petrópolis. Embora a mãe tenha
146 nascido em Porto Alegre, mas... mas que todos os antepassados assim foram e tiveram
147 entre, assim na linha entre São Leopoldo e Nova Petrópolis, ali por Dois Irmãos e Nova
148 Petrópolis, nessa, naquela região aqui. O... mas a gente foi na verdade... foi... o, o pai foi
149 pra Alemanha porque conseguiu uma bolsa do... do... uma bolsa de trabalho, né, hã... e
150 foi pra lá, eu era criança mas isso sempre teve, a família sempre teve o mesmo... o
151 mesmo... essa questão cultural muito forte então, o fato de ter ido ou não, acho que
152 mudou algumas coisas na forma. Por exemplo, nós falávamos alemão em casa mais
153 gramatical, mas com os parentes eles falavam o... o dialeto, né, o [nome do dialeto], que
154 é o... que é o que na família falavam, e tal, tinha-tinha essa pequena diferença que a
155 gente, né, nossa família com o resto da família, né, de falar...

156 L: Isso no Brasil, de volta?

157 D: Sim, aqui, aqui no Brasil, né. Mas eu não me lembro porque eu era muito criança,
158 quando a gente foi. Eu fui pra lá com um ano, né, hã... menos de um ano. Então eu não

159 tenho essa referência de como era antes, como era depois. Me lembro assim poucas
160 cenas, né, de lá, assim coisas muito estáticas, muito... né, o mais realmente era depois
161 lembrando, contando, ah, o que que eu fiz na casa de fulano, na casa de "ciclano", que
162 que dizem... então tinha essa coisa, mas eu não tenho uma comparação de... de... do
163 que era antes, do que era depois, porque pra mim sempre teve isso, né, isso foi a
164 realidade. Embora eu não... não me lembre... ou... o que que pra mim isso tenha
165 impactado.

166 L: Vocês voltaram da Alemanha e foram morar aonde?

167 D: Voltamos a Nova Petrópolis. Voltamos a Nova Petrópolis. Hã... A gente voltou, o pai...
168 teve... uma... terminou a bolsa dele, aí a gente foi tentar passar um tempo num... kibutz
169 em Israel que era o... o pai e a mãe queriam, principalmente o pai queria, hã... mas aí
170 chegando lá no kibutz eles diziam que, hã... tinha uma separação, que era uma
171 separação rígida, né, de homens, mulheres e crianças, sendo tudo separado, e na época
172 eu não... falava, quer dizer, falava alemão, falava... falava muito pouco, né, eu era criança
173 pequena, né, só falava alemão, hã... não tinha como me comunicar... então era muito
174 complicado, e aí disseram que... decidiram melhor não, né, ficamos um dia ou dois dias
175 lá, hã... e aí a decisão foi que o pai ia continuar lá, passou mais um tempo lá no kibutz,
176 depois ele foi pra África e... antes de voltar, e a gente voltou. Então ele continuou lá
177 algum tempo nesse kibutz e a gente voltou, foi pra Nova Petrópolis, lá na casa dos... dos
178 meus avós e... passou por lá, né. Aí quando o pai voltou depois fomos pra... moramos...
179 fomos lá pra Nova Petrópolis mesmo, na cidade... e... passamos lá ainda, acho que uns...
180 três anos, quatro anos, antes da gente se mudar de novo.

181 L: Que que teu pai faz?

182 D: Agrônomo.

183 L: E ele foi como agrônomo pra Alemanha e...

184 D: Foi...

185 L: ... pra África...

186 D: Ele tinha... pra Alemanha, né? Ele tinha sido... ele tinha... se formado, como... além de
187 agrônomo é filósofo.

188 L: Sim.

189 D: Mas hã... ele tinha... terminado o curso, ele trabalhava... na... em Xaxim, onde eu
190 nasci na Acaresc, que é alguma coisa muito parecida com a Emater, aqui no Rio Grande
191 do Sul e... e aí ele tinha feito um pedido através dum... através do... do... do DAAD, ele
192 tinha feito o pedido de uma bolsa trabalho, então ele foi pra Alemanha, como agrônomo,
193 como se fosse um... uma... um... não sei categorizar se foi uma pós-graduação, alguma
194 coisa assim, mas como se fosse uma... um... depois da graduação, um período de
195 trabalho, uma bolsa de trabalho, um estágio profissional, ele tava lá com bolsa trabalho,
196 fornecida pelo DAAD, hã... acho que muito em função da integração da Alemanha, né,
197 que isso é uma coisa que pra Alemanha também é... é importante, né, eles terem essas
198 raízes em outros países, até por uma questão cultural, de língua, até pra não ser... hã...
199 digamos, dominados em termos tecnológicos, mundiais por outros... eles têm esse tipo
200 de bolsa. E o pai na época tinha conseguido uma bolsa e aí foi pra lá, através... pra fazer
201 essa bolsa trabalho.

202 L: Quando é que tu aprendeu a falar português?

203 D: Na escola. Até na escola, foi... na verdade aprendi mesmo a falar português quando a
204 gente foi pra Sergipe, nos mudamos pra Sergipe. Porque... na escola, não... Quando eu
205 fui pra escola eu não falava nada de português, né, comecei a ter o primeiro contato, mas
206 a maioria...

207 L: Tu foi pra escola em que cidade?

208 D: Em Nova Petrópolis.

209 L: Em Nova Petrópolis.

210 D: Foi quando eu fui pela primeira vez. Fiz metade do jardim de infância em Nova
211 Petrópolis. Hã... e aí que eu tive contato com o português. Mas como sendo em Nova
212 Petrópolis, ainda não tinha... não falava tanto porque a maioria das pessoas falavam, a
213 professora falava, mas começava-se, comecei a falar português. E onde eu fui aprender

- 214 mesmo, eu fui falar português mesmo foi aí quando a gente foi pra Sergipe, que foi na
215 metade de 81, né, aí nos fomos a Sergipe e aí lá... hã... não tinha... a gente inclusive
216 falava em casa e tudo e aí meu irmão mais novo ele aprendeu muito pouco, ele entende
217 mas ele não fala, ele aprendeu muito pouco a falar em alemão justamente porque ele...
218 quando nós fomos a Sergipe ele não tinha... ele tinha um mês,
219 L: Hum, hum
- 220 D: quando a gente foi pra lá, e daí ele não chegou a aprender a falar alemão. Então lá a
221 gente... hã... aí é que foi falar, começou a falar português. Também em casa, por causa
222 da... que tinha outras pessoas junto, e tal, falou mais/voltou a falar mais português. Mas
223 antes só falava alemão.
- 224 L: Os dois do meio falam alemão também? [ref. aos irmãos]
- 225 D: Falam, falam alemão também. Só, quer dizer... falam... hã... a gente-todos nós
226 acabamos perdendo muito, né. Hã... mas sabem falar. O último também sabe falar, ele
227 entende muito bem, mas ele não tem, nunca teve o que nós três tivemos que foi o se
228 comunicar em alemão.
- 229 L: Hum, hum.
- 230 D: Né, que foi o usar o alemão como primeira língua, né, que nós três tivemos. E o... o
231 último, o Luís não teve.
- 232 L: Tu morou com os teus avós em Nova Petrópolis?
- 233 D: [pausa] Sim, sim.
- 234 L: Como é que era essa...
- 235 D: Com minha vó.
- 236 L: ... os costumes de casa?
- 237 D: Eram... era o que a gente conhecia, porque... pra nós isso sempre foi normal, quer
238 dizer, tanto na casa da vó quanto na, na... quanto lá em casa, sempre teve o mesmo tipo
239 de... de costume, assim. Embora claro, né, uma coisa... é... colônia... né, aquela coisa
240 bem, de... hã... de cultura alemã. E uma coisa que a gente percebeu é que... hã... muitas
241 das coisas que a gente achava que ah, é colônia, que... que não, realmente isso... o
242 modo de trabalho, o modo de fazer foi, ou continua-ou era feito na Alemanha, né... é...
243 Mas os costumes eram sempre muito parecidos. Em casa, na casa da vó... no... no...
244 Acho que tem essa replicação muito grande dentro da cultura alemã, ela guarda muito
245 esse tipo de... sempre replicar, é que nem o pai fez, ou que nem o vô fez, ou que nem o
246 bisavô fez, replica muito, então nem teve muita diferença, não muita diferença entre...
247 claro, características, mais... é uma... é uma situação, em casa... hã... a gente tinha... é...
248 em Nova Petrópolis depois, né, a gente não tinha... hã... criação de gado, esse tipo de
249 coisa, né, que tinha lá na vó, mas não era... nada muito diferente assim em termos de
250 costumes. Mesmo porque a gente acabava ficando sempre... próximos, relativamente
251 próximos.
- 252 L: Tá, mas e os costumes eram o quê? Vocês falavam em alemão em casa?
- 253 D: Sim.
- 254 L: Brincavam em alemão?
- 255 D: Como é que é brincar em alemão?
- 256 L: As crianças, falavam em alemão?
- 257 D: Sim, mesmo porque a gente não, não... até o momento em que nós... até o momento
258 de ir pra... pra Sergipe, a gente em casa só falava alemão... né... Não tinha... só... a
259 língua era o alemão.
- 260 L: Hum, hum.
- 261 D: Até então a gente não conhecia outra coisa. Eu conheci outra coisa quando fui na... na
262 escola, né.
- 263 L: Na escola.
- 264 D: Os outros eram mais novos, então eles foram aprender o... o português, ou foram usar
265 o português quando a gente foi pra Sergipe, né, que lá, aí sim, aí mudou, aí a gente
266 começou a falar português, né... o... mesmo porque não tinha... a gente passava muito
267 fora dessa... hã... Embora em casa, embora ainda... quando nós estávamos sozinhos,
268 falava em, em... falávamos em alemão.

269 L: Hum, hum.

270 D: Né, mas geralmente a gente tinha [transcrição difícil] e falava português... Mas era
271 uma coisa muito... meio estranha assim, porque... hã... a partir dessa época, o pai
272 começou-o pai e a mãe sempre falam, sempre falavam-principalmente o pai, sempre
273 falavam em alemão com a gente, né, e o meu irmão mais novo respondia em português,
274 né. Então era uma coisa assim... era um... um... um... ele falava, falava em alemão e
275 respondia em português. Mas sempre se falou em alemão. Em casa sempre se falou em
276 alemão, hã... exceto aí quando tinha outras pessoas, juntos, que não conheciam.

277 L: E as coisas assim mais do cotidiano, comidas, música, festa... Como é que era isso?

278 D: Como é que era? Hã... não sei, nunca teve festa. Não, comida... hã... A minha mãe,
279 ela é... Ah... [pausa] Faz, assim, em casa, hã... é muito cozinheira, assim, cozinha muito
280 bem, e... e... é de, da receita e tal... e ela tem, era um negócio muito... muito interessante,
281 que ela tem os livros dela de receita são escritos em alemão, entendeu. Como tem muita
282 receita em alemão, ela escrevia os livros lá em... em alemão. Então era o... quando...
283 Tinha época lá de... de guri que foi aprender a cozinhar, e ela, ah, fazer [nome da
284 comida]. Aí tinha que ler em alemão, aí pô, eu não sabia ler em alemão. Que eu nunca
285 aprendi a... a ler, a gente só falava, mas a alfabetização escrita foi em português.

286 L: Hum, hum.

287 D: Embora alemão tenha sido falado eu nunca aprendi a escrever em alemão. Então,
288 mas tinha... mas aí era comida, era... sempre, sempre teve muito forte ah... Por exemplo,
289 essa semana passada, tava em casa lá e a gente “Bah, faz tempo que tu não faz
290 chucrute”. Aí ela foi lá fazer chucrute, então tem essas coisas assim de... de... hã... de
291 culturais, de ter passado, quer seja daqui ou quer seja de quando nos tivemos lá, mas
292 ela sempre procura manter, ou fazer assim. E eu, particularmente depois que eu saí de
293 casa, perdi muito disso, né, não... eu não... não me paro pra fazer, “ah, vou fazer uma
294 comida alemã”, eu não... não tenho, não tenho saco pra fazer isso.

295 L: [riso] Vocês ouviam música alemã?

296 D: Mús... ahm... mais a música... enquanto a gente ouvia a música que o pai e a mãe
297 colocavam eu ouvia música alemã. Tem muita coisa assim de, do... principalmente fitas,
298 né, da época assim que a gente tinha, mas... mais recentemente a gente perdeu isso
299 também, agora nós... exceto um ou outro cd, de uma música-de algumas músicas mais...
300 hã... Não bandinha, né, mais típicas alemãs, mas o pai e a mãe tem muita... tem muitos
301 discos, em vinil ainda... hã... em alemão. Mas a gente, a gente acabou não tendo muito.
302 Mas... um ou outro cd, que tem... até alguma coisa de vez em quando que a gente ouve
303 de, de... de música tradicionalista, tradicional mesmo, bandinha mesmo... Mas... muito
304 pouco, assim, nada muito expressivo.

305 L: E... a religião? Como é que era?

306 D: Bom. Hã... Religião é um problema, um pepino. Porque o alemão... tanto faz, né... ou
307 católico ou luterano, né, hã... é muito forte, né, a questão religião é... é uma coisa muito
308 forte. E lá... em casa também era isso, e principalmente com a minha vó, né, as duas, as
309 duas... Os dois vós eu não conheci, já eram falecidos, mas as duas vós, assim era muito
310 forte essa coisa de todo domingo ir na missa, aquela coisa toda. Então sempre quando a
311 gente vai pra Nova Petro-, ou ia pra Nova Petrópolis, missa era uma coisa sagrada, né,
312 tinha muito forte isso. Mas o pai foi... E aí tem aquela questão, o alemão ah, hã... Tem
313 isso muito forte, e aí toda família tem que ter um padre, ou quer ser padre, e o pai foi pro
314 seminário, né, teve... não sei quantos anos, no seminário, e na época ele acabou saindo
315 do seminário por uma série de coisas que ele não concordava, enfim, e a gente... nunca
316 foi muito, ou... foi cobrado mas nunca foi uma coisa assim, muito de imposta, né, e eu
317 tinha muito... desde sempre um pouco de aversão à questão de religião assim. Então
318 embora participe eventualmente, mas não... isso não... não faz... não tenho participação
319 muito, muito efetiva por uma questão mais... hã... própria mesmo assim, embora seja
320 muito cobrado, de que pô, o alemão [transcrição difícil] ah, a comunidade, né, a mãe vive
321 enchendo o saco, né, porque pô, a religião é uma forma de se manter a questão de
322 comunidade, tem que... hã, se envolver, ou tem que fazer, eu disse olha, existe n outras
323 formas, de exercer esse mesmo princípio, essa mesma coisa, né, e eu não me sinto

324 muito bem com algumas coisas da religião. Mas... é um ponto de atrito sempre porque
325 isso é muito forte, na cultura alemã isso é muito forte, principalmente com pessoal mais
326 idoso, mais velho... Algumas vezes a gente tem que abrir mão, ah ok vamos na missa...
327 vamos fazer, e tal... acaba participando... hã... o meu primo ainda, o Manoel, né, que ele
328 também foi seminarista, mas também não é uma coisa só de ah... Continua existindo
329 hoje, continua havendo, continua sendo forte, né, mas pra mim isso foi mais tranquilo,
330 como o pai teve... hã, foi seminarista então, eu usei isso como... Pô, até o pai, então não
331 pode cobrar de mim...

332 L: [riso]

333 D: Esse tipo de coisa. Mas a pressão é forte. No meio alemão a religião, quer seja
334 luterana, quer seja católica, tem muito... muito fortemente cobrada, né.

335 L: E... quais desses valores que a gente tá falando aqui que são alemães que tu tenta
336 transmitir pro teu filho?

337 D: [pausa] Valores alemães? Não sei se são bons ou são ruins [riso]... mas há... ahn,
338 acho que tem as duas coisas... o... [pausa] acho que assim, a questão de... de retidão, o
339 alemão tem muito a questão de caráter, de... de... é... hã... verdadeiro, acho que isso é
340 uma coisa importante... hã... por outro lado, a velha questão da persistência versus
341 teimosia, né, que na verdade é a mesma coisa, e que isso não adianta nem transmitir,
342 porque eu acho que isso/eu tô começando a desconfiar que isso vem no sangue mesmo,
343 L: [riso]

344 D: isso é genético mesmo [enfático], né, mas de qualquer forma, acho que também é
345 uma questão importante, né, e... quer dizer, na verdade isso vai desencadeando, né,
346 numa série de outras coisas que vêm em função, que vem em função disso, né. Acho
347 que... caráter, né... retidão... ser correta... né, a própria questão de persistência, de
348 buscar, né... acho que uma questão um pouco de orgulho, que é outra coisa que... de
349 repente até teria que abandonar um pouco mas também faz parte... mas a gente acaba
350 meio consciente ou inconscientemente passando também, que é uma questão de, de...
351 que o alemão tem muito forte também... o orgulho, às vezes a... a parte menos boa do
352 orgulho que é aquela, né, sentimento de [transcrição difícil], muito de... mas isso também,
353 isso acaba passando, quer seja consciente ou inconscientemente.

354 L: Muito bem. Mais alguma coisa, alguma história que tu queira contar a respeito disso,
355 essa relação com a Alemanha, como é que foi...

356 D: É... o... acho que ... a gente tem, na verdade a gente... acaba sentindo que tem uma...
357 digamos... o que a gente estava comentando antes... do... de que.. uma coisa que a
358 gente descobriu, hã, ou que a gente viu lá, ou que a gente tem, eu ouvi, ou eu ouço
359 algumas vezes isso, a gente descobriu isso lá, ao viver isso lá, que... o que a gente tem,
360 o que a gente, hã... tem aqui no Brasil, é, a cultura que a gente tem aqui, parece ser, hã...
361 da Alemanha da primeira metade do século passado,
362 L: Hum, hum.

363 D: né, que é o que... o que se manteve, quer dizer, a forma como os... imigrantes
364 trouxeram pra cá, essa forma foi perenizada, né, e se manteve dentro da cultura. Então a
365 Alemanha acabou mudando, né, a Alemanha acabou mudando muito mais e aqui se
366 continuou tendo esse mesmo tipo de... de... hã... de... de relação. Então assim... o... tem
367 algumas, algumas coisas que ilustram isso que são interessantes. Que... no Japão eles
368 criaram um parque temático... hã... multicultural, né, todas as culturas do mundo. E aí
369 dentro delas foram também a cultura alemã. E aí quando queriam apresentar, queriam ter
370 um grupo de dança que dançasse músicas folclóricas, típicas alemãs, eles foram na
371 Alemanha e não encontraram, não ex-não tinha mais, quer dizer, hã... E aí vieram aqui
372 pro Brasil pra levar, ou pra levar esse grupo, então que foram, teve uma prima minha que
373 ficou lá seis meses no Japão em função disso, né, hã... apresentando a tradição não do
374 Brasil, mas da Alemanha. Porque uma coisa que aqui continua perene e lá, uma coisa
375 que parou, que não... não existe mais. Então aqui, né, os imigrantes... acho que essa
376 relação, essa questão de saudade, essa questão de... hã... de terem deixado a terra,
377 quer dizer, isso fez com que eles cultivassem isso muito mais, né, isso ficasse muito mais
378 forte. E o fato das comunidades também criarem mini Alemanhas, né, dentro do, do

379 Brasil... hã... mesmo no, no Brasil... continuou como se tivesse, né, fazendo as mesmas
380 coisas. Isso... é, essa coisa forte, essa coisa, né... Muito fechada dentro disso fez com
381 que se teve, com que se tivesse muito... hã... sólida essa cultura que lá acabou... acabou
382 se esvaindo um pouco. Então eu acho que isso é um negócio. Outra coisa que aconteceu
383 lá que... a mãe conta que eu não me lembro desse episódio, mas a mãe conta, que...
384 tava preparando, tava na casa de... de uns parentes, uns conhecidos lá, não me lembro
385 quem que era, hã... a gente tava hospedado lá, e tal e tal, e ia sair pra não sei, pra fazer
386 alguma coisa, e... eu era criança pequena, e tava me arrumando e tal, e aí a mãe... virou
387 pra mim e disse [expressão], né, que é uma expressão “te apressa, né, vai ligeiro, anda,
388 anda com isso”, né, e aí a... a mulher, né, a mulher do cara disse “baahh... mas há
389 quanto tempo que eu não ouvia essa expressão! Né, quantos anos, vá vinte, trinta anos
390 que eu não ouvia isso!” Porque a gente imaginava, até... a mãe imaginava que fosse uma
391 coisa do dialeto aqui, ou da gente, uma expressão nossa daqui que isso tivesse sido
392 incorporado, que tivesse sido usado. Que na verdade não, era uma coisa que era falado
393 lá mas lá deixou de ser falado, ou lá deixou de ser utilizada mas aqui foi mantida, né. E
394 uma série de coisas assim que a gente... hã, acaba achando, ou quer dizer, imaginava
395 “ah, mas isso é... isso é uma coisa daqui...” Na verdade foi... Não, não guarda mais
396 proporção com o que existe na Alemanha, mas que na verdade aqui foi perenizado ou foi
397 continuado, e lá a coisa-e lá teve... lá mudou, a coisa mudou. Então eu acho... é... a
398 nossa relação que a gente tem com a Alemanha, a gente não pode imaginar que seja
399 com a Alemanha do século XXI. A nossa relação com a Alemanha é uma relação com a
400 Alemanha do século XIX, na virada da primeira metade do século XX, né, eu acho que
401 essa... hã... então isso que dá um choque muito viol... ou dá um choque... “ah! eu sou
402 alemão”... que na verdade, chega lá e não é a mesma coisa, porque isso não fecha mais,
403 as realidades são diferentes. A gente... A nossa relação... hã... foi com uma cultura que
404 existia na Alemanha antiga, não é mais a Alemanha atual. Me parece que... embora, se
405 guarda ainda, a questão de língua... hã... questões culturais, e tal. Mas essa... hã... É
406 uma Alemanha mais agrária. Na época da Alemanha agrária, não a Alemanha industrial
407 hoje, terceira potência do mundo, terceira economia, hã... né... toda industrializada. Não é
408 essa relação que a gente tem, a nossa relação é com aquela Alemanha lá do... do... dos
409 cantinhos... né... escondidos... das propriedades rurais, aquela coisa assim, que foi a
410 primeira... a Alemanha da primeira metade do século XIX.

411 L: Muito bem, foi ótimo Diego, muito obrigada!

412

413 [retoma a entrevista]

414 L: Quero, a gente tava falando sobre a questão do trabalho

415 D: Do trabalho.

416 L: e a comparação entre as culturas alemã e japonesa.

417 D: Tá. É... Aquilo que nó... a gente tava... hã... dizendo que na verdade eu acho que
418 muito mais... hã... a principal questão que a gente pode, ou, ou... acho que ligado ao
419 alemão, é a questão do trabalho.

420 L: Hum, hum.

421 D: Né, muito mais até do que alimentação, do que... do que as outras coisas ditas
422 alemãs. Hã... porque... o... o... o... trabalho é uma questão muito cultural do alemão. O
423 alemão tem essa questão entranhada na cultura, a cultura do trabalho. Hã... E aí eu faço
424 essa comparação entre o... o alemão e o japonês. Que embora sendo culturas muito
425 diferentes, mas elas estão baseadas em cima do mesmo tipo de pilar, né, da... da... do
426 trabalho... de que... hã... a pessoa tem que ser útil, da questão comunitária... da questão-
427 embora os japoneses eles sejam, eles tenham uma coisa mais cega, uma coisa mais...
428 histórica, né, e o alemão ele tem uma coisa mais cultural, né, [transcrição difícil] Aqui,
429 hã... de se criarem, de se hospedar... de... né, de se criar... a questão de... o... meu vô,
430 ele... morreu... em 50... o pai tinha... acho que nove pra dez anos... ele morreu... caiu
431 num poço de cal construindo uma igreja, quer dizer, essa questão comunitária é um
432 negócio que é, que é... Ele era presidente na ép-presidente da sociedade na época,
433 então isso é uma questão muito forte, a questão da comunidade e do trabalho, né, e acho

434 que isso é uma coisa que continua existindo ainda na Alemanha de hoje, né, acredito que
435 de repente tenha se esvaído um pouco, mas essa questão de trabalho continua existindo.
436 Embora não mais agrário como a gente acha que é aqui, né, o alemão é aquele cara que
437 pega a enxada e... Isso é uma coisa que eu brigo muito com... com o meu pai, ou as
438 gerações alemãs antigas, que focam muito, que dizem que o... pra ser gente, tem que
439 trabalhar e tem que ser... tem que puxar enxada... hã... e tem que ser colono, e tem que...
440 hã... não pode ser rico... né, uma questão muito cultural do... do... desse alemão que veio
441 pro Brasil, e que veio... hã... e que fez sociedades, né, sociedades de canto, depois as
442 associações de igrejas, sociedades esportivas e tal, sociedade de tiro, né, que isso foi,
443 isso é uma coisa muito forte, do trabalho. Então tu trabalha durante toda a semana, aí no
444 domingo se encontra... Isso é uma coisa muito forte, né... que eu enxergo, assim.
445 L: Muito bem.

ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ANDRÉ

*Esta transcrição privilegia o conteúdo das narrativas. Para a transcrição apurada, consultar os excertos selecionados no capítulo 4.

- 1 Luciana: André, assim, ó. O objetivo dessa nossa entrevista é... hã... servir como subsídio
2 pruma análise, tá, hã... do discurso sobre a germanidade dos descendentes de imigrantes
3 alemães, especificamente descendentes de imigrantes que vieram para o Rio Grande do
4 Sul. Tá? Tudo que tu me disser me interessa, e tudo que tu disser vai ser tratado de forma
5 confidencial, a tua identidade não vai ser revelada em momento algum na... nos resultados
6 da pesquisa. Tá? Tu pode parar a entrevista a qualquer hora, e tu pode, hã... solicitar que eu
7 delete trechos que tu não queira ver registrado eventualmente, tá?
- 8 André: Ok.
- 9 L: Eu posso te fornecer uma cópia dos dados, se tu quiser, depois, não tem problema
10 nenhum. Certo?
- 11 A: Certo, vamo lá.
- 12 L: Vamo lá? Hã... um dos motivos pelos quais tu é fonte dessa pesquisa é que tu sabe a
13 genealogia da tua família, né?
- 14 A: Certo.
- 15 L: Quem é que fez essa... essa pesquisa?
- 16 A: Eu.
- 17 L: Tu?
- 18 A: Eu.
- 19 L: Como é que foi essa pesquisa, como é que foi esse processo da pesquisa?
- 20 A: [limpa a garganta] Tecnicamente ou... ou... hã... a curiosidade que eu tinha?
- 21 L: Tudo isso eu quero saber.
- 22 A: Bom. Hã... eu notei... hã... eu notei, hã... profissões na... na minha família que se
23 repetiam, né. E notei em mim alguns dons diferentes do que possivelmente as pessoas
24 esperavam, assim, que eu seguisse a linha do meu avô, do meu bisavô e do meu pai, todos
25 contadores, né. Então, hã, isso aí já me chateava, porque eu queria sair fora dessa linha.
26 Comecei a estudar, sei lá, a Alemanha sempre interessou como... a fonte, de onde a gente
27 veio, hã, alguém que é superior, alguém que tem qualidade, e porque que no... e porque que
28 a gente não se dá bem, né. Hã... quando eu tive a oportunidade de ir pra Montenegro onde
29 chegaram os meus por parte de pai, porque o sobrenome do pai e o meu sobrenome,
30 evidentemente que é muito mais forte, é muito mais dominante, que eu tive a oportunidade
31 de... de procurar cemitério, procurar registro em... registro em... cartório, esse tipo de coisa e
32 comecei a formar a... o desenho do... dos parentescos. Até então eu tinha entrevistado a vó,
33 a bisavó que ainda era viva, a vó Helga, já tava com seus noventa e poucos anos, que deu o
34 nome dessas pessoas. Tendo o nome, eu podia... eu podia começar a perguntar das
35 pessoas sabendo que as pessoas existiam, então as pessoas já podiam responder “ah, ele
36 sabe”, né.
- 37 L: Hum, hum.
- 38 A: Isso facilitou pra ir abrindo, abrindo portas. Aí em Montenegro eu fui atrás da... dos
39 registros e comecei a... a encontrar coisas e comecei a ver que realmente, não só profissões
40 se... de... de contadores mas... é... dessa técnica de controlar coisas, né, de números-
41 numerozinhos, fichas, e sempre trabalhando pra alguém, sempre sendo alguém
42 subordinado, né, o assessor ou o conselheiro, mas aquela pessoa que não aparecia, ficava
43 de lado, mas e que era tão importante pra coisa dar certo. Mas ela não-nunca tomava a
44 dianteira de alguma coisa. Nunca tinha a... a dominância de... ser o líder, né,
- 45 L: Hum, hum
- 46 A: Isso me ch-me incomodava também. Quero, né, quero ser diferente disso. Então eu...
47 hã... eu... fui a fundo... ganhei de presente duma... duma parente, duma parente minha a...

48 certidão de batismo do meu... do meu trisavô, né, [que a gente tratou?] vindo da... vindo de
49 Rochlitz, na Alemanha, na Saxônia, só que dizia na... na profissão do pai dele dizia que era
50 “marionettespieler”, né, fazia teatro de marionetes. Aí eu vi “opa, tem uma coisa aí”. Já tem
51 arte na família, né. Se a arte me interessa, então já tem arte na família. Aí as conversas que
52 tinham é que essa, essa cidade que é perto, onde tem uma cidade com o meu sobrenome
53 hoje que é perto de Dresden onde a esposa... a esposa do... do velho mesmo, é... dançava
54 balé, em Dresden, não sei o quê. Então esse traço cultural me interessou e eu vi que lá
55 atrás tinha alguma coisa que ligava comigo hoje, talvez nesse... nesse interlúdio, né,
56 histórico, assim, a coisa tava se perdendo, né. Mas eu não queria perder isso porque o... a...
57 o gosto que eu tenho pela literatura só-só apareceu em mim na família, então quero que
58 isso se mantenha. Então isso foi uma forma, hã... de resgatar a minha vontade de continuar
59 tendo força de seguir naquilo que eu gosto, né. Então, hã... levei a pesquisa até certo ponto,
60 hã... comecei a ligar pra... pras pessoas que eu encontrava em lista telefônica e perguntar
61 de onde eram, de onde tinham vindo, que eu tava fazendo uma pesquisa, assim, assado, e
62 a... hã... as fo-essas fontes... essas fontes... hã... de parentesco... de certa forma... me
63 decepcionaram. Uma vez... o alemão... eu sempre vi isso do pai, o pai dizia que a gente tem
64 que ser muito observador, né. Eu vejo que é mais desconfiança que observação, né.
65 Primeiro ele tá desconfiado. Até deixar entrar alguém na sua casa, né, e depois te oferecer
66 um monte de cuca e café...

67 L: [risos]

68 A: Mas até então existe uma certa relutância. Uma de-uma dessas pessoas “ah, me
69 interesse”, uma pessoa foi muito solícita, uma pessoa graduada, talvez isso mude um pouco
70 a cabeça das pessoas, mas... uma, uma pessoa me respondeu pelo... pelo telefone o
71 seguinte, assim “tá, mas pra que que tu quer isso?”. Eu falei “Ah, eu quero porque eu tô
72 estudando, eu quero formar todo o desenho, etc...” “Tá, mas isso não é golpe?” Depois que
73 a pessoa falou isso eu dei um basta na... nessa pesquisa assim direta, na entrevista com,
74 com as pessoas porque isso me decepcionou. Uma coisa que talvez eu faça com outras
75 pessoas, que é ser desconfiado, né, comigo fez extremamente mal. A pessoa... eu tava
76 sendo, eu tava sendo franco, eu tava sendo direto numa coisa, eu não tava escondendo
77 nada, mas... aquela barreira que a... que a pessoa... não sei que idade tinha, poderia ser
78 uma pessoa até de idade, poderia não ter culpa nenhuma do que disse. Mas a maneira que
79 ela colocou aquilo me deu um... me deu uma... caiu assim, uma... “bah, que droga”. Né? Me
80 decepcionou, assim. Mas tudo bem. Não... eu não tava em busca... hã... verdadeiramente
81 eu não tava em busca de pessoas melhores que eu. Eu tava em busca só de algum sentido
82 histórico de quem fazia alguma coisa, por que que veio pra cá, né, se veio pra cá por
83 vontade ou se foi expulso, né, se não era... é assim, se era... um cidadão não desejado, que
84 nem uma... uma antiga da família falou, “eles vieram embora porque eles foram convidados
85 pra sair”, né. E daí eu “pô, o que... que, que trauma será que causou isso em alguém, ser
86 convidado pra sair”, né, eu odiaria ser convidado pra sair, mas que situação, o que que
87 fizeram, porque que não... Porque que não serviam, teoricamente assim, né. Não serviam
88 porque eram piores ou porque eram diferentes apenas, né, não significa que é melhor ou
89 pior. Nisso eu dei um basta, daí eu fui através-eu fui atrás dos mórmons, que eu sabia que
90 na-no-na década de 80 eles... eu descobri isso, eu fui no consulado e não tive grandes...
91 grandes, hã, apoios, a não ser ma-a não ser que me deram sites, né, que eu pudesse entrar
92 dentro das cúrias, das igrejas na Alemanha e através daí pesquisa em alemão, e a minha
93 irmã não quis se prontificar de me ajudar nisso, mas isso são brigas internas de família, né,
94 pela... pelo poder de coisa nenhuma que a gente tem, hã... pra acessar, fazer pedidos, e
95 eram pagos, e coisa e tal, coisa que eu não podia na-que eu não podia na época. Então
96 eu... eu... eu descobri que os mórmons aqui na... no mundo inteiro eles microfilmaram
97 registros de cartório, acho que com medo de perder, e com toda a razão, tinha uma visão
98 até crítica em relação a eles mas hoje não tenho mais... são eles, eles são eles e eu sou
99 eu... Fui muito... fui pra Cachoeira, que é a cidade onde eu nasci, pra ver se eu, se lá, hã...
100 eu sendo mais franco e eles tendo menos movimento de atender pessoas eles seriam mais
101 solícitos comigo. Foram, extremamente solícitos. A pessoa me atendeu muito bem, me

- 102 deixou a... eu disse o período que eu queria de... de tal cartório de tal cidade, né, do por-no
103 porto de Dona Francisca que hoje é Joinville,
104 L: Hum, hum.
- 105 A: onde... onde eles atracaram e depois vieram pra cá. Então eu queria o registro da-dali, de
106 tal período que eu já tinha descoberto as datas que eles tinham saído de lá, primeiro veio o
107 velho, depois veio a esposa. Algo do tipo ele veio com metade das crianças e depois disse
108 “pode vir que não é tão... tão estranho”, depois de uns... uns meses veio ela. Me atenderam
109 muito bem, eles fazem um pedido de microfilme pra São Paulo, vem, cede lá, pesquisei eu
110 mesmo, o cara só me deixava lá, pesquisei... A grafia extremamente complicada, mas... a...
111 como, como o avô já tinha livros de... de escrita das empresas dele que tinha uma grafia
112 muito parecida, aquela/aquela, aquela letra rebuscada
113 L: O gótico.
- 114 A: É, não foi... hã... foi difícil, mas de maneira alguma é impossível pra gente, porque a
115 gente já tem um pouco de... a gente já sabe, ahn... a... no tom de voz, como-como dizer
116 uma palavra em alemão a gente sabe até na letra a voltinha e que que ela significa, né.
117 Então eu pude coletar ali os dados, eu sabia quando saíram do porto de Hamburgo, a data,
118 o nome do navio, daí o nome do navio é o nome de um escritor americano, não lembro o
119 nome daquele escritor, quando chegaram aqui, aonde se fixaram, quando veio a segunda...
120 a segunda parte da família, primeiro foi só um casal e depois que vieram aqui pra
121 Montenegro, e coisa e tal. Hã... e foi isso. E foi isso, a... o ponto que eu cheguei, ah...
122 poucos documentos, né, na verdade muita... muita oralidade, mas poucos documentos, o
123 documento principal foi essa certidão que me dava o... o fio da meada, era isso que eu
124 pro/era isso que eu precisava, e... mas, a princípio foi uma... uma luta... ingloria porque
125 solitária, né. Não desisti ainda, eu tenho uma pasta completa, assim uma pasta tipo 007,
126 uma pasta executiva com tudo dentro, com fotos, com tudo guardadinho, porque... é uma
127 história boa, né, de uma família que não se sabe porque veio né, hã, por qual motivo, mas é
128 uma his-eu considero uma história boa, e que se... e que se.. conseguiu sair, conseguiu,
129 ahm... conseguiu vencer, de alguma forma, tá... sobreviveu e tá lutando, e é-e é... pessoas
130 sempre críticas, né, a isso, “ah, porque nós”, ah... que falam muito bem das suas origens
131 sem saber e eu sei muita coisa que as pessoas não sabem. Mas pretendo continuar, não sei
132 pra... não sei quando, atua-atualmente eu ando muito ocupado, né, em outros assuntos,
133 mas tá guardadinho, pretendo continuar, e... certamente... deve partir de mim a continuação
134 desse tipo de... de coisa. Mas ainda quero resgatar mais. Eu quero saber, eu acho que
135 nenhuma história vai ter/tem um ponto inicial, mas tem muita coisa pra ser dita ainda de tudo
136 isso. E... engraçado que as pessoas, as pessoas quando eu/quando eu procurava por
137 telefone, os parentes, eles me davam-uns me davam força, “ah, eu quero saber disso, quan-
138 depois que tu tiver tudo completo tu nos liga pra nos mostrar”.
139 L: Aham.
- 140 A: Eu me chateava, né, porque pô, uns não querem me ajudar, os outros querem de mão
141 beijada, né, e a... e a-e o trabalho que se tem pra fazer isso é... é complicado. É complicado
142 porque tu tem que dar várias voltas pessoais e várias voltas nas... nas... nas estruturas que
143 te colocam na frente pra conseguir chegar a alguma coisa, né.
- 144 L: Aham.
- 145 A: E... mas... ahm... vou seguir ainda nisso.
- 146 L: Há quanto tempo tu tá fazendo essa pesquisa?
- 147 A: Eu comecei há uns... eu comecei há uns... sete anos atrás, mas... mas fiz ela durante uns
148 dois anos
- 149 L: Hum, hum.
- 150 A: ou seja, esse período... intermediário eu parei, um período que eu tive problemas
151 profissionais, um assalto, eu tive um... um susto enorme aí... e... e faculdade, tá tudo
152 paradinho. Mas foram... foi a, foi naquele período que eu, que eu pude viajar, que eu
153 aproveitava minhas viagens pra fazer as pesquisas, eu aproveitava os locais pra conhecer,
154 hã... cenários, e... tirava algumas fotos, e... fazia isso. Agora tá um pouquinho parado
155 porque as coisas se complicaram mais.
- 156 L: Tá. Hã... Eles chegaram em Montenegro?

- 157 [pausa porque um interfone toca mas ele não atende, sinaliza para seguir a entrevista]
- 158 A: Eles chegaram no porto de Dona Francisca, chamado hoje Joinville,
- 159 L: Hum, hum.
- 160 A: E depois vieram pro Rio Grande do Sul, né.
- 161 L: E aí eles se estabeleceram em Montenegro?
- 162 A: Estabeleceram em Montenegro.
- 163 L: E tu nasceu aonde?
- 164 A: Eu nasci em Cachoeira do Sul.
- 165 L: Cachoeira do Sul. Como é que foi essa história deles aqui no Brasil? Como é que foi a
- 166 história dessa família no Brasil?
- 167 A: [pausa] Bom, a informação que eu tenho é que eles ficaram ah... em, em Joinville...
- 168 pouquíssimo tempo, não sei em que que não se adaptaram... Ah, eu sei... me lembrei o que
- 169 que houve. A... a-a... o velho veio, o velho veio
- 170 L: Quando?
- 171 A: 1867... não, 67 é nascido o meu, que eu tenho a certidão, então 1871, tá. Ele veio, se
- 172 estabeleceu, em seguida, né, não sei se houve comunicação mas veio a esposa, eles
- 173 ficaram em Joinville um tempo e essa esposa morreu. Tanto que ela foi enterrada lá. Eu não
- 174 sei o... o que houve que ele partiu com a tropa de crianças, uns seis, sete filhos que tinha,
- 175 ele partiu e veio pra cá. Porque e como chegou em Montenegro, se algum interesse ou
- 176 simplesmente foi levado de alguma forma a chegar ali, não sei. Eu sei que o... Montenegro
- 177 era um... pela, pelo pelas informações que eu tive, Montenegro era um ponto de... comércio
- 178 daquela região, porque o rio Caí, ali ele pára, passa, ele pára na beira da montanha, e ele
- 179 sobe mantimentos pra Serra.
- 180 L: Hum, hum.
- 181 A: Né, acontecia isso na época. Então era um ponto comercial. Acho que... acho que de
- 182 alguma forma assim, há... o barco passou e eles se estabeleceram ali. Há... o registro que
- 183 tem no navio das... da... que aparece é como agricultor, né? Parece que eles tinham uma
- 184 certa orientação a botar agricultor "porque lá vão perguntar o que que o senhor sabe fazer,
- 185 então diga que o senhor é agricultor, talvez ganhe um pedaço de terra", né. Mas eu já sabia
- 186 da certidão que o velho não era agricultor coisa nenhuma, né? Não/aqui, pelo que eu sei,
- 187 não trabalhou, não trabalhou com terra, então o velho tentou se empregar, só que passou
- 188 muita dificuldade. Passou muita dificuldade pra criar aquele monte, aquele monte de criança
- 189 sozinho, né. Passou muita dificuldade trabalhando pra... pra, em serraria, na mata,
- 190 derrubando madeira, naquela época... há... dizem que se extraía muito, né, que nem se faz
- 191 hoje, mas naquela época era... era uma atividade normal. Passou muita dificuldade, a ponto
- 192 de quase não se sustentar sozinho, e os filhos já... crescendo, já tavam ajudando o pai.
- 193 Houve na-houve na cidade, a... senhora lá me contou, a minha tia-avó, me contou que
- 194 houve na cidade um... um grupo que viu, tavam, de alemães também, que ele tava
- 195 passando dificuldade e ajudaram, ajudaram, botaram umas coisas na casa e ajudaram de
- 196 certa forma, e assim ele conseguiu se manter. E as crianças foram crescendo trabalhando, e
- 197 foram se... tomando, tomando rumo, e tomando força e foram... e se viraram sozinhos. O
- 198 que não deve ter sido fácil, né. Não deve ter sido...
- 199 L: Imagino.
- 200 A: Há... qual era mesmo...?
- 201 L: Não, essa história da família. Aí eles... se estabeleceram em Montenegro e foram chegar
- 202 em Cachoeira como?
- 203 A: Ah. Chegaram em Cach-em Cachoeira, ah... por livre e espontânea vontade do meu avô.
- 204 L: Hum...
- 205 A: A família ficou toda ela... é... ah... um dos filhos, um dos filhos do... desse velho foi pra...
- 206 Lajeado, era Cruzeiro do Sul, tem uma cidadezinha ainda mas fazia parte, hoje é
- 207 considerado Lajeado. O outro foi/o outro ficou lá, e dois ficaram lá. O único que saiu de
- 208 Montenegro foi meu avô. Meu avô gostava de ler, eu herdei vários livros, ou seja, essa linha
- 209 assim, meu avô gostava de livros, eu vim/vim a gostar de livros, aí a minha vó uma vez me
- 210 disse "Ah, tu gosta de livros vou te dar os livros do meu avô". Então tá, então veio pra mim,
- 211 mas porque descobriram que eu sabia. Tava tudo encaixotado, guardado, guardado.

212 Ninguém lia, era muito engraçado isso. Meu avô morreu com... 35 anos, morreu super cedo,
 213 depois que ele terminou o tiro de guerra lá em Montenegro ele tava empregado, insatisfeito,
 214 acho que eternamente insatisfeito... todo alemão é. Mas ele ficou [pigarro] hã... ele ficou
 215 crítico em relação ao que tava acontecendo, a família... não sei, ele tinha problemas, ele
 216 queria ir embora, ele queria fazer a vida dele. Ele simplesmente pegou o trem com, com
 217 malas, com malas cheias de livros, ele já tinha naquela época de Montenegro que ele era
 218 moço, ele já tinha uns 200 livros, hoje, hoje... Hoje é considerado muita coisa, imagina
 219 naquela época,

220 L: Sim.

221 A: ele encheu as malas dele de livros e algumas roupas e pegou o trem e foi. Como ele
 222 chegou em Cachoeira, eu não tenho certeza, porque ele foi... hã... acho que foi alguma
 223 proposta de trabalho, Cachoeira, nessa época era muito, muito desenvolvido, né, década de
 224 20, 30, foi o tempo áureo de Cachoeira, época em que meu avô plantava arroz e era um dos
 225 donos da cidade, lá. Depois perdeu tudo, né, mas perdeu pra geração dos filhos que
 226 colocaram fora. Não... que não souberam... que não construíram, então não sabem... não
 227 sabem a força que tem que ter o alicerce do... de alguma coisa. Ahm... Só ele foi pra
 228 Cachoeira, né? Todos os outros ficaram em Montenegro, quietinho, no seu comércio, ou
 229 controlando coisa pra alguém, ou... ou fazendo isso, sempre... sempre em... sempre em
 230 posições. Chegaram a ter um certo destaque em Montenegro numa determina-na década
 231 de... 50, se não me engano, quando eles tinham-quando eles tiveram madeireira, eles
 232 tiveram sociedade de extração de madeira com os Bach, mas isso lá em Sertão, lá em cima
 233 perto de Erechim. Tenho até foto lá da empresa do meu sobrenome com os Bach junto.
 234 Bah, que... que orgulho isso!

235 L: [riso]

236 A: E... mas meu avô se fez sozinho. Em Cachoeira ele conheceu-ele ficou num hotel, num
 237 hotel onde o trem parava, bem na praça, bem na praça central da cidade, né, hoje se chama
 238 Praça Honorato, mas tinha a Praça da Estação, ali. Então tinha um hotel, chamado Hotel
 239 Cachoeira, que era do meu bisavô materno, sobrenome Saueressig, né, “vinagre azedo”, e a
 240 minha vó trabalhava como... ahn... na copa, servia, ajudava, arrumava tudo. Era uma... acho
 241 que tinha uns 17 anos. Meu avô deveria ter... ele tinha 2, ou três mais que ela, então
 242 [transcrição difícil] ele terminou o tiro de guerra e foi-se embora, né. Tava puto da cara com
 243 alguma coisa. Falei puto da cara aí, vai aparecer, “puto da cara”.

244 L: (riso)

245 A: E... se co-se conheceram no hotel, ele era... ele era hóspede e... e se enamoraram e...
 246 ele-a minha vó diz que é, é-ele gostou dela-gostou muito dela porque ela era muito
 247 trabalhadeira, né, e meu avô... admirava muito isso, a pessoa que não, que não media
 248 assim, que tinha que trabalhar. Que sem trabalhar não ia conseguir nada. Porque o que eu-
 249 o que eu vejo na minha família é que nunca se teve nada fácil, pelo menos, nunca se teve,
 250 né. Tudo que se tinha era porque tu trabalhava e fazia alguma coisa, né. Ah... um dos-uma
 251 das minhas críticas é que esse trabalho infelizmente não rendia mais pra ter essa sobra, e
 252 isso que eu queria entender por quê. Meu tio me perguntou uma vez “porque que a gente
 253 trabalha tanto e não se destaca”. Eu falei “um dia eu vou descobrir, tio Paulo, um dia eu vou
 254 descobrir e vou... e vou lhe explicar, ou vou tentar um... saber de onde é que vem... porque
 255 que a gente tenta tanto e não dá”. Né? De certa forma a gente tá sempre aqui, né. Eu pe-eu
 256 pesquisei em... eu pesquisei na Internet, aquela-naquela pesquisa simples de... de...
 257 metabuscador, né? De colocar o sobrenome e colocar algumas palavras-chave e eu
 258 descobri o... o meu sobrenome... em mil quinhentos e pouco, então

259 L: Nossa...

260 A: é um sobrenome que de alguma certa forma tem... alguma coisa no sangue é fortezinho,
 261 né, ah, mas é uma linha extremamente tênue, né, mas é uma... mas é uma raiz forte, né.
 262 Não se espalha, não fazem filho em tudo que é lugar, mas também não tem condições
 263 disso, né? Se tivessem, se tivessem talvez duas, três amantes, casassem umas quatro ou
 264 cinco vezes talvez

265 L: [riso]

266 A: tivessem, sei lá, quilômetros de... de Preuss por aí, mas não. Aí meu avô, estabelecido em
 267 Cachoeira, já ti-ele fez lá o-a segunda, a segunda turma do curso técnico em Contabilidade,
 268 que abriu na cidade, com pessoas famosas até da... da cidade, que depois a-ajudou a abrir
 269 portas pra ele, isso, né. Então ele estudou com pe-empresários e ele era um... um Hans
 270 ninguém, né? Mas ele... ajudou a abrir portas porque em seguida viram o empenho dele em
 271 controlar coisas, e sério, e... ele simplesmente trab-acordava seis da manhã e... às dez da
 272 noite ele tava em casa trabalhando ainda, fazendo escrita pros... pra duas, duas, três firmas,
 273 e não tinha muito contato com, com os filhos, né, essa é uma das... drogas que eu, que eu
 274 me debato. A minha vó fala muito bem dele, mas eu... até certo ponto eu não desfaço
 275 esse... esse sonho bom que as pessoas têm de quem já foi, né, mas eu vejo ele muito
 276 ausente, muito dedicado ao trabalho, né.

277 L: Hum, hum.

278 A: Ele se deu bem porque ele... ele fazia escrita de duas, três firmas, montou uma empresa
 279 própria, trazia madeira da Serra, vendia, tinha comércio de bebidas, teve várias... coisas lá,
 280 a... chegava em casa tinha pouco contato com a... tinha pouco contato com a minha vó, com
 281 a esposa, e muito pouco contato com os dois filhos, meu tio e meu pai, né. E morreu cedo,
 282 meu tio tinha nove, meu pai tinha oito, isso aí, de certa forma... teve um impacto psicológico,
 283 né, essa ausência, ahm... no meu pai que eu vejo, mais tarde vai aparecer em determinados
 284 traços... mas, hã... e mo/e morreu de tanto trabalhar. Essa é a... esse foi... é um-é um dos
 285 problemas. Não sei se [transcrição difícil] nasceu pra não trabalhar tanto, mas enfim.

286 L: [riso]

287 A: Mas, hã... ele trabalhava tanto, mas tanto, tanto, tanto, que ele vinha periodicamente pra
 288 Porto Alegre... a... cada tantos meses ele vinha pra Porto Alegre preocupado com a saúde,
 289 que ele tinha que ter a saúde em dia pra poder continuar trabalhando. Ele se deu bem em
 290 Cachoeira, essa parte eu tava me esquecendo de dizer, que a família de Montenegro, a que
 291 ficou lá, não o lado que foi pra... pra... pra outro local, a outra... o pai dele, ele levou pra
 292 Cachoeira, ele “olha, eu tô bem aqui, vocês podem vir pra cá”, então o irmão e o pai foram
 293 pra Cachoeira. [pausa] Tinha um problema. Ele tenta-ele tentava ajeitar a vida dos... dos
 294 irmãos, os irmãos trabalhavam mas não eram muito... ehm... disso, e tinha um problema que
 295 bebiam.

296 L: Hum...

297 A: Né, os meus... os tios, tios a-avôs... hã... avós, todos bebiam. O pai dele, depois que...
 298 tava velho, bebia. Bebia. Então ele era o único que sustentava e arranjava pequenos
 299 empregos pra esse pessoal se fazer. Periodicamente ele vinha pra Porto Alegre pra fazer
 300 um... pra fazer check-up, pra ver se tava tudo... tudo bem, que ele falava pra minha vó: “Eu
 301 tenho que estar sempre forte pra lutar, etc. e tal, porque... é difícil, e eu tenho que conseguir,
 302 é só eu, ninguém... eu não consigo nada...” Numa dessas viagens que ele veio pra cá, e-e é
 303 uma-é uma Porto Alegre da década de... de 30 e 40, que... que é interessante porque tem
 304 fotos e ele ia, e tomava café em... em vários locais, assim, é... tradicionais, ele participava,
 305 se dava bem naquela época, e se encontrava com os-com os-com os Bach lá de... de... de
 306 Montenegro, que tinham mantido laços desd'aquela época lá, a família se dava ainda, e
 307 coisa e tal. Num dos check-ups o médico disse que ele tava com um processo de amebíase,
 308 né, que ele tinha que fazer um tratamento pra tentar limpar o sangue, pra usar as
 309 expressões da época, né, e indicou pra ele tomar, tomar um... remédio à base de arsênico,
 310 que era teoricamente uma pequena dose, uma pequena dose de arsênico e ele tomava
 311 esse troço. Num aniversário, ele não bebia, num aniversário, isso em... eu tô pulando depois
 312 eu vou voltar pra dizer pra outro lugar que ele foi. Num aniversário ele tomou um gole de
 313 cerveja, e aquilo serviu pra ele puf. E ali encerrou a... a história do meu avô e daí partiu pra
 314 minha vó só segurar as crianças e nos fazer chegar aqui, né? Por mais críticas da dureza
 315 que a... que a minha vó teve que passar porque perdeu o marido super cedo e não herdou
 316 nada. O mais engra-engraçado que isso parece um azar crônico, assim. A coisa quando tem
 317 que ser-hã... acontecer, acontece na pior hora possível, né. E porque, agora, e porque
 318 comigo, não herdou nada. Meu avô além, além de um monte de livros, ele colecionava
 319 selos, tinha selos caríssimos, que era um, era um hobby dele, que ele se trancava no
 320 escritório, e tinha os... olho de boi, olho de não sei o que, e adorava aquilo, na hora que

321 faltou, a minha vó se desfez dos selos, se desfez da coleção de moedas dele, tudo a troco
 322 de nada. Nisso os espertos de plantão tavam tudo por-por perto,
 323 L: Hum, hum.

324 A: Né, então minha vó conseguiu, ahhh... se virar sozinha, e criou os filhos, graças a Deus
 325 deu tudo bem, graças a Deus ela tá viva, tem uma cabeça espetacular a vó, mesmo
 326 comendo pão com banha, como ela falava, no tempo que... que-que estudava, hã... antes
 327 disso meu avô morou em Gramado, essa história... essa história... inicial que me faltava por
 328 não ter contato com ele que... hã de certa-de certa forma me fazia fal-me fazia falta, e eu
 329 queria entender quem tinha sido, e porque que falavam tão bem, se era, se eu deveria,
 330 porque diziam que eu era muito parecido com ele. Porque a minha data de nascimento foi o
 331 dia em que ele morreu. Mas isso com... dezenas de anos de diferença, né. Hã... o meu
 332 gosto pela leitura, o meu gosto por... fotografia, várias coisas, hã, que ele gostava. Ele tirava
 333 foto da família, tinha uma, uma... Agfa lá que vivia tirando foto, hã, tocava violão,
 334 bandoneón, gaita de boca, violino, tudo isso ele tinha em casa e chamava os amigos lá
 335 pra... fazer a festinha e tocava e tocava, ou seja, tinha um traço cultural nele também que
 336 não tinha nos outros irmãos, é engraçado isso, né. Eu sempre pensei assim, “qual é a linha
 337 que eu tô, qual é a linha que me... que-que eu tô seguindo que-que eu vejo que tem teatro,
 338 tem marionete, tem música, tem canto, tem o meu avô que toca vários instrumentos, depois
 339 meu, meu pai toca, toca instrumento também, que não vejo nos outros da família, né, então
 340 se tem arte na família alguma coisa eu tô trazendo, né. Então também vou por esse lado.
 341 Deu certo, né, por enquanto tá começando. Meu avô antes, antes disso ele foi pra, ele
 342 recebeu uma proposta uma vez de gerenciar uma vinícola em Gramado, morou em
 343 Gramado dois anos, eu tenho registro disso, ele ti-ele escreveu um... um “diário industrial e
 344 comercial”, com as letras rebuscadas dele, do tempo que ele tava em-em Gramado. Uma
 345 época, uma época muito feliz, acho que por causa do clima, esse... ele... ele se adaptou
 346 muito bem, hã, ele e a minha vó e os dois, e os dois pequenos, a minha vó diz que foi a
 347 época mais feliz da vida deles, talvez por estar longe de tudo e de todos ele... eles
 348 mantiveram um... um laço mais forte, né,

349 L: Hum, hum.

350 A: acho que se, se encontraram, se curtiram um pouco, né, não tinha essa expressão
 351 naquela época, mas acho que se curtiram, e... e viveram de verdade. A... no mesmo, no
 352 mesmo ano que a... a coisa não... não tava muito boa pra bebida, e coisa e tal, eles faziam,
 353 faziam licor, conhaque, vinho, e tinham a indústria dos italianos lá que eu conheci, visitei
 354 quando eu morei em Gramado também, e entrevistei esse senhor, tinha indústria que fazia
 355 bebidas. Eu morei em Gramado uma época, não sei como fui levado pra lá, são coisas do
 356 destino, né, morei em Gramado e trabalhei três meses lá, com o propósito de me virar, e
 357 sem medo de... praonde eu tenho que ir, afinal, né, os ca-os cagões da minha família
 358 sempre ficaram no mesmo lugar, né. Então fui pra Gramado, morei um tempo lá, e... e fa-e
 359 falava, “olha, eu tenho... de certa forma eu já tenho uma ligação com Gramado porque...
 360 meu avô morou aqui” “Ah, quem foi ele?” “Ah, foi o fulano de tal mas não... passou dois anos
 361 aqui, ninguém vai conhecer, ele não se destacou, ele ficava por trás ali, não se mostrava”. O
 362 pessoal, a... o.. . o no-o sobrenome que não ganha nome, né, sempre fica pra trás da
 363 cortina. Mas me fa-mas me falaram, nessas minhas andanças me falaram que... na-na
 364 época da... dessa... da vinícola que ele gerenciava tinha uma indústria de bebidas duns
 365 italianos lá. E um deles era vivo. Eu “ah, vou lá”, né? Não me custa nada, né. Eu já tô
 366 acostumado a receber não, aprendi a lidar com o não, né, com tantos não que vem pela
 367 frente. Depende da hora. Tem horas que entra errado aí. Mas fui lá, falei “ó, meu nome é
 368 André Preuss”. Daí o velho ficou pensando um pouco... daí eu disse “Eu sou neto do
 369 Johann”. Daí o velho “Ah, do Johann”.

370 L: Ah!

371 A: Como se o Johann tivesse vivo ainda, assim. Daí eu vi que tinha, tinha uma abertura e vi
 372 que eles se davam-se deram naquela época pra ter essa lembrança. Aí me convidou pra
 373 entrar e me contou, me contou um monte de história daquela época, me contou a história do
 374 meu avô quando foi pra... São Paulo... junto com o motorista do caminhão, sozinho, é bem
 375 coisa de... estragar a saúde pra tentar alguma coisa, né, um caminhão com um motorista e o

376 meu avô no lado com o caminhão cheio de barril de... de vinho, de, de conhaque pra levar
377 pra São Paulo e voltou com um carregamento de caixa de fósforo.

378 L: Nossa...

379 A: Né? Então me contou um monte de coisas da... da... da história deles lá e... “ah, foi uma
380 pessoa assim, nós adorava ele, não sei o que”, mais aquele saudosismo que... de laço, e de
381 alguém que já foi, coisa e tal. Depois encontrei um outro senhor que morava lá, não me
382 lembro direito o sobrenome, se era Heinz, não me lembro, mora numa casa ainda da época,
383 né, bem no centro, ali, mora numa casa da época, fui visitar ele, mas esse já com... com
384 uma memória um pouco mais... lembrava, mas algumas coisas... e já fazia umas misturas...
385 eu sempre tive muita facilidade de lidar com... com... com pessoas de idade porque eu gosto
386 de pessoas de idade, sabe? O novo sempre me cansa. O velho, por-por ser mais cansado,
387 parece que me... me dá mais energia. Ele tem, tem mais coisa pra passar, ele é mais
388 educado, ele... ele não... não não não ele não interpõe, não interpõe coisas inúteis, ele
389 simplesmente fala. Ele... ele simplesmente conversa, ele é simples, né, o outro se complica,
390 porque ele quer ser complicado, e é uma bobagem isso aí. Às vezes ser mais, mais... As
391 pessoas nem têm noção de serem dire-a simplicidade é mais direta, né. Mas... e assim... e
392 assim... veio vindo, quando chegou em Cachoeira aconteceu isso, e acabou morrendo
393 moço. Que mais tu... eu posso te dizer?

394 L: Da tua casa em Cachoeira, como é que era a casa lá? Morava o teu pai, a tua mãe e
395 vocês, ou a vó morava junto... como é que era a casa, como é que eram os costumes da
396 casa...?

397 A: Ah, deixa eu falar uma coisa antes da língua alemã. Na época da gue-na época da
398 guerra, meu avô era integralista. Ele era um do-um dos, dos chefes distritais lá, pelo menos
399 nisso ele se-se destacou, mas infelizmente eu não achei registro. Embora tenha pesquisado
400 sobre integralismo e metade da biblioteca integralista ele tinha, e ficou pra mim, né [tom
401 irônico]

402 L: [riso]

403 A: que as autoridades não saibam disso, tem alguns livros proibidos, esta parte vamos
404 deletar depois,

405 L: [riso]

406 A: Eu li um livro do... do professor Héliog Trindade, ex-reitor da Universidade, que era do
407 meu primo, mais tarde encontrei ele pessoalmente, e falei pra ele que tinha sido muito
408 importante o livro, a... tese de doutorado dele na França, que era esse livro sobre o fascismo
409 brasileiro na década de 30, e que eu tinha gostado muito do, do livro só que eu não
410 encontrava. E ele pela secretária me mandou um livro, com um cartão dentro,

411 L: Olha...

412 A: Ah, fui muito, muito grato pra ele... tô com o livro aí, posso reler. Serviu como uma...
413 revisão de literatura pra organizar tudo aquilo que eu já tinha lido, né, e falar dos... dos...
414 dos, hã, dos distritos integralistas que tinham no interior, cada cidade tinha um grupinho, e
415 mas tinha um distrito que organizava e faziam as reuniões. Eu tenho uma foto dele e da
416 minha vó como... padrinhos de casamento, duma pessoa que eu... que eu não sei quem é,
417 minha vó não se lembra, mas todos ao redor do noivo e da noiva a minha vó sabe o nome.
418 E meu avô tá-e minha avó tão vestidos de verde [riso]. Mas é uma foto preto e branco, mas
419 eles tão vestidos de integralista. Então essas coisas eu adorava, porque... tinha, na... no
420 meu avô essa indignação política de querer mudar, né, essa insatisfação de... de querer
421 alguma coisa diferente. Não satisfeito com o que estava acontecendo, né. Hã... Eles-eles
422 eram-eles falavam ainda de casa, se comunicavam em alemão, naquela época, tá,

423 L: E na tua época também?

424 A: Na minha época não mais, já-já digo porque, e conforme muitos estudos já mostraram,
425 aconteceu com eles também, por causa da guerra pararam de falar alemão.

426 L: Hum, hum.

427 A: E foi proibido isso,

428 L: Eles falavam dialeto?

429 A: Não sei te dizer. Não sei te dizer se... eu sei que é muito-é muito próximo, é muito
430 próximo do que o que a minha irmã que é professora fala. É um-é um alemão, hã... boni-

431 bonitamente errado, né, ele é errado mas ele não é... que nem o... o hunsrück que eles
432 falam, né, que nem o... o alemão do meu avô materno que dizem que é berlinense, aquele
433 que enche a boca, assim, “blâf, blâf”, pra falar, assim, meio... meio truncado, assim. Não,
434 não é... meio... é bem limpo. Hã... meu avô foi preso umas duas vezes em função do
435 integralismo, e... foi preso uma vez por causa do rádio que tinha em casa, porque a polícia
436 foi lá e eles estavam escutando em alemão, e... né, prenderam o rádio e prenderam o meu
437 avô e... depois devolveram, coisa e tal. Ficou em casa essa mágoa com o negócio da l-da
438 língua porque o meu pai diz, sempre falou assim “que droga, a gente não aprendeu alemão
439 por causa disso”. E a minha-e eles-e o meu pai só falava alemão quando criança. O meu
440 avô morreu em 48, mas o meu pai é de 39, então até 45 as palavras que o meu pai
441 aprendeu a falar em alemão, e a partir de então ele teve que passar um tempo quieto, teve
442 que aprender a falar em português que nem a minha vó e o meu avô sabiam, sabiam bem,
443 tiveram que também aprender.

444 L: Hum, hum.

445 A: Mas em função da necessidade porque as coisas iam se fechando. E não tinha nada a
446 ver com... com... nesse caso, com... com... nazismo, essas coisas, não tinha nada a ver com
447 isso, em Cachoeira tinha forte – e eu estudei tudo isso pra saber aonde tava enquadrado o
448 meu avô, né. Tinha em Cachoeira a... os simpatizantes do-da Alemanha, tinha em
449 Cachoeira os simpatizantes do nazismo, tinha uma juventude... uma juventude hitlerista forte
450 lá, assim de porte mas de poucas pessoas, tinha os integralistas que era a versão brasileira
451 disso, porém sem racismo, então teoricamente não tem nada a ver, né, é só uma... uma
452 corrente da, da direita mas não tem racismo, eles tinham muita... muita gente morena no
453 meio... no meio deles, né, e tratavam normal, eu nunca tiv-nunca, minha família nunca teve
454 problema com isso, nunca lidou de forma diferente com isso, é engraçado que eu não tenho
455 isso, né, tá, e... e ele não... embora respeitava e fosse um dos... dos fundadores do nosso
456 clube alemão, lá em Cachoeira, né, a Sociedade... Sociedade Concórdia, passou pra Rio
457 Branco depois, mas é sempre foi dessa corrente brasileira. Ele... ele... passou a gostar,
458 passou a gostar mesmo daqui. Hã... aonde eu vou agora?

459 L: A tua casa.

460 A: Ah, a minha casa. Tá. Em ca-o pai e a mãe casaram em 62, no dia do aniversário da
461 minha mãe, 7 de julho, a mãe fazia 20 anos e o meu pai tava fazendo... 23. Hã... Todos os-
462 todos os sobrenomes maternos e paternos são alemães até-até nós, né, tem des'dos mais
463 conhecidos, mais... populares até os mais difíceis, na verdade acho que o meu é o mais
464 difícil mesmo, a mãe é Ratz, sobrenome lá do... Berlim pra cima, Prússia, praque-lá
465 praqueles lados, que tem pouco também aqui, o... o pai dela é nascido em 1900, no meio
466 de... no meio de... né, na encruzilhada, é... no interior de Cachoeira, que hoje não faz parte
467 mais. O pai dele, o Hermann, que veio da Alemanha e era-esse era agricultor mesmo. Diz
468 que tinha uns... mãozão que parecia umas raquete, assim

469 L: [riso]

470 A: de arrancar coisa na... no muque. E... em casa, em casa era... sei lá, era-sempre foi tudo
471 muito certinho. Sempre foi tudo muito organizado, é... também procurei entender isso, se era
472 em função da falta do... da falta que o pai do meu pai fez, pro meu pai ser tão durão, meu
473 pai sempre foi muito rígido, muito austero, muito... o que tava errado era dito na hora, assim
474 “isso tá errado, não pode fazer assim”, e era uma... uma repreensão que tu não ousava
475 fazer de novo. Porém nunca correu o laço, né. Uma vez o pai deu uma cintada na... acho
476 que em mim, nos outros eu não sei, não era a minha, a minha... bunda pra... pra ter
477 memória, e uma vez a mãe me deu uma chinelada havaiana. Então não tinha esse tipo de...
478 da repreensão da violência, acho que não concordavam com isso, o meu pai eu sei que
479 tinha sofrido muito com isso, de apanhar, apanhar mesmo, né, porque... acho-acho-acho
480 que essa é uma história boa, porque eles ficaram, os dois, meu pai e meu tio, eles ficaram
481 sozinhos com a minha vó, e a minha vó... se virava, né. Eles eram-eles faziam amizade
482 muito fácil, e as crianças admiravam muito eles porque eles faziam os próprios brinquedos,
483 né, eles pegavam um pedaço de madeira e... faziam um avião, um carro, um caminhão, e
484 corriam pela cidade com aquilo e todo mundo “Bah!”, né, “como é que eles fazem tão bem?”

485 Uma vez, num... relacionamento lá de amizade, o meu pai e o meu, e o meu tio foram na
486 casa dum, dum... só pra ilustrar como corria a repreensão.

487 L: Hum, hum.

488 A: Meu pai e meu tio foram na casa dum... dum... dum menino lá e tavam brincando e... era
489 rico, etc. e tal. E eles viram na... num... numa prateleira um vidro cheio de prego. Né? E eles
490 olharam praquele vidro e não disseram nada, porque não podiam, eles não pediam, eles
491 conseguiam as coisas por mérito, eles não pediam nada, era proibido isso, a minha vó dizia,
492 “nunca pede nada, tudo a gente vai conseguir sozinho”. E o-e o menino viu, e disse “ah, se
493 vocês quiserem podem levar, a gente tem um monte”. Eles ficaram numa faceirice enorme,
494 de ganhar aqueles pregos, foram correndo pra casa, porque eles que-eles [transcrição
495 difícil] eles ganharam por ajudar também uns retalhos de madeira, foram pra casa e
496 começaram a construir coisas com o tal dos pregos que eles não tinham dinheiro pra
497 comprar prego. Começaram a construir coisas a minha vó-a minha vó apareceu e disse
498 “Onde é que conseguiram os pregos?” “Ah, o fulano nos deu”. Ela não-nem perguntou se o
499 fulano deu mesmo ou se eles tinham pego. Ela simplesmente botou na cabeça que eles
500 tinham pego.

501 L: [riso]

502 A: E deu, deu, deu. Então acho que por-por levar muita surra assim por... hã... “não é teu”,
503 ahn... “o que não é teu não te pertence, não põe a mão, não pede”, sabe, tudo muito assim,
504 cada coisa no seu lugar, tudo é muito correto, tu não pode deixar que o teu nome caia nisso,
505 o nome é muito importante. Então pra o-acho que pai-o pai... de casa veio com esse horror
506 da... à violência familiar, né, esse tipo de repreensão sem diálogo, e nós, nunca fez isso.
507 Porém verbalmente, nos passou isso da mesma forma. Porque nos-nos controlava e nos
508 repreendia de uma forma... severa, em relação a isso. A gente tão ou mais era... era
509 controlado através da... através dos... xingamentos, né, através do “isso tem que ser assim”,
510 “não pode fazer assim”, “isso é errado”, às vezes “ah, mas”, não tinha argumento, tinha
511 que... que ser... conforme a linha, né.

512 L: Hum, hum.

513 A: A mãe era muito... a mãe sempre foi muito dócil, né... acho que pelo pai ser tão durão,
514 né, a mãe era muito dócil, era muito... mui-muito carinhosa, sempre passava a mão aonde-
515 onde o pai dava o xingão, né, então a gente tinha de onde correr. Mas... funcionou, acho
516 que funcionou. Acho que teve um, um... acho que incomodou isso um pouco porque esse
517 excesso de cobrança, esse excesso de... seriedade nas coisas não se refletiu ahm, talvez
518 como ele quisesse porque não era planejado, né. E não-não nos deixou... prontos pra vida,
519 e sim nos deixou com medo de autoridade.

520 L: Hum...

521 A: Ao invés-ao invés de criar força em nós, mas talvez um pouco de imaturidade dele
522 porque ele passou por coisa que eu não passei e... então eu não vou nunca poder culpar ele
523 disso, né. Não me vejo em condições de culpar o pai. A gente não sabe o que a pessoa
524 passou. Mas a gente ficou com medo de... autoridade. Então eu... eu vê-eu vi que meu
525 irmão, minha irmã e eu aprendemos a lidar com autoridade lá pelos 30. Até então a gente
526 recebia a ordem e ficava atrás da cortina, mandando, recebendo ordem e fazendo o que os
527 outros mandavam fazer. Aí comecei “ô, pô, de novo isso?”, né? “A gente só recebendo
528 ordem?” E é em torno-é... um po-antes dos 30 que me vem essa crise de identidade, né,
529 “pô, eu não fiz nada ainda, eu não sou nada ainda, tô tentando e não tá dando certo, quero
530 ver onde é que tá o fio disso, porque eu quero mudar”. Ah... mas agora a coisa tá se... tá se
531 resolvendo, tá indo cada um pro seu lado e a coisa tá se resolvendo, acho que a... é a
532 novidade boa [transcrição difícil]

533 L: E a coisa mais assim de comida, de música... a religião, como é que era isso?

534 A: A religião-a religião sem- sempre foi muito importante, a gente é de confissão luterana, né,
535 a... na nossa cidade foi onde começou a igreja no Estado,

536 L: Hum...

537 A: foi-o primeiro internato evangélico foi lá, foi construído depois do templo, mas a primeira
538 escola evangélica foi lá, depois foi pra outros locais, antes de ser em São Leopoldo o centro
539 da... da... da religiosidade evangélica de confissão luterana era em Cachoeira, começou lá,

540 porque a comunidade se uniu lá, pra isso, e depois perdeu a força e foi onde... onde... onde
 541 se organizou melhor, né. Mas era-era muito forte. Até-até hoje aquela-a gente freqüentava a
 542 igreja, a gente ia com o pai e com a mãe na igreja, a gente... dava a mão pro vô, vô
 543 materno, o vô também com uns mãozão, que nem eu digo, e freqüentava a igreja,
 544 freqüentava a escola domi-dominical, fiz o meu... a minha confirmação lá, estudava, era/era
 545 um... existia esse... esse... esse ciclo. A Igreja, a “escola dos alemão”, né, que mudou de
 546 nome durante a guerra também porque foi proibido, e... e engraçado que botaram o nome
 547 de Rio Branco e umas pessoas fazem confusão com que o... o Rio Branco faz aniversário
 548 dia 20 de... de abril. Eles dizem que tem a ver isso, essa escolha e não é, o Rio Branco era
 549 um ministro de relações exteriores na época que muitos alemães vieram pra cá, o que
 550 certamente-de certa forma facilitou, então marcaram o nome da... do, do Rio Branco do
 551 político com isso, né. Mas tinha o pré e o jardim da infância era, ah... funcionavam onde foi
 552 inicialmente essa escola evangélica, a gente fazia ali, a escola, primeiro e segundo graus,
 553 era no colégio alemão, que era ali, na mesma quadra, né, onde a minha... a minha tia foi
 554 diretora inclusive, o meu pai foi representante de pais e mestres, ou seja, todos
 555 freqüentavam aquilo, a igreja é na mesma quadra, uma igreja muito bonita em estilo gótico,
 556 que foi... foi... invadida na época da guerra, entraram a cavalo lá, tem um monte de histórias
 557 pra quebrar a igreja, [limpa a garganta] e ali também, a comunidade, onde tinham as
 558 reuniões da comunidade, os almoços dominicais que... que se freqüentava. Então toda...
 559 toda essa formação de... de pré-escola, escola, e... religiosa, tudo se fez dentro daquela
 560 quadra onde é-onde os alemães estudavam. Tudo se fez ali. Eu, há, minha irmã, meu irmão,
 561 e... por último eu, só nos últimos anos do colégio que eu já tava vindo pra Porto Alegre, daí
 562 não... não continuei lá. Mas tudo funcionava ali, o... curso dominical era um ponto de
 563 encontro, a gente podia... a gente podia... ver às vezes o vô e já sair dali pra almoçar com,
 564 com o vô, em algum local, o vô era bem... convidava todos os filhos, assim, e era uma...
 565 uma mesa com trinta pessoas, quarenta pessoas, era uma bele-ele adorava ver um monte
 566 de criança correndo em volta, [pausa] e...

567 L: Que que tinha nesses almoços?

568 A: Que que tinha nesses almoços? Tinha... tinha... o almoço normalmente era no clube
 569 alemão, né, mas que não ti-não tinha nada de... de... de culinária especial, era... comida
 570 normal, o importante era a reunião.

571 L: Hum, hum.

572 A: Né, o motivo-o motivo-o motivo... era reunir. Eu me lembro que o vô, o vô tomava uns
 573 dois, três martíni, e a gente dava uma bebericada de vez em quando porque a mãe podia e
 574 o pai era contra bebida porque meu avô era contra bebida e... era um dos problemas da
 575 família, né. Sempre foi e é até hoje. E a gente bebericava o martíni da mãe. Mas o motivo
 576 era o-era o-era todo mundo tá correndo atrás do... em volta do vô. Meu pai era um pouco
 577 crítico a isso porque como meu avô era o... era o pagador, era o “homem do poder” isso
 578 ofendia, de certa forma o meu pai, porque o meu pai gostaria de ou pagar o dele e da família
 579 dele, ou não ir. Isso de certa forma ofendia ele. Ou seja: ninguém paga pra ele, ele... não
 580 queria deixar que alguém falasse “tão pagando pra mim, eu é que tenho que fazer as
 581 minhas coisas”, né. Era um pouco crítico a isso. Ele sempre nos falou isso, “ah, eles tão
 582 esnobando”. E eu odiava esse-esse termo, “eles tão-eles tão-eles querem nos esnobar,
 583 querem nos ofender”. A gente não tinha noção absolu-absoluta disso,

584 L: Claro.

585 A: Né, a gente adorava, adorava tudo que pudesse aparecer ali, porque a gente queria
 586 brincar e tinha muita... fantasia e a família tinha... todas as discrepâncias possíveis que
 587 uma-que uma família tem, que se encaminha e se desencaminha,

588 L: Hum, hum.

589 A: Mas a gente se divertiu um monte. O que nunca podia faltar que eu me lembro que todo
 590 mundo repetia era a sobremesa.

591 L: [riso]

592 A: Isso aí... creme de baunilha e pudim, não podia faltar. Isso aí era... meu avô gostava
 593 muito de doce e a minha vó fazia... muita compota. Eles tinham um armário embutido na
 594 casa deles, uma... uma cristaleira embutida numa parede, ahn... ele mandou construir a

595 casa, que era só pra compotas. Então a minha vó, no fogão a lenha lá, vivia fazendo doce, e
 596 não podia ter um vidro vazio, porque aquilo era uma decoração pra/pro meu avô, mas ele
 597 depois do almoço ele pedia o vidro, aqueles vidros da... da Vec, ou Weg, Vec, né?

598 L: Weg.

599 A: Que tinha... a-a-a eles botavam uma borracha, tampavam, dava uma aquecida ali assim
 600 pra grudar bem a borracha e depois botava aquele, aquele arame por cima. Então a minha
 601 vó vivia fazendo aquilo. E... alguns almoços na casa dele. Em casa, a gente/a gente
 602 sempre-sempre comia junto, quando era em casa sempre... tinha a-... ninguém podia comer
 603 antes e ninguém podia comer depois, existia a hora de comer, né. Então podiam brincar,
 604 podiam fazer o que quisesse, quando a mãe gritava que tava na mesa era que o pai já disse
 605 que queria e a coisa já tava encaminhada, todo mundo tinha que largar tudo que tava
 606 fazendo e respeitar aquilo, né

607 L: Aham.

608 A: e lavava as mão, e eles tinham que ouvir que isso tava acontecendo, e tinham que se
 609 portar na mesa direitinho, né. Eu sempre fui o mais brincalhão, fazia mais... mais... mais
 610 besteira e... bobagem na mesa e... e contava piada, mas os outros sempre seguiam, o que
 611 eu também achava-eu também criticava um pouco aquilo. Mas era aquilo, e aí-e teve... e
 612 demorava um certo tempo porque tinha todo um processo, assim de... de almoço, hã...
 613 refrigerante só aos domingos, e tudo muito... muito... medido... “ah, não pega muita carne,
 614 tem... tem-tem uma medida de carne pra cada um”. Né? Não tinha muita... todos têm os
 615 seus direitos mas nunca... nenhum-nenhum tem mais direito que o outro. E... refrigerante só
 616 aos domingos... e... sobremesa. Aí vinha a sobremesa que era os... os louco por açúcar lá.
 617 E quando terminava era quando o pai já tava se mexendo pra ir embora, daí tinha que
 618 levantar da mesa e sair correndo mesmo.

619 L: [riso]

620 A: Eu sempre fui o que fugi, fugia correndo pra longe porque eu não queria ajudar a lavar a
 621 louça. Mas tinha o compromisso de aju-de lavar a louça, né, ajudar a mãe a lavar a louça.
 622 Mas sem-eu fui sempre o que fugia. Eu não queria saber daquilo, eu queria ir pros meus
 623 brinquedos, porque... né... “não. Eu não”. Mas era... tanto na casa-tanto em casa como na
 624 casa do vô, depois que terminava as mulheres ajudavam a recolher as coisas, os homens
 625 ficavam... ficavam por perto do vô, os mais velhos conversando com o vô,

626 L: Em português?

627 A: Em português. O alemão, o alemão se perdeu, né. O meu avô, por ser da... roça, o meu
 628 avô do... materno, por ele ser da roça e ele, e ele vencer plantando e não ter contato com a
 629 cidade ele e a minha vó falavam alemão. A minha mãe falava um pouco mas também por
 630 causa da guerra parou. Mas então a minha vó e o meu-e o meu avô falavam em alemão
 631 normalmente, então a gente ficava meio... meio... meio... chateado com aquilo, a gente não
 632 entendia, né, e era um alemão engraçado porque era o alemão adaptado de algumas
 633 palavras que parece que em alemão não tem, então vinha um-vinha... vinha uma expressão
 634 longa em alemão e lá no meio... sei lá, “banana”, né.

635 L: [riso]

636 A: E “ah, o fulano não sei o que, o fulano não sei o que”, tavam falando de alguém, a gente
 637 sabia, e lá no fundo falavam assim, “bebe”, a gente ouvia assim, a gente sabia do que eles
 638 tavam falando que sempre tinha alguma coisa perdida em português que eles não... não
 639 sabiam adaptar no alemão dele. Mas a... a... as pessoas do círculo do meu avô eram
 640 pessoas hã... mais antigas da parte da minha vó que é Oderich, hã, todos falavam em
 641 alemão. Todos falavam em alemão, a gente cresceu escutando, né. E... mas não, não, não
 642 tinha... ninguém continuou isso com a gente, foi uma pena, resquício de... de guerra, de
 643 prisão e medo. Era... foi, uma proibição, né.

644 L: Tu fala alemão hoje?

645 A: Não. Entendo... entendo meia dúzia de coisas, comecei a, comecei a estudar mas... não
 646 continuei. Na verdade eu ajudei a minha irmã a se empolgar nisso, ela não fazia nada eu
 647 falei “vamo, vamo estudar alemão” e ela “vamo”, aí nós fizemos o primeiro semestre no
 648 Goethe lá e... eu falei pra ela “achei muito difícil, eu preferi o bar do Goethe”

649 L: [riso]

650 A: Aí fiquei, fiquei... fiquei mais tomando cerveja e ela falou “eu vou continuar”, eu falei “ah,
651 vai em frente, eu... eu achei complicado”. Não tinha com quem praticar, ela também não
652 tinha com quem praticar, porque ela chegava em-ela chegava aqui e tentava falar com a
653 mãe e a mãe... sabia bulhufas, ela fala... ela fala alemão, minha mãe fala [limpa a garganta],
654 perdeu um pouco mas fala errado, fala-falta um monte de coisa, então a minha... a minha
655 irmã ia pra Cachoeira e falava com a minha vó. A minha vó... minha vó sabia.

656 L: Vocês vieram pra Porto Alegre pra-por que?
657 A: Porque o pai e a mãe se separaram.
658 L: Ah, tá.
659 A: Por causa disso, né. Até então era... era uma... era uma família... legal, né. Mas daí essa
660 ilegalidade... psíquico... sexual do meu pai,
661 L: [riso]
662 A: que fez com que... e aconteceu isso. E não a traiç-não a traição física, porque isso é
663 mentira,
664 L: Hum, hum.
665 A: a minha mãe não suportou a mentira, né. O meu pai... hã... enganou ela em mentira, né,
666 durante alguns anos. E ela já sabia que ele tinha outra e ele continuava dizendo que não
667 tinha. Então isso aí me chateou-chateou a minha mãe a ponto de ela reclamar pro meu...
668 meu... meu avô que queria se separar e meu avô comprou esse apartamento aqui que hoje
669 tá [limpa a garganta] que a gente tá e... e a minha mãe pediu a separação e... e veio pra cá.
670 Veio pra cá com-a minha irmã já tinha saído de casa, a minha irmã já era maior de idade na
671 época, saiu pra fazer a vida dela, chega uma hora que... as pessoas se rebelam na minha
672 família, parece que dá um comichão, e... veio a mãe pra Porto Alegre, vim eu junto. E o meu
673 pai ficou em Cachoeira com o meu irmão.
674 L: Hum...
675 A: Né. Ficou um em cada canto, e... e foi o que a... paciência, né. Diz-dizem que eu, por ser
676 menor nessa época, teria tido problemas. Devo ter tido, só não sei quais são.
677 L: [riso] Olha só, a gente falou várias-ah, a “escola de alemão”, “não sei o que do alemão”...
678 O que que é ser alemão?
679 A: [pausa, limpa a garganta] Bom, é uma opinião, não é uma definição, acho que quem
680 define é... teóricos da área, mas na minha opinião ser alemão, um: é se preocupar com...
681 cultura. É ter um traço cultural. Hã... dois: é ser sério nas coisas que faz. Eu não vou/eu não
682 vou enumerar porque eu não sei até onde eu vou.
683 L: Ahã. [riso]
684 A: Né? Hã... já vou-já vou botar logo uma coisa que eu não posso esquecer: é ser mal
685 humorado.
686 L: [riso] Certo.
687 A: Porque o humor ale-a seriedade alemã é confundida com mau humor, né. A sisudez com
688 que tu trata as coisas é confundida com mau humor, e muitas vezes é, mas muitas vezes
689 em seguida isso se... se transforma e... e já não é mais. Mas é-é ter muita-é ser crítico ao
690 que tão te apresentando, é... é propor alguma coisa diferente pro que tu enxerga, é ter
691 visão, porque tu enxerga que... que aquela coisa pode ser diferente, tem forma de ser
692 diferente, né, e a forma não necessariamente tem que ser a tua, mas tu sabe que existe
693 uma forma diferente daquela que a coisa pode funcionar melhor, é ser uma pessoa
694 extremamente incomodada com as coisas que não funcionam direito, então eu acho que...
695 parte das doenças dos alemães que vem pro Brasil vem daí, é desse-é dessa ina-
696 adaptação a... ao nosso-ao “jeitinho” daqui, porque... ahm... as coisas não funcionam
697 direito, definitivamente. É ter iniciativa, é não... é... é não esperar, é não esperar que faça,
698 é... é sempre fazer o que tiver ao alcance de ser feito, ou seja, qualquer coisa manual,
699 qualquer coisa que a capacidade intelectual permita a gente fazer a gente tem obrigação
700 porque a gente sabe fazer, eu não preciso chamar alguém pra arrumar um chuveiro porque
701 isso é uma coisa ridícula, qualquer um sabe fazer, eu sei fazer, o pai sempre nos-nos
702 ensinou hã... as coisas pra serem arrumadas em casa, isso a gente tem obrigação de saber,
703 ach-a... o alemão tem que-o alemão é, ou a visão que eu tenho, ele-é um planejador, ele
704 não faz uma... ele não faz uma coisa... pensando no hoje, ele sabe que isso vai gerar

705 conseqüências, seja pra outras pessoas embora seja difícil de medir, mas é da-que vai hã...
 706 trazer alguma coisa de volta pra ele, ele não vai construir uma-uma casa, uma casa se ele
 707 sabe que mais tarde essa casa vai ter que se aumentada, se ele vai ter que... ou se ele vai
 708 ficar pouco tempo, ele vai já fazer pensando no mais adiante, é um-é um ser
 709 extremamente... hã... não-é, não previsível, mas previdente, né, e sempre, ele planeja, ahm,
 710 muitas vezes ele é frio nisso, porque ele planeja, porque ele-ele enxerga de certa forma que
 711 a coisa vai-pode mudar, né, e se mudar ele tem que estar preparado. Então o pé atrás que o
 712 alemão tem, a certa desconfiança que ele tem, ele sabe que as coisas podem mudar. Não
 713 sei daonde que vem isso dele, mas ele tem que estar preparado. Então ele não-ele não
 714 gosta de ser pego de surpresa, do tipo... hã, dar aquela resposta do tipo “não, não sei”. Não.
 715 O alemão não gosta, de forma alguma, de dizer “não sei”. “Se me perguntarem tal coisa, eu
 716 tenho que ter uma resposta pra isso”, né, então o alemão é um ser que, possivelmente ele
 717 trabalha muito mais que outros porque ele tem que estudar e tem que trabalhar muito mais
 718 porque ele não quer ter que dar uma resposta que ele não quer. Ele quer estar preparado
 719 praquilo. Isso certamente qualifica ele em relação a muitos outros porque quando/se tiver
 720 essa pergunta ele vai ter a resposta, e se não tiver a pergunta ele vai saber fazer as
 721 perguntas que os outros não vão estar prontos pra... pra responder. Então ele é uma
 722 pessoa... à frente. Tudo isso que a gente traz de casa, imagino que seja do alemão, porque
 723 é isso que nos é passado, que é importante a gente... não ser... é... melhor que os outros,
 724 não ser perfeito, mas é importante a gente... ah... ser mais qualificado porque a gente pode
 725 ser melhor, e o fato de poder ser melhor e não querer ser é um desgosto e é um... e é quase
 726 que uma ofensa. Tu-tu-tu saber que tem condições e tu não fazer nada por isso. Então,
 727 muitas vezes falam “ah, tu tem um ar superior”. Um simples comportamento melhor, uma
 728 postura melhor que, que ahn... a pessoa possa ter pode ser confundida com um ar superior
 729 e não é. Simplesmente é uma maneira de querer ser correto, querer ser justo, e não é a
 730 justeza-não é a justiça de cada um, é querer ser justo mesmo porque, me explica direito as
 731 coisas que eu quero entender. Só assim eu vou aceitar. Né? Me convence, primeiro. Uma-
 732 uma vez me convencendo... pode ter o alemão cabeça dura, né, como deve ter... que deve
 733 ser do ser humano, a cabeça dura, mas a... me prova que eu tô errado. Então tá, me
 734 provou, agora eu aceito. Agora muitas pessoas não sabem lidar com isso, me prova ou-até,
 735 até hoje em dia quem seja, o chefe, ou a pessoa que tiver acima de mim eu questiono.
 736 Quero questionar, me prova que eu tô errado. Me provou, tudo bem. Agora do contrário eu
 737 tô certo, se não me provar. E daí eu vou tentar, mesmo que eu venha a errar, eu vou tentar,
 738 que eu tenho que provar também pra mim, que eu acredito em mim, que acredito em
 739 alguma coisa. Eu acho que existe o traço cultural que eu comecei lá falando, porque
 740 apegado a... às famílias que eu frequento, a minha família, a família hã-de Gramado que eu
 741 tenho parentesco, hã... sempre se reúnem em torno da mesa, sempre se reúnem em torno
 742 de uma... em torno de uma refeição pra comemorar alguma coisa, e o próprio fato de fazer
 743 uma refeição é celebrar alguma coisa. Né... e... é um moti-é um, é um motivo e tanto uma
 744 desculpa, né. É um motivo pra celebrar e um motivo pra comer bem, que se... se gosta de
 745 comer bem, a gente não... não abre mão disso. Hã... Cerveja não pode faltar...

746 L: [riso]

747 A: Em casa-em casa teve pouca música, o pai tocava, tocava gaita, gaita de boca, tocava
 748 pra nós, a mãe contava história, história pra dormir, mas dormia antes de nós, não sei o
 749 quanto disso ela vai ser culpada mais tarde...

750 L: [riso]

751 A: A gente lembrava a mãe das histórias, né, a mãe contava uma história e lá no meio ela
 752 confundia com outra e nós falava “mãe, essa não, mãe, essa é a história aquela que vai
 753 praquele lado”. “Ah, é mesmo”, mas também ela já tava dormindo

754 L: [riso]

755 A: E ela misturava, sei lá, os porquinhos com a Branca de Neve. Misturava, botava os
 756 porquinhos lá no meio da... hã... mas, eu acho que o principal que a gente herdou, é muita
 757 organização. Hã... o quarto tinha que ser-que ser arrumado [pausa, olha em volta e ri do
 758 próprio quarto]

759 L: [riso]

760 A: O quarto tinha que ser arrumado, hã, a casa tinha que ser arrumada, ah, o jardim, tinha
 761 que ser arrumado, não pros outros ver, pra gente se sentir bem, né. Eu vejo isso do... dos-
 762 dos meus parentes que eu já comentei, a... o que é teu, o mundinho-o mundinho dele pode
 763 ser grande dentro dele, a casa não precisa ser grande mas tem que ser o mundinho, o
 764 mundo dele. Aquilo tem que ter um... [transcrição difícil] um reino, aquilo tem que ser
 765 organizado, tem que ser tudo funcionando pra se sentir bem, né. Todo mundo é capaz
 766 disso. [pausa, olha novamente em volta]

767 L: [riso] Tu te considera alemão?

768 A: Não. Eu-me consid-eu considero que eu herdei... traços fortíssimos disso, mas não me
 769 considero alemão. Eu acho que todo alemão que... passar pelo... serviço público no Brasil
 770 perde um pouco da... da germanidade porque é uma crítica tão feroz à moral, que... fica
 771 difícil tu... tu se manter dentro do... do que tu chama “correto”, né. Eu tenho tra-eu, eu me
 772 debati muito com isso, eu já trabalhei duas vezes no serviço público e... ninguém tem
 773 horário pra nada, eu tenho e as pessoas não têm. Eu vou e algumas pessoas não vão, né.
 774 Eu-hã-eu tenho que dar desculpa quando eu me atraso e as pessoas simplesmente não
 775 ligam por isso, né. De certa forma eu sou alemão, por dentro, por fora, ah... transpirando,
 776 né, mas hã... mas sou brasileiro, né. Sou brasileiro, não adianta, já... já fiz por demais, hã,
 777 coisas por aqui com as características daqui. Mas é impossível perder coisas que a gente
 778 traz porque... tu consegue amenizar elas, tu consegue... colocar um pouco mais de... de
 779 legumes pra tirar o sal da coisa, mas tu não perde o tempero, não-não perde porque é muito
 780 forte. Então se-se hoje, hoje eu sou subordinado, me mandam fazer uma coisa eu vou e
 781 faço. Se me mandam fazer uma segunda coisa nesse intervalo, eu falo pra pessoa “espera
 782 um pouco porque primeiro eu vou terminar aquela”. E as pessoas às vezes “não, mas tu
 783 pode fazer várias coisas ao mesmo tempo” eu digo “Posso, mas daí eu não termino
 784 nenhuma”. Então eu sei disso e em menos tempo, ou mesmo tempo, ou às vezes mais
 785 tempo eu termino o que me pediram pra fazer e sei que bem feito. Isso, teoricamente, não é
 786 coisa de brasileiro, é coisa de alemão. Mas... eu faço a proposta do meu jeito porque de
 787 certa forma é melhor, rende melhor, funciona, né. Não adianta tentar fazer várias coisas ao
 788 mesmo tempo se tem forma de fazer direito, né.

789 L: Hum, hum.

790 A: Se me obrigarem a fazer da outra forma, tudo bem, eu vou aceitar, afinal uma vez
 791 subordinado, né, deve-se aceitar ordens. Mas existe mesmo aceitando ordens tem sempre a
 792 crítica. [pausa] Deixa eu ver o que mais [limpa a garganta]

793 L: Então ah, tem alguns aspectos que tu acaba te considerando... alem-tu te identifica com...
 794 o alemão?

795 A: É, eu acho eu acho que mais de alguns aspectos, eu sempre vou carregar isso, tô me...
 796 tô entrando um pouco, to-eu sou um alemão que tô entrando um pouco no jogo, né,
 797 porque... eu sou um alemão deslocado, então eu tenho que... me adaptar, de certa forma,
 798 senão eu tô ralado. O alemão numa sociedade... numa sociedade como a nossa, onde... o
 799 jeito, a... a forma de tapar furo, de dizer que faz e não faz, de fazer errado, não tem nada a
 800 ver com... o alemão que quer ver as coisas corretas, então eu sou um alemão que tá se...
 801 se, se moldando temporariamente, né, pra... digamos assim, eu sou um prisioneiro de
 802 guerra, eu tenho que aceitar as normas, porque um dia eu vou sair daqui. Um dia eu vou
 803 estar em condições de voltar a ser correto e as pessoas vão ter que ser corretas também.
 804 Eu quero dar ordens e, e as pe-de certa forma eu sei que é... vou estar um pouco maleável
 805 em relação às minhas ordens porque eu aprendi a ser maleável nesse sistema da-na-da
 806 sociedade aqui do Brasil que-que-que puxa pra esse lado pra ser um pouco mais maleável e
 807 não tão durão quanto o alemão, mas eu sei que dando ordens, sei que organizando as
 808 coisas melhor elas funcionam melhor. Então eu quero estar numa situação em que eu possa
 809 mostrar isso.

810 L: Hã... e o que que não é ser um alemão?

811 A: O que não é ser um alemão? [pausa] hum... não é ser um alemão vai... contra o que eu
 812 falei. Posso ser repetitivo, mas o que não é ser um alemão é ser um cara... hã... [limpa a
 813 garganta, pausa] que tu não pode confiar, um cara que vai te trair, porque uma vez que tu
 814 tenha amizade, que tu entra na casa dum alemão, é... essa pessoa vai te querer bem. Tu

815 pode inclusive enganar ela, que ela vai te querer bem, e vai acabar te deixando fazer
816 alguma coisa. Então não ser alemão é ser uma pessoa que não gosta de trabalhar, é ser
817 uma pessoa que... foge de responsabilidade, não ser alemão é não enfrentar coisas, não ser
818 alemão é... é pedir que os outros façam, é ter pouca capacidade, é não se empenhar
819 naquilo que tão pedindo, é se esconder. Não ser alemão é não ter postura, não ser
820 alemão... não ser alemão é... botar a culpa nos outros, porque tu-o ale-o alemão tem disso,
821 de puxar a culpa pra si, por causa da moral. Ele acha que podia ter feito melhor, também,
822 então também se culpa, eu vejo que o alemão-eu, o meu traço de alemão é carregar muita
823 culpa. “Pô, eu poderia ter feito, porque que eu não fiz”. Uma vê-uma vez que eu digo que eu
824 posso fazer, uma vez que eu não faça, isso também me incomoda. Porque “ah, poderia-e
825 poderia ter feito bem, eu deixei de fazer e alguém fez. Mas eu poderia ter feito”. Também
826 incomoda. [pausa] Não ser alemão é mais difícil dizer...

827 L: [riso]

828 A: do que... alemão...

829 L: Em que aspectos tu não te considera alemão?

830 A: [pausa] Huum. Culturalmente eu não me considero... alemão. Não, calma.
831 Culturalmente eu sou um alemão, porque eu não me adapto culturalmente ao que tem no
832 Brasil.

833 L: Ah...

834 A: É essa a questão. Hã... eu go-eu gosto de música clássica, eu gosto de... jazz, eu gosto
835 de... de-duma linha. Jazz não tem nada a ver com isso, com... a Alemanha, teoricamente.
836 Mas eu gosto de-de-do que for clássico, do que for mais antigo, do que tiver a sonoridade,
837 do que tiver instrumento. Né? Não gosto de nada... hã... popular. Nada, nada popular. A não
838 ser a... as músicas alemãs populares, aquelas que tocam nas bandinhas, em casamento
839 de... que eu fui quando, quando mais moço, o meu parente lá em Gramado vai dar uma
840 festa agora em setembro e vai ter tudo isso, se quiser aparecer por lá...

841 L: [riso]

842 A: Mas isso eu gosto muito porque isso é animado, né, a música popular assim de baile é
843 animada porque existe todo um... um... conjunto de coisas. Mas o- [pausa] traço assim... eu
844 sou um alemão esquecido, hoje.

845 L: [riso]

846 A: Já tô falando demais.

847 L: Não, em que aspectos tu não te considera alemão?

848 A: Que eu não me considero alemão. [pausa] Não gosto muito de praia. Não gosto de...
849 festa de sol. [pausa] Acho-eu acho que, sei lá, sou muito branco, queimo fácil... não sei. Não
850 sei. Hã... que eu não me considero alemão... que que eu não gosto de fazer...

851 L: Não, é com o que que tu não te identifica com o, hã-o alemão?

852 A: Ah, que eu não me identifico com o alemão?

853 L: É. Em que aspectos tu não te identifica?

854 A: Com a... agora ficou perfeito. Com a... sisudez estúpida do primeiro contato. Isso que eu
855 não me identifico com o alemão. Porque eu aprendi a lidar. O ale-o alemão parece que o
856 primeiro contato que ele tem contigo, de tão desconfiado, ele não gosta de ti. E eu não
857 entendia isso, eu achava que realmente a pessoa não tinha gostado de mim. Eu aprendi
858 com o tempo que, tendo um jogo de cintura que não se tem, que se aprende a ter, né, tu
859 consegue lidar com isso. Uma vez eu ta-eu cheguei em Nova Petrópolis, e eu tava na... na
860 minha caminhonete, eu queria comprar um... filme, pra máquina. E tinha num quiosque, lá
861 perto do Parque do Imigrante uma... os filmes tavam em exposição, e uma... Helga, né,

862 L: [riso]

863 A: de... quatro metros de altura, tava atrás do balcão, parecia uma... uma geladeira lá,
864 parada, me olhando. E eu olhei pros filmes, olhei pra ela, olhei pros filmes e perguntei pra
865 ela, “Quanto custa o filme de 24 poses”? Ela simplesmente botou a mão pra frente e disse
866 assim pra mim “O prreço está aí no frrente”. [pausa] Eu não tinha visto realmente o preço
867 tava ali, né. Eu não tinha visto, escrito pequenininho assim. Mas que culpa tenho eu de ser
868 recepcionado ou escutar isso, né, que culpa tenho eu de não ter visto, né? Essa falta de
869 trato eu não me identifico, sabe? Eu procuro ser extremamente... hã... social, com as

870 pessoas, assim, as pessoas às vezes nem notam que eu sou tão... tão durão, tão sisudo,
871 justamente porque eu sou muito mais maleável, isso é uma coisa que me irrita sobre-
872 sobremaneira. Sabe? Essa maneira de-de-de-de lidar de forma... hã, se diz grossa, mas é
873 de forma dura com as pessoas, né. Isso é que ofende as pessoas.

874 L: Hum, hum.

875 A: Isso aqui no Brasil ofende porque as pessoas-ninguém, gosta de... receber um... “vai
876 fazer isso”, ninguém gosta. Primeiro é... “quem sabe, vamo lá”, existe formas, primeiro-
877 existe de um certo convencimento assim, porque tem que ter um diálogo primeiro pra criar
878 um laço, né. E... o alemão é muito duro. Tu diz “que horas são” e ele “olha na igreja!”,
879 porque ele não tem relógio ele pode até dizer uma outra coisa, mas ele tá te dizendo pra
880 onde olhar. Mas é a forma tosca, dura de dizer, às vezes isso... me chateia. Isso não é meu,
881 né, isso não é um traço meu. Eu procuro ser gentil porque, é... é-a forma deles, né. A forma
882 deles. O meu parente em Gramado demorou pra me receber na casa dele. Me recebia meio
883 sisudo e... conversava. Quando a cerveja já tinha subido pra cabeça, daí já virava um... né,
884 um... uma loucura, aquilo.

885 L: [riso]

886 A: Mas a... hoje, já-já... como já abriu as portas, né, da casa, da família, daí já tem toda uma
887 liberdade, fazer o que quer, coisa e tal. Existe uma barreira pra quebrar, assim, pra, pra, pra
888 tu fazer parte da vida da pessoa. Depois dizem que até abre demais, que vira... “aaaahhh”,
889 já tão se dependurando no ombro,

890 L: [riso]

891 A: Te consideram... coisa e tal. Mas essa maneira assim, estúpida, eu não-eu não consigo
892 ser. Eu consigo ser-eu consigo ser duro, na hora que tem que ser, na hora que tem que
893 baixar a bola de alguém, a pessoa vem sem razão, né, então tu precisa... tu precisa buscar,
894 “ah é, vou baixar a tua bola, então vou te dizer o que tu tem que ouvir”. Mas do contrário
895 ninguém tá aqui pra ouvir de graça qualquer coisa,

896 L: Hum, hum.

897 A: então isso eu não co-eu não gosto no alemão, qua-esse alemão, hã... original, esse
898 alemão, hã, colonial, né, que ele é-ele é tosco, ele é/me parece sem educação. Isso eu não-
899 isso eu não-eu considero que eu não tenho, mas eu critico. Critico no alemão.

900 L: Pra terminar: como é que tu vê a Alemanha?

901 A: Hoje?

902 L: Ontem e hoje.

903 A: Ontem e hoje. Mudei as-mudei um pouco com o tempo a minha forma de ver. Eu tinha...
904 na minha adolescência uma certa adoração pela Alemanha. Eu simplesmente achava
905 realmente que a Alemanha era a... um espelho, né. Alguma coisa que a gente deveria se
906 mirar, como história, e como capacidade de... de... de ser alguma coisa. Tanto a/tanto no
907 nível político por ter, hã, enfrentado durante a guerra, ter brigado co-com todo mundo lá pra
908 impor alguma coisa, né, como depois pela reconstrução de ter conseguido, né, hã... depois
909 de sofrer todo tipo de sanções e embargos, depois de ter conseguido se reerguer sabendo
910 lidar com... com a culpa, né, sabendo lidar com a culpa de... de uma-de uma coisa que...
911 que aconteceu, que fez e participou, mas sabendo lidar com isso e botando sempre à frente
912 de tudo o trabalho, e a... especialização, e a eficiência, e a coisa tem que funcionar, e
913 sempre tomando dianteira de invenções, de investimento... eu-eu chego a criticar essa...
914 que o alemão é culpado de muita coisa ruim sem saber. Porque o alemão inventou um
915 monte de coisa, que as outras pessoas depois pegaram e transformaram numa baita
916 porcaria.

917 L: Hum, hum.

918 A: O alemão inventou uma, uma bomba que usaram, mais tarde, né, usaram bomba em
919 todo tipo de coisa. E o tubo catódino, né, do televisor, foi um alemão que inventou, através
920 das ondas do rádio, aquele espaço no vácuo, foi um alemão que inventou e hoje a gente
921 critica a tevê que a gente fica olhando e se imbecilizando, né, quer dizer, o alemão é
922 culpado por muita coisa sem saber. Mas a Alemanha pra mim segue sendo um grande
923 exemplo de [limpa a garganta, pausa], segue sendo um grande exemplo que a disciplina
924 resolve as coisas. Que sem a disciplina não se consegue nada, né. E que o excesso de

925 oportunidade que se tem aqui no Brasil, hã... é todo posto fora porque, hã, não se tem
926 disciplina pra fazer nada. E... pelo que eu vejo, que a minha irmã já estudou lá, o filho do
927 meu pa-do meu tio de Gramado, lá, estudou, fez um curso técnico lá e veio aqui e deu um
928 baile em todo mundo, sabe, a... a diferença da seriedade que eles levam no ensino,
929 continua sendo um... um, um exemplo de que que eu tenho que fazer, como eu tenho que
930 me portar, e-o-a-os valores que eu devo seguir, porque eles... de certa forma estão corretos.
931 Por mais que ten-tentem me dizer, ahh... “tu é muito duro, tu é muito sério”, eu acho que eu
932 devo permanecer com coisas porque, hã, eu tô correto. Porque a... a Alemanha se
933 reergueu, a Alemanha-a Alemanha é a líder da Europa, é a líder do-é a líder do, da
934 Comunidade Européia, ela que deu as, as cartas pra esse tipo de coisa acontecer, hã... e
935 sim/e simplesmente se tá na dianteira de quase tudo. Ela-ela teve a... ela teve o... depois-a
936 Guerra serviu pra ela, pra ela se dar conta que é melhor trabalhar, e é uma-é uma-é uma
937 lição, é melhor trabalhar, é melhor se especializar, ser bom, e não se expor. Porque quando
938 a Alemanha se-se expôs, ela... todo mundo bateu nela. E depois quando ela trabalh-quando
939 ela só trabalhou, e ficou quieta, e essa é uma... é uma grande lição pra qualquer um,
940 quando ela trabalhou e soube do trabalho ter... os seus/ter os seus frutos, mas não se expor
941 como-”somos superiores, somos melhores que os outros”, daí ela provou que realmente ela
942 é melhor, é forte, e pode... através da disciplina e da seriedade ultrapassar qualquer um.
943 Não que seja melhor, mas pode-pode lutar, pode... competir com qualquer um. Isso é uma
944 lição que eu tenho porque... hã... tu tem que trabalhar, tu não tem que fazer alarde do que tu
945 tá fazendo. Tem gente que só faz alarde e não trabalha. Se tu trabalhar e fizer alarde, tu vai
946 ter... de volta, muita crítica, muita... cobrança, muita... barreira que vão te colocar pra tu ir
947 adiante. Se tu trabalhar certo daquilo que tu quer, daquilo, daquilo que tu acredita, tu tem
948 rumo a seguir, tu tem um objetivo, e a falta de objetivos que nos, que nos manda pra todos
949 os lados e a gente fica andando em... círculos, e coisa e tal. A Alemanha é pra mim um
950 exemplo de... que as coisas funcionam se a gente quer. E se a gente não quer... não vai
951 acontecer nada.
952 L: [pausa longa] Muito bem! Mais alguma coisa?
953 A: Eu quero um café. [riso]
954 L: [riso] Então tá. Foi ótimo!

ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: ELISA

- 1 L: Vamos lá.
2 E: [pigarreia, risos]
3 L: Elisa, assim, ó. Hã... o objetivo desta entrevista é servir de subsídio pra um estudo sobre
4 germanidade no discurso dos descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.
5 Embora a gente esteja fazendo essa entrevista no Rio, é sobre os gaúchos.
6 E: Tá. Que vem de lá, né.
7 L: Tudo que tu me disser aqui me interessa,
8 E: Hum, hum
9 L: tudo que tu contar vai ser importante pra esse estudo e tudo vai ser tratado de forma
10 confidencial. A identidade da fonte é sempre preservada, tá? Tu pode parar a entrevista a
11 qualquer hora, se eventualmente tu disser alguma coisa que tu não queira ver registrado tu
12 me avisa que eu deleto depois dos registros, não tem problema nenhum, tá. Tu podes pedir
13 cópia dos dados depois, também, se tu quiseres ouvir. Ou a transcrição... Tá?
14 E: Tá.
15 L: Bom, um dos motivos pelos quais tu é... fonte desse trabalho é porque tu sabe, tem idéia
16 da genealogia da tua família. Alguém já fez essa pesquisa?
17 E: A minha irmã fez alguma coisa porque ela estudou genética na... na faculdade, ela faz
18 medicina.
19 L: Hum, hum.
20 E: Então eu sei que a... até há pouco teve um filme, “Minha vida iluminada” [sic, o nome do
21 filme é “Uma Vida Iluminada”]... que aí tem uma historinha do bisavô, o cara procura a
22 família dele. Daí eu... um dia eu fiquei-me deu um [gesto de “idéia”] e eu mandei um e-mail
23 pra ela perguntando e tal, aí ela me mandou, mas é uma coisa... mais pra ela estudar...
24 doenças, e coisas que tenham, que venham pela genética, mas ela fez alguma coisa, fez
25 um esbocinho da... da genealogia.
26 L: E como é que foi pra ti ter contato com essa, essa noção de... “descendo de alemães”?
27 E: Huumm... [pausa 3s] Bom. Eu era muito pequenininha, eu vinha... eu morava no interior
28 do Rio Grande do Sul
29 L: Aonde?
30 E: Em Cruz Alta. E... Fui pra lá com um ano, nasci em Porto Alegre mas fui pra lá com um
31 ano, e lá eu convivia com a minha mãe, meu pai que, eles não falavam alemão entre si,
32 enfim... Alguma vez que outra vinha algum parente mas não é uma lembrança que eu
33 tenho... lá, da minha casa, de infância de falar alemão. Mas também porque a gente vinha
34 todo ano visitar a minha vó em Estância Velha... aí se falava alemão, e nas minhas tias,
35 sabe, mas quando os meus pais [sobreposição]
36 L: E teus pais falam alemão?
37 E: Falam alemão, mas não entre eles em casa. Falam alemão com os parentes deles,
38 irmãos ou a mãe, os pais, assim, meus avós. Tanto meu pai-do meu pai quanto da minha
39 mãe, os parentes do meu pai são de... Santa Catarina, na verdade. Só que [transcrição
40 difícil: ele não é], os parentes da minha mãe é que são alemães, então não sei daonde que
41 quebrou... Mas falavam entre... os irmãos e os pais. E eu, sei lá... eu achava aquilo chato
42 quando era criança porque eu não entendia... não entendia porque que a gente tava no
43 Brasil e as pessoas falavam... aquele idioma, e não me... não me soava... bonito, então sei
44 lá, eu achava... estranho. “Eles tão focando alguma coisa que eu não posso saber”, e tal...
45 quando era criança brincava... mas... nunca quis aprender, não tive vontade de... aprender
46 alemão... e a...
47 L: Essa percepção não pas-não mudou com o passar do tempo?
48 E: De... É, porque-sei lá, tem tanta língua que eu queria aprender, que eu tenho de aprender
49 antes que de repente o alemão ficaria num segundo-não seria um primeiro... assim, tipo
50 “olha, depois do inglês eu vou querer aprender alemão, porque eu tenho descendência”,
51 não... não tenho essa vontade
52 L: Hum, hum.

- 53 E: De repente tem alguma coisa por motivos profissionais, e tudo... Eu... mudei a percepção
54 dessa influência alemã, dessa descendência, enfim, dessa “identidade” alemã quando
55 cresci, fui estudar, aí eu vi grandes pensadores, grandes... grande... material germânico
56 legal que não é só aquilo que primeiramente a gente vê que é, sei lá, Hitler e... nazismo...
57 assim, pô, a primeira coisa que “Ah, alemão...” mas tem muita coisa a mais, e tem uma
58 cultura incrível e que... geralmente pela língua alemã que se... que... que... muita coisa, que,
59 né... Literatura, tem muita coisa gerada exatamente pela/ justamente pelo modo de... de
60 pensar, e de... da linguagem alemã... posso tá errada mas é alguma coisa que eu aprendi,
61 alguma... sei lá.
- 62 L: Com essas percepções todas, como é que-que que tu diria que é ser alemão?
- 63 E: Ser alemão lá ou ser alemão, descendente de alemão aqui? No Rio Grande do Sul?
- 64 L: É exatamente isso que eu quero saber. Tu faz diferença entre essas duas...
- 65 E: É, eu ficava “não gosto, e não”-e ficava braba quando criança e ainda fico. Eu não sou
66 alemã, eu sou brasileira, eu falava pra minha vó “ah, não é, alemoa, não sei o que, polaca”...
67 eu odiava. Porque eu não gosto, eu sou brasileira. Porque eles costumam falar na colônia,
68 ah... brasileiro é que tem assim silva, souza, não sei o que, “ah, os brasileiros”, daí “fulana
69 casou com um brasileiro”, sabe?... “mas como assim vó, todo mundo é brasileiro, tu também
70 é”, e ficava meio, não entendia isso, sempre fui muito, muito... nacionalista, dá até pra dizer,
71 mas... eu ser descendente de... assim, ter ascendência... hoje eu vejo que tem um... tem
72 coisas positivas e que eu acho que [transcrição difícil] sei lá. Sei lá, ser... ser econômica,
73 ser... com a criação que a minha mãe me deu que é muito vinda da... dos imigrantes assim,
74 né, não só de alemães, mas de, de imigrantes... A maioria deles vieram muito pobres pra cá,
75 e vieram em condições... foram morar, foram trabalhar na agricultura, no campo...
76 incentivaram seus filhos a estudar... A maioria de... todos os imigrantes assim, famílias que
77 eu conheço, assim... moravam no campo, muito pobres, muito humildes, tiveram seus filhos,
78 fizeram de tudo para os filhos estudarem... eles, alguns, nem todos, chegaram a se formar
79 na faculdade, mas agora tem os seus filhos, e esses filhos... da minha idade, minha
80 geração, eu, meus primos, assim, a maioria... todos, praticamente, têm o terceiro grau...
81 completo, e eu acho isso... que é uma luta, assim, não sei se é... se é, é de imigrante em
82 geral, acho que no Estado do Rio Grande do Sul tem muito essa... essa cultura e eu acho
83 isso muito legal, muito importante, assim, dar uma... uma base de construção que não vem
84 do nada, entendeu, a gente tem essa coisa de ir galgando as coisas de... pelo esforço, pelo
85 trabalho, pelo estudo... sei lá. Pra algumas coisas eu acho que é importante.
- 86 L: E o que que é não-não é ser alemão?
- 87 E: O que não é ser alemão...
- 88 L: É.
- 89 E: Aqui, no Brasil?
- 90 L: O que que tu-assim, a gente falou de uma série de características que a gente associa
91 com o alemão. O que que não é ser alemão?
- 92 E: O que que não é ser alemão? [pausa 4s] Alemão sempre tá associado com uma coisa
93 mais rígida, mais... né... nem é-na verdade não é tanto, né, é um povo muito festivo, muito,
94 né, tem aquelas festas, bebedeira, não sei o que, comida... na verdade são povos festivos
95 também, mas a gente sempre tem aquela... a imagem, não sei daonde que vem, se a
96 gente... se a gente vem criada com essa cultura... não sei, mas assim aquela... “Ah, que
97 alemão é meio metódico”, meio, é... econômico, assim, é... é... como é que é... organizado,
98 não sei o que, aquela coisa toda de alemão que a gente tem e vem não sei daonde essa...
99 visão. E que de repente não ser alemão seria ser mais... não ter essa... não ser tão
100 metódico... ser mais... deixar as coisas acontecerem... que, de repente, isso é não ser
101 alemão... não sei... [olha como que pedindo aprovação]
- 102 L: Ué, pode ser.
- 103 E: pois é, não sei... ser mais livre, mais... uma coisa assim que... [pausa 4s]
- 104 L: É difícil responder.
- 105 E: É difícil, é.
- 106 L: Como é que tu vê a Alemanha?

107 E: É... eu acho que... assim... eu acho que-eu estudei... estudei. Vi por aí, a gente sabe,
 108 ouve, vê histórias de quem morou lá... em Berlin, algumas pessoas que foram estudar... e...
 109 percebi que-eu acho que eu tenho muito parecido com os jovens alemães, que até muito
 110 pouco tempo, talvez a... geração que é da minha idade, lá, hoje... de repente eles têm
 111 orgulho e têm... não têm aquele... porque por muito tempo o que teve na Alemanha foi um
 112 sentimento de... é uma vergonha pelo passado. Porque aquilo sobressaía dem-sobre tudo,
 113 assim. Por mais que eles quisessem ultrapassar aquilo, ficou muito marcado e muito pesado
 114 e sempre foi um fardo, mesmo que as novas gerações não tivessem nada daquilo, daquelas
 115 maldades, daquelas coisas, isso acaba sempre tendo aquele estigma de “não...”, sabe? e
 116 agora eu acho que eles... já vêm galgando isso há muito tempo, né, cada vez mais eles
 117 tentam ser um país que quer se mostrar livre, e tal e sem preconceito... claro que não é cem
 118 por cento, não tem nem como, mas eu acho que... essa imagem de querer... se libertar
 119 desse passado, de não-não levar mais esse peso, tipo “não, tudo bem, agora vamos ver o
 120 que que é daqui pra frente, a gente tá no caminho, tá tudo bem, eu acho que isso é... porque
 121 eu também, eu acho que eu tinha essa primeira imagem que “Ah, não quero ser alemã
 122 porque alemão é...” sabe? Quando criança, sei lá. Mas eu acho que era minha primeira
 123 percepção, e que depois eu fui vendo que não era isso, somente isso, assim, né.
 124 [transcrição difícil]

125 L: Tu acha então que teve um movimento de superação na Alemanha dessa... memória

126 E: É, é... meio que... superação, eles-a todo momento querem mostrar que... que têm
 127 respeito ao passado e que se quer... tem que se lembrar pra nunca mais repetir, aquela
 128 coisa toda. Mas que-eles pensam assim, tirar um pouco do ombro aquele passado pesado e
 129 tentar viver uma vida nova e fazer um novo caminho, assim. Isso eu acho que... realmente...
 130 é visível na Alemanha.

131 L: Qual é a história da tua família?

132 E: Hã... da que eu sei assim

133 L: Da que tu sabe.

134 E: eu sei assim de... Eu sei que essa minha trisavó, agora que eu sei que é trisavó, é...
 135 Teresa e não sei mais o nome do... do marido dela, vieram casados da Alemanha num navio
 136 lá e foram pra... ai, é uma região... acho que... ai, minha vó falou uma vez, mas não era
 137 bem... região típica de alemães, assim, sei lá, como se fosse, sei lá, perto de Caxias [do Sul,
 138 cidade de colonização eminentemente italiana]

139 L: Hum, hum.

140 E: Não sei, posso tá chutando mas é alguma-algum lugar que não era exatamente de
 141 imigração alemã. Esses dois, então, vieram casados lá e formara-e tiveram um armazém de
 142 secos e molhados. Eu me lembro que achava o nome o máximo e... sei lá, achava “ah, que
 143 legal”. E... oh, daí agora esqueci os nomes, mas essa... esse casal vieram e tiveram.. talvez
 144 uns quatro, assim lembrando de cabeça, porque eu não... quatro filhos, e daí foram
 145 casando, e sempre casaram assim com alemão e... pra não ter muita mistura na família, eu
 146 até brinco assim “ah, vó, quem que casou aí, onde é que teve a mistura do negão aí”,
 147 porque, sabe, vou pra praia me bronzear e tal e ó, não é possível, minha mãe é muito
 148 escura, assim, “vó, me conta, só pra mim, assim” [risos] mas é que na verdade todos eles
 149 têm um... antes, eles meio que casav-até que, porque as famílias meio que combinavam, e
 150 ficavam naquele, naquele povoadinho e assim... não expandiam muito, assim. A... a minha...
 151 a geração da minha mãe e dos irmãos dela que alguns... sei lá, o meu tio casou com uma
 152 japonesa, outra casou com italiano, sabe? Daí que teve um pouco de diferença, assim, mas
 153 no geral sempre foi... alemão casar com alemão, assim. [sempre ficava] lá na colônia,
 154 assim. O meu pai também, porque eles eram lá do interior de Santa Catarina, e também
 155 colonização alemã, e... a mistura, a... diferença foi nessa geração do meu pai, também,
 156 não... anteriormente, tipo nos avós, bisavós lá era tudo... casava muito próximo, muito entre
 157 eles, assim. “ah, é primo... do não sei quem”, sabe, tudo quase vizinho, todo mundo
 158 conhecia...

159 L: E a tua família mesmo, assim, teu pai, tua mãe, até chegar em ti, como é que é essa
 160 história?

- 161 E: Tá, meu pai ele nasceu no Rio Grande do Sul mas a família sempre morou... é... ah,
 162 Concórdia, ali pra cima, é um interior assim, interior, oeste da Argentina
 163 L: Hum, hum.
- 164 E: ai, gente, de Santa Catarina, há... tô com a Argentina na cabeça... e... aí ele veio pra
 165 Porto Alegre... trabalhar, tinha uns paren-ah! Tem umas histórias de, eu nunca entendi
 166 direito, mas o lugar que a minha mãe morava, que a minha vó criou eles, era, ahm... como é
 167 que chama... é Montenegro, interior de Montenegro.... bem interior, assim, bem interior... Ai,
 168 a minha tia ainda mora lá, na, do lado da casa que minha vó morou... como é que é o nome
 169 do lugar... esqueci, bom. E nesse lugar, é, o meu avô, ele morreu antes de eu nascer,
 170 morreu em 78, eu acho, ele era professor, maestro, dava aula de..., morava na casinha do
 171 lado da igreja, né, do povoado. Então ele era o cara da-mais culto do lugar, sabe. Ele
 172 trabalhava na agricultura também, tinha sete filhos, mas ele dava aula, assim, sabe aquela
 173 aula da primeira a quarta série, que fica,
 174 L: Sei.
- 175 E: divide o quadro e dava aula pra todo mundo... e ele estudava música, cantava, tocava
 176 violino, ele tocava vários instrumentos, tocava na igreja, tipo cuidava da igreja, dava aula,
 177 mil funções, assim e aquela... e... tem uma parte que eu não sei daí daonde que surgiu, mas
 178 tem uns parentes que eram parentes do meu pai que moravam também nesse povoado. E
 179 esses... eles eram meio ricos, e tal, tinham um armazém, sempre quando tinha armazém
 180 num lugar as pessoas eram meio ricas e... as pessoas ficavam devendo pra elas e tinha
 181 um... sabe, tinha um coronelismo assim de ah, tipo, cobrava a mais pelo açúcar, já que o
 182 pobre coitado lá nunca ia pra Porto Alegre comprar, sabe, e os caras sempre ficavam super
 183 na boa, tinham carro quando ninguém tinha, e esses eram parentes assim do meu pai, só
 184 que, que talvez eles eram... esse cara, dono do armazém, ele era irmão... do meu avô
 185 paterno. Talvez irmão. E aí quando o meu pai veio pra Porto Alegre ele veio meio que
 186 trabalhar com esses parentes, porque eles eram melhor de vida do que a família do... do
 187 avô lá em Santa Catarina, que eram agricultores, mesmo, trabalhavam... eu acho que ele
 188 veio e até trabalhou em restaurante, alguma coisa desses parentes, vindo dessa partezinha
 189 mais rica. "Ah, vou tentar lá". E conheceu a minha mãe mas eu acho que isso foi em Porto
 190 Alegre, não tinha nada que ver com aquele lugar. Mas de repente viu que "ah, era parente
 191 do...", sei lá, né, minha vó, daí, "ah, como é que é o sobrenome dele? Ah, então ele é
 192 parente de não sei quem lá do...", aí que descobriram que é muito engraçado, a mãe
 193 também que tentou sair e foi, acabou ficando na mesma assim. E... aí eles foram casados
 194 até... acho que eu tinha o que... dezessete, dezoito... por aí, mas assim, foi desgastando,
 195 não tinha mais a ver, e aí... mas eu não tenho uma relação muito boa, não, com o meu pai.
 196 Nem tenho mais contato com ele, muito assim, então...
 197 L: Tu nasceu em Porto Alegre?
 198 E: Eu nasci em Porto Alegre.
 199 L: E foi pra Cruz Alta...
 200 E: Com um ano e... um ano. Porque o meu pai tinha um trabalho de representante comercial
 201 L: Ah, tá.
 202 E: e ia... ia, bom, ele fazia sempre nessas malandragens "não sei o que, trabalha aqui, não
 203 sei o que, nanana" e foi lá pra Cruz Alta que ele era representante de remédio, assim, de
 204 laboratório farmacêutico, então ele ia visitar os médicos daquela região e achou que o
 205 negócio ia crescer, que era melhor pra ele... [transcrição difícil] e a minha mãe trabalhava na
 206 CEEE [Companhia Estadual de Energia Elétrica], ela passou no concurso antes, assim, nos
 207 anos 70, eu acho, da CEEE, então ela trabalhou primeiro em Canoas, depois em Porto
 208 Alegre, ali na Andradas, na época era no centro, e tal, aí ela-quando ela me teve morava ali
 209 na Cidade Baixa [bairro próximo do centro da cidade], ali perto do Direito da UFRGS... e aí,
 210 [] o emprego lá ela pediu transferência, porque é estadual, né, tinha sede lá também então
 211 pode trabalhar lá. Mas assim, não tinha parente nenhum lá, foi muito... eu pequena... foi
 212 meio que loucura, assim. Foram pro interior que não tinha nada que ver com nenhum
 213 parente, assim. E ficou lá, né. Ficaram... hum, legal... eu cresci no interior, eu acho...
 214 L: Tu ficou lá até que idade?
 215 E: Eu ti-dez anos. Fiz até a quinta série lá...

216 L: Depois voltaram...

217 E: é, e depois voltei... porque... ai, porque, eu não me lembro porque eu apaguei essa

218 memória da minha cabeça, foi uma confusão pra minha cabeça de dez anos, ter que mudar

219 de uma cidade onde tem todos os teus amigos, clube, casa, e... encaminhado, sabe? As

220 coisas que eu tinha na minha vidinha, no meu mundinho de dez anos de idade era tudo que

221 eu precisava, daí de repente “como assim?”... “mudar pra Porto Alegre porquê, hein?”... sei

222 que foi uma coisa tão abrupta, assim, “vamos se mudar”, a gente se mudou pro apartamento

223 do Bonfim [bairro de Porto Alegre] que até hoje-que a minha mãe vai se mudar agora

224 semana que vem desse apartamento que a gente foi... e foi tudo tão estranho pra mim na

225 época... fui estudar no Rosário [escola de confissão católica tradicional de Porto Alegre] ... e

226 aqueles prédios, só tinha uma porta pra entrar no apartamento, e lá na casa há... interior,

227 entrava e saía pela garagem, entrava pela frente... e eu não que-sabe, era tão estranho pra

228 mim aquela... o condomínio, aquelas pessoas diferentes, tinha até uma gurizada, assim, da

229 minha idade que depois a gente ficou... a turminha, assim, mas no início a gente... assim...

230 daí a minha mãe pediu transferência pra cá, o meu pai também, sei lá, mas não me lembro

231 exatamente porque que eles decidiram, assim... ou se surgiu uma oportunidade, mais...

232 talvez o meu pai primeiro, e depois a minha mãe porque a minha mãe só podia pedir

233 transferência porque ela [transcrição difícil] Mas... e aí... e também eles pensaram “Ah,

234 daqui a pouco elas tão na faculdade, vai ser melhor...”, teve diversos fatores.

235 L: Já tinha as duas irmãs?

236 E: Já, já. Minhas irmãs são... uma tem... três anos a menos e a outra seis.

237 L: Hum, hum.

238 E: Uma faz medicina e a outra terminou o segundo grau.

239 L: Foi a do meio então que fez a... a parte da genealogia, da genética.

240 E: É, é.

241 L: Como é que eram os costumes na tua casa, tinha alguma coisa, porque a gente falou de

242 costumes alemães, e não sei o que. Tem algum costume que tu identifica como sendo

243 alemão na tua casa?

244 E: Cuca. Sempre teve cuca lá em casa. Mas isso acho que todo mundo tem.

245 L: Quem fazia a cuca?

246 E: A minha mãe.

247 L: A tua mãe.

248 E: Ou comprava pronta, mas sempre tinha que ter.

249 L: Mesmo em Porto Alegre?

250 E: Mesmo em Porto Alegre. A minha mãe sempre foi muito de fazer pão, e essas coisas ela

251 gosta muito de fazer. Teve épocas em que não podia, por causa do trabalho, porque não

252 tinha tempo. Mas ela sempre gostou muito, e depois que ela se aposentou ela... fez, ela

253 gosta realmente de fazer... ela não gosta de fazer comida, assim, todo dia. “Mãe, tem que

254 comer, tem que fazer almoço, e tal”, ela gosta de fazer essas coisas, bolo, torta, e... essas

255 coisas assim de... bem coisa de alemão, né, que nem eu falei, não sei mais. Fazer pães,

256 massas, então ela-e sempre... cuca é um negócio que sempre teve, eu acho que isso-que é

257 uma coisa bem alemã, né. Mas assim, de comida, essas coisas assim, que é comida típica

258 alemã nunca teve em casa, sabe, porque... eu acho que é complicado, isso. [transcrição

259 difícil] essas salsichas e coisa, não... Nem a apfelstrudel [torta de maçã tradicional], só via

260 em restaurante, sempre comi fora, nunca... “Mãe, que merda, porque que tem uma torta tão

261 boa e ninguém faz esse negócio!”... Mas o que mais, assim, de hábitos alemães... é... a

262 coisa mais de igreja católica é muito forte, né, de imigrantes alemães, assim. É irritante.

263 Como é... e aí sempre tinha que ir na igreja, na missa, mesmo com uma... que eles tinham

264 uma história meio conturbada assim de... como eles moravam, minha mãe e os irmãos dela,

265 como moravam do lado da igreja sempre tinha uma... porque igreja sempre... foi um troço

266 meio... daí vinha o padre, e aí era do bom e do melhor pro padre, sabe? Daí eles “ah, então

267 fica aí, agora espera porque o padre vai comer”, sabe? E aí depois ela foi estudar em

268 colégio de freiras, e aí teve várias coisinhas assim que-que-na verdade ela nem-podia odiar

269 a Igreja Católica e nunca ir, nem obrigar os filhos, sabe? Ela poderia ter tido essa... só que

270 não, ela mesmo... tendo um... uma... história assim de ah, que não poderia, de repente não

271 confiar mais na Igreja Católica, ela continuava indo, e obrigava a gente a ir na missa quando
272 criança, e obrigou a fazer primeira comunhão, crisma, assim, tudo. [transcrição difícil]
273 Sempre tem um... eu fui muito crítica quando era criança e adolescente era irritante,
274 chatinha mesmo, porque eu era toda... achava que eu entendia de tudo, que eu sabia de
275 história, não sei o que, que a igreja, que [transcrição difícil], não sei o que, barara, e eu
276 “mãe, eu não quero fazer primeira comunhão”, daí “Não, tu vai fazer, porque depois tu vai
277 querer, vai te arrepender” daí eu “Mãe, eu não vou me arrepender, eu não gosto, não
278 acredito, quer que eu faça eu faço, mas... quer que eu faça eu faço, mas eu não quero saber
279 de nada, vou ficar lá repetindo que nem a maior gralha todas as coisas que eu sei que vocês
280 repetem na missa”, e isso assim, mas hoje eu sou muito mais tranqüila com essa relação a
281 religião do que eu era adolescente. Adolescente eu era muito rebelde [risos] Mas eu fiz as
282 coisas, mas eu falava “não acredito mas vou fazer. Pra te provar como isso não vale nada,
283 que eu posso chegar lá, uma... sabe, uma intrusa, e vou me formar naquele negócio lá de
284 vocês porque é tudo... eles vão achar ótimo, eu vou tá lá, assim, não acredito”. Entendeu?
285 Mas era meio de rebeldia. Hoje assim, não... não vejo bem nenhum nem nada de ter feito,
286 preferia não ter feito essas coisas, mas de repente eu até gostasse, sabe? Daquela... não
287 sei. Mas hoje eu vejo com muito mais tranqüilidade essa coisa assim de, espiritualidade,
288 religião católica, ou não, assim, hoje é muito mais tranqüilo pra mim, entro na igreja
289 esporadicamente, não, não... hoje eu não tenho mais esse... não preciso mais lutar contra
290 esse ranço, assim. Mas a Igreja Católica é uma coisa muito... presente na minha vó, e...
291 nessa coisa da família alemã tem muito... assim, “oh”, toda... fora dos padrões.
292 L: E a música? Tu me disseste antes que a tua vó escuta até hoje música alemã.
293 E: É, aquelas bandinhas, aquela coisa bem típica que é de, né... lá do...
294 L: E a tua mãe e os teus tios?
295 E: Ai não, minha mãe... meu... padrinho, que é o irmão mais velho, ele também estudou
296 música, assim foi meio que no estilo do meu avô. Ele estudou, e tudo, bandinha de alemão,
297 mas não é o preferido dele também, mas ele foi assim mais pra essa parte da música, e...
298 de repente ele assim dos irmãos o que mais... mas... daí depois dos filhos da minha vó
299 assim, escutam quando vão numa Oktober [fest] ou vão no... não tem problema nenhum,
300 não vão achar “ai, que saco essa música”, mas eles não tem hábito de... de... assim, nem
301 minha mãe nem meus tios de escutar isso... nem, nem... muito menos eu nem meus ir...
302 assim, primos, irmãs...
303 L: Tu vieste pro Rio quando?
304 E: 2005.
305 L: Tu chegaste a ficar sabendo do aniversário da imigração alemã, dos 180 anos?
306 E: Não.
307 L: Que foi em 2004?
308 E: Não ou sim, será que... teve coisas lá, e eu acho que teve... ah mas... não sei... em São
309 Leopoldo, talvez teve alguma coisa...
310 L: É, teve.
311 E: É, a minha tia mora lá, então de repente alguma coisa que eu me lembre... mas...
312 L: Não, porque era justamente isso, pra saber como é que foi a, a... visibilidade desse,
313 desse aniversário pras pessoas.
314 E: É, mas não, não... não é tão [transcrição difícil]
315 L: Tem mais alguma história que tu queiras contar?
316 E: [pausa 4s] Hum, acho que não, assim...
317 L: Alguma dessas coisas assim, porque a tua vó, tu me disseste que a tua vó falava alemão
318 contigo.
319 E: Fala, até hoje,
320 L: Até hoje?
321 E: ela tem noventa anos, noventa e um, e ainda fala. Fala com todo mundo, assim. Ela
322 queria saber sobre médico que falava, tem essa coisa muito lá do interior, as pessoas mais
323 idosas “ah, quero um médico que fale alemão, senão não quero”, e não ia. Mas ela fala,
324 assim. A primeira coisa que ela vai falar é em alemão, já é... e eu “vó, fala de novo que eu
325 não entendi”. Tá, daí ela “ah”, ela sabe que eu não falo, e que eu não... e ela... ehm, eu

326 como neta preferida da minha vó [risos] porque ah, eu mimo ela, ela é toda... mas ela me
327 respeita isso, porque ela sabe que eu não entendo, então, e... Pra ela o natural é falar
328 alemão, que foi a língua que ela aprendeu e... primeiro, né. Minha mãe também aprendeu
329 primeiro o alemão. Primeiro eles foram, primeiro alfabetizados, falavam primeiro alemão pra
330 depois aprender português. Mas ela não tem assim, é só “fala de novo” daí ela repete,
331 tranquilo, assim, acho que ela respeita que eu não sei... meus primos, os que moravam ali
332 em... em Estância Velha, Novo Hamburgo, alguns deles tiveram no colégio, porque lá nos
333 colégios eles ensinavam, então algum tempo da vida deles eles souberam mais, até porque
334 eles conviviam assim, mais, moravam na casa do lado da minha vó, nessas cidades era
335 mais comum. Como eu morei em Cruz Alta e não tinha muito a ver com a colonização alemã
336 não, não... não tive no colégio, não tive muita frequência diária de... da língua alemã ou
337 dessa... mesmo tipo de costumes, talvez, porque daí fica uma coisa muito da minha casa
338 que não... que era mais coisa gaúcha, no interior lá era churrasco, música gaudéria, isso sim
339 é muito forte na minha infância, eu me lembro que isso é coisa da cidade lá que sempre
340 tinha, mas de alemão mesmo não... mas isso tem/essa mistura tem muito forte, também,
341 mesmo na... é, churrasco, chimarrão, sempre tem que ter junto com as coisas... tá tocando a
342 bandinha, tá comendo, é, cuca, com cerveja preta, e churrasco, não sei o que, e tomando
343 chimarrão, sabe, tem essa... é uma... mistura dessa, da coisa gaúcha mesmo com a coisa
344 alemã.

345 L: Tu acha que a criação desses teus primos foram... foi em Novo Hamburgo, Estância
346 Velha, foi diferente da tua? Tu acha que pode dizer que foi mais alemã?

347 E: Ah, eu acho que sim, porque essas cidades elas... é, tinham muito mais... me lembro de
348 ter-de ver, sei lá, talvez fosse um jornalzinho da cidade, ou coisa da missa, mas era até... a
349 letra, aquele... é...

350 L: Gótico.

351 E: Gótico... que era tudo assim, na cidade, né, a arquitetura de alguns prédios do centro,
352 dessas cidades, sabe, sempre tem alguma referência muito mais... não é que não seja
353 perceptível à primeira... “ah, não, é igual”, não, não é igual. As escolas ensinavam alemão,
354 as coisas eram sempre muito mais presentes lá do que... de repente todos os coleguinhas
355 do colégio deles, a maioria tinha... descendência alemã, entendeu, era uma mistura, assim.
356 De repente só eram mais italianos lá em Cruz Alta do que alemão, mas era uma mistura,
357 assim. Acho que eles tiveram mais do que eu, pela... por estar na cidade. [pausa 4s]

358 L: Muito bem, foi muito bom, foi ótimo, muito obrigada.